



Lobsang Rampa

Êste livro retrata uma vida inteiramente diversa de qualquer coisa que conheçamos no mundo ocidental, e na qual os podêres ocultos e acontecimentos sobrenaturais desempenham importante papel. É a continuação da narrativa feita por um homem, cujo corpo foi tão completamente invadido pelo espírito de um Lama tibetano, do mosteiro de Potala, em Lhasa, que na verdade êle se tornou o próprio Lama. Êsse sofreu um cativeiro prolongado e difícil, sobreviveu à degradação, fome e torturas infligidas pelos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, e nesta obra faz referências aos podêres e conhecimentos que lhe permitiram isso.

A narrativa pareceria flagrantemente absurda, não fôra a realidade espantosa que a permeia, e as provas irrefutáveis de podêres sobrenaturais e ocultos que o autor apresenta.

Existirão fronteiras intransponíveis pelo homem? Ou estarão as capacidades mentais e físicas dêstes limitadas somente por seu conhecimento a respeito de seu próprio corpo e alma?

Aí temos perguntas sôbre as quais cada leitor terá de formar o seu próprio juízo.

ÍNDICE

PREFÁCIO DO AUTOR.....	4
Rumo ao Desconhecido.....	21
Chungking.....	36
Dias de Estudo.....	54
Voando	69
O Outro Lado da Morte.....	96
Clarividência	116
Voo de Misericórdia	133
Quando o Mundo Era Muito Jovem	150
Prisioneiro dos Japoneses.....	167
Gomo Respirar.....	185
A Bomba	202
NOTA POR BONDADE DOS EDITORES	212

PREFÁCIO DO AUTOR

Quando estive na Inglaterra, escrevi “A Terceira Visão”, livro fiel à verdade, mas que causou muitos comentários. De todo o mundo recebi cartas, e em resposta e atendimento a pedidos escrevi o presente livro, “O Médico de Lhasa”.

Minhas experiências, como as narrarei em uma terceira obra, têm ocorrido em grau muito além do que a maioria das pessoas têm de suportar, e foram experiências que só encontram paralelo em alguns poucos casos na história. Não é esse, entretanto, o objetivo *dêste* livro, que é como uma continuação de minha autobiografia.

Eu sou um lama tibetano que veio para o mundo ocidental em obediência ao destino, e veio como fôra previsto, suportando tôdas as vicissitudes que haviam igualmente sido previstas. Infelizmente os ocidentais me encararam como uma curiosidade, espécime que devia ser pôsto no interior de uma jaula e exibido como aberração vinda de algum lugar desconhecido. Isso me fazia pensar no que ocorreria a meus velhos amigos, os Yetis (1), se os ocidentais se apoderassem dêles — como estão procurando fazer.

Não tenho a menor dúvida de que o Yeti levaria tiros, e seria depois empalhado e pôsto em algum museu, e mesmo então surgiriam pessoas proclamando que coisas ou sêres tais como os Yetis não existem! A mim parece estranho, inconcebível mesmo, que os ocidentais acreditem na televisão, e em foguetes espaciais

1 Nome dado ao que se convencionou chamar, no Ocidente, o “abominável homem da neve”, cuja existência não se conseguiu provar ou desmentir.

que podem fazer círculos ao redor da Lua e regressar à Terra, e ainda assim não deram crédito aos Yetis ou aos “Objetos Voadores Não-Identificados” (2) ou, a bem do fato, a qualquer coisa que não consigam ter ao alcance das mãos e dissecar ou demonstrar para ver como funciona.

Estou, no entanto, diante da formidanda tarefa de registrar em poucas páginas aquilo que requereu todo um livro, os detalhes de minha infância. Eu nasci em família de alta estirpe, uma das principais em Lhasa, capital do Tibete. Meus pais tinham voz destacada na direção do país, e devido à minha estirpe recebi preparo severo, de modo que estivesse à altura de assumir meu lugar. E antes de completar sete anos de idade, de acordo com nossos costumes, os Sacerdotes Astrólogos do Tibete foram consultados para determinarem o tipo de carreira que me seria aberta. Por dias seguidos êsses preparativos tiveram lugar, organizando-se uma festa imensa na qual todos os cidadãos mais destacados, tôdas as notabilidades de Lhasa, vieram tomar conhecimento de meu destino. Chegou o Dia da Profecia, e nossa propriedade estava tomada pelo grande número de convivas. Os astrólogos vieram com suas folhas de papel, cartas astrológicas e todos os elementos essenciais da profissão. Chegado o momento apropriado, quando todos haviam sido levados a alto grau de animação, o astrólogo-chefe deu a conhecer o que descobrira, sendo solenemente proclamado que eu deveria ingressar num mosteiro, à idade de sete anos, e receber o preparo para tornar-me sacerdote e sacerdote-cirurgião. Muitas predições foram feitas a respeito de minha vida e, na verdade, tôda ela foi delineada em traços principais, e para meu grande pesar tudo quanto disseram foi confirmado. Digo “pesar”, porque a maior parte foi infortúnio, vicissitude e sofrimento, e as coisas não se tornam mais fáceis para quem já saiba antecipadamente tudo quanto vai ter de atravessar.

Ingressei no Mosteiro de Chakpori com sete anos de idade, seguindo até suas portas numa caminhada solitária. À entrada, fizeram-me parar e tive de superar uma provação, onde puseram em jôgo minha capacidade de resistência, a fim de verificarem se agüentaria o preparo ministrado em seu interior. Passei pela prova, e deram-me licença para entrar. Percorri tôdas as etapas, iniciando como novato o mais rudimentar, e afinal tornei-me lama e abade. A medicina e a cirurgia constitufam meus pontos altos, e eu as estudei

2 Uma das expressões mais correntes para designar o que também se designa por “discos voadores”, “charutos voadores” etc. (N. do T.)

com avidez, recebendo todos os elementos necessários para o exame de cadáveres. Há quem acredite, no Ocidente, que os lamas tibetanos não fazem coisa alguma aos corpos doentes, se para isso fôr preciso perfurá-los de qualquer modo. Parece existir a crença de que a ciência médica tibetana seja rudimentar, porque os lamas médicos tratam apenas o exterior do corpo, e jamais o seu interior. Isso não é verdadeiro, e concordo em que o lama comum jamais abre um corpo, estando tal procedimento em desacordo com sua forma própria de crença, mas existe um número especial de lamas, dos quais fui um, preparados para efetuarem operações, e operações possivelmente além do alcance da ciência ocidental.

Menciono também, e de passagem, a crença prevalente no Ocidente, de acordo com a qual a medicina tibetana ensina estar o coração do homem de um lado do corpo, e o da mulher, de outro. Nada poderia ser mais ridículo do que isso, e informações dêsse jaez têm sido dadas aos ocidentais por elementos que não tinham conhecimento real do que escreviam, uma vez que algumas das cartas e mapas a que êles se referiam tratavam de corpos astrais, o que constitui algo muito diferente. Isso, no entanto, nada tem a ver com êste livro.

O meu preparo foi muito intenso, pois eu tinha de conhecer não apenas minhas especialidades em medicina e cirurgia, mas também as Escrituras, e isso porque, sendo um lama médico, tinha também de passar por lama religioso, como sacerdote inteiramente preparado. Por tal motivo foi preciso estudar aquêles dois ramos ao mesmo tempo, e isso representava estudar duas vêzes mais do que a média. Eu não via isso com grande satisfação, ao que posso afiançar!

Nem tudo era dureza, entretanto. Fiz muitas viagens às regiões mais elevadas do Tibete (Lhasa, sua capital, está a 3.600 metros acima do nível do mar) para colher ervas, pois baseamos a medicina no tratamento dos doentes com as mesmas, e em Chakpori tínhamos ao menos 6.000 tipos diferentes de ervas guardadas. Nós, tibetanos, acreditamos saber mais a respeito da herborização (3) do que os habitantes de qualquer outra parte do mundo, e vejo essa crença fortalecida em mim mesmo, agora que percorri o planêta diversas vêzes.

Em algumas viagens efetuadas às partes mais altas do Tibete, voei em papagaios, pandorgas ou pipas, cujas dimensões permitiam

³ Ato ou efeito de herborizar, qu'e é colhêr e colecionar plantas para estudo ou aplicações medicinais. (N. do T.)

carregar um homem, pairando acima de picos pontiagudos e cortantes das grandes cordilheiras, e tendo a visão de muitos quilômetros sôbre os campos. Tomei parte em memorável expedição à região quase inacessível do Tibete, o ponto mais alto do Planalto de Chang Tang, onde nós, os componentes da expedição, encontramos um vale profundamente isolado entre falhas na rocha e aquecido pelos fogos eternos da Terra, que faziam águas aquecidas borbulharem e desembocarem no rio. Encontramos, além disso, uma grande e poderosa cidade, metade da qual exposta ao ar quente do vale oculto, a outra metade sepultada pelo gêlo absolutamente cristalino de uma geleira, gêlo êsse tão límpido que essa metade da cidade se mostrava tão visível quanto o seria, imersa na mais pura das águas. A parte degelada apresentava-se quase intacta, e o curso dos anos fôra gentil com as construções. O ar parado, a ausência do vento, havia salvo tais construções dos danos causados pela erosão eólica. Nós percorremos suas ruas, sendo as primeiras pessoas a fazê-lo em muitos milhares de anos, e andamos à vontade, visitando o interior de casas que pareciam estar à espera dos donos, até olharmos mais detidamente e notarmos esqueletos estranhos, petrificados, e compreendermos que se tratava de uma cidade morta. Havia ali dispositivos e engenhos numerosos, de aspecto fantástico, a indicar que aquêle vale oculto já fôra o lar de civilização muito mais adiantada do que qualquer outra existente sôbre a terra. Aquilo provava, de maneira indiscutível, que éramos o mesmo que selvagens, em comparação à gente daquela era distante. Neste livro, que é o segundo, falarei mais sôbre essa cidade.

Quando ainda bem jovem, sofri uma operação especial a que se chama “abertura da terceira visão”. Consistiu em inserir ao centro de minha testa uma lasca de madeira dura, embebida em soluções herbais especiais, a fim de estimular uma glândula que me conferia maiores poderes de clarividência. Eu nascera acentuadamente clarividente, mas após a operação passei a sê-lo ainda mais, e podia ver as pessoas com a aura a rodeá-las, como se estivessem envoltas em roupagens de côres flutuantes. Julgando pelas auras, podia adivinhar-lhes os pensamentos, saber o que as afligia e punha doentes, quais eram suas esperanças e receios. Agora, que deixei o Tibete, estou procurando interessar os médicos ocidentais em um dispositivo que capacitaria qualquer médico e cirurgião a ver se a aura humana realmente se apresenta em côres. Sei que, se médicos e cirurgiões puderem ver essa aura, poderão igualmente ver o verdadeiro mal ou padecimento da pessoa, de

modo que olhando as côres, e pelo esbôço das faixas coloridas móveis, o especialista poderá determinar com exatidão as doenças de que a criatura padece. Além disso, poderá determiná-las antes que se manifeste qualquer sinal visível no próprio corpo físico, pois a aura apresenta indicações de câncer, tuberculose e outros males, muitos meses antes de os mesmos se manifestarem no corpo físico. Assim, tendo obtido um aviso prévio do ataque por parte da doença, o médico poderá tratar o mal e curá-lo, sem possibilidade de êrro. Para meu horror e profundo pesar, os médicos ocidentais não se mostram interessados e parecem achar que o dispositivo tem a ver com mágica, ao invés de estar apoiado apenas em senso comum, como acontece na realidade. Qualquer engenheiro sabe que os fios de alta tensão apresentam uma corona ao redor de si. O mesmo ocorre com o corpo humano, e o que desejo demonstrar aos especialistas é apenas uma coisa física comum, e eles não a aceitam. Temos, nisto, uma tragédia. Mas a coisa aparecerá, com o tempo. A tragédia a que me refiro está em que muitas pessoas terão de sofrer e morrer desnecessariamente, até que apareça.

O Dalai-tô Lama, o décimo terceiro Dalai-Lama, foi meu patrocinador, tendo ordenado que eu recebesse tôda a ajuda possível nos estudos e experiências. Ordenou que eu aprendesse tudo quanto pudesse ser-me ensinado, e assim como o fiz pelo sistema verbal comum, fui também instruído por hipnose e diversas outras formas que não há necessidade de mencionar aqui. Algumas encontram-se descritas neste livro, ou em “A Terceira Visão”. Já outras são novidade a tal ponto, e tão incríveis, que ainda não chegou o momento para examiná-las.

Devido aos poderes de clarividência de que dispunha, pude ser de grande valia ao Mais Alto (4) em diversas oportunidades. Fiquei escondido em sua sala de audiências, de modo a poder interpretar os verdadeiros pensamentos das pessoas ali presentes, com base em suas auras. Isso era feito para verificar se as palavras e pensamentos das mesmas conferiam, em especial no caso de diplomatas estrangeiros que visitavam o Dalai-Lama. Fui observador despercebido, quando uma delegação chinesa es- tève com o Grande Décimo Terceiro, e novamente quando um inglês foi ter com o Dalai-Lama, mas nessa segunda ocasião quase fracassei em minha missão, diante do espanto que se apoderou de mim, ao ver a roupagem inacreditável que o homem envergava, pois foi quando vi alguém trajado à européia pela primeira vez.

Meu preparo foi prolongado e árduo, e havia os serviços a

4 Uma das numerosas expressões com que é indicado o Dalai-Lama. (N. do T.)

frequêntar nos templos por tôda a noite, bem como durante o dia. Não se destinava a nós a maciez das camas, pois nos envolvíamos em nosso cobertor solitário e único, dormindo no chão. Os professores mostravam-se rigorosos e tínhamos de estudar, aprender e guardar tudo na memória. Não usávamos cadernos de anotações, pois tínhamos de aprender tudo de memória. Estudei, também, matérias metafísicas, e adentrei-me bastante nelas, clarividência, viagem astral, telepatia, percorrendo a faixa tôda. No curso de uma dessas etapas de iniciação, visitei as cavernas e túneis secretos sob a Potala, cavernas e túneis êsses dos quais o homem comum não tem a menor noção, e que são as relíquias de uma civilização antiquíssima, quase além da memória, quase além da memória racial, e sôbre as paredes vi os registros pictóricos de coisas que flutuam no ar, e coisas que desceram para baixo da superfície terrestre. Em outra etapa da iniciação, vi corpos de gigantes, cuidadosamente conservados, com três e meio e cinco metros de altura. Fui mandado ao outro lado da morte, para saber que ela não existe, e quando voltei era uma Encarnação Reconhecida, tendo a patente de abade. Mas não queria ser abade, prêso a um mosteiro lamaísta. Queria ser um lama com movimentação livre, para auxiliar o próximo, como a Profecia anunciara. Por isso, confirmaram-me na patente de lama, medida tomada pelo próprio Dalai-Lama, e por Ele fui designado para a Potala, em Lhasa. Mesmo então meu preparo continuou, e aprendi diversas formas de ciência ocidental, ótica e outras matérias afins. E finalmente cheguei ao momento em que fui admitido mais uma vez à presença do Dalai-Lama, de quem recebi instruções.

Ele me disse que eu aprendera tudo quanto podia aprender no Tibete, tendo chegado a oportunidade de viajar, deixar tudo quanto amava, tudo por que me importava. Disse que mensageiros especiais haviam sido mandados a Chunking, para matricular-me como estudante de medicina e cirurgia naquela cidade chinesa.

Eu estava desolado, abatido ao extremo, quando deixei a presença do Mais Alto, seguindo até meu guia, o lama Mingyar Dondup, a quem narrei o que fôra resolvido. Fui ter, então, *b* casa de meus pais, contando-lhes também o que acontecera e dizendo que ia deixar Lhasa. Os dias transcorreram com rapidez, e chegou o derradeiro, o último dia em que vi o Mingyar Dondup em carne e osso, deixei o Chakpori e saí da cidade de Lhasa, a Cidade Santa, seguindo para os altos desfiladeiros das montanhas. E quando olhei para trás, a última coisa que pude ver foi um símbolo, pois sôbre os telhados dourados da Potala havia um papagaio solitário no ar.

Rumo ao Desconhecido

Eu jamais me sentira tão regelado, sem esperanças e abatido. Até mesmo nos desertos desolados do Planalto de Chang Tang, a uns 7.000 metros acima do nível do mar, onde os ventos cheios de detritos e abaixo de zero chicoteavam e reduziam a feridas sangrentas qualquer superfície exposta da pele, eu me sentira mais aquecido do que agora; por lá o frio não fôra tão terrível quanto a frialdade assustadora que sentia no coração. Estava deixando minha amada Lhasa, e ao me voltar e ver, lá longe, as figuras minúsculas sôbre os telhados dourados da Potala, vi acima delas um papagaio solitário a balouçar e oscilar na brisa leve, como a dizer: “Adeus, teus dias de soltar papagaios acabaram, e vais agora tratar de coisas mais sérias”. Para mim, o papagaio era um símbolo, um papagaio na imensidão azul do céu, preso a seu lar por cordão fino. Eu partia para a imensidade do mundo além do Tibete, mantido por aquêle fino cordão de meu amor por Lhasa. Ia para o mundo estranho e terrível além de minha terra pacífica. Estava realmente desolado, quando voltei as costas à minha pátria e, juntamente com os outros viajantes, segui a cavalo para aquêle grande mundo desconhecido. Meus companheiros de viagem também não estavam satisfeitos, mas tinham o consolo de saber que, depois de deixar-me em Chunking, a 1.800 quilômetros de distância, poderiam partir de volta para casa. Regressariam, e em sua jornada de volta teriam o grande consolo de saber que a cada passo diminuía a distância que os separava de casa. Eu teria de continuar para sempre em terras estranhas, vendo gente desconhecida e passando por experiências cada vez mais estranhas.

A profecia feita, com referência a meu futuro, quando estava com sete anos de idade, dissera que eu entraria em mosteiro lamaísta e seria inicialmente preparado com *cheia*, indo depois ter à posição de *trappa*, e assim por diante, até que, chegada a ocasião, pudesse passar no exame para tornar-me um lama. A partir desse ponto, ao que os astrólogos haviam dito, deveria abandonar o Tibete, deixar meu lar, deixar tudo quanto amava, e partir para o que chamávamos a China bárbara. Viajaria para Chunking e

estudaria para tornar-me médico e cirurgião. De acordo com os sacerdotes-astrólogos, seria envolvido em guerras, cairia prisioneiro de povos estranhos e teria de erguer-me acima de tôdas as tentações e sofrimentos para auxiliar os necessitados. Disseram-me que minha vida seria dura, e que o sofrimento, dor e ingratidão seriam meus companheiros constantes. Como estavam certos!

Assim é que com essas emoções no espírito — e não eram pensamentos alegres, de modo algum — dei a ordem para prosseguir a viagem. Como medida de precaução, quando estávamos pouco depois de havermos perdido Lhasa de vista, desmontamos dos cavalos e verificamos se os mesmos estavam confortavelmente arreados, se as selas não se achavam apertadas ou frouxas demais. Nossos cavalos deveriam ser companheiros constantes na viagem, e tínhamos de cuidar deles pelo menos tão bem quando cuidávamos de nós próprios. Tendo isso resolvido, e mais o consolo de saber que nossas montarias estavam bem, montamos novamente e passamos a encarar o caminho a percorrer com olhar decidido, prosseguindo na jornada.

Estávamos no início de 1927 quando partimos de Lhasa e seguimos devagar, muito lentamente, até Chotang, à margem do rio Brahmaputra. Havíamos tido muitas discussões quanto à rota mais conveniente a seguir e aquela, passando pelo rio e por Kanting, fôra recomendada como a melhor. O Brahmaputra é rio que conheço bem, tendo voado sôbre uma de suas nascentes, numa cordilheira dos Himalaias, quando tivera a sorte de voar num papagaio. Nós, no Tibete, encarávamos aquele rio com reverência, mas nada semelhante à reverência que lhe dedicam em outras partes do mundo. Centenas de quilômetros mais adiante, onde êle vai ter à baía de Bengala, consideravam-no sagrado, quase tanto quanto o Benares. Era o Brahmaputra, ao que nos asseveraram, que formara a baía de Bengala. Nos primeiros dias da história o rio fôra rápido e profundo, e enquanto

acorrria quase em linha reta, vindo das montanhas, levava o solo macio e formara aquela baía maravilhosa. Nós seguíamos o rio pelos passos entre montanhas, e assim chegamos a Sikang. Nos dias que já iam longe, dias felizes, quando eu era muito jovem, Sikang fizera parte do Tibete, do qual formara uma província. Depois disso, os ingleses haviam efetuado uma incursão em Lhasa, e em seguida os chineses tinham-se animado a invadi-la, capturando-a então. Com decisão assassina, haviam entrado, naquela parte do nosso país, matando, estuprando e pilhando, apoderando-se de Sikang, onde instalaram uma administração de funcionários

chineses, gente que perdera as boas graças em outras partes e era enviada para lá como forma de castigo. Infelizmente, para eles, o governo central chinês não lhes proporcionava qualquer auxílio, pelo que tinham de arrumar-se o melhor possível por conta própria. Verificamos que tais funcionários chineses eram simples fantoches, homens indefesos e incapazes, e motivo de risada para os tibetanos. Muitas vezes, é claro, fazíamos de conta estar obedecendo a eles, mas isso era pura cortesia. Quando nos voltavam as costas, seguíamos como antes, fazendo o que desejávamos fazer.

Nossa viagem prosseguiu sem paradas maiores, e fazíamos as mesmas de modo a chegarmos a um mosteiro lamaísta onde pudéssemos pernoitar. Sendo eu um lama, na verdade abade, Encarnação Reconhecida, recebíamos o melhor acolhimento que os monges podiam proporcionar. Além disso, eu viajava sob a proteção pessoal do Dalai-Lama, e isso fazia muita diferença.

Prosseguimos para Kanting, cidade comercial muito famosa e renomada pela venda de iaques, porém ainda mais conhecida como centro exportador de chá em forma de tabletes, que achávamos tão saboroso no Tibete. Esse chá era trazido da China, não na forma comum de folhas, porém mais ou menos tornado uma beberagem química. Continha chá, fragmentos de gravetos, soda, salitre e algumas outras coisas, porque no Tibete o alimento não era mercadoria tão abundante quanto ocorre em outras partes do mundo, e nosso chá tinha de servir como forma de sopa, bem como bebida. Em Kanting o chá é misturado e transformado em blocos, ou tabletes, como os designam mais comumente. Esses tabletes eram de formato e pêso tais que pudessem ser carregados por cavalos, e mais tarde pelos iaques, que os levariam pelas montanhas altas até Lhasa, onde seriam vendidos no mercado e transportados para o restante do Tibete.

Os tabletes de chá deviam apresentar forma e dimensões especiais, mas precisavam também ser especialmente acondicionados, de modo que se um cavalo tropeçasse ao atravessar um riacho da montanha e deixasse a carga cair no mesmo, nenhum prejuízo adviria do acidente. Eram tabletes acondicionados em couro verde ou, como se chama às vezes, em couro cru, sendo então rapidamente imersos na água. Depois disso, eram postos nas rochas para secarem ao sol, e enquanto isso ocorria eles se encolhiam e encolhiam de modo notável, comprimindo o conteúdo de modo absoluto. Ao secarem, os couros adquiriam aparência marrom, tornando-se duros como baquelite, mas eram muito mais fortes. Qualquer desses couros, quando sêco, podia rolar a encosta de uma

montanha e chegar ao fundo sem sofrer qualquer dano. Podia cair dentro de um rio e ficar ali uns dois dias, pois quando retirado e sêco ao sol tudo estaria intacto em seu interior, nenhuma água teria entrado e assim nada estaria inutilizado. Nossos tabletes de chá, em suas peles de couro sêco, encontravam-se entre os produtos mais higiênicamente embalados do mundo. E, diga-se de passagem, o chá muitas vêzes era usado como moeda. Um comerciante ou mercador que não tivesse dinheiro corrente em seu poder valia-se de um tablete de chá assim comprimido e o negociava, de modo que não havia necessidade alguma de pensar em dinheiro, enquanto a criatura dispusesse de tabletes de chá.

Kanting causou-nos certa impressão, com sua agitação e movimento comercial. Estávamos acostumados apenas à nossa própria cidade de Lhasa, mas ali víamos gente de muitos países distantes, como o Japão, Índia, Birmânia e mais os povos nômade vindos de regiões além das montanhas Takla. Perambulamos pela praça do mercado, misturados aos comerciantes e mercadores, ouvindo as vozes estranhas e diversas línguas ali utilizadas, e estivemos lado a lado com monges de religiões diferentes, da seita Zen e outras e então, maravilhados ante aquelas novidades, prosseguimos na direção de pequeno mosteiro lamaísta, na estrada além de Kanting. Ali, já éramos esperados. Na verdade, nossos anfitriões estavam bastante preocupados com o fato de não termos chegado, pelo que explicamos a visita à praça do mercado, olhando e ouvindo o que se passava por lá. O abade acolheu-nos muito bem e ouviu com avidez o que tínhamos a contar sôbre o Tibete, as notícias que trazíamos, pois vínhamos do centro de estudos, a Potala, éramos os homens que tinham estado no Planalto Chang Tang e haviam visto grandes maravilhas por lá. Nossa fama, em suma, já chegara a Kanting, antes de nós.

Cedo, na manhã seguinte, depois de termos comparecido ao serviço no templo, partimos novamente pela estrada, levando pequena quantidade de comida e *tsampa* (5). A estrada era uma simples trilha estreita e de chão batido, seguindo pelas encostas de um desfiladeiro, e lá embaixo havia árvores, em número maior do que qualquer de nós pudera ver antes. Algumas encontravam-se parcialmente ocultas pelo nevoeiro que se erguia de uma cachoeira. Rododendros gigantes também cobriam o desfiladeiro, enquanto o

5 *Tsampa*, prato de resistência dos tibetanos, feito com farinha de cevada, torrada e endurecida, a que se junta chá quente com manteiga derretida, sal, bórax e manteiga de iaque, formando massa que pode ser modelada à vontade do consumidor. (N. do T.)

chão estava atapetado por flores de côres diversas, pequenas flores de montanha que aromatizavam o ar e traziam sua côr para adornar o cenário. Nós, entretanto, estávamos oprimidos e abatidos, abatidos pelo pensamento de que deixávamos nosso país, e oprimidos pela densidade do ar. Por todo o tempo descíamos cada vez mais e a dificuldade em respirar aumentava na mesma proporção. Uma outra dificuldade nos afligia: no Tibete, onde o ar é fino, a água ferve a temperatura mais baixa, e nos lugarejos mais altos podíamos beber o chá que, na verdade, estava fervendo ainda. Mantínhamos o chá e água no fogo até que as bolhas de ar indicassem estar fervendo. De início, naquela terra mais baixa, sofremos bastante com lábios queimados, enquanto tentávamos verificar a temperatura da água. Era nosso hábito beber o chá vindo diretamente do fogo, em ebulição. Tínhamos de fazer isso no Tibete, pois de outra maneira o frio intenso tiraria todo o calor do chá. Naquela época, não tínhamos conhecimento do fato de que o ar mais denso alterava o ponto de ebulição da água e tampouco nos ocorreu o pensamento de que era possível esperar que a água fervente esfriasse um pouco, sem o perigo de que se congelasse em seguida.

Encontrávamos grande dificuldade para respirar, pois o pêso do ar apertava-nos peito e pulmões. De início, julgamos tratar-se da emoção por deixar nosso amado Tibete, mas verificamos depois que estávamos sufocando, afogados pelo ar. Em nenhuma ocasião anterior qualquer um de nós estivera a menos de 300 metros de altitude. Lhasa está a 3.600 metros, sendo freqüente irmos a altitudes maiores, como no caso do Planalto ChangTang, onde estivemos acima de 6.600 metros. No passado, tínhamos ouvido muitos relatos a respeito de tibetanos que haviam deixado Lhasa para tentar a sorte nas terras mais baixas. Diziam os boatos que eles tinham morrido após meses de sofrimento, com pulmões estourados. As narrativas feitas pelas mulheres idosas da Cidade Santa haviam certamente explorado muito a afirmação de que quem deixasse Lhasa para as terras mais baixas encontrava morte dolorosa. Eu sabia que isso não era verdade, pois meus próprios pais tinham estado em Xangai, onde eram donos de muitas propriedades, e voltado sãos e salvos. Eu tivera pouco contato com meus pais, pois eram gente muito ocupada e em posição tão alta que não podiam dedicar tempo a nós, seus filhos. Minhas informações tinham sido obtidas junto aos empregados da casa, mas agora eu me via sèriamente perturbado pelas sensações que nos assaltavam. Os pulmões pareciam esturricar e a sensação era a de

têmos fitas de ferro ao redor do peito, impedindo a respiração. Cada alento era um penoso esforço, e se andássemos com rapidez demasiada éramos atacados por dores como as de queimadura. À medida que seguíamos na viagem, descendo cada vez mais, o ar se fazia mais e mais denso e a temperatura mais elevada. Para nós, aquêle era um clima terrível. Em Lhasa, no Tibete, o clima era muito frio, sem dúvida, mas um frio sêco e sadio, e em condições assim a temperatura pouco importava, mas, agora, naquele ar espesso e com tanta umidade, estávamos quase incapacitados de raciocinar e continuar a jornada. Houve momento em que os outros procuraram convencer-se a ordenar o retomo de todos a Lhasa, dizendo que morreríamos, se persistíssemos naquela aventura aloucada. Pensando na profecia, entretanto, não aceitei a idéia e assim prosseguimos, e à medida que a temperatura subia tornávamos-nos zonzos, quase inebriados, e parecíamos estar com dificuldades visuais. Já não víamos tão longe quanto antes, ou com tanta clareza, e nosso cálculo de distâncias mostrava-se inteiramente errado. Muito mais tarde é que encontrei a explicação para isso. No Tibete existe o ar mais puro e limpo do mundo, onde se pode enxergar coisas a noventa quilômetros ou mais, e com tal clareza que elas parecem estar a dezoito. Ali, no ar denso das terras baixas, não podíamos ver tão longe, e o que se via estava deformado pela própria espessura do ar e suas impurezas.

Por muitos dias prosseguimos a jornada, descendo sempre e passando por florestas onde havia árvores em número muito maior do que qualquer de nós jamais imaginara possível. Não existe muita madeira no Tibete, nem tantas árvores, e por algum tempo não pudemos deixar de desmontar dos cavalos e correr para os diferentes tipos de árvores, tocando-as, cheirando-as. Eram inteiramente estranhas para nós e em número tão grande! Os rododendros eram nossos conhecidos, naturalmente, pois tínhamos muitos no Tibete. A flor dessa árvore, na verdade, era um artigo de luxo da culinária, quando devidamente preparada. Prosseguimos na viagem, maravilhando-nos diante do que víamos, maravilhando-nos também diante da diferença entre aquelas paragens e nosso próprio país. Não posso dizer quanto tempo levamos na viagem, quantos dias ou horas, porque tais medidas de tempo não nos interessavam de modo algum. Tínhamos muito tempo, nada sabíamos a respeito da agitação e azáfama da civilização, e tampouco nos teríamos importado com isso, se soubéssemos.

Cavalgávamos oito ou dez horas por dia, e pernoitávamos em

mosteiros situados em pontos convenientes de nossa jornada. Nem todos eram de nossa própria forma do budismo, mas isso não fazia diferença, pois éramos sempre acolhidos. Conosco, os verdadeiros budistas do Oriente, não há rivalidade, atrito ou rancor, e um viajante era sempre bem-vindo. Como era de nosso hábito, participávamos de todos os serviços enquanto estávamos lá. Não perdíamos ocasião de conversar com os monges, tão prontos a nos acolher, e muitas foram as narrativas estranhas que nos apresentaram a respeito das condições em mudança na China, como a velha ordem de paz estava mudando, como os russos, “os homens do urso”, estavam procurando doutrinar os chineses com ideais políticos, que a nós pareciam inteiramente errados. Ao que entendíamos, os russos pregavam o seguinte: “O que é teu, é meu; o que é meu, continua sendo meu!” Os japoneses também, ao que nos diziam, estavam criando dificuldades em diversas partes da China. A coisa parecia ser uma questão de superpopulação. O Japão estava produzindo um número excessivo de crianças e alimentos em quantidades insuficientes, de modo que, para solucionar o problema, procurava invadir povos pacíficos, roubá-los, como se apenas os japoneses tivessem valor.

Finalmente, partimos de Sikang, e atravessamos a fronteira para Chechuan. Alguns dias mais, e chegamos às margens do rio Yangtse e ali, numa pequena aldeia, paramos certa tarde. Paramos, não por termos chegado a nosso ponto de pernoite, mas por haver uma multidão fervilhante à frente, em reunião política de algum tipo. Abrimos caminho em meio ao povo e, como éramos todos bastante corpulentos, não encontramos dificuldade nisso, chegando à frente do grupo. Lá estava um homem branco e alto, em pé sobre um carro de bois, gesticulando e falando das maravilhas do comunismo, tentando exortar os camponeses a que se sublevassem e matassem os donos das terras. Sacudia papéis com fotografias, mostrando um homem de barba e feições nítidas, a quem chamava “Salvador do Mundo”. Não ficamos impressionados com o retrato de Lênine, entretanto, nem com a falação daquele homem, e nos afastamos dali com desgosto, seguindo viagem pelos poucos quilômetros restantes a fim de chegar ao mosteiro onde pretendíamos pernoitar.

Havia mosteiros lamaístas em diversas partes da China, bem como os mosteiros e templos chineses, pois algumas pessoas, notadamente em Sikang, Chechuan ou Xangai, preferem a forma de budismo tibetano, de modo que nossos mosteiros lamaístas lá

estavam para ensinar a quem necessitasse de nosso auxílio. Jamais procurávamos converter as pessoas e nunca pedíamos que viessem ter conosco, pois acreditávamos que todos têm a liberdade de escolher. Não sentíamos amor algum pelos missionários que percorriam os lugares arengando e dizendo que os ouvintes deviam entrar para esta ou aquela religião, para poderem salvar-se. Sabíamos que, quando uma pessoa o desejasse, podia tornar-se lamaísta sem qualquer persuasão de nossa parte, e sabíamos como os missionários chegados ao Tibete e China despertavam riso. Uma das anedotas comuns era a de que as pessoas fingiam converter-se, apenas para receberem os presentes e demais “vantagens” oferecidos pelos missionários. E, o que é mais, os tibetanos e a antiga ordem dos chineses eram gente educada, procuravam incentivar e alegrar os missionários, levando-os a crer que estavam obtendo algum êxito em seus esforços convertedores, mas nem por um instante acreditavam no que êles diziam. Sabíamos que tinham a crença dêles, mas preferíamos a nossa.

A viagem prosseguiu, e tomamos o caminho à beira do rio Yangtse, que mais tarde eu iria conhecer tão bem, por tratar-se de roteiro mais agradável. Ficávamos fascinados na contemplação das embarcações do rio, pois jamais havíamos visto antes as mesmas, embora alguns tivessem visto fotografias, e eu um navio a vapor, em sessão especial de clarividência, em companhia de meu guia, o lama Mingyar Dondup. Mas isso é apresentado com mais detalhes em outra parte do livro. No Tibete, nossos barqueiros usavam *coracles*, barquinhos de estrutura muito leve, cobertos por couro de iaque, que recebiam quatro ou cinco pessoas além do tripulante. Muitas vezes havia um passageiro, que não pagava a travessia — o bode, companheiro do barqueiro, mas que também desempenhava um papel na terra, pois ali chegados o dono punha em seu lombo os pertences pessoais, a trouxa de cobertores, enquanto suspendia o barquinho aos ombros e escalava as margens rochosas para evitar as corredeiras, que de outra forma reduziriam a pequena embarcação a frangalhos. Havia ocasiões em que um lavrador que desejasse cruzar o rio usava uma pele de bode ou de iaque, com as pernas e outras aberturas vedadas. Usava o dispositivo tal como os ocidentais utilizam as nadadeiras, mas agora estávamos interessados em ver barcos de verdade, com velas latinas, batendo ao vento.

Certo dia, paramos diante de águas rasas, intrigados com o que víamos, pois dois homens andavam no rio, tendo entre si uma

comprida rêde. À frente dêles, dois outros batiam na água com pedaços de pau, gritando de modo horrível. Pensamos, de início, tratar-se de loucos, e os que traziam a rêde vinham atrás, pretendendo capturá-los para interná-los em lugar seguro. Observamos a cena e, então, a um sinal convencional dado por um dêles, o ruído terminou e os dois da rêde andaram juntos, de modo a cruzar as trajetórias. Entre si, êles puxaram bastante as duas extremidades da rêde e a arrastaram para a praia. Na margem arenosa, abriram a rêde e boa quantidade de peixes brilhantes e aos pulos caíram ao chão. Isso nos deixou chocados, pois nunca matávamos, acreditando ser muito errado matar qualquer criatura. Em nossos rios, no Tibete, os peixes vinham tocar a mão de alguém que a estendesse, na água, em sua direção. Retiravam alimento das mãos de quem o oferecesse, e não tinham qualquer receio do homem, tornando-se muitas vêzes afeiçoados aos mesmos. Mas ali, na China, eram apenas alimento. Ficamos a imaginar como os chineses podiam afirmar-se budistas, quando matavam de forma tão gritante para seu próprio proveito.

Havíamos perdido tempo demais, sentados à beira do rio por uma hora, talvez duas, e não pudemos chegar a um mosteiro àquela noite. Resignamo-nos a isso e nos preparamos para acampar ao lado do caminho. Um pouco à esquerda, entretanto, havia um bosque pelo qual o rio passava, e para lá seguimos, desmontando e amarrando os cavalos de modo que pudessem comer o que, a nosso ver, era a luxuriante vegetação rasteira. Foi uma questão simples a de juntar gravetos e acender o fogo, onde fervemos o chá e comemos nosso *tsampa*. Por algum tempo ficamos sentados ao redor da fogueira, conversando sôbre o Tibete, falando do que tínhamos visto na viagem, e de nossos planos para o futuro. Um por um, os meus companheiros de jornada bocejaram, viraram-se para o lado, abrigando-se nos cobertores e adormecendo. Finalmente, quando as brasas da fogueira se apagaram, eu também me enrolei no cobertor e deitei, mas não para dormir. Pensava em tôdas as dificuldades atravessadas, lembrei-me de quando deixei meu lar aos sete anos de idade, ingressando num mosteiro lamaísta, pensei nas vicissitudes e dureza do preparo rigoroso ali recebido. Pensei em minhas expedições ao Planalto Chang Tang, e pensei também no Mais Alto, como chamávamos o Dalai-Lama, e inevitavelmente em meu amado guia, o lama Mingyar Dondup. Sentia-me muito mal, tomado por apreensões, e coração aflito, e então me pareceu que o campo ao redor se iluminava como sob o sol de meio-dia. Olhei ao redor, espantado, e vi meu guia à minha frente.

— Lobsang! Lobsang! — exclamou êle. — Por que está tão

desalentado? Já esqueceu? O minério de ferro pode achar que o torturam sem sentido na fornalha, mas tornado em lâmina de aço temperado, êle vê melhor. Você passou maus momentos, Lobsang, mas tudo foi para um fito bom. Como debatemos tantas vêzes, isto é apenas um mundo de ilusão, um mundo de sonhos. Você ainda tem muitas dificuldades a enfrentar, muitas provas duras, mas triunfará, sobrepujará as provas e dificuldades, e no fim realizará a tarefa que encetou.

Esfreguei os olhos, mas logo me ocorreu, logicamente, que o lama Mingyar Dondup viera ter comigo mediante viagem astral. Eu próprio fizera coisas assim com frequências, mas aquela fôra tão inesperada! Servia para demonstrar do modo mais patente que êle pensava em mim por todo o tempo, ajudando-me com seus pensamentos.

Por algum tempo nós falamos sôbre o passado, examinando minhas debilidades e sentindo, com brilho cálido e transitório, de felicidade, os muitos momentos bons que tínhamos passado juntos, como pai e filho. Êle mostrou, com o emprêgo de quadros mentais, algumas das dificuldades que eu enfrentaria mais tarde e, de modo mais alegre, o êxito que coroarã meus esforços, a despeito de tôdas as tentativas feitas por impedi-lo. Depois de um tempo indeterminado, o brilho dourado se desfez, enquanto meu guia reiterava as palavras finais de esperança e incentivo. Tendo-as por pensamentos predominantes, enrolei-me no cobertor, sob as estréias da noite gelada, e consegui adormecer.

Na manhã seguinte, despertamos cedo e preparamos a primeira refeição do dia. Como era de costume, realizamos o serviço religioso matutino em que eu, sendo o membro eclesiástico mais elevado, officiei, e depois prosseguimos na viagem pela trilha do chão batido, ao lado do rio.

Por volta do meio-dia, verificamos que o rio voltava-se para a direita e a trilha seguia em frente, pelo que a acompanhamos. Terminou no que nos pareceu uma estrada bastante larga. Na verdade, como sei hoje, era estrada de segunda categoria, mas jamais havíamos visto antes qualquer estrada daquele tipo, feita pelo homem. Seguimos a cavalo por ela, maravilhando-nos com sua superfície e com o conforto de não ser preciso prestar atenção às raízes das quais era preciso esquivar-nos, ou buracos no chão. Seguimos por ali, imaginando que em dois ou três dias chegaríamos a Chungking. E foi quando alguma coisa na atmosfera, algo sem explicação, fêz com que nos entreolhássemos inquietos. Um de nós olhou para o horizonte distante, e logo se pôs em pé sôbre os estribos, alarmado, olhos arregalados e gesticulando.

— Olhem! — avisou. — Aí vem uma tempestade de poeira!

Apontava à frente, para onde se via com clareza uma nuvem entre cinzenta e negra, aproximando-se com grande rapidez. No Tibete há tempestades de poeira, nuvens de ar sujo que se movem com velocidade de cento e quarenta quilômetros horários ou mais, e das quais todos têm de proteger-se, menos os iaques, cujos pêlos grossos os defendem de tal perigo, mas tôdas as demais criaturas, em especial os sêres humanos, têm a pele rasgada e tomada em feridas, pelos detritos cortantes que arranham rostos e mãos. Ficamos desconcertados diante daquilo, pois era a primeira tempestade de poeira que encontrávamos desde nossa partida do Tibete, e olhamos ao redor para ver onde poderíamos encontrar abrigo. Não parecia haver coisa alguma adequada para isso, porém, e consternados verificamos que a nuvem era acompanhada por som dos mais estranhos, o mais estranho de todos quanto havíamos ouvido até então. Assemelhava-se a algo como uma trombeta de templo, tocada por aprendiz absolutamente incapaz de distinguir os tons ou, como julgamos, tomados de apreensão, assemelhava-se às legiões do Demônio, marchando ao nosso encontro. *Thrum-thrum-thrum*, era o som da coisa. O ruído aumentava com rapidez e se fazia cada vez mais estranho, acompanhado por batidas e sacudidelas. Estávamos com medo demais para fazer qualquer coisa, quase assustados demais para pensar. A nuvem de poeira vinha em nossa direção, cada vez mais depressa, e nos tornamos apavorados e quase paralisados de medo. Pensamos outra vez nas nuvens de poema do Tibete, mas por certo nenhuma delas nos acometera com tanto estardalhaço. Em pânico, olhamos novamente ao redor buscando qualquer tipo de abrigo, onde pudéssemos estar a salvo daquela tempestade terrível que desabava sobre nós. Os cavalos, no entanto, foram muito mais rápidos do que nós na tomada de decisão quanto ao que fazer, pois romperam a formação, empinando e refugando. Tive a impressão de ver cascos voando no ar, e meu cavalo emitiu um relincho dos mais ferozes, parecendo dobrar-se ao meio. Houve um puxão estranho e a sensação de que alguma coisa se partira. “Oh, minha perna foi arrancada!” pensei, e logo meu cavalo e eu nos separamos. Voei pelo ar, em trajetória de arco, e caí de costas ao lado da estrada, aturdido. Rápido e a nuvem de poeira se aproximava, e vi dentro dela o próprio Demônio, um monstro negro e cheio de rugidos, sacudindo-se e estremeendo. A coisa veio e passou por nós. Caído de costas, a cabeça dando voltas, eu vira o meu primeiro veículo a motor, velho e surrado caminhão americano, viajando no que era sua ruidosa velocidade máxima, dirigido por sorridente chinês. O fedor que emanava daquilo! Hálito do demônio, foi o nome que lhe demos

posteriormente. Uma mistura de gasolina, óleo e estrume, e a carga de estêreo que transportava estava caindo aos poucos. Uma porção dela veio tombar com um “plof ” a meu lado. Com seu barulho infernal o caminhão passou, deixando atrás de si nuvens de poeira sufocante e um fio de fumaça negra do escapamento. E logo se tornava um pontinho oscilante a distância, passando de um a outro lado da estrada, o ruído diminuindo e logo terminando.

Olhei ao redor, em meio ao silêncio que se formara. Não via sinal algum de meus companheiros, e o que talvez fôsse pior, não tinha qualquer vestígio de meu cavalo! Estava ainda tentando desembaraçar-me, pois a parte rompida da barrigueira do cavalo viera enrolar-se em minhas pernas, e nisso os demais apareceram, um a um, parecendo envergonhados e muito nervosos, temendo o aparecimento de outro daqueles demônios. Ainda não sabíamos o que tínhamos visto. A coisa fôra muito rápida e as nuvens de poeira tinham obscurecido boa parte da visão. Os demais desmontaram, muito encabulados, ajudando-me a limpar a poeira da estrada que se prendera às minhas roupas. Finalmente tomei-me apresentável, mas. . . onde estava aquele cavalo? Meus companheiros tinham vindo de tôdas as direções, mas nenhum dêles vira minha montaria. Olhamos ao redor, chamamos o animal, examinamos a poeira do chão à busca de rastros, mas não havia. Pareceu-nos que o desgraçado animal pulara sôbre o caminhão e fôra levado por êle. Não foi possível encontrar vestígio algum, e nós nos sentamos ao lado da estrada, a fim de debater o que fazer. Um dos companheiros ofereceu-se para ficar numa choça próxima, de modo que eu poderia ficar com seu cavalo, e êle o apanharia de volta quando os demais regressassem, depois de me haverem deixado em Chungking. Mas rejeitei de modo terminante o oferecimento. Sabia tão bem quanto êle que êle queria descansar, e isso não solucionaria o mistério do desaparecimento do cavalo.

Os animais de meus companheiros relincharam, e de uma choça de camponês chinês, próxima de nós, um cavalo relinchou em resposta, mas logo o relincho foi abafado, como se alguém houvesse coberto as narinas do animal com as mãos. Logo percebemos o que ocorrera, entreolhamo-nos e nos preparamos para agir no mesmo instante. Ora essa, por que motivo estaria um cavalo dentro daquela habitação miserável? O aspecto da construção não permitia supor que seu dono pudesse ser o dono de um cavalo, e era óbvio que o animal estava sendo escondido de nós. De pé, procuramos ao redor para encontrar bons porretes, mas como não os havia à mão, cortamos pedaços das árvores mais próximas e partimos para a cabana, em grupo decidido, desconfiando do que

acontecera. A porta era uma coisa mal feita, tendo pedaços de couro por dobradiças, e nossas batidas educadas não obtiveram resposta. Reinava silêncio absoluto no interior da choupana. Nossas exigências rudes para que nos deixassem entrar não trouxeram qualquer resposta, mas antes um cavalo relinchara lá dentro e o relincho fôra abafado por alguém. Assim é que desferimos um ataque feroz à porta, que por instantes resistiu, mas quando as tiras de couro deram sinais de ceder e a porta se inclinava e parecia prestes a cair, alguém a abriu apressadamente por dentro. Lá estava um chinês enrugado, o rosto desfigurado pelo terror. Tratava-se de um tугúrio em péssimo estado, imundo, e o homem parecia mais um saco de trapos velhos. Isso, no entanto, não nos interessava. Lá dentro estava meu cavalo, tendo um saco enfiado no focinho para não relinchar. Nós não estávamos muito satisfeitos com o chinês, e indicamos tal estado de espírito de modo inequívoco. Sob a pressão do interrogatório, reconheceu ter tentado roubar o animal. Éramos monges ricos, disse êle, e poderíamos perder um ou dois cavalos. Êle era apenas um camponês muito pobre. Pela expressão de seu rosto, pensava que íamos matá-lo, e devíamos estar com fisionomias de gente pouquíssimo amistosa. Tínhamos viajado mais de mil quilômetros e estávamos cansados e de aspecto endurecido, mas não alimentávamos qualquer intuito malfazejo quanto ao homem, e nosso conhecimento conjunto da língua chinesa bastou para transmitir-lhe nossas opiniões a respeito do que fizera, o fim provável que teria na vida e o destino inevitável que encontraria na próxima. Tirando isso de nossas mentes e implantando-o com firmeza na dêle, arreamos novamente o animal, verificando com cuidado se a barrigueira estava segura, e partimos novamente para Chungking.

Pernoitamos num mosteiro lamaísta que era pequeno, muito pequeno. Tinha seis monges, mas foi-nos proporcionada tôda a hospitalidade, e a noite seguinte seria a última de nossa viagem. Chegamos a um mosteiro, onde, como representantes do Mais Alto, fomos acolhidos com aquela cortesia a que nos havíamos habituado. Mais uma vez recebemos alimento e acomodações, participamos dos serviços religiosos e conversamos até tarde sôbre os acontecimentos no Tibete, nossas jornadas aos Planaltos Setentrionais e o Dalai-Lama. Fiquei muito satisfeito ao verificar que até mesmo ali o meu guia, o lama Mingyar Dondup, era bem conhecido, e me interessei em conhecer um monge japonês que estivera em Lhasa e estudara nossa forma de budismo, tão diferente

da que o Zen cultivava.

Houve muita conversa sôbre transformações e mudanças iminentes na China, e sôbre revolução, uma nova ordem, na qual todos os latifundiários seriam derrubados e os camponeses analfabetos lhes tomariam o lugar. Agentes russos eram encontrados por tôda a parte, prometendo maravilhas, mas sem realizar nada, absolutamente nada, de construtivo. A nosso ver, os russos eram agentes do Demônio, perturbando e corrompendo, como a praga que ataca e destrói um corpo. O incenso já chegava ao fim, sendo substituído. Chegava novamente ao fim, era mais uma vez substituído, e continuávamos conversando, cheios de presságios quanto às transformações funestas que se efetuavam. Os valores humanos estavam sendo destorcidos, as questões da alma não eram consideradas de valor naqueles dias, mas apenas o poder efêmero. O mundo se tornara lugar muito doentio. As estréias adiantavam-se no céu e continuamos conversando, e finalmente nos deitamos, um por um, onde devíamos dormir. De manhã, sabíamos que a jornada terminaria. A minha jornada, por algum tempo, mas meus companheiros regressariam ao Tibete, deixando-me sozinho em mundo estranho e sem bondade, onde a fôrça era a lei. O sono não veio com facilidade a mim, aquela noite.

De manhã, após os serviços costumeiros no templo, bem como excelente refeição, partimos novamente na estrada para Chungking, tendo os cavalos bem descansados. O tráfego apresentava-se mais intenso agora, e caminhões, bem como veículos a motor, de diversos feitios, surgiam com freqüência. Os cavalos tomavam-se inquietos, assustados, pois não estavam acostumados ao ruído dêsses veículos, bem como ao cheiro de gasolina queimada, que era uma fonte constante de irritação para êles. Permanecer em nossas selas altas era um esforço, na verdade.

Interessamo-nos ao ver gente trabalhando nos campos, nos campos terraceados, adubados com excremento humano. Os lavradores envergavam roupas azuis, aquêle azul da China, e pareciam todos êles idosos, mostrando-se muito cansados. Moviam-se apàticamente, como se a vida fôra encargo demasiado em seus ombros, ou como se o espírito estivesse esmagado e nada mais houvesse para justificar a vida e a luta. Homens, mulheres e crianças trabalhavam juntos. Nós prosseguimos na jornada, seguindo ainda o rio que tínhamos tomado alguns quilômetros antes e chegamos finalmente ao ponto de onde podíamos divisar as encostas altas sôbre as quais fôra construída a velha cidade de Chungking. Para nós, era a primeirra visão de qualquer cidade

digna de nota, fora do Tibete. Paramos e olhamos, fascinados, mas meu olhar refletia bastante receio pela vida nova que estava à frente.

No Tibete, eu fôra elemento de poder, mediante minha patente, realizações e ligação estreita com o Dalai Lama. Agora, chegara a uma cidade estrangeira como estudante. Lembrei-me com absoluta clareza das dificuldades e durezas atravessadas em dias anteriores, de modo que olhava a cena diante de mim sem sentir prazer. Aquilo, e eu bem o sabia, era apenas um degrau na longa escada que me levaria a vicissitudes, países estranhos, mais estranhos ainda do que a China, no Ocidente, onde os homens adoravam apenas o ouro.

Diante de nós estendia-se um terreno em aclave, tendo os campos terraceados precariamente pendurados nas encostas íngremes. Na parte superior dessa elevação havia árvores, que nos pareceram uma floresta, diante do número insignificante que tínhamos visto antes. Também ali aquelas figuras humanas de azul trabalhavam nos campos distantes, seguindo na labuta como seus ancestrais mais distantes haviam feito. Carrinhos de uma só roda, puxados por pôneis, passavam com ruído, carregados com produtos para os mercados de Chungking. Eram veículos singulares, pois a roda aparecia no centro dos mesmos, deixando espaço para as mercadorias em ambos os lados. Um desses veículos que vimos tinha uma mulher velha equilibrada a um lado da roda e duas crianças no outro.

Chungking! Final da jornada para meus companheiros, início da jornada para mim, começo de outra vida. Eu não sentia qualquer amizade por ela, enquanto via os desfiladeiros profundos dos rios cheios de curvas. A cidade fôra construída em encostas altas, que estavam repletas de casas. De onde estávamos, parecia uma ilha, mas sabíamos que não, que não era assim, e que se encontrava cercada em três lados pelas águas dos rios Yangtse e Chialing. Ao sopé das encostas, lavada pela água, havia uma faixa larga e comprida de areia, afinando-se em um ponto onde os rios se encontravam. Seria um local com que eu travaria bom conhecimento meses depois, e devagar montamos nos cavalos e seguimos adiante. Ao nos aproximarmos, vimos que havia degraus por tôda a parte e sentimos uma pontada forte de saudade, enquanto subíamos os setecentos e oitenta degraus daquela rua que era uma imensa escada. Aquilo nos fazia lembrar da Potala, e assim é que chegamos a Chungking.

Chungking

Passamos por lojas com vitrinas brilhantemente iluminadas, onde víamos artigos e objetos dos quais jamais havíamos tomado conhecimento antes. Alguns eram nossos conhecidos de vista, representados em ilustrações de revistas chegadas a Lhasa, através da cordilheira do Himalaia e da Índia, tendo chegado a êste último país, dos Estados Unidos da América, aquela terra fabulosa. Um jovem chinês veio em nossa direção com grande velocidade, em cima da coisa mais esquisita que eu vira até então, uma estrutura de ferro com duas rodas, uma à frente e outra atrás. Olhou-nos, e não consegui mais desviar o olhar, pelo que perdeu o controle daquela traquitana em rodas, a dianteira bateu numa pedra, a coisa caiu de lado e o rapaz tombou diretamente sôbre a roda dianteira, de costas para o chão. Uma velha senhora chinesa quase foi derrubada por êle, pelo que se voltou e verberou o pobre coitado, que a nosso ver já sofrera bastante. Êle se pôs em pé, com expressão bastante estúpida, e apanhou a armação de ferro com a roda dianteira entortada, pôs tudo sôbre os ombros e saiu andando com ar triste pela encosta abaixo, a rua dos degraus. Julgamos ter chegado a um lugar povoado por loucos, pois todos agiam do modo mais singular. Seguimos devagar, maravilhando-nos diante do que se encontrava exposto nas lojas, tentando decifrar os preços dos artigos, e para que os mesmos servissem, pois embora houvésemos visto as revistas vindas da América nenhum de nós entendera uma só palavra escrita nas mesmas, tendo limitado nosso exame às ilustrações.

Mais adiante, chegamos à faculdade que eu deveria frequentar. Paramos, e eu entrei no edifício, a fim de anunciar minha chegada. Tenho ainda amigos em mãos dos comunistas, e não pretendo dar qualquer informação que os permita identificar, porque estive em ligação a mais estreita com o Movimento de Resistência dos Jovens Tibetanos, no qual oferecemos a mais acirrada resistência aos comunistas no Tibete. Entrei, encontrei três degraus para subir, chegando a um aposento pequeno. Alí havia uma escrivaninha, ao lado da qual um jovem chinês se achava sentado numa daquelas singularíssimas plataformas pequenas, de madeira, apoiada em quatro bastões, tendo dois outros e uma cruzeta para servir de apoio às costas. Que modo indolente de sentar-se! Estava pensando, e achei que jamais conseguiria fazer o mesmo. O rapaz parecia bastante agradável, e se achava vestido de linho azul, como a maioria dos chineses. Tinha na lapela um

distintivo, indicando ser o servidor da faculdade. Ao me ver, arregalou os olhos e a boca começou a abrir-se também. Em seguida, ergueu-se e apertou as mãos uma na outra, enquanto fazia profunda inclinação à frente.

— Sou um dos novos estudantes — declarei — e venho de Lhasa, no Tibete, com uma carta do Abade do Mosteiro da Potala.

Adiantei o comprido envelope do qual cuidara tanto durante a viagem, e que protegera contra todos os rigores da jornada. Êle o tirou de mim e fêz três outras inclinações, dizendo então:

— Venerável Abade, quer sentar-se até que eu volte?

— Sim, tenho muito tempo — respondi, e sentei-me na posição de lótus.

Êle pareceu embaraçado e mexeu nervosamente com os dedos, ficou ora sôbre um pé, ora sôbre o outro, e depois conseguiu dizer:

— Venerável Abade, com tôda a humildade e o mais profundo respeito, posso sugerir que se acostume a estas cadeiras, porque nós as usamos nesta faculdade.

Fiquei em pé e sentei-me com o maior cuidado possível numa daquelas engenhocas abomináveis. Pensei — e ainda penso hoje — que devia experimentar tudo, ao menos uma vez! Aquela coisa me parecia um instrumento de tortura. O jovem se afastou e me deixou sentado. Eu estava inquieto, cada vez mais, e logo a dor apareceu em minhas costas, o pescoço tomou-se endurecido e eu me sentia inteiramente fora dos eixos com relação a tudo. Por que motivo, estava pensando, neste país infelizmente não se pode, ao menos, sentar-se corretamente, como fazíamos no Tibete, e tínhamos de estar acima do chão? Tentei mover-me de lado e a cadeira estalou, gemeu e balançou. Depois disso, não me atrevi a movimentar-me outra vez, com medo de que aquilo desabasse comigo.

O jovem voltou, inclinou-se novamente para mim e disse:

— O Diretor vai recebê-lo, Venerável Abade. Quer vir por aqui?

Fêz um gesto com a mão, indicando que eu seguisse à sua frente.

— Não — respondi eu. — Você vá à frente. Eu não sei para onde ir.

Êle teve nova inclinação e seguiu. A mim, parecia inteiramente absurdo o fato de que aquêles estrangeiros digam que vão mostrar o caminho, e depois se põem à espera de que o façamos. Como se pode seguir à frente, quando não se sabe para que lado seguir? Era o meu ponto de vista, e continua sendo. O

rapaz de azul mostrou-me o caminho por um corredor e depois bateu à porta de um aposento próximo ao final do mesmo. Com outra inclinação, abriu a porta para mim e disse:

— O Venerável Abade Lobsang Rampa.

Dito isso, fechou a porta por onde eu passara, e fiquei no aposento. Lá estava um homem idoso, de pé, à janela, de aspecto muito agradável, calvo e com barba curta, um chinês. Por estranho que parecesse, vestia-se naquele estilo horrível que eu vira antes, a que chamam estilo ocidental. Estava com jaqueta azul e calças azuis, havendo uma faixa branca e estreita ao comprimento das mesmas. Estava de colarinho e gravata colorida, e eu achei triste o fato de que um cavalheiro idoso e de aparência imponente, como aquêle, estivesse paramentado de tal modo.

— Com que, então, é Lobsang Rampa! — disse êle. — Ouvi falar muito a seu respeito, e tenho a honra de aceitá-lo como estudante. Recebi uma carta a seu respeito, além da que me trouxe, e posso assegurar que os estudos anteriores que fêz vão-lhe servir de muito. Seu guia, o lama Mingyar Dondup, escreveu-me. Eu o conheci muito bem há alguns anos, em Xangai, antes de ir para a América. Meu nome é Lee, e sou o diretor.

Tive de sentar-me em outra cadeira e responder a todos os tipos de perguntas, a fim de pôr à mostra meus conhecimentos de matérias acadêmicas e anatomia. As coisas que importavam, ou assim me pareceu, eram as Escrituras, mas sobre isso êle não fêz pergunta alguma.

— Estou muito satisfeito com seu adiantamento — disse êle —, mas você terá de estudar com bastante afinco porque aqui, além do sistema chinês, ensinamos de acordo com o método americano de medicina e cirurgia, e você terá de aprender uma série de matérias que não estavam antes em seu currículo. Eu estou capacitado como médico nos Estados Unidos da América, e recebi da Junta de Diretores a incumbência de preparar certo número de jovens de acordo com os mais modernos métodos americanos e correlacionar êsses métodos para ajustá-los às condições chinesas.

Prosseguiu discorrendo por bastante tempo, narrando-me maravilhas a respeito da medicina e de cirurgia norte-americanas, bem como os métodos utilizados para o diagnóstico, e acrescentou:

— Eletricidade, Magnetismo, Calor, Luz e Som, tôdas essas matérias você terá de aprender, além da cultura muito completa que seu guia lhe deu.

Encarei-o com horror. As duas primeiras, Eletricidade e Magnetismo, nada significavam para mim, que não fazia a mínima idéia do que êle dizia. Mas Calor, Luz e Som. .. Bem, qualquer

imbecil sabe a respeito dessas coisas: usa-se o calor para esquentar o chá, a luz quando se quer ver, e o som para falar. Assim sendo, que mais existe para estudar, nesses setores? Êle acrescentou:

— Como você está habituado ao trabalho, vou sugerir que estude duas vêzes mais afincadamente do que qualquer outro, e que faça dois cursos ao mesmo tempo, o que chamamos Pré- Médico e também o de Preparo Médico. Com seus anos de experiência no estudo, deverá ser capaz de dar conta disso. Daqui a dois dias teremos o início de novas aulas médicas.

Voltou-se e examinou os papéis, apanhando o que, com base em ilustrações que eu vira antes, identifiquei como caneta- tinteiro — a primeira que via — e falou baixo, consigo próprio:

— Lobsang Rampa, preparo especial em Eletricidade e Magnetismo. Falar com o Sr. Wu. Anotar que êle receberá atenção especial.

Deixou de lado a caneta, secou cuidadosamente o que escrevera, usando para isso uma fôlha de papel, e pôs-se em pé. Eu notara, com o maior interêsse, o fato de que utilizara papel para secar a tinta da escrita, pois nós usávamos areia bem sêca para isso. Mas êle estava em pé e olhava para mim.

— Você está bastante adiantado em alguns estudos •— declarou. — Pelo que conversamos, devo dizer que você está mais adiantado do que alguns de nossos próprios médicos, mas terá de estudar essas duas matérias das quais, no presente, não tem qualquer conhecimento.

Tocou uma sinêta e disse:

— Vou mandar mostrar-lhe as instalações e levá-lo a visitar os diversos departamentos de ensino, de modo que você tenha alguma impressão a guardar dêste dia. Se ficar em dúvida, venha falar comigo, porque eu prometi ao lama Mingyar Dondup ajudá-lo em tudo quanto estiver ao meu alcance.

Inclinou-se em minha direção e eu toquei meu coração para êle, enquanto me inclinava também. O jovem de roupa azul entrou na sala, o Diretor lhe falou em chinês-mandarim e logo voltou-se para mim, dizendo:

— Se acompanhar Ah Fu, êle lhe mostrará nossa faculdade e responderá às perguntas que desejar fazer.

Dessa feita, o rapaz fêz meia volta e seguiu à minha frente, fechando cuidadosamente a porta do gabinete do Diretor após sairmos. No corredor, êle disse:

— Devemos ir inicialmente ao Registro, pois será preciso assinar seu nome no livro.

Percorremos o corredor e atravessamos um salão, cujo soalho era encerado. Na outra extremidade do mesmo havia outro corredor, onde demos alguns passos, entrando então numa sala onde havia bastante atividade. Ali víamos funcionários aparentemente ocupados com a feitura de listas de nomes, enquanto outros jovens se encontravam diante de mesas pequenas, escrevendo os nomes em livros grandes. O funcionário que me guiava disse algo a um outro homem, que passou à sala ao lado, e pouco depois disso um chinês de baixa estatura e corpo atarracado veio de lá, sorrindo para mim. Usava óculos extremamente grossos, e também se achava vestido no estilo ocidental.

— Ah, Lobsang Rampa! — disse êle. — Ouvi falar muito a seu respeito.

Estendeu a mão para mim, e eu a olhei, sem saber o que estava pretendendo. Pensei que talvez quisesse algum dinheiro, e o guia a meu lado cochichou:

— Deve apertar-lhe a mão, no estilo ocidental.

— Sim, você deve apertar minha mão no estilo ocidental

— corroborou o homem baixinho e gordo. — Nós vamos usar êsse sistema aqui.

Assim sendo, tomei-lhe a mão e a apertei.

— Ai! — exclamou êle. — Está-me esmagando os ossos!

— Bem, não sei o que fazer — disse eu. — No Tibete nós tocamos os corações, assim. ..

E demonstrei.

— Oh, sim — disse êle — mas os tempos estão mudando. Nós usamos êste sistema. Agora, aperte corretamente minha mão. Vou mostrar como.

E êle demonstrou, de modo que lhe apertei a mão, pensando em como aquilo era inteiramente estúpido.

— Agora, deve assinar o nome para mostrar que é estudante aqui — disse êle, e afastou com um empurrão alguns dos jovens que estavam diante dos livros, molhou o indicador e polegar e voltou-se para um volume de alentado tamanho. — Ali!

— indicou. — Quer assinar ali o seu nome e indicar sua posição?

Apanhei uma caneta chinesa e assinei meu nome no alto da página: “Têrça-Feira Lobsang Rampa, Lama do Tibete. Sacerdote-Cirurgião do Mosteiro Lamaísta de Chakpori. Encarnação Reconhecida. Designado Abade. Discípulo do Lama Min- gyar Dondup”.

— Ótimo — disse o chinês baixinho e gordo, enquanto examinava o que eu escrevera. — Muito bem! Vamos prosseguir. Quero que veja nossa faculdade, agora. Quero que tenha uma impressão de todas as maravilhas da ciência ocidental que existem

aqui. Nós nos veremos depois.

Dito isso, falou com meu guia e o rapaz voltou-se para mim, convidando:

— Quer vir comigo? Vamos à sala de ciências, primeiramente.

Saímos e andamos rapidamente pelo terreno, seguindo para outro edifício comprido. Lá havia objetos de vidro por toda a parte. Eram garrafas, tubos, frascos, todo o equipamento que antes só tínhamos visto em ilustrações. O jovem seguiu até um canto.

— Agora! — exclamou. — Aqui está uma coisa.

Mexeu em um tubo de latão e colocou um pedaço de vidro na extremidade do mesmo, virou então um botão, olhando pelo tubo de metal.

— Olhe isto! — exclamou.

Eu olhei e vi a cultura de um germe. O rapaz me fitava, com expressão ansiosa.

— O quê?! Não está espantado? — indagou.

— Absolutamente — respondi. — Temos um microscópio muito bom no Mosteiro Lamaísta da Potala, dado ao Dalai- Lama como presente pelo governo da Índia. O meu guia, o lama Mingyar Dondup, tem acesso livre ao aparelho e eu já o usei muitas vezes.

— Oh! — exclamou o rapaz, e pareceu desapontadíssimo. — Nesse caso, vou-lhe mostrar outra coisa.

Seguiu à frente, saindo do edifício e entrando em outro.

— Você vai residir no Mosteiro Lamaísta da Montanha — disse — mas achei que gostaria de ver as instalações mais modernas de que desfrutam os estudantes-residentes.

Abriu a porta de um quarto, e vi inicialmente as paredes caídas, e logo meu olhar fascinado recaiu sobre uma estrutura de ferro negro, com muitos fios torcidos estendendo-se de um para outro lado.

— O que é aquilo? — exclamei. — Nunca vi coisa parecida.

— Aquilo — disse êle, com tons de orgulho — é uma cama. Temos seis delas neste edifício, e são as mais modernas aqui.

Olhei bem, pois jamais vira coisa parecida.

— Uma cama — repeti. — O que fazem com ela?

— Dormem nela — respondeu êle. — É uma coisa muito confortável, sem a menor dúvida. Deite-se lá, e veja por si mesmo.

Olhei para êle, olhei para a cama, e voltei o olhar para meu acompanhante, pensando que não devia demonstrar covardia diante de um funcionário chinês, de modo que fui sentar-me na cama. Ela rangeu e gemeu ao meu peso, afundou um pouco, e eu achei que ia cair ao chão, pelo que dei um salto e fiquei em pé.

— Oh, eu sou pesado demais para isto — afirmei.

O rapaz fazia esforços para esconder o riso.

— É isso mesmo que a cama deve fazer — respondeu. — É uma cama, uma cama de molas.

E assim dizendo, atirou-se de corpo inteiro sôbre a mesma, onde voltou a subir, impelido pelas molas. Não, eu não faria uma coisa daquelas, e a traquitana tinha um aspecto dos mais terríveis. Eu sempre dormia no chão, e o chão era suficientemente bom para mim. O rapaz saltou novamente e, ao ser impelido para cima, caiu ruidosamente no chão. Muito bem feito.

— Isso não é tudo que tenho para mostrar-lhe — disse êle. Eu estava pensando, enquanto o ajudava a levantar-se. — Olhe isto.

Levou-me a uma parede, onde havia pequena bacia que podia ser usada no preparo de uma quantidade de *tsampa* suficiente para meia dúzia de monges de bom apetite.

— Olhe bem — pediu êle. — Maravilhoso, não é mesmo?

Olhei para aquilo, que nada significava de nôvo para mim, não demonstrava qualquer serventia. No centro, havia um furo.

— Isso de nada serve — retruquei. — Está furado. Não serviria para fazer chá.

Êle riu, realmente divertido.

— Isso é uma coisa ainda mais nova do que a cama — esclareceu. — Veja!

Estendeu a mão e tocou num pedaço de metal que vinha de um lado da bacia branca. Para minha estupefação, começou a sair água no metal. Água!

— Está fria — comentou êle. Bem fria, veja!

Pôs a mão na água e convidou:

— Veja!

Estendi a mão e verifiquei tratar-se de água, exatamente como água do rio. Talvez um pouco mais estagnada, tinha cheiro um pouco mais estagnado do que a água de rio, mas... era água, sim, vinda de um pedaço de metal! Quem já ouvira falar em semelhante coisa? Êle estendeu a mão e apanhou uma coisa preta, enfiando-a no orifício, no fundo da bacia. A água continuava caindo, e logo encheu a bacia, mas não transbordou, estava indo para outro lugar, por algum buraco em outra parte, mas não caía ao chão. O rapaz tocou outra vez o pedaço de metal e o fluxo de água cessou. Êle mergulhou as mãos na bacia cheia e fêz o líquido girar.

— Olhe! — estava dizendo. — Água limpa e linda. Não é mais preciso sair e tirá-la de um poço.

Pus as mãos na água e a fiz rodar, também. Era sensação bastante agradável, não ter de ficar de quatro para chegar ao nível de algum rio. Foi quando o rapaz puxou uma correntinha e a água escapou, gargarejando como um velho à beira da morte. Êle se

voltou e apanhou o que eu julgava ser a capa curta de alguém.

— Aqui — disse —, use isto.

Olhei para êle e para o pedaço de pano que me estendia.

— Para que serve isso? — indaguei. — Já estou vestido.

Êle riu de nôvo.

— Oh, não, você limpa as mãos nisto — explicou. — É assim. . . — e mostrou como, estendendo-me depois o pano. — Seque as mãos nisto.

Fiz o que dizia, mas estava pasmo novamente, pois as mulheres no Tibete teriam recebido com grande satisfação um pedaço de tecido como aquêle, ao qual poderiam dar algum destino útil, e ali o estávamos a estragar, esfregando as mãos. O que teria dito minha mãe, se soubesse disso!

A essa altura, eu estava realmente impressionado. Água saindo de metal, bacias com furos, que podiam ser usadas... O rapaz seguiu à minha frente, rejubilando. Descemos alguns degraus e fomos ter a uma sala que ficava no subsolo.

— Aqui — anunciou êle — é onde guardamos os corpos, de homens e mulheres.

Escancarou a porta e lá, sôbre mesas de pedra, estavam corpos prontos para dissecação. O ar se encontrava carregado com o odor de substâncias químicas bem fortes, empregadas para impedirem a deterioração dos cadáveres. Naquela época eu não fazia idéia de quais fôssem tais substâncias, porque no Tibete os corpos eram mantidos bastante tempo sem deterioração, devido à atmosfera de frio sêco. Ali, na sufocante Chun- gking, tinham de receber injeções quase logo após a morte, de modo a poderem ser conservados durante os poucos meses de que os estudantes necessitam para estudá-los. O acompanhante puxou uma caixa e a abriu em seguida.

— Olhe — disse. — O equipamento cirúrgico mais moderno, vindo da América. Serve para cortar os corpos, separar braços e pernas. Veja!

Espiei para aquêles pedaços brilhantes de metal, os vidros, o cromado, e fiquei a duvidar de que êles conseguissem fazer as coisas melhor do que nós, no Tibete.

Depois de ter estado nos edifícios da faculdade por umas três horas, regresssei à presença dos meus companheiros de viagem, que estavam sentados com certa ansiedade no quadrângulo do edifício. Narrei-lhes o que vira e o que estivera fazendo, e disse:

— Vamos olhar esta cidade, ver que tipo de lugar ela é. A mim parece bastante bárbara, e o fedor e o ruído são terríveis.

Assim é que montamos novamente em nossos cavalos e partimos, examinando a rua de degraus que tinha tantas lojas. Desmontamos, para podermos espiar melhor, uma por uma, as coisas notáveis que se encontravam expostas à venda. Olhamos a extensão das ruas, e a extensão de uma delas, que parecia não ter outra em seu extremo oposto, terminando abruptamente numa encosta. Isso nos intrigou a tal ponto que andamos até lá, vendo que ela se inclinava bastante e havia mais degraus dando para as docas do pôrto. E vimos grandes navios de carga, juncos de mastros altos e velas latinas batendo ociosamente na brisa mansa que soprava ao pé da encosta. Cules estavam carregando algumas embarcações, seguindo para as mesmas em trote lento, com varas de bambu nos ombros, nas extremidades das quais havia cestas penduradas. Fazia muito calor, e nós suávamos. Chungking é conhecida por sua atmosfera abafada. E depois, quando andávamos puxando os cavalos, o nevoeiro desceu das nuvens, e logo subia o rio, e estávamos vagando pelo lugar como se houvéssemos mergulhado na escuridão. Chungking é uma cidade alta, alta e um tanto alarmante. Era uma cidade íngreme e pedregosa, com quase dois milhões de habitantes. As ruas eram escarpadas, tão íngremes, na verdade, que algumas casas pareciam cavernas no flanco da montanha, enquanto outras davam a impressão de projetar-se e estarem pendentes sobre o ar vazio. Ali toda a superfície de solo era cultivada e cuidadosamente guardada e tratada. Havia faixas e tiras com arroz, ou uma fileira de feijões e um punhado de milho, mas em parte nenhuma podíamos ver o chão abandonado ou ocioso. Por toda parte as figuras de azul estavam inclinadas, como se houvessem nascido assim, apanhando ervas daninhas com dedos cansados. A classe superior de habitantes morava no vale de Kialing, subúrbio de Chungking, onde o ar era sadio, pelos padrões chineses, embora não os nossos, e onde as lojas eram melhores e o chão mais fértil. Ali encontravam-se árvores e córregos aprazíveis. Não era lugar para cules, e sim para o próspero homem de negócios, os profissionais e os elementos dotados de recursos independentes. Os mandarins e componentes da casta mais alta residiam ali. Chungking era uma cidade poderosa, a maior que qualquer um de nós já vira, mas não estávamos impressionados.

Percebemos, de repente, que tínhamos fome, muita fome. Estávamos inteiramente sem comida, de modo que não havia outro recurso senão ir a uma casa de pasto e comer como os chineses comiam. Fomos a um lugar que tinha um letreiro horrendo, onde afirmavam que era servida a melhor refeição de Chungking, e sem demora. Entramos e tomamos lugar a uma das

mesas. Uma figura de azul veio ter conosco e indagou o que desejávamos.

— Vocês têm *tsampa*? — perguntei.

— *Tsampa!* — exclamou êle. — Oh, não, deve ser um dêsses pratos ocidentais. Não temos coisas assim.

— Muito bem, o que tem, então? — indaguei.

— Arroz, talharim, nadadeiras de tubarão, ovos.

— Pois traga bolas de arroz, talharim, nadadeiras de tubarão e brotos de bambu. Depressa!

O homem afastou-se com rapidez e momentos depois regressava com a comida que havíamos pedido. Ao redor, outros comiam e ficamos horrorizados com a conversa e ruído que faziam. No Tibete, nos mosteiros lamaístas, era regra inviolável que quem comia calava, pois falar seria sinal de desrespeito para com a comida, que poderia vingar-se causando dores estranhas no corpo da pessoa. Nos mosteiros, quando se comia, havia sempre um monge lendo em voz alta as Escrituras, e tínhamos de ouvir enquanto comíamos. Ali, havia conversas por tôda a parte, e de teor o mais leviano possível. Sentíamos-nos chocados e desgostosos. Comemos olhando para nossos pratos todo o tempo, do modo prescrito por nossa ordenação. Parte da conversa que ouvíamos não era tão leviana, pois reinava muita discussão disfarçada a respeito dos japonêses e das dificuldades que os mesmos estavam criando em diversas partes do China. Àquela época, eu estava em absoluta ignorância quanto ao assunto. Mas não nos impressionamos, em absoluto, com qualquer coisa que tivesse a ver com aquela casa de pasto ou com a cidade de Chungking. Essa refeição foi notável ajrenas por um particular: ser a primeira em nossas vidas que tivemos de pagar. Depois de terminarmos, saímos e encontramos um lugar no pátio de algum edifício municipal, onde pudemos sentar e conversar. Havíamos guardado os cavalos num estábulo, para que desfrutassem do necessário descanso, e onde recebessem comida e água, pois na manhã seguinte meus companheiros partiriam de regresso ao lar, ao Tibete. E agora, à maneira de turistas em todo o mundo, êles pensavam no que poderiam levar de volta aos amigos em Lhasa, e eu também imaginava o que deveria mandar ao lama

Míngyar Dondup. Debatemos o assunto e então, como tangidos pelo mesmo impulso, pusemo-nos em pé e seguimos novamente para as lojas, fazendo nossas compras. Depois diso, fomos para um pequeno jardim onde nos sentamos e conversamos. Já escurecera, e a noite chegara. As estréias começavam a brilhar vagamente em

meio à neblina leve, pois o nevoeiro desaparecera, dando lugar à bruma. Mais uma vez saímos à procura de comida. Dessa feita, foi comida marítima, que nunca havíamos provado antes, e que apresentava um paladar quase estranho, e dos mais desagradáveis, mas o principal é que se tratava de alimento, pois tínhamos fome. Terminado o jantar, deixamos aquêlê restaurante e fomos para onde estavam alojados nossos cavalos. Pareciam a nossa espera, e relincharam de prazer enquanto nos aproximávamos. Mostravam-se descansados e fortes, e isso se comprovou quando montamos. Jamais fui bom cavaleiro, e certamente preferia um animal cansado a outro que estivesse em pleno vigor. Seguimos para a rua e tomamos a estrada para Kialing.

Deixamos a cidade de Chungking e passamos pelos arrabaldes da mesma, pela estrada, em direção ao lugar onde passaríamos a noite, o mosteiro lamaísta que seria nosso lar até o dia seguinte. Dobramos à direita e subimos a encosta de um morro coberto de árvores. O mosteiro era de minha própria ordem religiosa, e constituiu a maior aproximação que tive de um regresso ao Tibete, quando entrei e fui ter ao templo para assistir ao ofício. O incenso era espalhado em nuvens e as vozes profundas dos monges mais velhos, bem como as vozes mais altas dos acólitos causaram uma forte pontada de saudade em mim. Os outros pareciam saber como eu me sentia, pois mantiveram silêncio e me deixaram a só. Por algum tempo fiquei em meu lugar depois de terminado o serviço, imerso em pensamentos. Pensei na primeira vez que entrara num templo de mosteiro, depois de grande feito de resistência, quando estava faminto e abatido. Pois estava abatido agora, talvez mais do que em qualquer outra ocasião anterior, porém naquela época fôra jovem demais para conhecer grande coisa da vida, mas agora sentia-me conhecedor de parcela demasiada da mesma, e da morte também. Depois de algum tempo o abade idoso, encarregado do mosteiro, veio ter silenciosamente a meu lado.

— Meu irmão — disse — não é bom ficar muito tempo no passado, quando todo o futuro se acha à nossa frente. O serviço terminou, meu irmão, e logo chegará o momento de outro. Por que não vai para seu leito, se há tanto o que fazer amanhã?

Levantei-me, sem falar, e o acompanhei até o local onde deveria dormir. Meus companheiros já se haviam recolhido, e passei por êles, formas envoltas em seus cobertores. Dormindo? Talvez. Quem sabe? Talvez sonhassem com a jornada que teriam de empreender, e com a reunião agradável que teriam ao final da

mesma, em Lhasa. Eu, também, enrolei-me no cobertor e deitei-me. As sombras da Lua faziam-se mais compridas, e estavam bem longas, quando adormeci.

Fui despertado pelo som das trombetas do templo e os gongos. Era hora de acordar e assistir ao serviço mais uma vez, pois êste devia vir antes da primeira refeição, mas eu tinha fome. Mesmo assim, após o ofício e tendo o alimento à frente, perdi o apetite e comi ligeiramente, pois estava muito abatido. Meus companheiros comeram bem, desagradavelmente bem, eu estava pensando, mas procuravam adquirir forças para a jornada de volta, que teria início naquele dia. Terminado o repasto, saímos por ali andando um pouco, mas nenhum de nós disse grande coisa. Não parecia haver o que dizer, e finalmente eu me expressei.

— Entreguem esta carta e êste presente ao meu guia, o lama Míngyar Dondup. Digam-lhe que escreverei com freqüência. Digam-lhe que vocês notam como, sinto falta de sua companhia e orientação.

Procurei no interior de meu hábito, e tirando dali um embrulho, acrescentei:

— Isto é para O Mais Alto. Dêem também ao meu guia, que o fará chegar ao Dalai-Lama.

Êles receberam os embrulhos e eu me voltei para outro lado, inteiramente dominado por uma emoção que não queria demonstrar aos outros. Não queria que êles vissem a mim, um alto lama, tão afetado pelos sentimentos. Por sorte, também êles estavam muito perturbados, uma vez que havíamos formado sincera amizade, a despeito da diferença em nossas posições, de acordo com os padrões tibetanos. Êles deploravam a separação, deploravam que eu ficasse naquele mundo estranho que detestavam, enquanto êles regressavam à amada Lhasa. Andamos por algum tempo em meio às árvores, olhando as pequenas flores que cobriam o chão, ouvindo os pássaros nos ramos, observando

as nuvens claras por cima. E chegara o momento. Seguimos juntos para o velho mosteiro lamaísta chinês instalado entre as árvores no morro por cima de Chungking, dominando os rios. Não havia grande coisa a dizer, nem a fazer. Ficamos um pouco nervosos, sentido-nos deprimidos. Fomos ter ao estábulo e, devagar, meus companheiros selaram os animais e apanharam o bridão do meu, que me trouxera com tanta fidelidade de Lhasa e que, agora — criatura feliz! — regressaria ao Tibete. Trocamos mais algumas palavras, muito poucas, e êles montaram e partiram, deixando-me ali em pé, olhando a estrada por onde seguiam e na qual suas

figuras se faziam cada vez menores e desaparecendo afinal em uma curva. A pequena nuvem de poeira ocasionada por sua passagem desvaneceu-se, as batidas dos cascos tornou-se inaudível na distância. Permaneci onde estava, pensando no passado e receando o futuro. Não sei por quanto tempo fiquei assim, tomado por silencioso abatimento, mas fui despertado daqueles sonhos desalentados por uma voz agradável.

— Honrado Lama, não quer lembrar-se de que na China existem aqueles que serão seus amigos? Eu estou a seu serviço, Honrado Lama do Tibete, colega em Chungking.

Voltei-me devagar e logo atrás de mim estava um jovem e agradável monge chinês. Creio que êle devia estar dando tratos à bola calculando qual seria minha atitude quanto à sua apresentação, pois eu era abade, alto lama, e êle apenas um monge chinês. Mas tive imenso prazer em vê-lo. Era Huang, homem de quem mais tarde me orgulhei de ser amigo. Não tardamos a travar conhecimento, e fiquei especialmente satisfeito em saber que êle também seria estudante de medicina, iniciando as aulas no dia seguinte, como no meu caso. Ia, igualmente, estudar aquelas coisas notáveis, Eletricidade e Magnetismo. Na verdade, estaria em ambos os cursos que eu faria, e passamos a nos conhecer. Bem. Voltamos, então, caminhando para a entrada do mosteiro lamaísta e ao passarmos pelos portões outro monge chinês adiantou-se e disse:

— Temos de apresentar-nos à faculdade e assinar um registro.

— Oh, eu já fiz tudo isso — respondi. — Fiz ontem.

— Sim, Honrado Lama — disse o outro. — Mas não se trata do registro de estudantes, que assinou conosco. Trata-se de um registro de fraternidade, porque na faculdade vamos todos ser irmãos, como fazem nas faculdades americanas.

Assim sendo, descemos novamente a trilha, passando pelo caminho do mosteiro, em meio às árvores, o trecho atapetado de flores e tomamos a estrada principal de Kialing para Chung-king. Na companhia desses jovens que tinham idades próximas à minha, a jornada não pareceu tão comprida ou desolada, e logo chegamos mais uma vez aos edifícios que seriam nosso lar durante o dia. Entramos, e o jovem funcionário de roupa azul de linho ficou realmente satisfeito ao ver-nos.

— Ah, esperava que aparecessem! — disse. — Está presente um jornalista americano que fala chinês, e êle gostaria muito de conhecer um Alto Lama do Tibete.

Seguiu à nossa frente pelo corredor e fomos ter a outra sala, na qual eu não estivera anteriormente. Parecia ser uma sala de

recepção, pois lá estava bom número de jovens, sentados e conversando com môças, o que achei bastante chocante. Eu pouco sabia a respeito das mulheres, naquela época. Havia um homem jovem e alto, sentado em cadeira bastante baixa, e calculei sua idade nas proximidades de trinta anos. Levantou-se quando entramos, e tocou o coração para nós, ao modo oriental. Eu, naturalmente, fiz o mesmo. Fomos apresentados a êle e então, por algum motivo, o homem estendeu a mão. Dessa feita, eu não estava desprevenido, e a apanhei e apertei, de acordo com o modo aprovado. Êle riu e comentou:

— Estou vendo que já conhece os costumes do Ocidente* que estão sendo introduzidos em Chungking.

— Sim — respondi — estou na fase de sentar nessas cadeiras horríveis e apertar mãos.

Êle se revelou bastante agradável, e ainda recordei seu nome. Faleceu em Chungking há algum tempo. Fomos para o pátio e sentamo-nos em um baixo muro de pedra, onde conversamos por bastante tempo. Falei-lhe sôbre o Tibete, nossos costumes, dizendo-lhe muita coisa acêrca de minha vida por lá. Êle me falou sôbre a América. Perguntei o que fazia em; Chungking, um homem de sua inteligência residindo em lugar suarento como aquêle, quando não parecia haver motivo para isso. Disse estar preparando uma série de artigos para famosa revista americana e perguntou se podia fazer referência a mim nesses artigos, ao que respondi:

— Prefiro que não o faça, porque estou aqui com intuito, especial, estudar para progredir, e usar isto como ponto de partida para outras jornadas ao Ocidente. Prefiro esperar até haver feito algo notável, coisa digna de nota. E, então, entrarei em contato com você e lhe darei a entrevista que deseje.

Era um homem correto e compreendeu meus motivos. Não tardamos a entrar em têrmos amistosos. Êle falava chinês de modo passável, e não tínhamos qualquer dificuldade para nos entendermos. Seguiu em nossa companhia por parte do caminho rumo ao mosteiro, e disse:

— Gostaria muito de visitar o templo e tomar parte no serviço, um dia, se isso puder ser conseguido. Eu não sou de sua religião, mas a respeito, e gostaria de apresentar meus respeitos em seu templo.

— Muito bem — respondi — você virá a nosso templo. Participará do serviço e será bem-vindo, posso prometer.

Com isso, nós nos separamos, pois tínhamos muitos preparativos para o dia seguinte, quando eu iniciaria a nova carreira

de estudante — como se não estivesse estado imerso em estudos tóda a vida! De volta ao mosteiro, tinha de arrumar os pertences, cuidar dos hábitos que haviam ficado sujos na viagem. Ia lavá-los, pois de acôrdo com nossos costumes somos nós próprios quem trata das roupas e hábitos e assuntos pessoais, e não contratam os empregados para fazer êsses trabalhos. Mais tarde eu também usaria a roupagem de estudante chinês, roupas azuis, pois meus hábitos lamaístas atraíam demasiadamente a atenção e eu não desejava ser escolhido para fins publicitários, e pretendia estudar em paz. Além das coisas comuns, tais como lavagem das roupas, tínhamos os serviços religiosos a freqüentar, e como lama principal eu devia assumir minha parte na administração dos mesmos porque, embora fôsse estudante durante o dia, era no mosteiro sacerdote de alta patente, com as obrigações decorrentes do cargo. Assim é que o dia chegou a seu fim, aquêle dia que eu julgara interminável, dia em que, pela primeira vez na vida, estive completa e inteiramente afastado de minha gente.

De manhã — uma manhã ensolarada e quente — Huang e eu descemos novamente a estrada para iniciar vida nova, desta feita como estudantes de medicina. Não tardamos a cobrir aquela distância curta e entramos na faculdade, onde parecia haver centenas de outros ao redor de um quadro de avisos. Lemos cuidadosamente os mesmos e encontramos nossos nomes juntos, de modo que estaríamos estudando lado a lado em tódas as ocasiões. Atravessamos o grupo que ainda lia, seguindo para a sala de aulas que nos fôra indicada. Ali nos sentamos, bastante maravilhados — eu, ao menos, o estava — com o ar estranho dos apetrechos, carteiras de alunos e tudo o mais. E depois, tendo decorrido o que me pareceu uma eternidade, vieram outros, em grupos pequenos, tomando seus lugares. Com o tempo, soou um gongo em alguma parte e um chinês entrou, dizendo:

— Bom dia, cavalheiros.

Erguemo-nos, todos, pois os regulamentos diziam ser êsse o método aprovado de demonstrar respeito, e respondemos com um “bom-dia” geral. O homem declarou que ia dar-nos alguns papéis escritos e que não devíamos ficar desanimados por nossas falhas, pois sua tarefa era verificar o que não sabíamos, e não o que já era sabido. Afirmou que somente depois de descobrir o padrão exato de cada um é que poderia servir-nos. Os papéis tratariam de tudo, tendo diversas perguntas misturadas, em verdadeiro caldo chinês de conhecimentos sôbre aritmética, física, anatomia, tudo isso relacionado com a medicina, cirurgia e ciência, e as matérias que seriam necessárias para capacitar-nos ao estudo da medicina, cirurgia e ciência em grau mais adiantado. Fêz-nos compreender

claramente que, se não soubéssemos responder a alguma pergunta, devíamos indicar não têmos estudado aquêlo ponto, mas declarando alguma coisa, de modo que êle pudesse avaliar com exatidão em que ponto terminavam nossos conhecimentos sôbre o assunto. E souu a sinêta, abriu-se a porta e entraram dois auxiliares carregando o que pareciam ser livros. Seguiram entre nós, distribuindo os livros. Na verdade, não se tratava de livros, mas resmas de perguntas em folhas de papel e muitas delas, nas quais devíamos escrever. Foi quando o outro veio e distribuiu lápis. Íamos usá-los, ao invés de pincéis, naquela ocasião. Assim é que passamos a examinar as perguntas, respondendo o melhor que fôsse possível. Dava para ver na aura do mestre, ou eu ao menos o percebia, que se tratava de um homem sincero e que seu único interesse consistia em ajudar-nos.

Meu guia e preceptor, o lama Mingyar Dondup, já me houvera proporcionado preparo altamente especializado e o resultado dos papéis que recebemos naquela ocasião demonstrou, após dois dias mais ou menos, que em muitas matérias eu estava bem adiante dos colegas de estudo, mas revelava também que eu não possuía qualquer conhecimento de Eletricidade ou Magnetismo. Uma semana após o exame, mais ou menos, estávamos em um laboratório, onde deveríamos receber uma primeira demonstração porque, como eu, alguns outros não faziam a menor idéia

do significado daquelas duas palavras de aparência temível. O prelecionador falara sôbre eletricidade, e dizia agora:

— Vou dar-lhes uma demonstração prática dos efeitos da eletricidade, uma demonstração inofensiva.

Entregou-me dois fios, e disse:

— Segure isto, sim? Segure com firmeza, até eu dizer “solte”.

Pensei que estava pedindo que o ajudasse em sua demonstração (e estava, mesmo!), de modo que segurei os fios, embora bastante perturbado, pois a aura dêle revelava que êle planejava algum tipo de traição. E eu pensava que talvez o estivesse julgando mal, talvez êle não fôsse muito bom sujeito, afinal de contas. Êle voltou-se e seguiu para a mesa de demonstração, onde apertou uma chave. Vi que a luz vinha pelo fio e vi também a aura do professor, revelando espanto. Êle pareceu intensamente surpreso, e pediu:

— Segure com mais firmeza.

Eu segurei, com mais firmeza, apertando os fios nas mãos. Êle olhou para mim e esfregou os olhos. Estava atônito, e isso era óbvio para todos, até os que não tinham a capacidade de ver-lhe a

aura. Tomava-se claro que aquêle professor jamais tivera surprêsa tão grande em sua vida. Os demais estudantes olhavam, boquiabertos, sem poderem entender o que se passava. Não faziam a menor idéia do que se pretendia demonstrar, e logo o prelecionador veio ter comigo, depois de desligar a chave, tirando os fios de minhas mãos e dizendo:

— Deve haver alguma coisa errada, alguma coisa desligada.

Tomou os fios na mão e voltou à mesa com êles. Um dos fios estava em sua mão esquerda, o outro na direita. Segurando- os ainda, estendeu um dedo e ligou a chave, e em seguida emitiu um berro tremendo.

— Iau! Desliga, está-me matando!

Ao mesmo tempo, seu corpo enrijava-se e tinha contorções, como se todos os músculos estivessem presos e paralisados. Êle continuou a gritar, enquanto a aura se fazia semelhante ao sol poente. “Que interessante!” Eu estava pensando. “Nunca vi coisa tão bonita assim, na aura humana!”

Os gritos continuados de nosso professor atraíram outros, que entraram correndo na sala. Um dêles olhou para o professor, acorreu à mesa e desligou a chave. O pobre prelecionador caiu ao chão, suando muito e tremendo. Seu aspecto era deplorável, o rosto se tornava esverdeado, mas após algum tempo êle se pôs em pé, apoiando-se na mesa.

— Você fêz isso comigo! — exclamou.

— Eu? — retruquei. — Não fiz coisa alguma, O senhor mandou que eu segurasse os fios, eu segurei, e depois o senhor os tirou de mim e pareceu que ia morrer.

— Não posso entender. . . Não posso entender. . .

— O que não entende? — indaguei. — Eu segurei as coisas, como pediu. De que está falando?

Êle olhou para mim e interpelou:

— Você realmente não sentiu coisa alguma? Não sentiu uma comichão, ou coisa nenhuma?

— Bem, senti apenas um calor agradável, só isso. Por quê? O que devia ter sentido?

Outro prelecionador, o que desligara a corrente, perguntou então:

— Pode experimentar outra vez?

— Claro que sim — respondi. — Tantas vêzes quantas os senhores quiserem.

Assim sendo, êle me estendeu os fios, e avisou:

— Agora, vou ligar a chave. Diga-me o que acontece.

Apertou a chave, e eu disse:

— Oh, é só um calorzinho agradável. Nada demais. É como se estivesse com as mãos perto de uma fogueira.

— Aperte mais — pediu êle.

Atendi, apertando a tal ponto que os músculos se retesaram no dorso das mãos. Êle e o outro professor trocaram um olhar, e a corrente foi desligada. Em seguida, um dêles tomou os fios de mim e os enrolou num pano, segurando-os com firmeza.

— Pode ligar — disse, então.

O outro atendeu, e êle logo deixou cair os fios envoltos em pano, dizendo:

— Oh, está ligado, sim.

Ao caírem, os fios ficaram livres do pano e se tocaram. Elouve um forte clarão azul, e algum metal derretido saltou da ponta do fio.

— Agora você queimou os fuzíveis — disse um dêles, e saiu para efetuar algum consêrto alhures.

Restabelecida a corrente elétrica, êles deram prosseguimento à aula de Eletricidade. Disseram que haviam tentado aplicar duzentos e cinqüenta volts de choque em mim, para demonstrar o que a eletricidade podia fazer. Minha pele é singularmente sêca, e duzentos e cinqüenta volts não me fazem mal de espécie alguma. Posso pôr as mãos nos fios e não perceber se estão ou não ligados. O pobre professor não era êsse tipo, em absoluto. Possuía grande sensibilidade para as correntes elétricas, e ao correr da preleção êles disseram:

— Na América, se um homem mata outro, ou se os advogados disserem que êle é culpado de homicídio, é morto pela eletricidade. Prendem-no a uma cadeira e a corrente é aplicada ao corpo, e êle morre.

Achei aquilo muito interessante, e fiquei a imaginar o que tal corrente faria em mim, embora não tivesse o menor desejo de experimentar a sério.

Dias de Estudo

Um nevoeiro úmido e cinzento descia das montanhas acima de Chungking, apagando as casas, o rio, os mastros dos navios lá embaixo, transformando as luzes das lojas em borrões entre amarelos e alaranjados, amortecendo os sons e, talvez, melhorando a aparência de parte daquela cidade. Ouvimos o ruído de passos, e um homem idoso e encurvado surgiu vagamente em meio ao nevoeiro, perdendo-se logo de vista em seguida. Ali, o silêncio era estranho, e os sons únicos que se ouviam estavam abafados. O nevoeiro formava uma tapeçaria grossa que amortecia tudo. Huang e eu tínhamos encerrado as aulas do dia e estávamos no começo da noite. Resolvêramos sair da faculdade, das salas de dissecação, a fim de respirar algum ar mais limpo. Ao invés disso, encontramos aquêlo nevoeiro. Eu sentia fome, e o mesmo parecia ocorrer com Huang. A umidade entrava em nossos ossos, fazendo-nos sentir frio.

— Vamos comer alguma coisa, Lobsang. Eu conheço um bom lugar.

— Está bem — respondi. — Estou sempre pronto a ver alguma coisa interessante. O que tem para mostrar?

— Oh, quero mostrar-lhe que em Chungking sabemos viver muito bem, a despeito do que você tem afirmado.

Voltou-se e seguiu à frente, ou melhor, voltou-se e bateu as costas às cegas, até chegarmos ao lado da rua e podermos identificar as lojas. Descemos o morro por alguma distância e passamos por uma entrada que se assemelhava de modo notável a uma caverna no flanco de uma montanha. Lá dentro, o ar estava mais espesso do que no exterior. As pessoas fumavam, soltando grandes baforadas de péssimo odor. Era praticamente a primeira vez que eu via tanta gente fumando ao mesmo tempo, e isso constituía novidade, ainda que nauseante — o encontrar pessoas com tições acesos na boca e fumaça saindo pelas narinas. Certo homem atraiu meu olhar fascinado, pois a fumaça saía não apenas pelas narinas, mas também das orelhas. Apontei-o a Huang, e êle comentou:

— Aquêlo? É inteiramente surdo. Teve os tímpanos estourados, o que lhe conferiu grande valor social. Sem tímpanos para impedir a passagem da fumaça, faz com que ela saia pelas narinas e orelhas,

também. Aborda os estrangeiros e diz: “Dê-me um cigarro e eu lhe mostrarei uma coisa que você não sabe fazer”. Assim é que consegue fumar boa parte do tempo. Mas isso não importa. Tratemos da comida. Vou fazer o pedido. Já me conhecem aqui, e vamos receber o que há de melhor, pelo preço mais baixo possível.

Para mim, era ótimo. Não comera bem nos dias anteriores, achando tudo estranho, a comida absolutamente desconhecida. Huang falou com um dos atendentes e este fez anotações num caderninho, após o que nós nos sentamos e travamos conversa. A comida fôra um de meus problemas. Não conseguia encontrar o tipo de alimento a que estava habituado e tinha de comer, entre outras coisas, carne e peixe. Para mim, lama tibetano, isso era verdadeiramente revoltante, mas meus superiores haviam dito na Potala, em Lhasa, que teria de acostumar-me com alimentos estrangeiros e me haviam dado absolvição para o tipo de comida que ingerisse. No Tibete nós, os sacerdotes, não comíamos carne, mas eu não estava mais lá e tinha de continuar vivendo para cumprir minha missão. Era impossível obter o alimento desejado, sendo preciso ingerir as coisas revoltantes a mim trazidas e fazer de conta que estava gostando.

Chegou nossa refeição: meia tartaruga, cercada por lêsmas do mar e acompanhada por um prato de sapos em caril e folhas de repolho ao redor. Estavam bastante agradáveis, embora eu preferisse *tsampa*. E assim, aproveitando o que tinha o melhor que podia, fiz minha refeição de sapos em caril, suplementada por talharim e arroz. Tomamos chá, em seguida, por uma coisa em que nunca toquei, a despeito de tôdas as exortações a que o fizesse, fora do Tibete, é a bebida alcóolica. Isso, nunca! Em nossa crença, não há coisa pior do que tais bebidas, e nada pior do que a embriaguez. Achamos ser ela o mais pernicioso de todos os pecados, porque quando o corpo está tomado pelo

álcool o veículo astral — a parte mais espiritual de cada um de nós — é expulso pelo físico e tem de deixá-lo à mercê de qualquer entidade rondante. Esta não é a única vida; o coipo físico constitui apenas uma manifestação, a mais baixa, e quanto mais se bebe tanto maior o mal feito ao corpo em outros planos de existência. É sabido que os bêbados vêem “elefantes côr-de-rosa” e outras coisas curiosas, para as quais não se encontram paralelos no mundo físico. Acreditamos tratar-se de manifestações de alguma entidade maligna, que esteja procurando levar o corpo físico a cometer algum malefício. É igualmente sabido que quem se encontre bêbado não está “em posse dos sentidos normais”, de modo que não toquei em bebidas embriagadoras em qualquer momento, nem mesmo álcool de

milho, ou vinho de arroz.

Pato dourado é uma bela forma de comida — para quem gosta de carne, é claro. Eu preferia brotos de bambu, coisa impossível de obter no Ocidente, pelo visto. O melhor substituto para êles, ou o que mais se parece com êles, é um tipo de aipo que cresce em determinado país europeu. O aipo inglês é bem diferente, não sendo tão adequado. Ao falar da comida chinesa, tipicamente chinês como aquêles denominado “chop suey”, pois tal expressão designa de modo genérico a comida chinesa, isto é, qualquer prato chinês. Quem realmente deseja fazer boa refeição chinesa deve ir a um restaurante de primeira classe (chinês, naturalmente) e pedir ragu de cogumelos e brotos de bambu, e depois tomar uma sopa de peixe. Em seguida, pato dourado. Não se terá uma faca de trinchar, no verdadeiro restaurante chinês, mas o garçom aparecerá com pequena machadinha e partirá o pato em pedaços de tamanho correto. Depois de submetidos à aprovação do freguês, êles serão envoltos em pedaços de cebola nova, em sanduíche de pão não-fermentado. Apanham-se êsses pequenos sanduíches e devoram-se um a cada bocada. A refeição deve encerrar-se com folhas de lótus ou, para quem o preferir, raiz de lótus. Elá quem peça sementes de lótus, mas qualquer que seja a escolha, será necessária uma quantidade adequada de chá chinês. Trata-se do tipo de refeição que fizemos naquela casa de pasto tão conhecida de Huang. O preço foi surpreendentemente baixo, e quando nos levantamos para prosseguir a caminhada estávamos em estado de franca cordialidade, bem nutridos e fortalecidos com boa comida, prontos para sair e enfrentar novamente o nevoeiro. Assim é que subimos a rua, pela estrada que dava para Kialing, e quando nos achávamos na mesma entramos à direita pela trilha que nos conduzira ao templo. Era hora de serviço religioso quando chegamos, e as Tabuletas pendiam calmas dos mastros onde não soprava brisa alguma, enquanto as nuvens de incenso também se apresentavam paradas. As Tabuletas são feitas de material vermelho, com ideogramas chineses dourados. Eram as Tabuletas dos Ancestrais, empregadas de modo bem semelhantes às lápides, em lembrança dos mortos, no mundo ocidental. Inclinamos para Ho Tai e Kuan Vin, o deus da vida correta e a deusa da compaixão, e seguimos para o interior pouco iluminado do templo para nosso serviço, após o qual não estávamos em condições de fazer a refeição noturna, preferindo envolver-nos nos cobertores e entregarmo-nos ao sono.

Nunca tivemos falta de cadáveres para dissecação, e na

Chungking de então os corpos eram coisa obtida com facilidade. Mais tarde, quando a guerra teve início, tínhamos mais cadáveres do que podíamos utilizar! Mas aqueles, os que obtínhamos para dissecação, eram mantidos num aposento subterrâneo cuidadosamente refrigerado. Assim que obtínhamos um corpo recém- vindo das ruas, ou de algum hospital, costumávamos injetar-lhe na virilha um desinfetante dos mais poderosos, que servia para conservá-lo por alguns meses. Era muito interessante descer àquele aposento e ver os corpos sobre mesas de pedra, e notar que eram cadáveres magros, sempre. Costumávamos travar disputas bem acaloradas para saber qual de nós ficaria com os mais magros, pois os corpos com gordura davam muito trabalho na dissecação, sendo enorme o trabalho e pequeno o resultado. Podia-se cortar, cortar sempre, dissecando um nervo ou artéria, e seria preciso dissecar uma após outra camada de gordura nos tecidos adiposos. Os cadáveres não se achavam em falta, de modo algum. Era freqüente têmos tal quantidade à nossa disposição que os mantínhamos dentro de tanques, em picles, como diziam. Nem sempre era fácil levar um cadáver para o hospital, naturalmente, pois os parentes do falecido mantinham opiniões fortemente contrárias a isso. Naqueles dias, criancinhas que haviam morrido eram abandonadas nas ruas, ou adultos, cujas famílias não tinham meios para realizar um funeral satisfatório, eram também deixados na via pública, sob a capa da noite. Nós, estudantes de Medicina, íamos amiúde pelas ruas, bem cedo, escolhendo os cadáveres que mais nos agradavam e, naturalmente, os mais magros! Podíamos ter um cadáver inteiramente para nós mesmos, sendo comum trabalharmos dois em cada defunto, um fazendo a cabeça, outro os pés, o que era mais agradável por causa da companhia do colega. Muitas vezes fazíamos as refeições na sala de dissecação, se estivéssemos estudando para prestar exames, não sendo raro ver um estudante tendo a comida sobre o estômago de um cadáver, enquanto o livro de consulta, que êle lia, estaria apoiado na coxa do mesmo. Jamais nos ocorreu, naquela ocasião, que poderíamos adquirir todos os tipos de males mediante infecção advinda dos corpos. Nosso Diretor, o Dr. Lee, tinha tôdas as mais recentes idéias americanas, e de alguns modos mostrava-se quase um maníaco em copiar os americanos, mas ainda assim era um bom homem, um dos chineses mais brilhantes que conheci, sendo um prazer estudar com êle. Aprendi muita coisa e passei em muitos exames, mas continuo achando que aprendi muito mais anatomia cadavérica junto aos Quebradores de Cadáveres do Tibete.

Nossa faculdade e o hospital a ela ligado encontravam-se na extremidade mais distante da estrada que vinha do pôrto, passando

pela rua dos degraus. Com tempo bom, tínhamos bela visão do rio, sôbre os campos terraceados de plantio, pois estávamos em posição bastante proeminente, que na verdade constituía um ponto mais comercial da rua, havia uma loja muito antiga, com aspecto de encontrar-se nas últimas etapas de decadência. O madeirame parecia carcomido, a tinta se descolava nas tábuas. A porta estava desconjuntada, mostrava-se frágil, e havia por cima da mesma uma figura de madeira em formato de tigre, pintada com côres vivas. Estava de tal modo disposta que o tigre parecia estar de costas arqueadas sôbre a entrada e de fauces abertas, prêsas de aspecto feroz e garras bem afiadas, destinadas a encher de terror o coração de qualquer um. Aquêlê tigre simbolizava a virilidade, sendo antigo emblema chinês nesse sentido. A loja era um farol para os homens esgotados, e para os que desejavam dispor de mais potência com que pudessem dar continuação a seus divertimentos. Também as mulheres iam lá, para obterem certas substâncias compostas, extrato de tigre, ou extrato de raiz de ginsém, quando queriam ter filhos e, por algum motivo, isso não acontecia. O extrato de tigre Ou de ginsém continha grandes quantidades de substâncias que apenas recentemente foi descoberta pela ciência ocidental, que agora a exhibe como grande triunfo de comércio e pesquisa. Os chineses e tibetanos não tinham tanto conhecimento sôbre os modernos trabalhos de pesquisa, de modo que conheciam essas substâncias compostas já há três ou quatro mil anos, e não se vangloriavam indevidamente do fato. O Ocidente poderia aprender muito com o Oriente, caso se mostrasse mais pronto a cooperar, mas voltemos a falar daquela velha loja, com o tigre de aspecto feroz, pintado por cima da entrada, e a vitrine cheia de pós de aspecto estranho, múmias e frascos com líquidos coloridos. Tratava-se da loja de velho clínico à antiga, onde ainda era possível obter sapo pulverizado, chifres de antílopes reduzidos a pó, para agir como afrodisíacos, e outras substâncias estranhas. Não era frequente os habitantes mais pobres da cidade recorrerem à cirurgia moderna do hospital, quando precisavam de tratamento. iam àquela loja velha e suja, de modo bem parecido com aquêlê como o pai fizera a seu tempo, e talvez o avô e bisavô, também a seu tempo, apresentavam os sintomas ao médico atendente, que ouvia, parecido com uma coruja com óculos de vidros grossos, atrás de um balcão de madeira marrom. Debatiam o caso e os sintomas, o velho médico assentia solenemente, e prescrevia com ar sério o remédio indicado. Uma das convenções estabelecidas era a de que o remédio devia ter a côr de conformidade com um código especial. Tratava-se de lei subentendida e de origem imemorial. Para

males do estômago, o remédio dado seria amarelo, enquanto o paciente que apresentasse doença do sangue ou do coração receberia medicamento vermelho. Os afetados pela bile ou males hepáticos, ou mesmo com mau gênio excessivo recebiam remédios de côr verde. Os doentes de olhos recebiam loção azul. A parte interna do corpo apresentava grandes problemas com relação à côr indicada. Se a pessoa sentia uma dor interna e se acreditava tratar-se de mal de origem intestinal, o remédio seria marrom. A mulher grávida tinha, apenas — ou isso lhe diziam — de tomar a carne pulverizada de uma tartaruga, e a criança nasceria sem dores, e com absoluta facilidade, quase antes de a mãe o perceber, de modo que não interrompesse seu dia de trabalho. A recomendação feita, em tais casos, era:

— Vá para casa e ponha um avental ao redor do corpo, entre as pernas, de modo que a criança não caia ao chão, e depois tome êste pó de carne de tartaruga!

O velho médico chinês, sem registro profissional, podia fazer publicidade, e valia-se disso de modo espetacular. Em geral, mandava afixar um cartaz enorme e pintado, acima de sua casa, de modo a mostrar que maravilhoso curador êle era, e não só isso, mas em sua sala de espera e cirurgia encontravam-se grandes medalhas e escudos que pacientes ricos e assustados lhe haviam dado como testemunho de modo milagroso pelo qual, com remédios coloridos, pós e poções, êle os curara de doenças desconhecidas e sem descrição.

Já o dentista não tinha tanta sorte, isto é, o tipo de dentista antigo. Na maior parte dos casos, não tinha uma casa onde pudesse receber os pacientes, que tratava em plena rua. A vítima sentava-se num caixote e o dentista efetuava seu exame, sondagem e verificação, diante do olhar de bom número de espectadores. E então, com muitas manobras e gesticulação estranha, passava a extrair o dente. “Passava a extrair” é bem a expressão, pois caso o paciente se assustasse ou se mostrasse ruidoso demais tomava-se difícil fazer a extração e havia ocasiões nas quais o dentista não hesitava em chamar espectadores para segurar a vítima, que procurava escafeder-se. Não era usada qualquer anestesia e o dentista não anunciava seus serviços como os médicos, mediante cartazes, escudos e medalhas, mas o fazia usando ao redor do pescoço feiras de dentes por êle extraídos. Sempre que efetuava a extração, recolhia o dente, limpava-o cuidadosamente e o perfurava, adicionando à feira como nôvo testemunho da habilidade de quem já arrancara tantos.

Costumávamos ficar bastante amolados no caso de pacientes nos quais havíamos gastos muito tempo e cuidados, a quem tínhamos

dado o tratamento mais moderno e receitado remédios caros, e que iam sub-repticiamente pela porta dos fundos do velho médico chinês, para que os tratasse. Afirmávamos ter curado o paciente, o charlatão dizia o mesmo, mas o beneficiado não dizia coisa alguma, tamanha sua satisfação por se ter livrado do padecimento.

À medida que nos adiantávamos nos estudos e percorríamos as enfermarias do hospital, tínhamos com frequência de sair em companhia do médico formado, a fim de tratar doentes em suas próprias residências, ou assistir em operações. Às vêzes era preciso descer as encostas e chegar a lugares inacessíveis, talvez a algum ponto onde um infeliz caíra, encontrando ossos partidos e carnes dilaceradas de tal modo que não mais havia qualquer possibilidade de socorro. Recebíamos visitas dos que residiam em casas flutuantes nos rios, pois no rio Kialing há quem viva nelas, ou mesmo em jangadas de bambu cobertas com esteiras, sôbre as quais erigem pequenas cabanas. Elas oscilavam à beira do rio, e a menos que tivéssemos bastante cuidado, principalmente à noite, era muito fácil errar um pé ou pisar em bambu sôlto, que simplesmente afundava com a gente. Nesse caso, não havia grande reconforto na risada com que éramos brindados pelo grupo infectível de meninos, sempre presentes em tais momentos desastrosos. Os velhos camponeses chineses conseguiam suportar uma extensão notável de dor, e jamais se queixavam, mostrando-se sempre reconhecidos pelo que conseguíamos em seu favor. Costumávamos fazer muito mais do que o comum para ajudar os idosos, auxiliando na limpeza de suas choupanas ou na preparação da alimentação, mas com a geração mais nova as coisas não transcorriam de modo tão agradável. Os moços estavam ficando inquietos, alimentavam idéias estranhas. Os homens de Moscou circulavam entre eles, preparando-se para o advento do comunismo. Nós sabíamos disso, mas não havia coisa alguma que se pudesse fazer, senão observar.

Antes de nos formarmos, no entanto, tivemos muito o que estudar, em ampla faixa de matérias e por quatorze horas diárias. Magnetismo e Eletricidade, eis duas matérias que posso citar. Recordo-me bem da primeira aula que tive de Magnetismo, do qual não fazia a menor idéia na ocasião, e que transcorreu com interesse talvez idêntico ao da primeira aula de Eletricidade. O professor não era criatura das mais agradáveis, mais eis o que se passou:

Huang abrira caminho em meio ao grupo diante do quadro de avisos, para verificar onde estávamos na aula seguinte, e começou a ler, dizendo logo:

— Eh, Lobsang! Temos aula de Magnetismo esta tarde.

Ficamos satisfeitos ao ver que estávamos na mesma turma, pois havíamos feito sincera amizade, e seguimos pelo quadrângulo da faculdade, atravessamos sua extensão e chegamos à sala de aula cuja porta estava ao lado daquela onde ensinavam Eletricidade. Entramos, encontrando muito equipamento que nos pareceu idêntico àquele empregado em Eletricidade. Rolos de fios, bastões negros, de vidro, caixas de vidro contendo o que parecia água, bem como pedaços de madeira e chumbo. Tomamos lugar e o professor chegou, seguindo com passos imponentes para sua mesa. Era um homem pesado, em corpo e mente, e por certo fazia muito bom juízo de suas próprias capacidades, muito melhor juízo do que os colegas. Também estivera na América, e enquanto alguns outros do quadro docente haviam de lá regressado sabendo que seus conhecimentos eram muito parcos, aquêlê se achava inteiramente convicto de que sabia tudo e que seu cérebro era infalível. Sentou-se à mesa, e por algum motivo insondável apanhou ali um martelo de madeira e bateu 'dolentemente sôbre a mesma.

— Silêncio — ordenou, tonitruante, embora ninguém hou-esse dito coisa alguma. — Vamos estudar Magnetismo, e será a primeira aula para alguns de vocês, nessa matéria absorvente.

Apanhou uma das barras dobradas em forma de ferradura, e disse:

— Isto tem um campo ao redor.

Pensei, imediatamente, em cavalos pastando. Não falara em “campo”? E êle prosseguiu:

— Vou mostrar-lhes como esboçar o campo dêste ímã com limalha de ferro. O magnetismo — prosseguiu — ativará cada partícula de limalha, que formará então, por si mesmo, o contorno exato da fôrça atuante.

Descuidado, observei para Huang, sentado atrás de mim:

— Mas qualquer imbecil pode ver o campo. Para que mostrar com a limalha?

O professor pôs-se em pé em salto, e furioso.

— Oh! — exclamou. — O grande lama do Tibete, que não sabe coisa alguma de Magnetismo e Eletricidade, pode ver um campo magnético, não é?

Enrستara o indicador em minha direção, com violência, e prosseguiu:

— Então, grande lama, você vê êsse campo maravilhoso, não vê? É o único homem no mundo a consegui-lo, talvez — disse, com zombaria.

Eu me pus em pé.

— Sim, Honrado Professor, posso vê-lo com grande clareza.

Posso ver as luzes ao redor daqueles fios, também.

Ele apanhou novamente o martelo de madeira, batendo na mesa numa série de pancadas retumbantes.

— Está mentindo! — asseverou. — Ninguém pode ver. Se é tão esperto, venha desenhar o campo para mim, e nós veremos a tolice que vai sair.

Suspirei, resignado, enquanto seguia até lá, apanhava o ími e seguia para o quadro-negro com um pedaço de giz. Pus o ímã encostado no quadro-negro e desenhei a forma exata da luz azulada que via emanando dêle. Desenhei, também, as estrias mais leves para mim, que nascera com essa capacidade, e a tivera aumentada por operações! Fêz-se silêncio absoluto quando terminei, e eu me volvei. O professor me fitava e os seus olhos estavam inteiramente arregalados.

— Você estudou isso antes! — proclamou. — Isto é um truque!

— Honrado Professor, até o dia de hoje nunca vira um ímã.

— Pois bem — disse êle — não sei como o conseguiu fazer, mas é o campo correto. Continuo achando que usou um truque. Continuo achando que no Tibete vocês só aprendem truques. Não entendi.

Tirou-me o ímã, cobriu-o com uma fôlha de papel, sôbre a qual atirou limalha fina, após o que bateu no papel com o dedo e a limalha tomou a forma exata do que eu desenhara no quadro-negro. Êle a olhou, depois meu desenho, e voltou a fitar o esboço de limalha.

— Ainda não estou acreditando, homem do Tibete — disse. — E ainda acho que foi um truque.

Sentou-se, parecendo cansado, e apoiou a cabeça nas mãos, mas logo, com violência explosiva, pôs-se em pé com um salto e estendeu novamente o indicador para mim.

— Você! — exclamou. — Você disse que pode ver o campo daquele ímã. Disse também que vê a luz em volta dos fios.

— É verdade — respondi. — Vejo, sim, com facilidade.

— Certo! — gritou. — Pois, agora, posso provar que está errado, que você é um impostor.

Fêz meia-volta, derrubando a cadeira e seguindo às pressas para o canto da sala, onde se abaixou e, com resmungo de esforço, apanhou uma caixa com fios aparecendo ligados a uma espiral. Êle veio colocá-la sôbre a mesa, à minha frente.

— Agora — disse — aqui está uma caixa muito interessante, conhecida como caixa de alta frequência. Você vai desenhar o campo dela para mim, e eu acreditarei no que está dizendo. Pronto! Pode desenhar!

Olhava para mim como a dizer: “Quero ver como vai sair-se desta!

— Está bem — respondi. — É muito simples. Vamos trazê-la mais perto do quadro-negro, pois de outra forma estarei desenhando de memória.

Ele a apanhou por um dos lados, e eu pelo outro, e a aproximamos do quadro-negro. Segurei o giz e afastei-me da mesa.

— Oh! — exclamei. — Desapareceu.

Olhei com espanto, pois ali estavam apenas fios, e nada mais, sem campo nenhum. Voltei-me para ele, vi que tinha a mão em uma chave. Ele desligara a corrente, mas havia em seu rosto a expressão de quem se encontrava inteiramente estupefacto.

— Então! — exclamou. — Você realmente pode ver o campo! Bem, bem, que coisa notável!

Ligou novamente a chave, e disse:

— Vire de costas para mim e diga quando está ligado ou desligado.

Voltei-lhe as costas e fui dizendo:

— Desligado, ligado, desligado. ..

Ele abandonou o aparelho e foi sentar-se, na atitude de quem vira sua fé receber um golpe esmagador. De modo abrupto, ele voltou a falar:

— A aula está encerrada. Podem ir.

Voltou-se para mim, dizendo:

V —

— Você não. Quero falar-lhe a sós.

Os outros estudantes resmungaram, ressentidos. Tinham vindo para uma aula, que demonstrara alguma coisa interessante, e por que eram mandados embora? O professor os tocou dali, segurando um ou dois pelo ombro para que se retirassem mais depressa. Sua palavra era a lei, e tendo a sala vazia ele disse:

— Agora, fale-me mais sôbre isso. Que tipo de truque é êsse?

— Não é truque — respondi. — É uma faculdade com que nasci e que foi fortalecida mediante uma operação. Eu posso ver as auras. Posso ver a sua, e com base nela sei que não quer acreditar, não quer crer que alguém possua uma capacidade que o senhor não tem. O senhor quer provar que estou errado.

— Não — disse ele — não quero provar que você está errado. Quero provar que meu próprio preparo, o meu conhecimento, está certo, e que se você pode ver essa aura tudo quanto aprendi está errado.

— De modo nenhum — retruquei. — Eu digo que seu preparo serve para provar a existência da aura porque, com base no pouco que já estudei em Eletricidade nesta faculdade, vejo a indicação de

que o ser humano é acionado pela eletricidade.

— Que asneira está dizendo! — disse êle. — Que heresia absoluta!

Pôs-se em pé, com um salto, e determinou:

— Venha comigo ao Diretor. Vamos acertar essa coisa definitivamente!

O Dr. Lee estava sentado à sua mesa de trabalho, ocupado com papéis e documentos da faculdade. Olhou-nos com ar gentil quando entramos, espiando por cima dos óculos, que logo retirou, para enxergar melhor.

— Reverendo Diretor — disse o professor, em tom de queixa — êste homem, êste camarada do Tibete diz que pode ver a aura e que todos temos auras. Está querendo dizer-me que sabe mais do que eu, o Professor de Eletricidade e Magnetismo!

O Dr. Lee teve um gesto suave, indicando-nos cadeiras, e disse:

— Bem, do que se trata, precisamente? Lobsang Rampa vê auras. Isso, eu já sabia. Qual é sua queixa?

O professor ficara boquiaberto de espanto.

— Mas, Reverendo Diretor! — exclamou. — *O senhor acredita em tolices assim, em tais heresias, em truques dêsse tipo?*

— Acredito piamente — disse o Dr. Lee — pois êle vem dos mais altos do Tibete, e eu soube a respeito dêle por notícias mandadas dos mais altos.

Po Chu parecia realmente abatido. O Dr. Lee voltou-se para mim e disse:

— Lobsang Rampa, vou-lhe pedir que nos fale com suas próprias palavras a respeito dessa aura. Fale como se não soubéssemos coisa alguma sobre o assunto. Fale de modo que possamos compreender, e talvez sair lucrando com sua experiência especializada. ■

Bem, a coisa estava bem diferente. Eu gostava do Dr. Lee e do modo como lidava com as coisas.

— Dr. Lee — respondi — quando nasci, trazia a capacidade de ver as pessoas como realmente são. Elas têm ao redor de si uma aura que demonstra tôda variação de pensamento, qualquer variação na saúde e no estado mental ou espiritual. Essa aura é a luz causada pelo espírito interno. Nos dois primeiros anos de vida eu pensei que todos viam o mesmo que eu, mas logo verifiquei não acontecer isso. E então, como sabe, entrei para um mosteiro com sete anos de idade, e passei por preparo especial. Naquele mosteiro, fizeram uma operação especial em mim para que eu visse com clareza ainda maior do que aquela com que via antes, mas serviu também para me conferir

outros podêres. Nos dias anteriores à História — prossegui — o homem tinha três olhos. Foi por sua própria loucura e incúria que êle perdeu a faculdade de utilizar essa visão, e foi êsse o objetivo de meu preparo no mosteiro, em Lhasa.

Notei que êles estavam aceitando muito bem a explicação, e prossegui:

— Dr. Lee, o corpo humano é rodeado, antes do mais, por uma luz azulada, luz que tem uma ou duas polegadas de espessura. Ela segue e cobre todo o corpo físico. É o que chamamos corpo etérico, sendo o mais inferior de todos os corpos. É a ligação entre o mundo astral e o físico. A intensidade da côr azul varia, de acordo com a saúde da pessoa. E depois, mais além do corpo, além do corpo etérico, vem a aura. Ela varia muitíssimo de tamanho, dependendo do estado de evolução da pessoa, e dependendo igualmente do padrão e educação que ela tenha, e de seus pensamentos. A sua própria aura tem o comprimento de um homem em distância — disse ao Diretor. — É a aura de um homem evoluído. A aura humana, qualquer que seja sua dimensão, compõe-se de faixas rodopiantes de côres, como nuvens de côres desfilando pelo céu do entardecer. Elas se modificam, de acordo com os pensamentos da pessoa. Há zonas no corpo, zonas especiais, que produzem suas próprias faixas horizontais de côr. Ontem, quando estava trabalhando na biblioteca, vi algumas ilustrações em um livro que trata de alguma crença religiosa ocidental. Ali estavam figuras que tinham auras ao redor das cabeças. Quer isso dizer que a gente do Ocidente, que eu julgava inferior a nós em desenvolvimento, pode ver auras, enquanto nós, no Oriente, não podemos? Essas figuras de gente do Ocidente — prossegui — tinham auras apenas ao redor da cabeça. Mas eu vejo não só ao redor da cabeça, e sim ao redor de todo o corpo e em volta das mãos, dedos e pés. É uma coisa que sempre vi.

O Diretor voltou-se para Po Chu.

— Pois, então, como você está percebendo, aí temos a informação de que eu dispunha antes. Eu sabia que Rampa tem êsse poder. Êle já o empregou em favor dos dirigentes do Tibete. É por isso que veio estudar conosco, ao que se espera, para poder ajudar na feitura de um dispositivo especial que será de maior valia para a humanidade em seu conjunto, e relacionado à detecção e cura da doença. O que causou a vinda de vocês aqui, hoje?

O professor parecia imerso em pensamento, e respondeu:

— Estávamos apenas começando a aula de magnetismo prático, e antes que eu pudesse demonstrar alguma coisa, assim que falei sôbre campos magnéticos, êsse homem afirmou que via os campos à volta do ímã, o que eu sabia ser inteiramente fantástico.

Por isso convidei-o a demonstrar no quadro-negro. Para meu espanto — prosseguiu êle — consegui desenhar o campo, e também o campo de corrente de um transformador de alta frequência, mas quando eu o desligava êle não via coisa alguma. Tenho a certeza de que se trata de um truque.

Dizendo isso, olhava com ar desafiador para o Diretor, e o Dr. Lee respondeu:

— Não, na verdade não foi truque algum. Digo isso, porque sei que se trata de verdade. Há alguns anos conheci o guia dêle, o lama Mingyar Dondup, um dos homens mais inteligentes no Tibete, e êle, por bondade do coração, submeteu-se a certas •provas, por amizade a mim, e provou que podia fazer o mesmo que Lobsang Rampa. Nós pudemos. . . isto é, um grupo especial de que eu fazia parte. . . fazer algumas pesquisas sérias no assunto. Mas, infelizmente, o preconceito, o conservantismo e a inveja impediram que publicássemos nossas descobertas. Isso foi algo que sempre deplorei, desde então.

Houve silêncio por algum tempo, e pensei em como era bom o Diretor ao declarar sua fé em mim. O professor parecia muito sombrio, como se houvesse recebido um golpe inesperado e indesejado, e perguntou:

— Se você tem êsse poder, por que está estudando medicina?

— Quero estudar medicina e ciência tão bem que possa ajudar nos preparativos para construir um dispositivo semelhante ao que vi no Planalto Chang Tang do Tibete.

O Diretor interveio:

— Sim, eu sei que você participou daquela expedição. Gostaria de saber mais a respeito do dispositivo.

•— Há algum tempo — disse eu — por sugestão do Dalai-Lama, fiz parte de um pequeno grupo que subiü para um válê oculto, nas cordilheiras do Planalto Chang Tang. Lá encontramos uma cidade que remonta a uma época muito anterior à História, cidade de uma raça extinta, parcialmente sepultada por uma geleira, mas onde a geleira se derretera no vale oculto, onde era mais quente, os edifícios e dispositivos contidos nas consti u-
ções estavam intactos. Um dêsses aparelhos era uma forma de caixa para onde se podia olhar e ver a aura humana, e com base nela, e nas côres, pelo aspecto geral, era possível deduzir o estado de saúde da pessoa. Além disso, podia-se ver se a pessoa estava propensa a qualquer doença na carne, porque as probabilidades surgiam na mesma aura, antes de manifestar-se na carne. Do mesmo modo, os germes da coriza surgem na aura muito antes de se manifestarem na carne, como resfriado comum. Toma-se muitíssimo mais fácil curar

uma pessoa, quando ela apresenta apenas um mal leve. O mal, a doença, pode ser eliminada antes mesmo de conseguir firmar-se na criatura.

O Diretor assentiu, e disse:

— O que diz é do maior interêsse. Prossiga.

— Eu visualizo uma versão moderna daquele aparelho antigo. Gostaria de ajudar na preparação de um dispositivo semelhante, de modo que até o médico ou cirurgião menos dotado de clarividência possa olhar por essa caixa e ver a aura das pessoas, em côr. Pode ter, também, um mapa de confronto, e com êle conseguiria saber o que está errado na pessoa. Poderia diagnosticar sem dificuldade alguma, e sem êrro possível.

— Chegou tarde demais — disse o professor. — Nós já temos os raios X!

— Raios X.. . — repetiu o Dr. Lee. — Oh, meu caro colega, êles de nada servem, para um objetivo como êsse. Mostram, apenas, sombras cinzentas dos ossos. Lobsang Rampa não quer mostrar os ossos, e sim a própria fôrça vital do corpo. Eu compreendo precisamente o que êle quer dizer, e tenho a certeza de que a maior dificuldade que vai encontrar serão o preconceito e a inveja profissional.

Dizendo isso, voltou-se novamente para mim, e perguntou:

— Mas como poderia isso ajudar nos males mentais?

— Reverendo Diretor — respondi — se uma pessoa tem cisão de personalidade, a aura o demonstra com muita clareza, pois revela uma aura dupla, e eu afirmo que com um aparelho adequado as duas auras poderiam ser transformadas em uma só. .. talvez por meio da electricidade de alta freqüência.

Estou escrevendo estas coisas no Ocidente, e verifico haver grande interêsse por tais questões. Muitos homens de medicina, figuras de maior projeção, exprimiram interêsse, mas invariavelmente pedem que não lhes mencione os nomes, pois isso viria prejudicar-lhes a reputação! Mas tenho outras observações que talvez mereçam interêsse: o leitor já viu os cabos de fôrça elétrica durante uma leve bruma? Se viu, especialmente em regiões montanhosas, terá visto uma corona ao redor dos fios, isto é, uma luz desmaiada que rodeia os mesmos. Se sua visão fôr muito boa, terá visto essa luz piscar, fraquejar e crescer, fraquejar e crescer, à medida que a corrente fluindo pelos fios altera sua polaridade. Ocorre coisa bem parecida no caso da aura humana. As pessoas de antigamente, nossos ancestrais remotos, evidentemente podiam ver as auras, ou halos, pois souberam pintá-los nas imagens representando os santos. Isso, por certo, não pode ser atribuído por

pessoa alguma à imaginação, porque se fôsst apenas a imaginação funcionando, qual o motivo para pintá-los sôbre a cabeça, onde realmente existe uma luz? A ciência moderna já mediu as ondas do cérebro e a voltagem do corpo humano. Existe, na verdade, um hospital famoso onde foram empreendidas pesquisas em raios X, há anos atrás. Os pesquisadores verificaram estar tirando retratos de uma aura humana, mas não compreenderam isso, e tampouco se importaram com o fato, pois tentavam fotografar os ossos, e não as côres na parte ex- tema do corpo humano, e encararam essa fotografia da aura como motivo de constante aborrecimento em seu trabalho. Por trágico que pareça, tôda a matéria referente à fotografia da aura foi arquivado, enquanto êles progrediam com os raios X, em atitude que, em minha humilde opinião, é o rumo errado. Tenho inteira confiança em que, com pouca pesquisa, os médicos e cirurgiões poderiam receber a mais maravilhosa de tôdas as ajudas na cura dos doentes. Visualize — como fazia muitos anos atrás — um aparelho especial, que qualquer médico poderá carregar no bôlso, tirando-o dali para ver o paciente por intermédio do mesmo, de modo bem parecido àquele pelo qual alguém espia o sol com uma lâmina de vidro esfumado. Mediante êsse dispositivo, poderá ver a aura do paciente, e pelas estrias da côr, ou irregularidades no contorno, saber com precisão o que há com a criatura. Isso não é o mais importante, pois de nada adianta saber apenas o que há de errado com a pessoa, sendo preciso saber curá-la, o que poderia fãcilmente ser feito com o dispositivo em que penso, particularmente no caso dos que tenham doenças mentais.

Voando

Era uma tarde quente e abafada, onde mal soprava uma brisa. As nuvens por cima da encosta em que andávamos estavam, talvez, a uns cem metros acima de nós, em massas brilhantes que me faziam pensar no Tibete, enquanto tomavam formas fantásticas, como cordilheiras imagináveis. Huang e eu havíamos tido um dia difícil nas salas de dissecação. Difícil, porque os cadáveres de lá tinham estado guardados por muito tempo, e o cheiro emanado deles era terrível. O odor de corpos em putrefação, do anti-séptico e os demais odores haviam-nos realmente esgotado, e eu estava imaginando o motivo pelo qual saíra do Tibete, onde o ar era puro, e os pensamentos dos homens também. Depois de algum tempo, havíamos fartado das salas de dissecação e após nos lavarmos tínhamos subido para aquêie cima de encosta. Era bom, eu estava pensando, andar na tarde e olhar a natureza. Víamos as outras coisas também, porque Dlhando sôbre a beira da encosta, dava para enxergar o tráfego fluvial intenso no rio lá embaixo. Lá estavam os cules carregando navios, etemamente ocupados em transportar seus fardos pesados com longa vara de bambu sôbre os ombros, tendo em cada extremidade cargas de quarenta quilos, empilhadas em cêstos. Êstes pesavam dois quilos cada um, e assim o cule estaria carregando nada menos de oitenta e três quilos o dia inteiro. Para êles a vida era dura, trabalhavam até morrer, e morriam ainda jovens, gastos, verdadeiros cavalos humanos, tratados pior do que os animais nos pastos. E quando estavam esgotados e caíam mortos, íam às vêzes terminar em nossas salas de dissecação, para continuarem no trabalho do bem, dessa feita proporcionando material de estudo a médicos em formação, que adquiririam em seus cadáveres a prática cirúrgica e conhecimentos com que iriam tratar os vivos.

Afastamo-nos da beira da encosta e nos pusemos de frente para a brisa muito leve, que trazia o cheiro suave das árvores e flores. Havia um pequeno bosque quase à frente, e alteramos de leve os passos para chegar até lá. A poucos metros da encosta paramos, tomados pelo pressentimento estranho de alguma calamidade

iminente, numa sensação de inquietude e tensão, algo inexplicável. Entreolhamo-nos indagadoramente, incapazes de adivinhar o que fôsse. Huang resolveu comentar, em tom de dúvida:

— Não pode ser trovão.

— Claro que não — retruquei. — É alguma coisa muito estranha, da qual nada sabemos.

Ficamos parados e incertos, a cabeça inclinada, ouvindo. Olhamos ao redor, para o chão, as árvores, e depois as nuvens. Era de lá que vinha o ruído, um “brum-brum-brum” firme que se tornava mais alto e cada vez mais áspero. Enquanto olhávamos para cima é que vimos, por um vão na base das nuvens, uma figura escura e alada passada. Desapareceu na nuvem oposta, quase antes de têmos percebido sua presença, e eu gritei.

— Um dos Deuses do Céu veio para nos apanhar!

Nada havia que pudéssemos fazer, e permanecemos parados, imaginando o que sucederia em seguida. O ruído era tonitruante, agora, e como nenhum dos dois ouvira antes. E então, quando observávamos, uma forma enorme surgiu, sacudindo fragmentos de nuvens de si como impaciente por livrar-se inteiramente delas. Brillhou, vindo do céu, passou bem acima de nossas cabeças, sôbre a beira da encosta, com um guincho nauseabundo, e um soco de ar torturado. O ruído cessou e fêz-se silêncio. Ficamos inteiramente espantados e temerosos, olhando um para o outro. E depois, em impulso comum, voltamo-nos e corremos para a beira da encosta, a fim de ver o que acontecera com a coisa vinda do céu, a coisa que se mostrara tão estranha e barulhenta. Ali chegados, inclinamo-nos bastante e olhamos com cuidado para o rio reluzente. E lá, sôbre uma faixa arenosa de chão, estava o monstro estranho e alado, agora parado. Enquanto olhávamos, tossiu com um jato de fogo e uma explosão de fumaça negra. Isso nos fêz dar um pulo e empalidecer, mas não se tratava do mais estranho de tudo. Para nosso espanto incrédulo, e horror, abriu-se uma parte do lado e dois homens saltaram. Naquele momento, achei que se tratava de coisa mais maravilhosa que eu já vira, mas. . . estávamos perdendo tempo, lá em cima. Pusemo-nos em pé e corremos pela trilha que descia. Passamos em carreira pela rua dos degraus, ignorando o movimento e tôdas as noções de cortesia, em nossa arremetida louca para chegar à beira do rio.

Ali chegados, sentimos vontade de bater com os pés no chão, tanta a raiva frustrada. Não havia um só barco à disposição, nenhum barqueiro, nem um só para mostra. Todos êles haviam accorrido para a outra margem, para estarem onde queriam. Mas, ah! Lá estava um barco, por trás de uma pedra. Voltamo-nos para êle, com a intenção

de lançá-lo à água e atravessar a corrente, mas ali chegados vimos um homem velho, muito velho, descendo uma trilha íngreme e carregando rêdes.

— Eh, papai! — gritou Huang. — Leve-nos para a outra margem!

— Bem, eu não tenho o que fazer por lá — respondeu êle. Quanto vale a travessia para vocês?

Atirou as rêdes no barco e encostou-se no mesmo, tendo na bôca um velho cachimbo. Cruzou as pernas, parecia disposto a passar assim o resto da vida, batendo papo. Estávamos em paroxismo de impaciência.

— Vamos, vamos, meu velho; quanto quer?

O velho declarou uma soma fantástica, que seria suficiente para comprar-lhe o barco estragado, a nosso ver, mas estávamos tomados de agitação, e teríamos dado quase qualquer coisa para chegar à outra margem. Huang barganhava, mas eu disse:

— Oh, não percamos tempo. Vamos dar-lhe metade do que pediu.

O velho aceitou, no mesmo instante, pois era dez vêzes mais do que esperava receber, e nós tratamos de embarcar em seguida.

— Calma, jovens cavalheiros, calma! Dêsse modo, vão arrebentar meu barco — advertiu êle.

— Ora, vamos, vovô! — pediu Huang. — Ande com isso. O dia está acabando!

O velho embarcou calmamente, parecendo ranger com reumatismo, e resmungando. Devagar, apanhou uma vara e com ela tocou a embarcação para a corrente. Nós nos movíamos, inquietos, procurando mentalmente fazer com que o barco andasse mais depressa, mas nada faria aquêle homem apressar-se. No centro do rio, algum redemoinho nos apanhou e fêz girar, mas êle recolocou o barco no rumo, e assim chegamos à outra margem. A fim de poupar tempo, contei o dinheiro enquanto nos aproximávamos da margem oposta, e o coloquei na mão do velho, que não teve a menor hesitação em recebê-lo. E depois, sem esperar que o barco encostasse na margem a que tanto desejávamos chegar, pulamos na água rasa e subimos correndo a encosta.

Diante de nós estava, agora, aquela máquina maravilhosa, aquela máquina inacreditável, que viera do céu e trouxera homens em seu interior. Nós a olhamos com respeito, espantados diante de nossa própria temeridade em aproximar-nos dela. Havia outras pessoas presentes, mas permaneciam respeitosa e a uma boa distância. Nós nos adiantamos, chegamos perto, passamos por baixo, apalpamos as rodas de borracha, dando-lhes sôcos para verificar sua resistência. Seguimos para a parte traseira e vimos que ali não havia

roda alguma, mas uma barra de metal flexível, que tinha na extremidade algo parecido com uma sapata.

— Ah! — exclamei. — Será um freio, para reduzir a velocidade quando pousa no chão. Não tínhamos uma coisa assim, em nossos papagaios.

Cautelosos, quase temerosos, apalpamos os flancos da máquina, olhamos com incredulidade enquanto verificávamos tratar-se de um tecido que a encobria, pintado de algum modo e esticado sôbre uma estrutura de madeira. Ali se encontrava, realmente, uma novidade! Estávamos a meio caminho entre asas a cauda, e tocamos em um painel, só faltando desmaiar de choque quando o mesmo se abriu e um homem saltou para o chão, com agilidade.

— Bem — disse êle — vocês parecem, mesmo, muito interessados!

— Estamos, sim — concordei. — Eu voei numa coisa como esta no Tibete, mas era silenciosa.

Êle me fitou, arregalando os olhos.

— Você disse “Tibete”?

— Disse — confirmei.

Huang interveio:

— Meu amigo é um Buda vivo, um lama, estudando em Chungking. Êle costumava voar em papagaios grandes, capazes de suspender um homem — explicou.

O homem saído da máquina aérea pareceu interessado, e comentou:

— Isso é notável — declarou. — Vocês querem entrar, para podermos sentar e conversar um pouco?

Dizendo isso, voltou-se e seguiu à frente, entrando naquela máquina. “Bem”, eu estava pensando, “já passei por muitas coisas e se êste homem tem coragem de entrar nessa coisa. . . eu também tenho!” Assim é que entrei, e Huang seguiu meu exemplo. Eu vira uma coisa maior do que aquela no Planalto do Tibete, e na qual os Deuses do Céu haviam voado para fora do mundo, mas fôra diferente, não tão assustadora, porque as máquinas por êles utilizadas eram silenciosas, enquanto aquela rugia e feria o ar, e tremia.

Lá dentro estavam assentos, e bem confortáveis, nos quais nos acomodamos. O homem continuou fazendo perguntas a respeito do Tibete, perguntas essas que reputei inteiramente estúpidas. O Tibete era uma coisa tão comum e vulgar, e ali estava êle, dentro da máquina mais maravilhosa que já existira, falando sôbre minha terra! Afinal, depois de bastante tempo e com muita dificuldade, passamos a obter algumas informações a nosso turno. Tratava-se de máquinas a que chamavam aeroplano, dispositivo que contava com motores para

impulsioná-los no céu. Eram os motores que faziam aquêlo ruído, explicou. O aeroplano em que nos achávamos fôra fabricado pelos americanos e adquirido por uma firma chinesa de Xangai, que planejava iniciar uma linha de transporte aéreo entre Xangai e Chung-king. Os três homens que tínhamos visto eram o piloto, o navegador e o engenheiro, efetuando vôo experimental. O piloto, com quem conversávamos, disse então:

— Estamos procurando interessar as pessoas notáveis e dar-lhes a oportunidade de voar, para que aprovelem nosso empreendimento.

Nós assentimos, achando que tudo aquilo era maravilhoso e desejando fôssemos notabilidades para têmos a oportunidade de voar também, e êle prosseguiu:

— Você, que vem do Tibete, certamente é uma notabilidade. Quer experimentar esta máquina conosco?

— Claro que sim! — respondi. — Gostaria, tão depressa quanto você quiser!

Êle fêz um sinal a Huang e pediu que meu amigo saísse, dizendo que êle não poderia ir.

— Oh, não — intervim. — Se um fôr, o outro irá também.

Assim é que Huang pôde permanecer (e não me agradeceu mais tarde por isso!). Os dois homens que haviam saltado antes vieram na direção do aeroplano, travando-se uma intensa troca de sinais feitos com as mãos. Fizeram alguma coisa na parte dianteira, e logo ouvimos um estampido, após o que fizeram outras coisas. Agarramo-nos aos assentos, achando que tinha ocorrido algum acidente, e que seríamos reduzidos a fanicos.

— Segurem-se bem! — disse o homem.

Não seria possível agarrarmo-nos ainda mais, de modo que a advertência fôra inteiramente supérflua.

— Vamos decolar — anunciou êle.

O estrondo tornou-se apavorante, com solavancos, trancos, pulos e batidas, tudo muito pior do que eu sentira na primeira vez que voara em papagaio. Aquilo era, realmente, bem pior, pois além dos trancos e solavancos havia o ruído abominável. Notamos uma batida final, que quase colocou minha cabeça entre os ombros, e uma sensação como a de que me estivessem apertando com fôrça, por baixo e por trás. Consegui erguer a cabeça e olhar pela janela. Estávamos no ar, e subindo. Vimos o rio tornar-se um fio prateado, os dois rios convergindo e formando um só. Vimos as sampanas e juncos, transformados em brinquedinhos, como pequenos pedaços de madeira a flutuar. E logo olhamos para Chungking e suas ruas, aquelas ruas de degraus tão íngremes que requeriam esforço para

subir. Daquele ponto onde nos encontrávamos, pareciam niveladas, mas pelo lado da encosta os campos terraceados continuavam com o aspecto de coisas precariamente dependuradas sôbre a encosta horrivelmente íngreme. Vimos camponeses trabalhando, sem nos darem atenção. Repentinamente, tudo ficou branco, passando a reinar uma obscuridade completa, e até os ruídos do motor pareceram abafados. Estávamos nas nuvens. Alguns minutos com fragmentos delas a passarem rãpidamente pelas janelas, e a luz se tomou mais forte. Aparecemos no azul pãlido do céu, inundado pela luz dourada do sol. Quando olhamos para baixo, era como se víssemos um mar de neve congelada, cintilantemente branco, ofuscante, magoando os olhos com a intensidade do brilho. Subíamos mais e mais, e percebi que o homem na direção da máquina estava falando comigo.

— Estamos bem mais alto do que você já estêve antes — dizia êle.

— De modo nenhum — retruqueei — porque quando voei em papagaios já estava a mais de seis mil metros de altura.

Êle pareceu surprêso e voltou-se a fim de olhar pela janela lateral, com que a asa baixou e deslizamos de lado em mergulho sibilante. Huang adquirira uma coloração esverdeada e horrível, e coisas inenarrãveis sucederam com êle, que deslizou do banco, pondo-se de bôrco no chão do aeroplano. Não era espetáculo agradável, mas o que ocorria com êle também estava longe de sê-lo. Eu. . . Eu sempre fui imune ao enjôo e nada sentia, senão leve prazer pelas manobras. O mesmo não ocorria com Huang, terrivelmente assustado com o vôo. Quando pousamos, era apenas um corpo trêmulo que, de vez em quando, emitia um gemido. Huang não era bom aeronauta! Antes de pousarmos, o homem desligou os motores e nós deslizamos pelo céu, baixando cada vez mais e ouvindo apenas o sibililar do vento nas asas e o estremecimento do tecido nos flancos do aeroplano, a demonstrar que voávamos em aparelho feito pelo ser humano. De repente, quando já bem próximo do chão, êle ligou novamente os motores e mais uma vez ficamos ensurdecidos pelo estrondo de muitos cavalos-vapor. Êle descreveu um círculo com o aeroplano, e chegamos à terra. Um solavanco violento, o guincho emitido pelo freio da cauda, e fomos aos trancos e barrancos até parar. Novamente os motores foram desligados e o piloto e eu nos levantamos para saltar. Pobre Huang, não conseguia erguer-se, e tivemos de carregã-lo e deitã-lo na areia até que se recuperasse.

Receio ter sido bastante insensível, pois Huang ficara de bôrco na areia amarela do lugar onde havíamos pousado, em meio do rio que tinha quase dois quilômetros de largura. Estava de rosto voltado para o chão, fazendo gestos e emitindo sons curiosos, e eu me sentia

satisfeito pelo fato de que êle não se pudesse pôr em pé. Satisfeito, porque isso me proporcionava uma boa desculpa para ficar ali parado e conversar com o homem que dirigira a máquina. E realmente conversamos bastante, embora êle quisesse saber mais a respeito do Tibete. Como era o país para a aviação? Os aeroplanos podiam pousar lá? Seria possível desembarcar um exército mediante pára-quedas? Bem, eu não fazia a menor idéia do que fôsem os pára-quedas, mas respondi que não, para estar mais tranqüilo! Chegamos a um acordo, afinal. Eu lhe falei sôbre o Tibete e êle sôbre aeronaves. Foi quando êle disse:

— Ficaria profundamente honrado se você conhecesse alguns amigos meus, que também estão interessados nos mistérios do Tibete.

Bem, para que iria eu conhecer os amigos dêle: Era apenas um estudante de medicina e queria tomar-me também estudante do ar, e aquêle camarada só pensava no aspecto social das coisas. No Tibete, eu fôra um dos poucos que haviam voado, e o fizera sôbre montanhas, em papagaios capazes de transportar um homem, mas embora a sensação fôsse maravilhosa e o silêncio repousante, ainda assim os papagaios eram mantidos presos ao chão. Eu podia apenas subir no ar, mas não sobrevoar a terra e ir aonde quisesse. Ficava amarrado, como o iaque ao pasto. Queria saber mais a respeito daquela máquina estrepitosa que voava como eu sonhava voar, podendo ir a qualquer parte do mundo, ao que afirmava o piloto, e lá estava êle, interessado apenas em falar sôbre o Tibete!

Por algum tempo pareceu predominar um impasse em nossa conversa, e ficamos sentados na areia, olhando um para o outro, o pobre Huang gemendo ao lado e sem receber qualquer atenção de nossa parte. E, depois, chegamos a um acordo. Concordei em estar com os amigos dêle e contar algumas coisas sôbre o Tibete e seus mistérios. Concordei em fazer algumas preleções a respeito e êle, por sua vez, levar-me-ia em outra revoada no aeroplano e explicaria o funcionamento do mesmo. Andamos ao redor da máquina, inicialmente, e êle mostrou as diversas coisas que a compunham: estabilizadores, leme, todos os tipos de coisa. Depois entramos e sentamos, lado a lado, bem à frente, tendo ali uma espécie de bastão com metade de uma roda prêsa ao mesmo. A roda podia girar para a direita ou esquerda, enquanto o bastão vinha para trás ou ia à frente. Êle explicou que, puxando para trás, fazia o aeroplano subir, e empurrando à frente desceria, e se voltasse aquilo à máquina também faria uma volta. Indicou os diversos botões e chaves, e logo ligou os motores. Por trás dos mostradores de vidro, vi ponteiros oscilando e

alterando sua posição à medida que variavam as velocidades dos motores. Passamos muito tempo assim e êle deu boa explicação de tudo. Desligados novamente os motores, nós desembarcamos e êle suspendeu as tampas de inspeção, indicando novos pormenores, tais como carburadores velas de ignição e muitos outros.

Fui encontrar-me com os amigos dêle à noite, como prometera, e verifiquei serem chineses, naturalmente. Achavam-se todos ligados ao exército e um dêles declarou conhecer bem Chiang Kai-Shek, e que o Generalíssimo procurava formar o núcleo de um exército técnico, tentando melhorar o padrão dos serviços no exército chinês. Disse que em questão de dias chegariam a Chungking um ou dois aeroplanos, de dimensões menores. Eram aviões comprados aos americanos, ao que declarou, e depois disso não mais consegui afastar do pensamento a idéia de voar. Como poderia entrar numa aeronave assim? Como fazê-la subir? Como aprender a voar?

Huang e eu estávamos saindo do hospital, dias depois, quando das nuvens carregadas que se estendiam acima de nós surgiram duas formas prateadas, dois aviões de combate, de um só lugar, que tinham vindo de Xangai conforme fôra prometido. Fizeram diversas voltas sôbre Chungking e depois, como se houvessem divisado o lugar exato onde pousar, mergulharam bem próximos um do outro. Nós não perdemos tempo, seguindo apressadamente pela rua de degraus e para a faixa de areia. Lá estavam dois pilotos chineses, em pé ao lado das máquinas e muito ocupados em limpar as manchas do vôo feito através de nuvens sujas. Huang e eu nos aproximamos e tornamos nossa presença conhecida ao chefe dos dois, o Capitão Po Ku. Huang já esclarecera, para mim, que nada o faria subir novamente ao ar, pois julgara que ia morrer após seu primeiro — e último vôo.

— Ah, sim — disse o Capitão Po Ku. — Já ouvi falar a seu respeito. Na verdade, estava pensando como devia fazer para encontrá-lo.

Fiquei muito lisonjeado com isso, e conversamos por algum tempo. Êle indicou as diferenças entre aquela máquina voadora e a outra em que havíamos voado, e que tinha lugar para passageiros. A sua, como indicou, dispunha de um só lugar, e um só motor, mas a outra fôra um modelo trimotor. Dispúnhamos de pouco tempo para ficar ali, naquela ocasião, pois era preciso cumprir nossas tarefas, e foi com extrema relutância que nos afastamos.

No dia seguinte, tínhamos boa folga, e partimos tão depressa quanto possível para o local onde se encontravam os aeroplanos. Perguntei ao Capitão quando ia ensinar-me a voar, como fôra prometido, e êle respondeu:

— Oh, eu não poderia fazer isso. Estou aqui por ordem de

Chiang Kai-Shek. Estamos fazendo demonstrações com êstes aeroplanos.

Continuei a cobrar a promessa aquêlle dia, e quando o vi no seguinte êle disse:

— Pode sentar-se na máquina, se quiser. Vai ver que é muito bom. Sente-se e experimente os controles. É assim que êles funcionam, veja...

De pé sôbre a asa, indicou-me os controles, mostrando como funcionavam. Eram bem parecidos com os controles do avião trimotor, mas muito mais simples, naturalmente. Aquela noite nós o levamos, e ao companheiro (êles deixaram um guarda policial junto aos aviões), ao templo que era nosso lar, e embora eu me esforçasse bastante com êles, não consegui qualquer afirmação sôbre a época em que me ensinariam a pilotar. Êle dizia:

— Oh, talvez você tenha de esperar muito tempo. São precisos meses de treinamento. É impossível pilotar um avião logo à primeira vez, como você quer. Terá de freqüentar as aulas em terra, e voar em aparelho de dois lugares e pilotar muitas horas antes de poder fazê-lo com avião igual ao nosso.

No dia seguinte, ao encerrar-se nossa tarde de estudos, fomos novamente ter com os aviões. Huang e eu atravessamos o rio e desembarcamos na areia. Os dois pilotos estavam inteiramente a sós com as máquinas, separadas por boa distância. Ao que parecia, alguma coisa estava errada no aeroplano do amigo de Po Ku, pois o mesmo descobrira o motor do mesmo e havia ferramentas por tôda parte. Po Ku ligara o motor do seu e o ajustava. Fê-lo parar, ajustou-o e logo ligou novamente. O motor fêz “fut-fut-fut” e não funcionou bem. Po Ku parecia não nos ver, em pé sôbre a asa mexendo no mecanismo. E depois, quando o motor roncou com mais suavidade e regularidade, como um gato satisfeito, êle se ergueu, limpou as mãos em estopa oleada e pareceu contente. Ia voltar-se para falar conosco, quando o companheiro o chamou com urgência. Ia desligar o motor, mas o outro piloto sacudia as mãos com aflição, de modo que êle se deixou cair no chão e seguiu às pressas para lá.

Olhei para Huang, e disse:

— Ah, ha! Êle disse que eu podia entrar no aeroplano, não foi? Pois bem, vou entrar.

— Lobsang — observou Huang — você não está pensando em fazer alguma tolice, está?

— Em absoluto — respondi. — Eu. poderia fazer essa coisa voar. Já sei tudo quanto é preciso.

— Mas, homem! — objetou Huang. — Você vai-se matar!*

— Bobagens! Já voei em papagaios, já estive no ar, sem enjoar, não foi?

O pobre Huang pareceu abatido, ouvindo isso, pois sua capacidade aeronáutica não era das melhores.

Olhei para o outro aeroplano, mas os dois pilotos se encontravam ocupados demais para dedicar-me qualquer atenção. Estavam ajoelhados na areia, fazendo alguma coisa com parte do motor, sendo óbvio que isso absorvia sua atenção. Não havia outra pessoa por perto, senão Huang, de modo que. . . segui até o avião. Como vira os outros fazendo, afastei com pontapés os calços diante das rodas e pulei depressa, quando o aparelho começou a rolar no chão. Os controles tinham-me sido explicados algumas vezes e eu sabia qual era a manete, sabia o que fazer. Empurrei-a à frente com fôrça, tanta que quase torci o pulso esquerdo. O motor estrugiu com fôrça total, como a querer soltar-se do corpo do aeroplano, e logo rolávamos em velocidade enorme por aquela tira de areia amarela. Vi um ponto luminoso onde água e areia se encontravam, e por momentos tive medo, mas logo recordei: puxe para trás! Puxei o manche com fôrça, o nariz do avião ergueu-se no ar, as rodas quase encostaram nas ondas e levantaram borrifos, e estávamos no ar. Parecia-me ter alguma fôrça imensa e poderosa a suspender-me por baixo, erguendo-me no ar. O motor funcionava com estrondo, e eu pensei: “Não deve funcionar com tanta fôrça, é preciso diminuir, ou êle arrebenta”. Assim é que puxei a manete um quarto da distância de volta, e o estrépito tomou-se menor. Olhei pelo lado, e tive um choque completo. Muito abaixo estavam as encostas brancas de Chungking. Eu subira muito, muito mesmo, tanto que quase não sabia onde me encontrava. Subia mais e mais, e procurei em seguida as encostas brancas da cidade. Onde? Céus! Se eu subir mais, pensava agora, saio voando do mundo! Foi quando houve um estremecimento terrível, e senti algo parecido com cair aos pedaços. O controle em minha mão foi-me arrancado, e eu atirado contra o lado da máquina que se inclinara e mergulhava com violência, descendo em parafuso para a terra. Por momentos, fiquei tomado de pavor, dizendo a mim mesmo: “Desta vez, você conseguiu, Lobsang, meu filho. Meteu-se a esperto demais. Em questão de segundos, êles poderão ir buscar seus restos nas rochas. Oh, por que foi que deixei o Tibete?” E logo raciocinei com base no que ouvira e em minha

experiência de vôo em papagaios. Um parafuso: os controles não podem funcionar, de modo que devo dar tôda fôrça ao motor e procurar obter algum controle direcional. Pensava nisso e já empurrava a manete à frente, outra vez, e o motor voltou a seu estrépito maior. Foi quando agarrei o manche que se balançava furiosamente e procurei firmar-me no encosto do assento. Com as mãos e joelhos, forcei aquêlê manche à frente, o nariz do avião pareceu cair, de modo surpreendente, como se o fundo do mundo houvesse caído também. Eu não tinha correia de segurança e, se não me agarrasse com muita firmeza aos controles, teria sido cuspidô dali. Em minhas veias, parecia haver gêlo, como se alguém estivesse enfiando neve por minhas costas abaixo. Os joelhos se apresentavam estranhamente fracos, o motor trovejava, cada vez mais alto. Eu era calvo, mas certamente, se tivesse cabelos, êles teriam ficado em pé, a despeito da corrente de ar. “Upa, está rápido o bastante”, pensei, e com suavidade — oh, quanta suavidade! — soltei aquêlê controle, para que não se partisse. Gradualmente, com vagar apavorante, o nariz do avião subiu, pouco a pouco, mas em minha agitação eu esquecera de nivelá-lo. O nariz do avião subiu, até que a sensação estranha me fizesse olhar para baixo, mas, que “baixo”? Ou era o “em cima”? Verifiquei que tôda a terra estava acima da cabeça! Por momentos, permaneci inteiramente incapaz de calcular o que acontecera, e logo o aeroplano teve um salto e virou em outro mergulho, de modo que a terra, aquela superfície dura lá embaixo, ficara diretamente em frente da hélice. Eu dera um salto mortal, voara de cabeça para baixo, escorado com mãos e joelhos na nacele, virando ao contrário e sem correia de segurança, esperanças de futuro reduzidas a nada. Reconheço que tive mêdo, mas pensei: “Bem, se consigo ficar na sela de um cavalo, posso ficar nesta máquina”. Deixei o nariz do avião descer mais um pouco e puxei gradualmente o manche. Novamente pareceu que poderosa mão me empurrava, mas desta vez puxei o manche devagar e com cuidado, observando o chão todo o tempo, e consegui nivelar o aparelho. Por momentos, fiquei apenas sentado e imóvel, enxugando o suor da testa e pensando na enormidade da enrascada em que me metera: primeiro, descendo em vertical, depois subindo outra vez, e voando de cabeça para baixo, sem saber agora onde me encontrava.

Olhei pelo lado, examinei o chão, dei voltas, e continuei sem a menor idéia de onde me achava. Tanto fazia estar ali quanto no deserto de Gobi. Finalmente, quando abandonara a esperança, a inspiração veio, em impacto — como em prática-mente tudo que naquela nacele, já havia feito — e eu me lembrei do rio.

Onde estava o rio? Naturalmente, se o encontrasse e acompanhasse para êste ou aquêlê lado, teria de chegar a algum lugar. Assim é que fiz o avião voltar-se em círculo suave, olhando para a distância e finalmente vi um tênue fio prateado no horizonte. Voltei o avião naquela direção e o mantive no rumo. Empurrei a manete à frente para chegar mais depressa, e logo a puxei de volta, para evitar que alguma coisa se arrebentasse com tanta vibração. Não me sentia muito bem nesses momentos, e verificara que estivera a fazer tudo com excesso. Empurrava a manete demais, o nariz do avião subia com rapidez alarmante, ou a puxava demais e o nariz descia com presteza ainda mais assustadora. Por êsse motivo, procurava agora fazer tudo com mais suavidade, em atitude nova que adotara para fazer frente à ocasião.

Quando me achava sôbre o rio, voltei-me novamente e voei sôbre êle, procurando as encostas de Chungking. A coisa se mostrava a mais confusa possível, pois não conseguia encontrar a cidade. Foi quando resolvi descer mais, e fiz círculos seguidos, baixando sempre, olhando pelo lado à busca daquelas encostas brancas com os rasgos que eram os degraus íngremes, procurando os campos terraceados. Encontrei-os com dificuldade e finalmente compreendi que tôdas aquelas coisas minúsculas no rio eram os navios ao redor de Chungking. Um pequeno vapor de roda, as sampanas, os juncos. .. Desci mais e vi uma coisa pequena, uma faixa insignificante de areia. Desci mais, fazendo espirais como um gavião à busca da prêsa. A faixa de areia tomou-se maior, e lá estavam três homens olhando, petrificados de horror, três homens que eram Po Ku, seu colega e Huang tomados pela certeza de que haviam perdido um avião, como disseram mais tarde. A essa altura, no entanto, eu estava confiante, quase demais. Subira ao ar, voara de cabeça para baixo, encontrara Chungking. Agora, estava pensando, sou o melhor piloto do mundo. Foi quando senti uma comichão na perna esquerda, onde havia feia cicatriz resultante de um acidente por queimadura, no mosteiro. Devo ter movido a perna, sem perceber, e o aeroplano rodou, uma forte pancada de vento bateu em minha face esquerda, o nariz do aparelho desceu enquanto a asa se inclinava, e logo eu me achava em sibilante queda de asa. Mais uma vez puxei a manete e cuidadosamente o manche de controle. O

aeroplano estremeceu, as asas vibraram, e pensei que iam des< colar-se! Por milagre elas resistiram, o avião corcoveou como se fôsse um cavalo bravo, e logo entrou em vôo plano. Meu coração palpitava com violência pelo esforço e mêdo. Voei novamente em círculo sôbre a pequena faixa de areia. “Bem, agora tenho de pousar com

isto”, estava pensando, “e bem gostaria de saber como se faz”. O rio, naquele ponto, tinha quase dois quilômetros de largura, mas a mim parecia estreitíssimo, e a pequena faixa onde teria de pousar era praticamente nada. Fiquei em círculos no ar, sem saber o que fazer, mas me lembrei de que me haviam dito alguma coisa, explicando a arte de voar. Asshn é que procurei alguma fumaça, a fim de ver de que lado soprava o vento, pois haviam dito ser preciso pousar contra o vento. Êle soprava rio acima, como vi na fumaça de uma fogueira acesa à margem. Voltei-me e voei rio acima, muitas milhas, e depois ao contrário, de modo a estar contra o vento no caminho de retomo. Quando me aproximava de Chungking, puxei vagarosamente a manete, de modo que o motor diminuísse as rotações e o aeroplano baixasse mais e mais. Houve um momento em que puxei demais a manete e a máquina parou e estremeceu, caindo como se fôra uma pedra e deixando meu coração e estômago, por assim dizer, pendurados na nuvem mais próxima. Bem depressa empurrei a manete e puxei o manche, mas tive de voltar outra vez e subir de nôvo o rio, e recomeçar tudo. Eu já estava cansado de voar, desejando não ter começado aquilo. Uma coisa era subir ao ar, e outra bem diferente descer — e descer inteiro.

O barulho do motor fazia-se monótono, e fiquei satisfeito ao ver Chungking surgir à frente mais uma vez. Eu voava baixo agora, e devagar, bem acima do rio, entre rochas enormes que muitas vêzes pareciam brancas mas que, agora, pelos raios oblíquos do sol, mostravam-se negro-esverdeadas. Quando me aproximava da faixa arenosa em meio do rio estreito demais — uma largura de alguns quilômetros bem que teria servido! — vi três vultos pulando, tomados de agitação. Absorvi-me tanto a observá-los que me esqueci de pousar, e quando me ocorreu que alí o devia fazer, já o lugar passara entre as rodas e o freio da cauda. Resignadamente, empurrei de nôvo a manete odiosa para ganhar velocidade, puxei o manche a fim de subir e passei por cima, em giro fechado. Estava subindo o rio em outra volta, enjoado da paisagem, enjoado de Chungking, enjoado de tudo o mais.

Retomei o rumo rio abaixo, contra o vento. À direita havia uma bela visão. O sol se punha, descendo vermelho e imenso sôbre a linha do horizonte. Descendo.. . Isso me fêz lembrar que tinha de descer também, e julguei que ia bater e morrer, mas não me encontrava pronto a ir ter com os Deuses, pois ainda havia muito a fazer. E assim é que me recordei da Profecia, e logo percebi que não havia mais com que me preocupar. A Profecia! Eu certamente pousaria a salvo, e tudo estaria bem.

Pensar nisso quase me levou a esquecer de Chungking, e ali estava a cidade, quase por baixo da asa esquerda. Endireitei o manche com suavidade, para ter certeza de que a faixa renosa e amarela estaria bem diante do motor. Reduzi mais a marcha e o aeroplano afundou gradualmente. Puxei a manete de modo que estava a uns três metros sôbre a água quando o barulho do motor acabou. Para ter certeza de que não haveria incêndio se eu batesse, desliguei a ignição. E depois, com muita suavidade, empurrei o manche para perder mais altura. Bem à frente do motor vi areia e água, como se estivesse mirando diretamente para elas. Por êsse motivo, puxei de leve o manche. Houve uma batida, um estremecimento, um salto. Novamente, um ruído de raspagem, uma batida, e vibração geral, como se tudo estivesse a desmanchar. Eu estava no chão, e o aeroplano como que pousara sozinho. Por momentos permaneci sentado e imóvel, sem acreditar que tudo terminara, que o ruído do motor acabara e aquilo fôsse apenas o seu eco reverberando em meus ouvidos. Depois, olhei em volta. Po Ku e o companheiro, e mais Huang, vinham correndo, rostos vermelhos pelo esforço, sem fôlego. Pararam pouco abaixo de mim e Po Ku me fitou, depois o aeroplano, voltou a olhar-me. . . Foi quando empalideceu, de choque e alívio absoluto, alívio tão grande que não conseguia sentir raiva. Depois de pausa longa, bem longa, êle disse:

— Está resolvido. Você terá de entrar para a Fôrça Aérea, ou eu ficarei em muitos maus lençóis.

— Está bem — respondi. — Não vejo nada demais nesta coisa de voar, mas gostaria de aprender o método aprovado!

Po Ku ficou novamente com o rosto vermelho e depois riu.

— Você é um piloto nato, Lobsang Rampa! — afirmou. — Vai ter sua oportunidade de aprender a voar.

Foi o meu primeiro passo no sentido de deixar Chungking, pois como cirurgião e piloto meus serviços seriam de valia em outras partes.

Em ocasião posterior, naquele dia, quando conversávamos sôbre o assunto, perguntei a Po Ku o motivo pelo qual êle, que se preocupara tanto comigo, não subira no outro aeroplano a fim de mostrar o caminho de volta.

— Pensei em fazer isso — respondeu êle —, mas acontece que você tinha decolado levando o motor de arranque e tudo o mais, de modo que não pude levantar vôo.

Huang, naturalmente, espalhou a história, e Po Ku e seu companheiro fizeram o mesmo, de modo que por diversos dias fui o assunto dos comentários na faculdade e hospital, o que me

desagradou bastante. O Dr. Lee mandou chamar-me oficialmente para fazer severa repreensão, mas extra-oficialmente para apresentar parabéns, e disse que teria apreciado muitíssimo fazer o mesmo, em sua juventude, mas explicou:

— Não havia aviões naquele tempo, Rampa. Nós tínhamos de viajar a pé ou a cavalo.

Disse, também, que coubera a um tibetano selvagem proporcionar-lhe uma das maiores sensações em muitos anos, e aduziu:

— Rampa, como estavam as auras dêles, quando você passou voando e êles pensaram que ia cair-lhes em cima?

Teve de rir, quando contei que os três pareciam absolutamente apavorados e as auras estavam contraídas em manchas azul-claras, entremeadas de faixas marrons e vermelhas, e expliquei:

— Estou muito satisfeito por não haver quem visse a minha. Deve ter andado horrível, pois eu me sentia muito mal.

Não passou muito tempo e fui abordado por um representante do Generalíssimo Chiang Kai-Shek, que me ofereceu a oportunidade de aprender a voar corretamente e receber uma comissão nas forças chinesas. O oficial que veio ter comigo explicou:

— Se tivermos tempo, antes que os japoneses invadam a China a sério, gostaríamos de formar um corpo especial, de modo que os feridos sem condições de transporte recebam a ajuda de aviadores que também sejam médicos.

Foi assim que passei a ter outras coisas a estudar, além de corpos humanos. Estudava a circulação de óleo em mecanismos e de sangue em corpos, e a estrutura das aeronaves, bem como os esqueletos, e essas coisas apresentavam interêsse igual, e muitos pontos em comum.

Os anos se passaram e eu me tornei médico formado e aviador brevetado, treinando em ambos os setores, trabalhando em hospital e voando nas horas disponíveis. Huang não participava da segunda atividade, pois não se interessava por aviação e a simples recordação do vôo o fazia empalidecer. Po Ku, em seu lugar, ficou comigo, pois já se vira que nos dávamos bem e formávamos uma equipe bastante satisfatória.

Voar era uma sensação maravilhosa, sendo magnífico estar bem alto, desligar o motor do aeroplano, planar e subir nas correntes de ar, como faziam os pássaros. Lembrava muito a viagem astral, coisa que faço e qualquer pessoa pode fazer, desde que tenha o coração razoavelmente sadio e a paciência de perseverar.

O leitor sabe o que é a viagem astral? *Consegue* lembrar os prazeres de subir ao ar ou flutuar sôbre os telhados das casas,

sobrevoar oceanos, talvez indo a alguma terra distante? Todos nós podemos fazê-lo. É coisa simples, quando a parte mais espiritual do corpo deixa de lado a casca física e entra em outras dimensões e visita diversas partes do mundo, no extremo de seu “cordão de prata”. Nada há de mágico nisso, e nada de errado. Trata-se de coisa natural e benfazeja, e em dias idos todos podiam viajar astralmente, sem qualquer impedimento. Os Adeptos do Tibete, e muitos da Índia, viajam em seu astral, de um para outro lugar, e nada há de estranho nisso. Nos livros religiosos de todo o mundo, nas bíblias de tôdas as religiões, encontramos referências a coisas tais como “cordão de prata” e “taça” ou “concha dourada”. O chamado cordão de prata é apenas um feixe de energia, energia radiante, capaz de extensão infinita. Não se trata de um cordão material, como um músculo, artéria ou cordel, mas é a própria vida, a energia que liga o corço físico ao corpo astral.

O homem tem muitos corpos. Estamos, por enquanto, falando apenas do corpo físico e no plano seguinte, o corpo astral. Podemos pensar que, quando nos encontramos num estado diferente, é possível atravessar paredes ou cair e passar além dos soalhos ou chão. Podemos, sim, mas só conseguimos atravessar paredes ou cair pelo chão que tenham densidade diferente. No plano astral as coisas dêste mundo cotidiano não constituem barreira à nossa passagem. As portas de uma casa não impediriam a entrada ou saída de alguém, mas nesse mundo astral existem também portas e paredes que para nós, ali chegados, são sólidas e impassíveis, tanto quanto portas e paredes nesta terra o são, para nosso corpo físico.

O leitor *já viu* um fantasma? Em caso afirmativo, tratava-se provavelmente de uma entidade astral, talvez a projeção astral de algum seu conhecido, ou de alguém que o visitava, vindo de outra parte do mundo. Você pode, em alguma época, ter tido um sonho particularmente nítido, e pode ter sonhado que flutuava como um balão, alto no céu, prêso por um cordão ou corda. Pode ter olhado lá de cima, da outra extremidade dêsse cordão, e visto que seu corpo, lá embaixo, estava rígido, pálido, imóvel. Se você continuou calmo, diante dessa visão desconcertante, pode ter-se encontrado a flutuar, afastando-se, derivando como um fragmento de pena leve, ao vento. Pouco depois, pode ter-se achado em alguma terra distante, ou em alguma localidade distante, mas sua conhecida. Se pensou a respeito disso, de manhã, ao despertar, provavelmente julgou tratar-se de um sonho Pois foi viagem astral.

Experimente o seguinte: quando fôr dormir à noite, pense

nitidamente que vai visitar alguém que conheça bem. Pense em como vai visitar essa pessoa. Poderá ser alguém residindo na mesma cidade. Pois bem, enquanto estiver deitado afrouxe bem o corpo, descontraia-se, ponha-se à vontade. Feche os olhos e imagine-se flutuando, saindo da cama, passando pela janela e flutuando sobre a rua — sabendo que nada de mal lhe acontecerá, sabendo que não cairá. Em sua imaginação, siga o roteiro exato que vai seguir, rua por rua, até chegar à casa que quer. Em seguida, imagine como vai entrar nela. As portas não são obstáculo agora, e tampouco tem de bater nelas. E você poderá ver a pessoa amiga, a pessoa a quem veio visitar. Poderá, aliás, se seus motivos para a visita forem puros. Não há dificuldade alguma, nada é perigoso ou daninho em tudo isso. Existe apenas uma lei: os seus motivos devem ser puros.

Apresento a mesma coisa outra vez, repetindo-a, mas é muito melhor abordar o assunto a partir de um ou dois pontos de vista, de modo que você perceba como a coisa é de espantosa simplicidade. Quando estiver deitado em sua cama, sozinho e sem ter quem o perturbe, a porta do quarto trancada de modo que ninguém possa entrar, mantenha-se calmo. Imagine estar-se desprendendo suavemente do corpo. Não há mal nisso, e nada o poderá magoar ou prejudicar. Imagine estar ouvindo diversos estalidos e rangidos, e que há numerosos solavancos pequenos, enquanto sua força espiritual deixa o corpo físico e se solidifica mais em cima.

Imagine estar formando um corpo que é a semelhança exata de seu corpo físico, e que o mesmo flutua acima do corpo físico, destituído de peso. Você sentirá uma leve oscilação, um diminuto subir-e-descer. Não há motivo algum para arreçar-se, nada com que se preocupar. Tudo isto é natural, inofensivo. Mantendo-se calmo, verificará que pouco a pouco seu espírito recém- liberado flutuará, até que você sentirá estar flutuando a alguns palmos fora do corpo físico. Pode olhar-se agora, isto é, olhar para seu corpo físico, e verá que os corpos, físico e astral, estão ligados por um brilhante cordão prateado, um cordão azul- prateado que pulsa com vida, com os pensamentos que vão do físico ao astral, e dêste para aquele. Nada pode magoá-lo ou prejudicá-lo, enquanto seus pensamentos forem puros.

Quase todos já fizeram uma viagem astral. Procure recordar-se do seguinte: você já esteve dormindo, e teve a impressão de oscilar, caindo, caindo, e logo depois acordou com um sobressalto, pouco antes de bater no chão? Pois isso é a viagem astral, feita de modo errado, feita pelo modo desagradável. Não há necessidade de passar por essa inconveniência, ou sensação desagradável, e a mesma foi

causada pela diferença em vibrações entre o corpo físico e o astral. Pode ter acontecido que quando você descia para entrar no corpo físico, após efetuar viagem no astral, algum ruído, corrente de ar ou interrupção causasse ligeira discrepância em posição, e o corpo astral tenha descido ao físico, sem o fazer na posição exatamente certa, de modo que houve um sobressalto. Podemos comparar isto ao modo de saltar de um ônibus em movimento. O ônibus, que seria o corpo astral, marcha a dezoito quilômetros horários. O chão, que seria o corpo físico, não se move e, no curto espaço de tempo desde que deixamos a plataforma do veículo e chegamos ao chão, temos de desacelerar o movimento, ou sentiremos um sobressalto. Assim, se você já teve essa sensação de queda, é porque já efetuou viagem astral, ainda que não soubesse disso, porque o sobressalto de voltar, no que se chamaria uma “aterragem má”, apagaria a recordação do que fez, ou do que viu. De qualquer forma, sem preparo, você estaria adormecido ao viajar astralmente. E julgaria ser apenas um sonho o que ocorreria. “Sonhei à noite passada que fui a tal e qual lugar e vi fulano”. Quantas vezes você já disse isso? Tudo um sonho! Mas foi, mesmo? Com um pouco de prática você pode efetuar viagens astrais, quando estiver inteiramente acordado, e reter a lembrança do que viu, e do que fez. A grande desvantagem da viagem astral é a seguinte: quando viajamos dêsse modo, não podemos levar coisa alguma conosco, e tampouco podemos trazer qualquer coisa, de modo que constitui pura perda de tempo imaginar que alguém possa ir a algum lugar pela viagem astral, pois não podemos levar dinheiro, nem mesmo um lenço, mas apenas o espírito.

As pessoas cujo coração não se encontre em bom estado não devem praticar a viagem astral, uma vez que esta poderia mostrar-se perigosa. Não existe perigo algum, estretanto, para quem tenha o coração sadio, pois enquanto seus motivos forem puros, enquanto não pensarmos em lucros ou males com relação a outras pessoas, nenhum mal poderá ocorrer.

Você deseja viajar astralmente? Eis o meio mais fácil de agir. Em primeiro lugar, lembre-se do seguinte: a primeira lei da psicologia estipula que, em qualquer embate entre a vontade e a imaginação, esta última *sempre* vence. Assim sendo, imagine que pode fazer uma coisa, e se você o imaginar com intensidade suficiente poderá fazê-la. Você pode fazer qualquer coisa, e um exemplo tomará a coisa mais clara.

Tudo quanto realmente imaginamos, podemos fazer, por . mais difícil ou impossível que pareça ao espectador. Qualquer coisa que sua imaginação disser impossível, tomar-se-á impossível, por mais que sua vontade procure forçá-lo a prosseguir. Pense no assunto do

seguinte modo: há duas casas com doze metros de altura, separadas por uma distância de três metros. Uma prancha é estendida de uma à outra casa, na altura dos telhados. A prancha terá uns dois palmos de largura. Se você quiser andar por ela, sua imaginação levará você a imaginar todos os riscos e perigos, como o vento a empurrar, ou talvez algum obstáculo na madeira, para fazer você tropeçar. Você poderia ficar nervoso, diz a imaginação, mas qualquer que fôsse o motivo, ela está afirmando que a jornada seria impossível, que você cairia e morreria. Pois bem, nesse caso você pode fazer todos os esforços possíveis, mas se se imaginar uma vez que não o conseguirá fazer, realmente não será possível, e aquela simples caminhada na prancha se constituiria façanha fora de seu alcance. Não há força de vontade que lhe permita cruzar a distância com segurança. No entanto, se a prancha estivesse no chão, você poderia andar sobre ela, sem a menor hesitação. Q que sai vencendo, em caso assim? A força de vontade? Ou a imaginação? E se você imaginar que pode atravessar a prancha entre as duas casas, nesse caso poderá fazê-lo com facilidade, sem se importar com o fato de que o vento esteja soprando, ou mesmo se a prancha balança, enquanto imaginar que a poderá atravessar com segurança. As pessoas andam em cordas ou fios esticados, conseguem atravessá-las em bicicletas, mas nenhuma força de vontade as capacitaria a isso. Trata-se apenas de imaginação.

É um fato bastante lamentável que tenhamos de dar o nome de “imaginação” a isso, porque — em especial no Ocidente — a palavra indica alguma coisa fantasiosa, inacreditável, mas acontece que a imaginação é a mais poderosa de tôdas as forças na terra. A imaginação pode levar uma pessoa a crer que esteja apaixonada, e assim o amor vem tomar-se a segunda força mais poderosa. Deveríamos chamá-la “imaginação controlada”, mas seja qual fôr o nome que lhe dermos, será preciso lembrar, sempre: em quaisquer embates travados entre a vontade e a imaginação, esta SEMPRE VENCE. No Oriente, não nos preocupamos com “força de vontade”, porque a mesma é uma armadilha, uma arapuca, que aprisiona os homens à terra. Contamos com a imaginação controlada, e obtemos resultados.

Se você fôr ao dentista fazer uma extração, imagine os horrores que o aguardam por lá, a sensação de agonia, a cada etapa da extração. Talvez a picada da agulha e o sobressalto enquanto o anestésico é administrado, e depois disso o toque feito pelo dentista para verificar a sensibilidade. Você se imagina tendo vertigem, ou gritando de dor, ou sangrando profusamente, ou coisa assim. Tudo isso é bobagem, é claro, mas muito real para você, e quando se senta na cadeira sofre muita dor inteiramente desnecessária. Aí temos um

exemplo de mau uso da imaginação. Não temos aí a imaginação controlada, e sim a imaginação desenfreada, e ninguém deveria permitir que tal acontecesse.

As mulheres ouviram narrativas chocantes a respeito das dores e perigos do parto. Por ocasião dêste, a parturiente, pensando em tôdas as dores de que ouviu falar, toma-se tensa, faz-se rígida, de modo que surge uma pontada de dor. Isso acaba de convencê-la da veracidade do que imaginou, o fato de que dar à luz um filho constitui tarefa muito dolorosa, de modo que ela se toma ainda mais tensa, tem nova dor, e acaba passando maus bocados. Isso não acontece no Oriente, onde as mulheres imaginam que dar à luz um filho é coisa fácil e indolor, de modo que é isto o que ocorre. As mulheres orientais têm os filhos e, em questão de horas, talvez, dão prosseguimento aos trabalhos caseiros, porque sabem controlar a imaginação.

O leitor terá ouvido falar em “lavagem cerebral”, praticada por japoneses e russos? Trata-se de processo de se apoderar da imaginação alheia e fazer com que a pessoa imagine coisas que o captor deseja que ela faça. É o meio pelo qual o captor controla a imaginação do prisioneiro, de modo que êste admite qualquer coisa, ainda que tal confissão lhe custe a vida. A imaginação controlada evita tudo isto, pois a vítima submetida à lavagem cerebral, ou mesmo à tortura, consegue imaginar outra coisa e, assim, a provação por que passa não se mostra tão grande, e por certo ela não sucumbe diante do sofrimento imposto.

O leitor conhece o processo pelo qual sentimos uma dor? Espetemos um alfinête no dedo. Para isso, colocamos a ponta do alfinête sôbre a pele e aguardamos, tomados por aguda apreensão, o momento em que a ponta do mesmo penetrará na pele, e surgirá sangue. Concentramos tôdas as nossas energias em examinar aquêle ponto a ser espetado. Se estivéssemos sentindo uma dor no pé, ela seria inteiramente esquecida, diante do alfinête que nos vai espetar. Concentramos tôda a imaginação no dedo, na ponta do alfinête. Imaginemos a dor que isso vai causar, sem pensarmos em mais nada. O oriental não faz assim, se foi preparado. Ele não pensa no dedo, ou na perfuração que será feita, e dissipa a imaginação — imaginação controlada — por todo o corpo, de modo que a dor realmente infligida ao dedo é espalhada por todo êle, e algo tão minúsculo quanto a alfinetada não será sentido. A isso chamamos imaginação controlada. Já vi pessoas com baionetas cravadas no corpo, e não desmaiaram ou gritaram, pois sabiam do golpe que iam levar, a

baioneta já se achava a caminho, e souberam imaginar outra coisa — novamente a imaginação controlada — e a dor se espalhou por toda a superfície do corpo, ao invés de localizar-se de modo que a vítima conseguiu sobreviver à dor da baionetada.

O hipnotismo constitui outro bom exemplo da imaginação. Nêle, a pessoa a ser hipnotizada entrega sua imaginação à que hipnotiza. Ela imagina estar sucumbindo à influência da outra, imagina que se está tomando sonolenta, pondo-se sob a influência do hipnotizador. Assim, se êste se mostrar suficientemente persuasivo, e convencer a imaginação do paciente, êste cederá e se tomará obediente às ordens, e é tudo. Da mesma forma, se uma pessoa se dedica à auto-hipnose, simplesmente imagina estar-se colocando sob a influência de — SI PRÓPRIA! Eis como se torna controlada por seu Eu Maior. Essa imaginação, naturalmente, constitui a base das curas pela fé. As pessoas vão acumulando energias e imaginam que, se visitarem tal ou qual lugar, ou se forem tratadas por esta ou aquela pessoa, ficarão curadas no mesmo instante. Sua imaginação, em tal caso, realmente dá ordens ao corpo, e assim se efetua uma cura, que perdurará enquanto a imaginação retiver o comando, enquanto não surgir qualquer dúvida da imaginação.

Darei mais um pequeno exemplo comum, uma vez que essa questão da imaginação controlada é a mais importante que o leitor poderá compreender. A imaginação controlada pode representar a diferença entre o êxito e o fracasso, saúde e doença. Mas, aqui está: você já dirigiu uma bicicleta por uma estrada absolutamente reta e aberta, e viu mais à frente uma pedra grande, talvez a pouca distância da roda dianteira? Você pode ter pensado: “Oh, não vou conseguir evitá-la!” E por certo não o consegui. A roda dianteira da sua bicicleta tremeu e, por mais que você se esforçasse, seguiu de modo definido até bater na pedra, assim como um pedaço de ferro é atraído pelo ímã. Nenhuma soma de força de vontade poderia fazer com que evitasse a pedra. No entanto, se você imaginasse que poderia desviar-se, teria acontecido isso. Nenhuma quantidade de força de vontade nos dá o poder de evitar a pedra. Lembre-se dessa regra de máxima importância, pois ela pode representar toda a diferença do mundo. Se você continuar forçando a vontade para fazer alguma coisa à qual a imaginação se oponha, terá um distúrbio nervoso. É essa, na verdade, a causa de muitas doenças mentais. As condições de vida atuais são bastante difíceis, e a pessoa tenta subjugar a imaginação (ao invés de controlá-la) pelo exercício da força de vontade. Trava-se um conflito íntimo, dentro da mente, e com o tempo ocorre uma perturbação

nervosa. A pessoa pode tomar-se neurótica, ou mesmo doente mental. Os manicômios estão absolutamente cheios de pacientes que se forçaram pela vontade a fazer uma coisa, quando sua imaginação visava outra. E ainda assim constitui tarefa bastante simples controlar a imaginação, e fazê-la agir em nosso favor. É a imaginação — imaginação controlada — que faculta ao homem subir alta montanha, ou pilotar aeroplano muito rápido e registrar nova marca de velocidade, ou realizar qualquer dessas façanhas sôbre que lemos. Imaginação controlada, permito-me repetir. A pessoa imagina que pode fazer isto, ou aquilo, e pode mesmo. Tem, em si, a imaginação afirmando que pode, e tem a vontade “desejando” que o faça. Isso representa o êxito absoluto. Assim sendo, se o leitor quiser tomar fácil sua marcha, e se gosta da vida agradável, como ocorre com o oriental, esqueça-se da força de vontade, que não passa de armadilha, e ilusão. Lembre-se apenas da imaginação controlada. O que imaginar, poderá fazer. Imaginação e fé não são a mesma coisa?

O Outro Lado da Morte

O velho Tsong-tai estava morto, o corpo enrodilhado como se houvera adormecido. Nós nos sentíamos muito abatidos, e a enfermaria mergulhara em silêncio de pesar. Conhecíamos a morte, enfrentávamos a morte e o sofrimento por todo o dia, às vezes também durante as longas noites. Mas o velho Tsong-tai morrerá.

Olhei seu rosto moreno e enrugado, a pele esticada como pergaminho sobre uma estrutura, como o cordão retesado de um papagaio a assobiar no vento. O velho Tsong-tai fora um valente cavalheiro. Eu via seu rosto fino, a cabeça nobre, os pêlos brancos e esparsos da barba. Anos antes fora alto funcionário no Palácio dos Imperadores, em Pequim. E viera a revolução, e o velho fora expulso na esteira terrível de guerra e luta civil. Ele chegara a Chungking e se estabeleceu como hortelão, recomeçando do nada, retirando a simples subsistência do solo duro. Fora um velho educado, com quem constituía prazer conversar, mas agora sua voz silenciara para sempre. Tínhamos trabalhado muito, procurando salvá-lo.

A vida dura que levava fora demasiado para ele. Certo dia, trabalhando no campo, ele caíra e ficara ali por horas seguidas, fraco demais para poder mover-se, fraco demais para pedir socorro. Haviam vindo à nossa procura depois, quando já era tarde demais. Leváramos o velho para o hospital e eu cuidara dele, que era meu amigo. E já não podia fazer coisa alguma, a não ser providenciar para que recebesse sepultura do tipo que gostaria de ter e tomar as medidas no sentido de que sua velha esposa não passasse privações.

Carinhosamente, cerrei-lhe os olhos, que não mais me fitariam com ar de troça, enquanto eu lhe dirigia perguntas. Verifiquei se a fita estava bem apertada em seu maxilar, de modo que a boca não ficasse aberta, aquela boca que me proporcionara tanto incentivo, tanto ensinamento em chinês e a história da China, pois eu me habituara a visitá-lo à noite, levando-lhe pequenos presentes e conversando com ele em pé de igualdade. Puxei o lençol para cobri-lo, e me ergui. O dia estava bastante adiantado, já passara de muito a hora em que deveria ter saído, pois estivera de plantão mais de dezessete horas, tentando ajudar e curar.

Segui morro acima, passando por lojas muito iluminadas, pois já escurecera. Passei pela última casa, notei que o céu estava nublado. Lá embaixo, no porto, a água estivera batendo no cais e as embarcações oscilavam, prêsas nas amarras.

O vento gemia e suspirava nos pinheiros, enquanto eu seguia na estrada para o mosteiro lamaísta. Por algum motivo, tive um arrepio. Sentia-me oprimido por um medo horrível. Não conseguia afastar do pensamento a idéia da morte. Por que as pessoas tinham de morrer de modo tão doloroso? As nuvens passavam depressa, como pessoas ocupadas, obscurecendo a face da Lua, afastando-se, deixando feixes de luar iluminando os abetos escuros. E logo voltaram a juntar-se, a luz desaparecia e tudo se punha sombrio, triste e agourento. Eu tremia.

Ao seguir pela estrada, meus passos causavam sons ocios no silêncio, ecoavam como se alguém estivesse a seguir-me de pouca distância. Eu não estava à vontade, senti nôvo arrepio, e puxei mais o hábito ao redor do corpo. “Devo estar abatido por alguma coisa”, pensei. “O que sinto é bastante estranho. Não consigo pensar no que seja”.

Foi quando cheguei à entrada da pequena trilha que passava entre as árvores, a pequena trilha que subia o morro e dava para o mosteiro. Voltei-me à direita, deixando a estrada principal, e por momentos andei, até chegar a uma pequena clareira ao lado da trilha, onde uma árvore tombara e derrubara outras. Estava, agora, estendida no chão, enquanto as outras se apresentavam em ângulos variados. “Acho que vou sentar-me um instante. Não sei o que aconteceu comigo”, disse a mim mesmo. Assim decidido, voltei-me para a clareira e procurei um lugar limpo sôbre o tronco de uma árvore. Sentei-me e enrolei o hábito nas pernas, para proteger-me do vento frio. Tudo aquilo

parecia fantasmagórico, todos os pequenos ruídos da noite faziam-se ouvir, arrepios estranhos, estalidos e sussurros. Foi nesse momento que as nuvens em disparada abriram um vão e um brilhante raio de luar inundou a clareira, iluminando tudo como se fôra o dia mais claro. Pareceu-me estranho aquilo, um luar tão brilhante quanto a luz do sol. Tive nôvo arrepio e logo dei um salto, pondo-me em pé, alarmado. Um homem vinha entre as árvores, na outra extremidade da clareira. Olhei absolutamente incrédulo. Era um lama tibetano, um lama que vinha em minha direção, com sangue a jorrar-lhe do peito, manchando-lhes as vestes, e as mãos também cobertas de sangue. Quando vinha para mim, recuei e quase tropecei numa árvore. Abaixei-me, sentei-me tomado de terror.

— Lobsang! Lobsang! — exclamou uma voz que eu conhecia. — Está com medo de MIM?

Fiquei em pé, esfreguei os olhos e logo corri para aquela figura.

— Pare! — ordenou-me. — Não pode tocar-me. Vim despedir-me, pois hoje terminei meu tempo na terra e estou de partida. Vamos sentar e conversar?

Eu me volvei, aturdido, desalentado, e retomei lugar na árvore tombada. No céu, as nuvens corriam, as folhas das árvores farfalhavam, um pássaro noturno passou voando, ocupado apenas em comer, buscando a prêsa, sem notar o que fazíamos. Em algum ponto na extremidade do tronco em que nos sentávamos, alguma criatura pequenina da noite emitia sons baixos enquanto revirava a vegetação apodrecida, à busca de alimento. Ali, naquela clareira desolada e batida pelo vento eu me sentei e falei com um fantasma, o fantasma de meu guia, o lama Min- gyar Dondup, que regressara do outro lado da Vida a fim de falar comigo.

Sentou-se a meu lado, como o fizera tantas vêzes em Lhasa. Não se encostava em mim, permanecendo a uns três metros de distância.

— Antes de sair de Lhasa, Lobsang, você pediu que lhe dissesse, quando acabasse meu tempo na terra. Aqui estou.

Olhei para êle, o homem que eu conhecia mais do que a qualquer outro. Olhei e mal pude crer — mesmo com tôda minha experiência em tais coisas — que êle não mais estivesse na carne, mas fôsse um espírito, que seu cordão de prata fôra rompido e a concha dourada, despedaçada. Parecia-me um ser sólido, completo, como eu o conhecera. Envergava os hábitos, a sotaina vermelho-tijolo, com a capa dourada. Tinha ar cansado, como se houvesse viajado muito e penosamente. Eu podia ver bem que êle, por muito tempo, negligenciara seu próprio bem-estar, a serviço de outros. “Como parece pálido!” pensei. E êle se voltou em parte, gesto do qual eu me lembrava tão bem, e ao fazê-lo vi uma adaga cravada em suas costas. Êle deu de ombros, levemente, e ajustou-se no assento, voltando então para mim. Fiquei gelado de horror, ao ver a ponta do punhal saindo de seu peito e o sangue que jorrava do ferimento e descera, manchando-lhe a capa dourada. Antes, fôra apenas uma mancha difusa, eu não percebera os detalhes, vira apenas um lama com sangue no peito e nas mãos, mas agora podia olhar com mais cuidado. As mãos que eu via estavam tingidas de sangue onde êle se segurara, enquanto a adaga atravessara seu peito. Tive um arrepio, e o sangue regelou-me nas veias. Êle percebeu meu olhar, notou a expressão de horror em meu

rosto e disse:

— Vim deliberadamente assim, Lobsang, para que você visse o que aconteceu. Agora, que me viu assim, veja-me como eu sou.

A forma ensangüentada desapareceu em meio a um clarão de luz dourada, e logo foi substituída por uma visão de beleza e pureza insuperáveis. Era um Ser que se adiantara bastante na trilha da evolução, um ser que atingira a Budância(6).

E então, clara quanto um sino de templo, sua voz veio á meus ouvidos, talvez não a meus ouvidos físicos, mas à minha consciência interna. Uma voz de beleza, ressonante, cheia de vigor, de vida, de Vida Maior.

— Tenho pouco tempo, Lobsang. Devo partir logo em minha jornada, pois há aquêles que me aguardam. Mas você, meu amigo, meu companheiro em tantas aventuras, eu tinha de visitar primeiro, para reanimá-lo, reconfortá-lo e despedirmo- nos por algum tempo. Lobsang, nós conversamos tantas vêzes sôbre estas coisas, no passado! Volto a dizer-lhe que seu caminho será duro, perigoso e longo, mas que obterá êxito a despeito de tudo, a despeito da oposição e inveja dos homens do Ocidente.

Por muito tempo nós conversamos ali, falando de coisas por demais íntimas para citar aqui. Eu me sentia aquecido e

6 Qualidade ou etapa de quem se torna um Buda, isto é, um Iluminado. (N. do T.)

bem, a clareira estava cheia do brilho dourado, mais claro que a luz do sol, e o calor era o de um meio-dia de verão. Eu estava repleto de Amor verdadeiro. E então, de repente, meu guia, meu amado lama Mingyar Dondup, pôs-se em pé, mas seus pés não encostavam no chão. Estendeu as mãos sôbre minha cabeça e deu-me sua bênção, dizendo:

— Estarei vigilante por você, Lobsang, para dar-lhe tanto quanto puder, mas o caminho é duro, os golpes serão muitos, e antes mesmo de terminar êste dia você receberá outro golpe. Resista, Lobsang, resista como resistiu no passado. Minha bênção estará com você.

Ergui o olhar, e diante de mim êle esmaecera e desaparecera, a luz dourada terminou e as sombras na noite voltaram a invadir o lugar, e o vento mostrava-se frio. Por cima, as nuvens corriam, agitadas. Pequenas criaturas noturnas mexiam-se e faziam ruídos. Houve um grito de terror de alguma vítima de criatura maior, dando seu último alento.

Por momentos, fiquei aturdido e logo me atirei ao chão, ao lado do tronco caído, e agadanei o musgo. Por algum tempo não fui um homem, a despeito de todo o meu preparo e treinamento, a despeito de tudo que sabia. Depois, pareceu-me ouvir intimamente aquela voz querida, mais uma vez, dizendo: “Não fique triste, meu Lobsang, não fique triste porque isto não é o fim, porque tudo pelo que lutamos vale a pena e sobreviverá. Isto não é o fim”.

Ergui-me, trêmulo, e ordenei meus pensamentos, limpei o hábito e as mãos que sujara na lama do chão.

Devagar, retomei a caminhada, subindo a trilha, o morro, até o mosteiro. “A morte...”, estava pensando, “já estive no< outro lado da morte, eu mesmo, mas regressei. Meu guia foi para não voltar mais, está além de meu alcance. Foi, e eu estou sozinho, sozinho”. Com êsses pensamentos, cheguei ao mosteiro, a cuja entrada havia certo número de monges, que haviam regressado por outras trilhas. Sem vê-los, passei e segui para a escuridão do templo, onde as imagens sagradas olhavam para mim e pareciam estender e olhar com piedade, em seus rostos esculpidos. Olhei para as Tabuletas dos Ancestrais, as faixas vermelhas com ideogramas dourados, o incenso sempre a queimar com sua flagrante coluna de fumaça pendendo como nuvem sonolenta entre o chão e o teto alto, muito acima. Segui para

um canto distante, um ponto verdadeiramente sagrado, e ouvi, «outra vez: “Não fique triste, Lobsang, não fique triste, porque isto não é o fim, e aquilo porque lutamos vale a pena e sobreviverá. Não fique triste”.

Sentei-me na posição de lótus e mergulhei os pensamentos no passado e no presente. Não sei quanto tempo fiquei assim e sentia que meu mundo desabava, ao redor. As durezas se acercavam, meu amado guia se fôra dêste mundo, mas dissera: “Isto não é o fim e vale a pena”. Em volta, os monges tratavam de seus afazeres, limpando, preparando, acendendo mais incenso, cantando, mas nenhum dêles veio perturbar minha dor, enquanto eu permanecia sentado e sozinho.

A noite estendeu-se, os monges fizeram preparativos para um ofício. Os monges chineses, em seus hábitos negros, as cabeças raspadas e com marcas de incenso queimadas no crânio, pareciam fantasmas à luz das fracas lamparinas de manteiga. O sacerdote do templo, com sua coroa de Buda de cinco faces, veio cantando, enquanto os clarins do templo soavam e as sinêtas de prata eram acionadas. Ergui-me devagar e segui, relutando, para o Abade, com quem debati o que acontecera, pedindo-lhe permissão para não estar no ofício de meia-noite. Estava abatido demais, disse-lhe eu, e não queria mostrar meu pesar ao mundo lamaísta. Êle disse:

— Não, meu irmão. Você tem motivo para rejubilar-se. Você passou além da morte e voltou e hoje ouviu de seu guia e teve a prova viva de sua budância. Meu irmão, não deve sentir-se triste pela partida, pois ela é apenas temporária. Venha ao serviço de meia-noite, meu irmão, e rejubile-se, por ter visto o que é negado a tantos.

“O treinamento é coisa muito boa”, eu estava pensando. “Sei tão bem quanto qualquer outro que a morte é o nascimento para a Vida Maior. Sei que não há morte, e que êste é o Mundo da Ilusão, e que a vida verdadeira ainda está por vir, quando deixarmos esta etapa de pesadelo, esta terra, que é apenas uma escola à qual viemos aprender nossas lições. Morte? Não existe tal coisa. Nesse caso, por que estou tão desconsolidado?”

A resposta veio quase antes de feita a pergunta a mim próprio. “Estou desalentado porque sou egoísta, porque perdi aquilo que amo, porque o que amo está, agora, além de meu alcance. Sou egoísta, sim, pois êle foi para a vida gloriosa, enquanto eu me encontro ainda prêso às tarefas da Terra, fiquei para sofrer, lutar, fazer aquilo para que vim, do mesmo modo como o estudante, que tem de esforçar-se até passar nos seus exames finais. E então, com nova capacitação, êle parte para o mundo e vai aprender tudo outra vez. Sou egoísta, pois gostaria de manter meu amado guia aqui,

neste mundo terrível, para meu próprio benefício egoísta.”

Morte? Não há o que temer nela. Devemos recear, isto sim, a vida, a vida que nos permite cometer tantos erros e enganar.

Não há necessidade de recear a morte. Não há necessidade de recear a passagem desta para a Vida Maior. Não é preciso recear o inferno, pois não existe tal lugar, não existe coisa tal como o Dia do Juízo Final. O homem julga a si próprio, e não há juiz mais severo do que ele mesmo quanto às suas próprias enfermidades, debilidades, quando passa além da vida na terra e quando as balanças de valores falsos forem tiradas de sua frente e ele puder ver a Verdade. Todos quantos receiam a morte saibam isto de quem estêve além dela e voltou. Nada há a recear. Não existe Dia de Juízo Final, a não ser aquêie que nós próprios construímos. Não há inferno. Todos, sejam quem forem, tenham feito o que fôr, têm uma oportunidade. Ninguém é destruído. Ninguém é ruim demais para deixar de ter nova oportunidade. Receamos a morte dos outros, porque ela nos priva de sua companhia que amamos e estimamos, porque somos egoístas. Receamos nossa própria morte por constituir uma viagem ao Desconhecido e nós receamos aquilo que não compreendemos, aquilo que não conhecemos. Mas... não há morte, apenas o nascimento para uma Vida Maior. Nos primeiros tempos de todas as religiões era êsse o ensinamento: não há morte e, sim, apenas o nascimento para a Vida Maior. Ao correr de gerações sucessivas de sacerdotes, o verdadeiro ensinamento foi alterado, corrompido, até que eles passaram a ameaçar com o mêdo, enxofre e fogo e histórias falsas a respeito do inferno. Faziam isso para aumentar seu próprio poder, para poderem dizer: “Nós somos os sacerdotes, temos as chaves do céu. Obedeçam ou irão para o inferno”. Mas eu estive no outro lado da morte e regressei, como muito lamas já fizeram, e nós conhecemos a verdade. Sabemos que sempre existe esperança. Seja lá o que se tenha feito, por mais culpado que se sinta o indivíduo, deve esforçar-se, porque sempre há esperança.

O Abade do mosteiro dissera:

— Vá ao ofício de meia-noite, meu irmão, e conte o que viu hoje.

Eu via isso com pavor, e realmente seria uma provação para mim. Perdera o ânimo por completo, e uma opressão terrível me empolgava. Voltei para um canto afastado do templo e para minha meditação. E assim aquela noite terrível se estendeu, os minutos assemelhando-se a horas, as horas a dias, e eu pensei que jamais conseguiria sobreviver àquilo. Os monges vinham e iam, e havia atividade ao meu redor, no corpo do templo, mas eu estava sozinho,

com meus pensamentos, recordando o passado, temendo o futuro.

Mas aquilo não tinha de acontecer, e eu não poderia estar no serviço de meia-noite, afinal de contas. Como fôra avisado antes por meu guia, o lama Mingyar Dondup, outro golpe estava por desabar antes de encerrar-se o dia, um golpe terrível. Eu estava meditando em meu canto tranqüilo, pensando no passado e futuro, e por volta das onze horas da noite, quando tudo se encontrava sossegado ao redor, vi uma figura a aproximar-se. Era um lama idoso, muito idoso, um dos componentes da elite no templo de Lhasa, um velho Buda vivo que não tinha muito mais tempo nesta terra. Ele veio, saindo das sombras mais profundas, onde a tremelicante luz das lamparinas de manteiga não penetrava. Aproximou-se, e ao redor de seu corpo havia um brilho azulado. Em volta da cabeça, o brilho era amarelo. Veio com as mãos estendidas, palmas voltadas para cima, e disse:

— Meu filho, meu filho, trago graves notícias para você. O Mais Alto, o Décimo Terceiro Dalai-Lama, o último de sua linhagem, deverá brevemente partir deste mundo.

O ancião, o lama que me visitava, disse que o final de um ciclo estava chegando, e que o Dalai-Lama deveria partir. Disse, também, que eu devia apressar-me o mais que pudesse e regressar a Lhasa, de modo que o pudesse ver antes de ser tarde demais. Contou isso e acrescentou:

— Você deve apressar-se o mais possível. Use todos os meios que puder para voltar. É imperativo que parta esta noite.

Olhou-me, e eu me pus em pé, enquanto êle se desvanecia, voltando às sombras e sumindo. Seu espírito regressava ao corpo, que naqueles momentos estava no Jo Kang, em Lhasa.

As coisas pareciam acontecer rapidamente demais para mim. Uma tragédia após outra, acontecimento após outro. Senti-me zozzo. Meu preparo fôra bem rijo, por certo, e eu aprendera a respeito da vida e da morte e a não demonstrar emoção alguma, mas o que se pode fazer quando os amigos diletos morrem em sucessão rápida? E para ficarmos frios, rosto impas

sível e indiferente, ou devemos ter sentimentos fortes? Eu amava aquêles homens. O velho Tsong-tai, meu guia, o lama Mingyar Dondup, e o Décimo Terceiro Dalai-Lama, tudo no mesmo dia, com intervalo de poucas horas, e eu soubera de suas mortes sucessivas. Dois já estavam mortos, e o terceiro.. . Quanto tempo, até que se fôsse? Alguns dias. Tinha de apressar-me, pelo que passei do templo interno para o corpo principal do mosteiro lamaísta. Segui pelo corredor de pedra até a cela do Abade e estava quase chegando quando ouvi uma agitação repentina e um baque. Apressei os passos.

Outro lama, chamado Jersi, também vindo do Tibete, não de Lhasa mas de Chambo, recebera também uma mensagem telepática, dada por um lama diferente. Fôra igualmente avisado que saísse com urgência de Chungking e regressasse comigo, como meu ajudante. Estudara veículo a motor e formas semelhantes de transporte e atendera com rapidez demasiada à ordem. Assim que seu mensageiro partiu, êle se pusera em pé e correu pela passagem de pedra, seguindo para a cela do Abade. Não fizera a volta na curva da parede e escorregara em manteiga derramada de alguma lamparina por um monge descuidado. Escorregara e caíra com todo o pêso. Partira a perna e um braço, e quando dei a volta na curva da parede encontrei-o caído, ofegando, com uma ponta de osso aparecendo.

O Abade saiu da cela, por causa do barulho, e juntos ajoelhamo-nos ao lado de nosso irmão caído. O Abade segurou-lhe o ombro, enquanto eu lhe puxava o pulso para ajustar o osso partido. Pedi talas e ataduras, e logo Jersi estava tratado — braço e perna. Este era caso bem diferente, tratando-se de fratura exposta, e tivemos de levá-lo à sua cela e aplicar tração. Deixei-o então aos cuidados de outro.

O Abade e eu fomos à cela dêle, onde lhe narrei o que acontecera. Descrevi-lhe a visão, e também êle teve uma impressão semelhante. Ficou assentado, então, que eu partiria do mosteiro naquele instante. O Abade mandou chamar rapidamente um mensageiro, que saiu em carreira para obter um cavalo e galopar até Chungking em missão do templo. Parei apenas para comer e preparar algum alimento para a viagem. Apanhei alguns cobertores, um hábito para mudar e parti a pé pela trilha, passando pela clareira onde vivera experiência tão memorável, onde vira pela última vez o meu guia, o lama Mingyar Dondup. Prossegui na caminhada, sentindo forte emoção, lutando por controlar os sentimentos, esforçando-me por manter a

fisionomia imperturbável de um lama, e assim cheguei ao final da trilha, onde a mesma atingia a estrada, e ali permaneci à espera.

Atrás de mim, estava pensando, os gongos de bronze estariam chamando os monges para o ofício no templo. O repicar das sinêtas de prata pontuaria as respostas e as flautas e clarins estariam soando. E logo, varando o ar noturno, veio a pulsação de um motor poderoso, e do morro distante, a luz forte de faróis. Um carro em disparada veio em minha direção e parou, com chiar de penumáticos na estrada. Um homem saltou, apressado.

— O seu carro, Honrado Lobsang Rampa. Quer que faça a volta?

— Não — respondi. — Desça o morro pela esquerda.

Embarquei ao lado do motorista. O monge que fôra chamado pelo Abade corraera a Chungking a fim de obter uma máquina poderosa, um enorme monstro americano, pintado de preto. Sentei-me ao lado dêle e seguimos em alta velocidade pela estrada para Chengtu, a trezentos e sessenta quilômetros de Chungking. À nossa frente, grandes feixes de luz saíam dos faróis, mostrando-nos a irregularidade da estrada, iluminando as árvores à margem, formando sombras grotescas que pareciam zombar de nós, desafiando-nos a que as alcançássemos, incitando-nos a velocidade cada vez maiores. O motorista Ejen era competente, bem treinado e firme ao volante. Cada vez mais depressa seguimos, e a estrada se tornara uma faixa difusa à frente. Encostei-me no assento e mergulhei em pensamentos.

Tinha, na cogitação, o pensamento de meu amado guia, o lama Mingyar Dondup, e o modo pelo qual me preparara e treinara, tudo quanto fizera por mim. Fôra, para mim, mais do que meus próprios pais. Pensava, também, em meu amado soberano, o Décimo Terceiro Dalai-Lama, o último de Sua linhagem, pois a antiga profecia dissera que o Décimo Terceiro Dalai-Lama passaria, e com Sua passagem viria uma nova ordem ao Tibete. Em 1950 os comunistas chineses iniciaram sua invasão do Tibete, mas antes disso a Terceira Coluna chinesa (7) estivera em Lhasa. Eu pensava em tudo isso, que sabia estar a caminho, e já o sabia em 1933, e antes de 1933, pois tudo seguia exatamente o rumo indicado pela profecia.

Assim é que seguimos velozmente pela noite, cobrindo os

7 Da guerra civil espanhola veio a expressão, pouco usada hoje, de “quinta coluna”, aquela que, antes das quatro outras componentes de um exército sitiante, já entrara na cidade por tomar, mediante subterfúgios, em trabalho de infiltração. No caso presente, o autor se refere a uma *terceira* coluna, que certamente corresponderia, na tradução, ao que entendemos por *quinta*. (N. do T.)

trezentos e sessenta quilômetros até Chengtu. Ali chegados, abastecemos o tanque de gasolina, estendemos as pernas por dez minutos e comemos. Prosseguimos, então, na corrida através da noite, varando a treva de Changtu a Yan-an, cento e oitenta quilômetros mais além e lá, quando raiava o dia, quando os primeiros raios de luz brilhavam no céu, a estrada terminou, o automóvel não podia mais prosseguir. Fui ter a um mosteiro lamaísta onde, por telepatia, já haviam recebido a mensagem de que eu estava a caminho. Havia um cavalo pronto, animal fogoso, que escoiceava e empinava, mas naquela emergência eu não tinha tempo a perder com tais detalhes. Montei e fiquei montado, e o cavalo atendeu a meu comando, como a compreender a urgência de nossa missão. O atendente soltou-me o bridão e nós partimos em carreira, subindo a estrada, tocando à frente, a caminho do Tibete. O automóvel regressaria a Chungking, e o motorista teria o prazer de uma viagem calma e rápida, enquanto eu teria de sentar-me naquela sela alta de madeira e cavalgar sempre, mudando de cavalos ao final de uma boa jornada, recebendo sempre animais fogosos, que estavam com tôdas as energias, porque eu tinha pressa.

Não há necessidade de narrar as dificuldades que encontrei nessa viagem, as vicissitudes amargas sofridas por um cavaleiro solitário. Não preciso contar como atravessei o rio Yangtse e prossegui para o Salween Superior. Corria sempre, e era tarefa exaustiva cavalgar daquele modo, mas cheguei a tempo. Entrei por uma passagem nas montanhas, e mais uma vez pude ver os telhados dourados da Potala. Olhei para as cúpulas, que ocultavam os restos terrenos de outros corpos do Dalai-Lama, e pensei que em breve haveria uma outra, ocultando mais um corpo.

Segui cavalgando e cruzei novamente o Rio Feliz. Não se ajustava ao nome, àquela feita, mas atravessei-o, toquei adiante e cheguei a tempo. A jornada dura e forçada não fôra em vão. Estive presente em tôdas as cerimônias e tomei parte bastante ativa nas mesmas. Ocorreu, comigo, um outro incidente desagradável. Estava presente um estrangeiro que queria receber tôdas as considerações. Julgava que fôssemos simples nativos, e êle o grão-senhor de tudo quanto via. Queria estar à frente de tudo, ser notado por todos, e como não atendi a seus desejos egoístas — êle tentou subornar ura amigo e a mim, com relógios de pulso! — passou a encarar-me como inimigo desde então, e fêz o que pôde — chegando a extremos, às vêzes — no sentido de ferir e prejudicar a mim e aos meus. Ainda assim, isso nada tem a ver com o caso, a não ser como demonstração do acêrto das advertências feitas por meus Mestres, quando falavam da inveja.

Foram dias de grande tristeza para nós, e eu não pretendo escrever a respeito do cerimonial ou sôbre o destino dado ao Dalai-Lama. Bastará dizer que seu corpo foi conservado, de acordo com nosso método antigo, e pôsto sentado, de frente para o sul, como exige a tradição. Repetidas vêzes a cabeça se voltou para o leste, e muitos consideram isso uma indicação vinda de além da morte, dizendo que devíamos olhar para lá. Pois bem, os invasores chineses vieram do leste para perturbar o Tibete, e essas voltas para lá constituíam realmente um aviso ou sinal. Se, ao menos, pudéssemos ter dado atenção a elas!

Fui novamente ter à casa de meus pais. O velho Tzu já morrera, e muitas das pessoas que eu conhecera estavam mudadas, tudo se mostrava estranho, e aquilo não mais era um lar para mim. Eu não passava de visitante, um estranho, um lama, alto dignitário do templo, que regressara temporariamente da China. Fizeram-me esperar, para ser recebido por meus pais, e finalmente fui levado à sua presença. A conversa foi forçada, a atmosfera era de constrangimento. Eu não era mais um filho da casa, mas um estranho. Não no sentido comum, pois meu pai seguiu comigo até seu quarto particular e ali retirou do abrigo forte o nosso Livro de Registro, removendo cuidadosamente o envoltório dourado que o protegia. Sem dizer uma só palavra, assinei meu nome, pela última vez, naquele livro. Assinei o nome, indiquei a patente e minhas novas aptidões como médico e cirurgião formado. Em seguida, o Livro foi solenemente envolto na capa protetora e reposto em seu esconderijo, sob o soalho. Regressamos juntos à sala, onde minha mãe e irmã estavam sentadas. Apresentei minhas despedidas e fui-me embora. No pátio, os empregados seguravam meu cavalo. Montei e atravessei pela última vez os grandes portões. Com coração pesado, voltei-me para a Estrada Lingkhör e prossegui na direção de Menzekank, que é o principal hospital tibetano. Eu trabalhara lá e fazia agora uma visita de cortesia ao imenso e idoso monge que o dirigia, Chinrobnobo, a quem conhecia bem. Era uma ancião bondoso, que me ensinara muita coisa após eu ter deixado a Escola de Medicina da Montanha de Ferro. Levou-me à sua sala e indagou a respeito da medicina chinesa. Eu disse:

— Na China êles afirmam ter sido os primeiros a usar a acupuntura e a moxibustão, mas eu sei que não. Já consultei os registros antigos e vi que êsses dois remédios foram levados do Tibete para a China há muitos anos.

Shinrobnobo demonstrou o máximo interêsse, quando contei que os chineses, e também as potências ocidentais, estavam investigando os motivos pelos quais êsses remédios funcionavam,

pois era fora de dúvida que davam resultado. A acupuntura é um método especial de inserir agulhas extremamente finas em diversas partes do corpo. São tão finas, que tal inserção não dói. Ao serem inseridas, estimulam diversas reações curativas do corpo. Os ocidentais utilizam agulhas de *radium* e afirmam efetuar curas maravilhosas com isso, mas nós, no Oriente, temos utilizado a acupuntura há séculos, com êxito igual. E temos usado também a moxibustão, método de preparar diversas ervas em um tubo e acender uma das extremidades, de modo que esta se ponha rubra. Essa extremidade rubra é aproximada da pele e do tecido doente; ao aquecer essa área do corpo a virtude curativa das ervas passa diretamente aos tecidos. Êstes dois métodos já foram postos à prova repetidamente, mas o modo preciso pelo qual funcionam não foi determinado.

Revi, mais uma vez, o grande armazém onde eram guardadas as numerosíssimas ervas, mais de seis mil espécies diferentes, a maioria desconhecida na China, desconhecida no resto do mundo. A *tatura*, por exemplo, é raiz de uma árvore e constituía anestésico dos mais poderosos, mantendo uma pessoa inteiramente anestesiada por doze horas seguidas e, se aplicada por bom clínico, sem deixar qualquer efeito indesejável posteriormente. Olhei ao redor e não encontrei coisa alguma que pudesse criticar, pois a despeito de todos os progressos modernos da China e da América as antigas curas tibetanas ainda eram satisfatórias.

Dormi, aquela noite, em meu antigo lugar, como nos dias em que, como discípulo, freqüentava os ofícios. Tudo aquilo servia para fazer-me recordar. Quantas lembranças evocava cada uma daquelas pedras! De manhã, quando o dia raiara, subi ao ponto mais alto da Montanha de Ferro e olhei para a Potala, o Jardim da Serpente, Lhasa e as montanhas vestidas de neve, que circundavam tudo. Olhei longamente e voltei à Escola de Medicina, onde apresentei despedidas, apanhando minha bôlsa de *tsampa*. Tendo o cobertor enrolado e o hábito de reserva à minha frente, montei novamente no cavalo e desci o morro.

O sol estava oculto por uma nuvem negra, quando eu cheguei ao fundo da trilha e passei pela aldeia de She. Peregrinos estavam por tôda parte, vindos de todos os cantos do Tibete, e de mais longe, para apresentarem seus respeitos à Potala. Os vendedores de horóscopos anunciavam suas mercadorias aos gritos, e quem tinha poções mágicas e amuletos fazia grande negócio. As cerimônias recentes tinham trazido mercadores negociantes, vendedores e mendigos de todos os tipos à Estrada Sagrada. Por perto, uma

caravana de iaques entrava pelo Portão Ocidental, carregada de mercadorias para os mercadores de Lhasa. Parei para olhar, pensando que nunca mais veria aquela cena tão minha conhecida e desalentado com o pensamento de que estava saindo dali. Ouvi ruídos atrás de mim, e uma voz pediu:

— Honrado Lama Médico, a sua bênção.

Voltei-me para ver um dos Quebradores Sagrados, um dos homens que tanto haviam feito para me ajudar quando, por ordem do Décimo Terceiro Dalai-Lama, cujo cadáver eu acabara de ver, estudara com êles. Quando eu conseguira ultrapassar a tradição antiqüíssima de que os cadáveres não podiam ser dissecados, tivera todos os elementos para dissecá-los, devido à minha tarefa especial, e ali se encontrava um dos homens que tanto haviam feito para me ajudar. Dei-lhe minha bênção, realmente satisfeito com o fato de que alguém, vindo do passado, me reconheceria.

— Os seus ensinamentos foram maravilhosos — disse eu. — Você me ensinou mais do que a Escola de Medicina de Chungking.

Êle pareceu satisfeito e estendeu a língua para mim, como os servos fazem, recuou sem me voltar as costas, à maneira tradicional, e misturou-se à multidão no Portão.

Por mais alguns momentos permaneci em pé, ao lado do cavalo, olhando a Potala, a Montanha de Ferro, e depois retomei meu caminho, atravessando o rio Kyi e passando por muitos jardins, aprazíveis. O terreno ali era plano e verdejante com a grama bem regada, um paraíso a quatro mil e duzentos metros acima do nível do mar, orlado por montanhas que se erguiam outros dois mil metros mais acima, liberalmente semeado de mosteiros lamaístas grandes e pequenos, e com eremitérios isolados, precàriamente dependurados em pontos rochosos inacessíveis. Gradualmente a estrada se tomava mais íngreme, ascendendo para chegar às passagens nas montanhas. Meu cavalo estava descansado, bem cuidado e alimentado. Queria apressar-se, eu queria demorar-me. Os monges e mercadores passavam, alguns a olhar-me com curiosidade, pois eu me afastara da tradição e cavalgava sozinho para poder viajar mais depressa. Meu pai jamais teria viajado sem grande comitiva, como estaria de acordo com sua posição, mas eu era da época moderna. Assim é que os estranhos me olhavam, curiosos, mas outros a quem eu conhecera apresentavam cumprimentos amáveis. Finalmente meu cavalo e eu chegamos ao ápice da subida, e ficamos em nível com o grande chorten de pedras, último lugar de onde Lhasa poderia ser vista. Desmantei e amarrei o cavalo, sentando-me então numa pedra,

enquanto olhava demoradamente para o vale.

O céu se apresentava azul profundo, aquêlo azul que só se vêem em grandes altitudes. Nuvens alvíssimas deslizavam vagarosamente por êle. Um corvo pousou ao meu lado e deu uma bicada experimental em meu hábito. Lembrei-me de colocar uma pedra na imensa pilha a meu lado, como exigia o costume. Era uma pilha formada pelo trabalho de séculos de peregrinação, pois aquêlo ponto marcava o local de onde os peregrinos viam a Cidade Santa pela primeira e última vez.

Diante de mim estava a Potala, suas muralhas inclinadas para dentro, a partir da base. Também as janelas eram inclinadas de baixo para cima, e aquilo parecia uma construção escavada pelos Deuses na rocha viva. O meu Chakpori estava mais alto ainda do que a Potala, sem a dominar. Mais além vi os telhados dourados do Jo Kang, o templo com mil e trezentos anos de existência, cercado pelos edifícios administrativos. Vi a estrada principal em tôda sua extensão, o bosque de salgueiros, os charcos, o Templo da Serpente e a bela faixa que era o Norbu Linga, e os Jardins do Lama ao longo do Kyi Chu. Mas os telhados dourados da Potala explodiam de luz solar refletida, espelhando-a com raios vermelho-dourados e tôdas as cores do espectro. Ali, sob aquelas cúpulas, repousavam os restos dos Corpos do Dalai-Lama. O monumento contendo os despojos do Décimo Terceiro era o mais alto de todos, com seus vinte e dois metros — três andares de altura — e coberto com uma tonelada de ouro mais puro. E dentro daquele sacrário havia ornamentos preciosos, jóias, ouro e prata, tôda uma fortuna ao lado da casca vazia de seu possuidor de antes. E agora o Tibete estava sem um Dalai-Lama, o último dêles partira, e o que ainda estava por vir, de acordo com a profecia, seria servidor de senhores estrangeiros, estaria sob o domínio dos comunistas.

Aos lados do vale encontravam-se os imensos mosteiros lamaístas de Drepung, Sera e Ganden. Semi-oculta num grupo de árvores rebrilhava o branco e dourado de Nechung, o Oráculo de Lhasa, o Oráculo do Tibete. Drepung realmente parecia uma pilha de arroz, uma pilha branca espalhada pela encosta da montanha. Sera, conhecido como “Sebe das Rosas Bravas”, e Ganden, o jubiloso. . . Olhei para êles e pensei no tempo passado entre suas muralhas, com suas cidades fechadas. Olhei, também, o vasto número de mosteiros lamaístas menores, instalados por tôda a parte das encostas, em grupos de árvores, e os eremitérios situados nos pontos de mais difícil acesso, e meus pensamentos foram ter aos

homens lá dentro, trancados talvez por tôda a vida, na escuridão, sem luz de espécie alguma, recebendo alimento apenas uma vez por dia, imersos na treva e que nunca saíam para o mundo físico, mas que por seu treinamento especial sabiam mover-se no astral, podiam ver as coisas do mundo como espírito desencarnado. Meu olhar vagueou... O Rio Feliz seguia em meandros entre cortes e charcos, escondendo-se por trás das copas das árvores e reaparecendo nas faixas abertas. Olhei e vi a casa de meus pais, aquela propriedade grande que jamais fôra um lar para mim. Vi peregrinos enchendo as estradas, fazendo suas rondas. E então, de algum mosteiro distante, ouvi na brisa suave o som dos gongos do templo e o grito dos clarins e senti um nó na garganta e uma aguilhoada no centro do nariz. Era demais para mim, e me voltei, montei no cavalo e parti, rumo ao desconhecido.

Prossegui viagem e a região por onde passava tornava-se cada vez mais agreste e selvagem. Passei de campos agradáveis e terreno arenoso e pequenas residências e propriedades, a eminências rochosas e desfiladeiros selvagens pelos quais a água corria, enchendo o ar de som, molhando-me até a pele com seus borrifos. Segui viajando, pernoitando em mosteiros como fizera antes. Dessa feita, eu era hóspede duplamente bem-vindo, pois estava em condições de dar informações de primeira mão sôbre as tristes cerimônias recentes em Lhasa, já que estivera junto dos homens de lá, fôra um dos dignitários. Todos concordávamos em que chegara o fim de uma época, uma outra bem triste viria ter à nossa terra. Eu recebia bastante comida e cavalos descansados, e depois de dias de viagem cheguei novamente a Ya-an, onde, para minha alegria, o grande automóvel se encontrava à espera, dirigido por Jersi. Notícias haviam circulado de que eu me encontrava a caminho, e o velho Abade em Chungking resolvera, por consideração, mandá-lo a mim. Fiquei realmente satisfeito, pois estava cansado da sela, fatigado de viagem e desanimado. Na verdade, foi um prazer ver aquele veículo brilhante, produto de outra ciência, e que me levaria com rapidez, fazendo em horas o que eu normalmente levaria dias para conseguir. Assim é que embarquei no automóvel, reconhecido pelo fato de o Abade do mosteiro lamaísta em Chungking ser meu amigo e pensar tanto em meu conforto e prazer, após a árdua viagem de volta. Logo estávamos correndo em boa velocidade na estrada para Changtu, onde pernoitamos. Não adiantava voltar depressa a Chungking, viajando à noite, de modo que ficamos ali e de manhã percorremos o lugar, fazendo algumas compras. Depois disso, retomamos a estrada para Chungking.

O rapaz de rosto vermelho continuava em seu arado, vestindo

apenas um calção azul. O arado, puxador por desajeitado búfalo-d'água, seguia pela lama, procurando revirá-la de modo a poder-se plantar arroz. Tocamos mais depressa, enquanto os pássaros, por cima, gritavam uns com os outros e faziam mergulhos e passagens rápidas, como a desfrutarem a alegria de viver. Logo chegávamos aos arrabaldes de Chungking, pela estrada cercada de eucaliptos dourados, tílias e pinheiros verdes. Desembarquei em pequena estrada e segui a pé, pela trilha que dava para o mosteiro, e ao passar novamente na clareira onde uma árvore caíra e deixara outras reviradas pensei nos acontecimentos memoráveis desde que ali me sentara e conversara com meu guia, o lama Mingyar Dondup. Parei um pouco para meditar e depois apanhei novamente os embrulhos, prosseguindo para o mosteiro.

De manhã, fui a Chungking e o calor me pareceu uma coisa viva, abafante, agitado. Até os jinriquixás e os passageiros por êles transportados pareciam murchos e desbotados, naquele calor intolerável. Eu, que viera do ar puro do Tibete, sentia-me mais morto do que vivo, mas como lama tinha de manter-me firme, como exemplo aos demais. Na Rua das Sete Estréias, encontrei meu amigo Huang, ocupado em compras, e o cumprimentei.

— Huang, o que faz aqui tôda essa gente? — perguntei em seguida.

— Ora, Lobsang — respondeu êle — muitos vieram de Xangai. Os problemas com os japoneses, por lá, estão levando os negociantes a fecharem as portas e virem para Chungking. Ouço dizer que algumas universidades de lá pretendem fazer o mesmo. Por falar nisso, tenho um recado para você. O general (hoje marechal) Feng Yu-hsiang quer vê-lo. Pediu que lhe transmitisse o recado, assim que você chegasse.

— Está bem —• respondi. — Você quer vir comigo?

Êle disse que sim, e fizemos nossas compras com calma, pois estava quente demais para que nos apresássemos, e depois voltamos ao mosteiro. Uma ou duas horas depois, subíamos o caminho para o templo próximo, onde o general residia, e lá o encontramos. Falou-me longamente a respeito dos japoneses e dos problemas por êles criados em Xangai, dizendo que o Estabelecimento Internacional daquela cidade recrutara uma força policial composta de bandidos e elementos desonestos, que não estavam realmente procurando restabelecer a ordem, e disse:

—• A guerra está chegando, Rampa, a guerra está chegando. Nós precisamos de todos os médicos que pudermos obter, e médicos que também sejam aviadores. Precisamos dêles, pode crer.

Ofereceu-me uma comissão no exército chinês, dando-me a entender que poderia voar tanto quanto desejasse.

O general era um homem enorme, com mais de dois metros de altura, ombros largos e cabeça muito grande. Estivera em muitas campanhas militares e julgara, até o surgimento dos problemas com os japoneses, que haviam terminado seus dias como soldado. Era poeta, também, e morava perto do Templo de Contemplação da Lua. Eu gostava dêle, pois era criatura com quem me dava bem, um homem inteligente. Ao que parecia, e foi como contou, determinado incidente fôra aproveitado pelos japoneses como pretexto para invadirem a China. Certo monge japonês morrera por acidente, e as autoridades nipônicas haviam exigido que o prefeito de Xangai proibisse o boicote às mercadorias japonesas, dissolvesse a Associação para Libertação Nacional, prendesse os dirigentes do boicote e assegurasse uma compensação pela morte daquele monge. O prefeito, a fim de preservar a paz e pensando na fôrça esmagadora dos japoneses, acedera e aceitara o último a 28 de janeiro de 1932. Mas às 10h30m daquela noite, depois de o prefeito haver aceito o ultimato, os fuzileiros japoneses tinham começado a ocupar uma série de ruas no Estabelecimento Internacional, abrindo assim' o caminho para a guerra mundial seguinte. Tudo isso era novidade para mim, que de nada sabia, pois estivera viajando em outras regiões.

Enquanto conversávamos, chegou um monge, de sotaina' cinzento-escura, para avisar que o Abade Supremo T'ai Shu estava presente, e tivemos de vê-lo também. Obrigou-me a narrar o que acontecera no Tibete e falar a respeito das cerimônias finais com relação ao meu amado Décimo Terceiro Dalai-Lama. A seu turno, revelou seus receios quanto à segurança da China.

— Não que receemos o desfecho final — esclareceu —, mas a destruição, a morte e o sofrimento que virão antes.

Assim é que fizeram novamente pressão para que eu aceitasse uma comissão nas forças chinesas, pondo meu preparo à sua disposição, e foi quando veio o golpe.

— Você tem de ir para Xangai — disse o general. — Seus serviços são muito necessários lá, e sugiro que seu amigo. Po Ku, vá em sua companhia. Já fiz os preparativos para isso, mas cabe a você e a êle aceitar ou não.

— Xangai? — indaguei. — É um lugar terrível para estar. Francamente, não vejo com agrado, mas sei que devo ir, de modo que aceitarei.

Conversamos mais, e as sombras da noite gradualmente chegaram, o dia tornou-se crepúsculo, de modo que tivemos de nos separar. Segui para o pátio, onde a palmeira solitária parecia desbotada e murcha ao calor, tendo as folhas pendentes e já a se

tomarem marrons. Huang se achava pacientemente sentado à minha espera, sentado e imóvel, imaginando a causa de tanta demora. Levantou-se quando me viu, e em silêncio descemos a trilha, passamos pelo desfiladeiro e pela pequena ponte de pedra, descendo para noso próprio mosteiro.

Havia uma grande rocha no início da trilha para lá, e nós a escalamos, pondo-nos onde podíamos ver os rios. Era grande a atividade, naqueles dias, e pequenas embarcações a vapor singravam aquelas águas. Colunas de fumaça erguiam-se de suas chaminés, sendo apanhadas pelo vento e transformadas em bandeiras negras. Sim, era bem maior o número de valores, agora,, comparado ao de antes, quando eu partira para o Tibete. Os refugiados chegavam, cada vez mais numerosos, tornando, mais intenso o movimento. Aquela gente divisava o futuro e compreendia o que a invasão da China realmente significava. Havia congestão ainda maior, numa cidade já antes congestionada.

Enquanto olhávamos para o céu crepuscular, vimos as grandes nuvens de tempestade a aproximar-se, sabendo que mais tarde teríamos um aguaceiro rolando das montanhas, inundando o lugar com chuva torrencial e ensurdecendo-nos com os ecos e ribombos de trovão. Seria aquêlo, pensava eu, um símbolo das dificuldades que desabariam sôbre a China? Certamente parecia que sim e a atmosfera se apresentava tensa, elétrica. Acho que ambos suspiramos, ao mesmo tempo, pensando no futuro daquela terra de que tanto gostávamos. Mas a noite descera e as primeiras gôtas pesadas da chuva tombavam e nos molhavam. Voltamo-nos juntos e seguimos para o templo, onde o Abade se encontrava à nossa espera, curiosíssimo e querendo saber o que acontecera. Fiquei muito satisfeito ao vê-lo, e ao examinar a questão e receber seu louvor pela direção que eu resolvera tomar.

Conversamos até horas adiantadas da noite, ensurdecidos às vêzes pelo trovão estrondoso e pelo ruído da chuvarada que caía sôbre o teto do templo. E, afinal, seguimos para nossos leitos no chão, adormecendo. Com a chegada da manhã, após o primeiro ofício do dia, fizemos nossos preparativos para partir novamente e iniciar outra fase da vida, uma etapa ainda mais desagradável que as anteriores.

Clarividência

Xangai! Eu não alimentava qualquer ilusão. Sabia que aquela cidade seria lugar dos mais difíceis para viver. Mas o destino decretara que devia seguir para lá, de modo que fizemos nossos preparativos, Po Ku e eu, e mais tarde descemos juntos a rua dos degraus em Chungking, rumo ao pôrto, embarcando num navio que nos levaria pelo rio até lá.

Em nossa cabina — para dois — deitei-me no leito e pensei no passado. Pensei na primeira vez em que soubera de alguma coisa a respeito de Xangai. Fôra quando meu guia, o lama Mingyar Dondup, ensinava os pontos mais delicados da clarividência, e como tal conhecimento pode ser de interêsse e valia para muitos, narrarei aqui o que se passou.

Fôra alguns anos antes, quando eu ainda era estudante em um dos grandes mosteiros lamaístas de Lhasa. Eu e outros de minha turma estávamos sentados na sala de aulas, ansiando por sair dali. A aula era especialmente aborrecida, porque o mestre era um monumento de monotonia. Tôda a turma encontrara dificuldade em acompanhar suas palavras e continuar atenta. Estávamos em um daqueles dias em que o sol brilhava e aquecia bastante, e nuvens leves corriam bem alto, no céu. Tudo pedia que fôssemos para o ar livre, ao calor e luz do sol, longe das bolorentas salas de aula, e longe da voz monótona de um mestre desinteressante. De repente, houve alguma agitação. Alguém entrara na sala. Nós, de costas para o mestre, não podíamos saber de quem se tratava e não nos atrevíamos a voltar para ver, pois o homem podia estar a vigiar-nos. Houve o ruído característico de papéis.

— Hmm. .. perturbando minha aula.

Ouvimos uma batida forte, quando o professor deu com a bengala na mesa, fazendo-nos saltar de susto.

— Lobsang Rampa, venha cá.

Cheio de mêdo, fiquei em pé, voltei-me e fiz as três reverências. O que havia feito, dessa vez? Teria o Abade visto, quando eu atirava pedrinhas naqueles lamas em visita? Eu fôra visto quando “provava” as nozes em conserva? Teria sido. . . Mas a voz do mestre dissipou meus receios.

— Lobsang Rampa, o Honrado Lama Superior, seu guia, Mingyar Dondup, quer que você vá ter com êle agora mesmo. Vá e trate de prestar mais atenção a êle do que prestou a mim!

Saí, apressado, e percorri os corredores, subi escadas, voltei-me à direita e cheguei aos aposentos dos lamas. “Pise de leve”, estava pensando, “porque há uns velhotes bem fracos neste lugar. Sétima porta à esquerda. . . Ah! É esta”. Ia bater, quando uma voz se fêz ouvir, no interior do aposento:

— Entre — e eu obedeci. — Sua clarividência não falha, quando há comida por perto — observou êle. — Tenho chá e nozes conservadas. Você chegou a tempo.

O lama Mingyar Dondup não contara que eu viesse tão prontamente, mas por certo recebeu-me bem e, enquanto comíamos, êle falava.

— Quero que você estude cristalomania, usando os diversos tipos de instrumentos. Precisa conhecê-los todos.

Após o chá, fomos ao depósito, e lá estavam os dispositivos de todos os tipos, pranchetas, cartas tarot, espelhos negros e notável coleção de outros engenhos. Andamos por ali, êle a indicar os diversos objetos e explicando seu uso. E então, voltando-se para mim, ordenou:

— Apanhe um cristal que ache ser harmonioso com você. Veja todos, primeiro, e depois escolha.

Eu tinha os olhos sôbre uma esfera muito bonita, feita de cristal de rocha verdadeiro e sem uma só falha, de tamanho tal que requeria as duas mãos para segurá-la. Apanhei-a, então e disse:

— Quero esta.

Meu guia riu.

— Você escolheu a mais antiga e mais valiosa. Se puder usá-la, poderá também ficar com ela.

Aquêle cristal, que ainda tenho em meu poder, fôra encontrado em um dos túneis muito abaixo da Potala. Naqueles dias de pouco conhecimento, tinha sido chamado “A Bola Mágica” e fôra dado aos Lamas Médicos da Montanha de Ferro, por acharem que estava relacionada com a medicina.

Mais adiante, neste capítulo, tratarei das esferas de vidro, espelhos negros e globos de água, mas agora talvez haja interesse em descrever como nos preparamos para utilizar o cristal, como nos preparamos para identificar-nos com êle.

É claro que se a pessoa tem saúde, física e mentalmente, sua visão estará no ápice. Assim acontece com a Terceira Visão. É preciso estar em boas condições, e para isso nós nos preparamos, antes de tentar utilizar qualquer daqueles dispositivos. Eu apanhara o cristal e o olhava agora. Suspenso entre as mãos, parecia um globo

pesado que refletia, invertida, a imagem da janela, com um pássaro pousado no peitoril da mesma, pelo lado externo. Olhando mais detidamente, pude ver o leve reflexo do lama Mingyar Dondup e... ah, sim. .. Também • meu próprio reflexo.

— Você está olhando para ela, Lobsang, e não é assim que se faz. Cubra o cristal e espere, até que eu lhe mostre como proceder.

Na manhã seguinte, tive de tomar certas ervas juntamente com minha primeira refeição do dia, ervas essas destinadas a purificar o sangue, a clarear os pensamentos e revigorar o tônus, de modo geral. De manhã e à noite era preciso tomá-las, e isso foi assim por duas semanas. Tôdas as tardes tinha de descansar por hora e meia, com os olhos e parte superior da cabeça cobertos com grosso pano negro. Durante êsse tempo, devia praticar respiração especial dentro de um determinado ritmo e prestar a mais rigorosa atenção à higiene pessoal.

Passadas as duas semanas, fui ter novamente com o lama Mingyar Dondup.

— Vamos para aquêlo quartinho sossegado no telhado — disse êle. — Até que você esteja mais familiarizado com o cristal, precisará de tranqüilidade absoluta.

Subimos as escadas e chegados ao telhado liso. A um lado havia uma pequenina casa onde o Dalai Lama efetuava suas audiências, quando vinha a Chakpori para a Bênção Anual dos Monges. Agora, éramos nós quem a utilizaria. *Eu* ia usá-la, e por certo se trata de uma honra, pois ninguém mais além do Abade e do lama Mingyar Dondup podia fazê-lo. No interior, sentamo-nos em almofadas, sôbre o chão. Por trás havia uma janela, pela qual podíamos ver as montanhas distantes apresentando-se como Guardião de nosso vale agradável. A Potala também podia ser vista de lá, mas tal visão já se tornara familiar demais para que déssemos maior importância. Eu queria ver o que estava no cristal.

— Venha ao redor, dêste modo, Lobsang. Olhe o cristal e diga quando todos os reflexos desaparecerem. Temos de excluir os pontos de luz. Êles não são o que desejamos ver.

Essa é uma das coisas a lembrar: excluir tôda luz que cause reflexos, pois êstes apenas servem para distrair a atenção. Nosso sistema era sentar de costas para uma janela situada na direção norte e cobrir a mesma com uma cortina razoavelmente grossa, de modo a formar penumbra. E então, com as cortinas fechadas, a bola de cristal em minhas mãos pareceu morta, inerte. Não havia reflexo algum em sua superfície. Êle sentou-se a meu lado.

— Limpe o cristal com êste pano úmido, depois seque-o e apanhe-o com êste pano negro. Não o toque ainda com as mãos.

Fiz como dizia, limpei cuidadosamente a esfera, sequei-a e a apanhei com o pano negro que fôra dobrado em formato quadrado. Cruzei as mãos, de palmas para cima, sob o cristal, que assim se achava apoiado na palma da mão esquerda.

— Agora, olhe a esfera, não *para* a esfera, mas a *esfera*. Olhe bem para o centro e deixe sua visão ficar vazia. Não tente ver coisa alguma, deixe apenas que sua mente fique vazia.

Isso não era difícil fazer, e alguns de meus professores achavam que minha mente era um vazio por todo o tempo.

Olhei o cristal, e os pensamentos devanearam. De repente, a esfera em minhas mãos pareceu crescer, e eu tive a sensação de que estava a ponto de cair dentro dela. Isso me levou a um salto, e a impressão se desvaneceu. Eu estava mais uma vez segurando apenas uma bola de cristal nas mãos.

— Lobsang! POR QUE esqueceu tudo que eu lhe disse? Você estava a ponto de ver, e seu pulo de surpresa rompeu o fio. Hoje não conseguirá ver coisa alguma.

É preciso olhar dentro do cristal e manter o foco mental em alguma parte interna do mesmo. É quando vem uma sensação curiosa, como se estivéssemos a ponto de entrar em outro mundo. Qualquer sobressalto, susto ou surpresa, ocorrido nessa etapa, estragará tudo. A única coisa a fazer em tal caso, quando se está aprendendo, naturalmente, é por de lado o cristal e não tentar “ver” senão depois de uma noite de sono.

No dia seguinte, tentamos novamente. Sentei-me como antes, de costas para a janela, e providenciei para que tôdas as facêtas de luz estivessem excluídas. Normalmente, ter-me-ia sentado na posição de lótus ou meditação, mas devido a um ferimento na perna não seria essa a posição mais confortável. O conforto é essencial, sendo preciso que a pessoa esteja sentada à vontade. É melhor sentar de modo fora do modelo e VER do que sentar-se nas atitudes formais e não ver coisa alguma. Nossa regra era a de que devíamos sentar como bem entendêssemos, desde que em posição confortável, uma vez que o desconforto distrairia a atenção.

Olhei para o cristal e a meu lado o lama Mingyar Dondup se mantinha sentado e imóvel, ereto, como uma estátua de pedra. O que iria eu ver? Era o meu pensamento. Seria o mesmo como quando vira uma aura pela primeira vez? O cristal parecia apagado, inerte. “Jamais verei nesta coisa”, estava pensando. Era o entardecer, de modo que não havia mudança forte de luz solar a causar sombras móveis, e tampouco as nuvens que obstruísem temporariamente a luz, permitindo em seguida que a mesma brilhasse bastante. Não

havia sombras, nem pontos de luz. Era crepúsculo no aposento, e com o pano negro entre as mãos e a esfera sôbre o mesmo, eu não via reflexo algum em sua superfície. Mas devia olhar para seu interior.

Subitamente, o cristal pareceu tornar-se vivo. Lá dentro surgiu uma pinta branca, estendendo-se como uma coluna branca de fumaça a retorcer-se. Era como se houvesse uma tempestade lá dentro, uma tempestade silenciosa. A fumaça engrossou e afinou, engrossou e afinou e, logo, estendeu-se em película igual sôbre o globo. Era como uma cortina destinada a impedir minha visão. Eu sonhei mentalmente, procurando forçar minha mente além daquela barreira. O globo pareceu inchar, e tive a impressão horrível de estar caindo, de cabeça para baixo, num vazio sem fundo. Foi quando uma trombeta se fêz ouvir e a cortina branca estremeceu tornando-se uma tempestade de neve, que se derretia como submetida ao sol do meio-dia.

— Você andou bem perto, Lobsang, bem perto.

— Sim, eu teria visto alguma coisa, se não fôsse a trombeta tocar. Ela me desviou.

— Trombeta? Ah, você chegou a êsse ponto, então? Pois foi seu subconsciente, tentando adverti-lo de que a clarividência e cristalomancia são para alguns poucos, apenas. Amanhã iremos mais longe.

Na terceira tarde voltamos a sentar-nos juntos, meu guia e eu. Mais uma vez êle me fêz recordar as normas a seguir. Aquela terceira tarde foi mais frutífera. Sentei-me, segurando de leve a esfera, e concentrei-me em algum ponto invisível de seu interior crepuscular. A fumaça em rodopio apareceu quase no mesmo instante e logo formava uma cortina. Sonhei com a mente, pensando: “Vou passar, vou passar AGORA!” Novamente veio a impressão horrível de estar caindo, mas dessa feita eu estava preparado. Pareceu-me cair de alguma distância imensa, tombando diretamente no mundo encoberto por fumaça, que aumentava com espantosa rapidez. Apenas o treinamento rigoroso impediu que eu gritasse, quando me aproximei da superfície branca com velocidade tremenda — e passei por ela, ileso.

Lá dentro, o sol brilhava. Olhei ao redor, com espanto completo. Certamente morrera, pois aquêle lugar era inteiramente desconhecido. E como se mostrava estranho! Água, água escura, estendia-se à frente até onde eu conseguia ver, água em quantidade maior do que eu imaginara poder existir no mundo. A alguma distância, um monstro enorme, semelhante a algum peixe

de aspecto horrível, seguia sôbre a superfície da água. Na metade de seu corpo um tubo prêto soltava o que parecia fumaça, e esta subia, sendo depois soprada de volta pelo vento. Para meu pasmo, vi o que pareciam ser pessoas, pequeninas, andando sôbre as “costas do peixe”! Para mim, isso era demais e fiz meia-volta para fugir — e logo parei onde estava, petrificado. Tudo aquilo era demasiado para mim! Grandes casas de pedra, com muita altura e diversos pavimentos sobrepostos, estavam à minha frente. Logo adiante, um chinês corria, puxando uma enghoca sôbre duas rodas. Devia ser carregador de algum tipo, pois sôbre a traquitana de rodas havia uma mulher enca- rapitada. “Deve ser aleijada”, pensei, “e por isso tem de ser carregada de um para outro lado”. Em meu sentido vinha um homem, um lama tibetano. Prendi a respiração, pois a criatura era a imagem perfeita do lama Mingyar Dondup, quando muito mais jovem. Êle veio diretamente em minha direção, passou por mim, *através* de mim, e dei um salto com pavor.

— Oh! — gemi. — Estou cego.

Reinava a treva, eu não via coisa alguma.

— Tudo bem, Lobsang, Você vai muito bem. Abramos as cortinas.

Dizendo isso, meu guia deixou entrar luz na peça, que ficou iluminada com suavidade.

— Não há dúvida de que você possui poderes muito grandes de clarividência, Lobsang — disse êle. — Precisam, apenas, de direção. Sem querer, toquei no cristal e pelo que você disse deduzo que viu a impressão que tive, quando fui a Xangai há muitos anos, e quase desmaiou com minha primeira visão de navio a vapor e um jinriquixá. Você vai muito bem.

Eu ainda me achava aturdido, vivendo no passado. Que coisas estranhas e terríveis havia fora do Tibete. Peixes domesticados que soltavam fumaça e sôbre os quais andavam pessoas, homens que puxavam mulheres de rodas... Eu tinha mêdo de pensar naquilo, mêdo de ponderar o fato de que eu também teria de ir àquele mundo mais tarde.

— Agora, você deve mergulhar o cristal em água, para apagar a impressão que teve. Mergulhe, deixe descansar sôbre um pano no fundo da vasilha e suspenda com outro pano. Não o toque com as mãos, ainda.

Aí temos uma norma importante a recordar, quando usamos um cristal. Devemos desmagnetizá-lo sempre, após cada leitura ou consulta. O cristal se torna magnetizado pela pessoa que o segura, de modo bem parecido com aquêle pelo qual um pedaço de ferro se

magnetiza, se encostado a um ímã. No caso do ferro, basta geralmente dar-lhe uma pancada sêca para que perca o magnetismo adquirido dêsse modo, mas o cristal tem de ser imerso em água. A menos que se proceda à desmagnetização, após cada leitura, os resultados se tomam cada vez mais confusos. As “emanações áuricas” das diversas pessoas começam a acumular-se nêle e quem vai ler obtém resultado inteiramente misturado e errôneo.

Cristal nenhum deve ser seguro por outra pessoa que não o dono, a não ser para o fito de “magnetizá-lo” para uma leitura. Quanto mais a esfera fôr segura por outras pessoas, tanto menos corresponderá depois. Aprendíamos que depois de fazer uma série de leituras diárias devíamos levar o cristal para o leito conosco, a fim de magnetizá-lo pessoalmente, mantendo-o próximo de nós. O mesmo resultado seria obtido carregando-se o cristal, mas isso nos conferiria aspecto dos mais tolos, andando de um para outro lado e segurando a bola de cristal.

Quando não estiver em uso, o cristal deve ficar coberto por um pano negro. *Nunca* devemos permitir que a luz solar forte incida nêle, uma vez que o prejudica para fins esotéricos. Tampouco devemos permitir que o cristal seja seguro por criatura que esteja apenas à busca de emoções. Existe, para tal determinação, um propósito definido. A criatura à cata de emoções, não estando genuinamente interessada, mas visando o entretenimento barato, prejudica a aura do cristal. É algo bem semelhante a entregar-se uma cara máquina fotográfica ou relógio a uma criança, de modo que sua curiosidade ociosa seja satisfeita.

A maioria das pessoas poderia utilizar o cristal, se se desse ao trabalho de descobrir que tipo melhor se ajusta ao caso individual. Nós verificamos; com certeza, se os óculos nos servem, quando temos de usá-los. Da mesma forma, os cristais devem receber igual tratamento. Há pessoas que podem ver melhor, usando cristal de rocha, outras com vidro. O cristal de rocha é o tipo mais poderoso e vou apresentar, em resumo, a história do meu, como se achava registrada em Chakpori.

Há milhões de anos, os vulcões expeliam fogo e lava. No seio da terra, diversos tipos de areia eram misturados por terremotos e fundidos em determinada espécie de vidro pelo calor vulcânico. O vidro se partiu em pedaços, pela ação de terremotos e rolou pelas encostas das montanhas. Solidificando-se, a lava encobriu grande parte dos mesmos.

Com o correr do tempo a queda das rochas pôs à mostra alguns pedaços dêsse vidro natural, ou “cristal de rocha”. E um pedaço foi encontrado por sacerdotes tribais, no alvorecer da vida

humana. Naqueles dias distantes os sacerdotes eram criaturas dotadas de poder oculto e podiam predizer e contar a história de um objeto, pelo uso da psicométria (8). Um dêies. deve ter tocado determinado fragmento de cristal, ficando impressionado o bastante para levá-lo à sua moradia, encontrando nêle um ponto claro, do qual obtinha impressões clarividentes. Com esforço, êle e outros trabalharam o fragmento, dando-lhe a forma de esfera, por ser a de uso mais conveniente. Ao correr de gerações, por séculos seguidos, a esfera foi passada de um a outro sacerdote, cada qual encarregado de polir o material duro. Devagar, a esfera foi-se tomando mais redonda e mais clara, sendo por certa época adorada e considerada “O Ôlho de um Deus”. Na Era do Iluminismo, passou a ser o instrumento pelo qual a Consciência Cósmica podia ser consultada e então, tendo quase dez centímetros de diâmetro e apresentando-se tão límpida quanto água, foi cuidadosamente protegida e escondida em caixa de pedra, guardada em túnel muito abaixo da Potala.

Séculos depois, era descoberta por monges exploradores e decifrada a inscrição na caixa de pedra que a protegia. “Esta é a janela para o Futuro”, dizia-lhe ali, “o cristal em que os capacitados podem ver o passado e conhecer o futuro. Estêve sob a guarda do Alto Sacerdote do Templo de Medicina”. Assim sendo, o cristal foi levado para Chakpori, o atual Templo de Medicina e guardado para uma pessoa que o pudesse usar. Eu era essa pessoa, e para mim êle funciona.

O cristal de rocha de dimensões assim é raro, ainda mais raro apresentar-se sem falhas. Nem todos podem utilizar cristal assim, que tende a mostrar-se forte demais e dominar quem o utiliza. As esferas de vidro podem ser obtidas e são úteis para adquirir a experiência preliminar necessária. Uma boa dimensão para as mesmas é entre sete e dez centímetros de diâmetro, mas cabe notar que a dimensão *não tem* importância alguma. Certos monges usam uma pequena lasca de cristal, em anel grande no dedo. O importante é ter certeza de que não existem falhas ou jaça, ou que haja apenas um defeito muito pequeno, que não seja visível em luz reduzida. Cristais pequenos, de “rocha” ou vidro, apresentam a vantagem de pêso reduzido, o que conta bastante quando se tem de segurar a

8 Na medida em que sejam necessários a adaptação e aperfeiçoamento dos termos destinados a lidar com tôdas as ciências ou artes afins à parapsicologia, que parece estar despertando agora com foros científicos, *psimometria* não é o que registra o dicionário, em sentido que acreditamos superado; ou seja, “registro e medida da atividade intelectual”. No sentido apresentado pelo autor, trata-se de setor (arte? ciência?) que permite apurar dados mediante a captação de emanações pessoais que ficaram prêsas às coisas inanimadas ou não, facultando conhecer-lhes a história progressa. (N. do T.)

esfera nas mãos.

A pessoa que deseja adquirir um cristal de qualquer tipo deve anunciar em alguma das publicações “psíquicas”. (9) Os artigos oferecidos à venda em certas lojas prestam-se melhor a prestidigitadores ou artistas de palco. Apresentam, geralmente, defeitos e manchas que não aparecem senão depois de comprados e levados para casa. . . O interessado deve encomendar o cristal condicionalmente, e assim que o desembrulhar lavá-lo em água corrente. Secá-lo, então, com cuidado, e examiná-lo, segurando-o com um pano escuro. Motivo? Lavar e retirar qualquer impressão digital que lhe pareceria defeito e segurá-lo de modo que as *suas* impressões digitais não o enganem.

O leitor não deverá contar que baste sentar-se, olhar para o cristal e que com isso vá “ver figuras”. Tampouco é justo incriminar o cristal por algum fracasso. Êle não passa de instrumento, e seria injusto criticar o telescópio, se olhássemos pela extremidade errada e só víssemos uma imagem pequena.

Algumas pessoas não podem utilizar os cristais, e antes de desistirem deviam tentar um “espelho negro”, que pode ser feito com facilidade, obtendo-se um vidro grande de farol de automóvel. O vidro deve ser côncavo e bem liso. O modelo que apresenta ondulações não serve. Tendo o vidro adequado, segura-se a superfície externa e curva sôbre uma vela acesa, movendo-se de modo que a fuligem da chama se deposite na superfície *externa* do vidro. Essa fuligem pode ser “fixada” por alguma coberta de celulose, como a utilizada para impedir que o latão perca a côr.

Tendo o espelho negro, faça como no caso do cristal. As sugestões aplicáveis a qualquer tipo de “cristal” encontram-se mais adiante, neste capítulo. Tendo-se o espelho negro, olha-se para a superfície *interna*, com cuidado para excluir todos os demais reflexos acidentais.

Outro tipo de espelho negro é aquêle que chamamos de “nulo”. Trata-se do mesmo que o outro espelho, mas a fuligem é posta *por dentro* do vidro. Uma grande desvantagem que apresenta está em que não se pode “fixar” a fuligem, pois fazê-lo seria formar uma superfície brilhante. Êsse espelho pode apresentar utilidade maior para quem se deixa distrair por reflexos.

Algumas pessoas utilizam uma tigela de água e olham para o interior da mesma. A tigela deve ser clara e sem desenho de espécie alguma. Põe-se um pano escuro sob a mesma e ela se toma, na

9 Publicações periódicas de numerosos centros ocidentais, na Europa e na América do Norte, já com decênios de existência. (N. do T.)

verdade, um cristal de vidro. No Tibete existe um lago situado de tal forma que as pessoas ao mesmo tempo vêem, e quase não vêem, a água que o forma. Trata-se de um lago famoso, utilizado pelos Oráculos do Estado em algumas de suas predições mais importantes. Esse lago, que chamamos Cho-kor Gyal-ki Nam-tso (em português o Lago Celeste da Vitoriosa Roda da Religião), está em localidade chamada Tak-po, a menos de duzentos quilômetros de Lhasa. A região ao redor é montanhosa e o lago circundado por altos picos. A água mostra-se

normalmente muito azul, mas há ocasiões em que se olha, de certos pontos vantajosos, e vê-se o azul passando a um branco rodopiante, como se água de cal houvesse sido jogada nela. A água rodopia e faz espuma, e logo um buraco negro aparece no meio do lago, enquanto nuvens espessas brancas se formam por cima. No espaço entre o buraco negro e as nuvens brancas, pode-se ver um quadro dos acontecimentos futuros.

A esse lugar, pelo menos uma vez na vida, vem o D alai Lama. Fica em construção próxima e olha para o lago, onde vê coisas importantes para ele e, dado de valor não menor, a data e modo de seu passamento nesta vida. Jamais o lago se enganou!

Nem todos podemos ir a esse lago, mas aqueles que têm alguma paciência e fé podem utilizar um cristal. Para os leitores ocidentais, eis um método que sugiro: a palavra “cristal” servirá para designar cristal de rocha, vidro, espelhos negros e o globo de água.

Durante uma semana, preste especial atenção à saúde, e no curso da mesma evite (tanto quanto possível, neste mundo conturbado) as preocupações e a raiva. Coma parcimoniosamente e não ingira molhos ou alimentos fritos. Segure o cristal tanto quanto possível sem fazer qualquer tentativa de “ver”. Isto transferirá algum magnetismo pessoal de você para ele, e lhe permitirá tomar-se bastante familiar com o toque ou contato da esfera. Lembre-se de cobrir o cristal por todo o tempo em que não o estiver segurando. Se puder, guarde-o numa caixa que possa ser fechada à chave, o que impedirá que outras pessoas mexam com ele em sua ausência. A luz solar direta, como sabemos, deve ser evitada.

Depois de decorridos sete dias, leve o cristal a um aposento sossegado e iluminado por luz preferivelmente vinda do norte. O anoitecer é a melhor hora para isso, pois não existe luz solar direta que, aumentando e diminuindo à passagem de nuvens, varie de intensidade.

Sente-se — em qualquer posição que ache confortável — de costas para a luz. Apanhe o cristal nas mãos e observe se há qualquer reflexo em sua superfície. Eles deverão ser eliminados, fechando-se as cortinas na janela ou modificando-se sua posição

diante da esfera.

Quando estiver satisfeito, segure o cristal, encostando-o ao centro de sua testa, por alguns segundos, e depois o afaste, devagar. Passe a segurá-lo nas mãos em concha, podendo repousar as costas das mesmas no colo. Olhe despreocupadamente para a superfície do cristal e passe depois a olhar o interior, o centro, imaginando tratar-se de uma região do nada. Deixe a mente esvaziar-se, evite ver coisa alguma e evite qualquer emoção forte.

Dez minutos bastam para a primeira ocasião. Gradualmente, aumente êsse período, até poder fazê-lo por meia hora, ao final da semana.

Na semana seguinte, faça a mente ficar vazia assim que puder e olhe para o vazio-nada, dentro do cristal. Verificará que seus contornos tremem e poderá ter a impressão de que tôda a esfera está crescendo ou poderá sentir que está caindo para a frente. E exatamente o que deve ocorrer, e *não* se sobressalte com espanto, pois se o permitir estará impedindo a “visão” para o resto da sessão. A pessoa média, que “vê” pela primeira vez tem sobressalto bem parecido àquele que às vêzes nos assaltam, quando estamos começando a dormir.

Com um ponco mais de prática, você verá que o cristal parece tornar-se cada vez maior, em uma dessas ocasiões verificará que êle se tornou luminoso e está cheio de fumaça branca. Ela se dissipará — desde que você não tenha sobressalto — e você terá sua primeira visão (geralmente) do passado. Será alguma coisa relacionada a si próprio, pois apenas você manuseou a esfera. Continue olhando, vendo apenas coisas de sua própria vida. Quando puder “ver” à vontade, dirija a visão para o que quiser saber. O melhor método é dizer a si próprio, com firmeza e em voz alta: “Vou ver Fulano esta noite”. Se você acreditar, *verá* o que deseja. A coisa é absolutamente simples.

A fim de conhecer o futuro, será preciso organizar os dados disponíveis e anunciá-los a si próprio. Em seguida, “pergunte” ao cristal e diga a si próprio que vai ver o que quer saber.

Aqui, cabe um aviso. Não se pode utilizar o cristal para ganhos de ordem pessoal ou para prever o resultado de corridas de cavalos e, tampouco, para prejudicar outra pessoa. Existe poderosa lei de ocultismo, que fará com que você receba a carga em sua própria cabeça, se tentar explorar o cristal. Essa lei é tão inexorável quanto o próprio tempo.

Você, a essa altura, já deverá encontrar-se capacitado a obter muita prática em sua própria vida, e em seus assuntos pessoais. Gostaria de experimentar com outra pessoa? Mergulhe o cristal em

água e seque-o cuidadosamente, sem tocar em sua superfície. Passe-o, então, a outra pessoa, dizendo: “Tome nas mãos e *pense* no que deseja saber. Depois, entregue de volta”. Como é natural, você terá advertido a outra pessoa para que não fale ou perturbe. É aconselhável tentar isso com uma pessoa bastante amiga, de início, uma vez que os estranhos muitas vezes se mostram desconcertantes, para quem estiver aprendendo.

Depois de receber a esfera de cristal, tome-a nas mãos, quer nuas ou cobertas de pano prêto, já não importa, pois a essa altura você a terá “personalizado”. Adote posição confortável, leve o cristal à testa por um segundo, e depois deixe as mãos pousar no colo, segurando o cristal da maneira que não lhe cause esforço. Olhe dentro do mesmo e deixe a mente ficar vazia, inteiramente vazia se puder, mas essa primeira tentativa pode mostrar-se um tanto difícil, se você estiver encabulado.

Enquanto estiver em posição cômoda, se já preparou como indicado, observará uma de três coisas: quadros verdadeiros, símbolos, ou impressões. Os quadros verdadeiros devem ser seu objetivo. Nesse caso, o cristal se nubla, e as nuvens se dissipam para mostrar quadros reais, figuras vivas do que você deseja saber. Não há dificuldade na interpretação de casos assim.

Algumas pessoas não vêem quadros reais, mas símbolos, tais como uma fileira de “x”, ou uma mão. Poderá ser moinho de vento, ou uma adaga. Qualquer que seja, você logo aprenderá a interpretá-los corretamente.

A terceira coisa são as impressões. Nesse caso, nada é visto, senão nuvens rodopiando e um pouco de luminescência, mas quando o cristal é seguro mantêm-se impressões definidas, ou elas são ouvidas. Torna-se essencial evitar o preconceito ou inclinação pessoal na interpretação, e também não contradizer o cristal, levado por sentimentos próprios a respeito de qualquer caso.

O verdadeiro vidente jamais diz a um consulente em que data o mesmo morrerá, ou mesmo quando isso será mais provável. Você saberá quando, mas *jamais* o dirá, e tampouco advertirá alguém quanto a uma doença iminente. (Dir-se-á, ao invés: “É aconselhável ter um pouco mais de cuidado em tal ou qual data”.) E nunca se diz a uma mulher: “Sim, seu marido está com uma jovem etc. etc. . . ” Se estiver usando corretamente o cristal *saberá* que êle saiu, mas terá sido a negócio? Será ela uma parente? Jamais diga coisa alguma que tenda a dissolver um

lar ou causar infelicidade. Fazer isso é abusar do cristal. Use-o apenas para o bem e, em troca, o bem lhe advirá. Se não conseguir ver coisa alguma, diga isso e o consulente o respeitará. Você pode “inventar” o que diz estar vendo, e talvez diga alguma coisa que o consulente *sabe* não ser verdadeiro. Nesse caso, seu prestígio e reputação acabam, e você terá trazido desprestígio à ciência do ocultismo.

Tendo transmitido cuidadosamente sua leitura ao consulente, envolva o cristal e o deposite em seu lugar, com suavidade. Depois de o consulente ter-se afastado, convém mergulhar o cristal em água, enxugá-lo e depois voltar a segurá-lo, para re- personalizá-lo com seu próprio magnetismo. Quanto mais você segurar o cristal, tanto melhor êle se portará. Evite arranhá-lo, e quando houver terminado, recoloque-o no pano negro. Se puder, ponha-o dentro de uma caixa e tranque a mesma com chave. Os gatos são grandes transgressores de cristais, e alguns permanecem muito tempo “olhando”. E quando você utilizar o cristal na vez seguinte, não quererá ver a história da vida do gato, ou saber de suas ambições. Isso *pode* acontecer. No Tibete, em alguns dos mosteiros lamaístas “ocultos”, um gato é interrogado com emprêgo do cristal, quando deixa a tarefa de guardar as jóias, e nesse caso os monges sabem se houve qualquer tentativa de roubá-las.

Recomenda-se com todo empenho que, antes de empreender qualquer forma de treinamento em cristalomancia o candidato faça o mais complexo exame de seus motivos secretos para êsse estudo. O ocultismo é arma de dois gumes, e os que “brincam”, movidos por curiosidade ociosa, são às vêzes punidos por desordens mentais ou nervosas. Pode-se ter, por seu intermédio, o prazer de ajudar o próximo, mas pode-se também saber muita coisa horrível e inesquecível. É mais seguro ler êste capítulo e passá-lo por alto, deixá-lo de lado, a menos que se tenha certeza absoluta dos motivos para empreender o rumo aqui indicado.

Tendo, uma vez, resolvido qual será o cristal, não o mude. Forme o hábito definido de tocá-lo todos os dias, ou dia sim, dia não. Os sarracenos de antigamente jamais desembainhavam a espada, mesmo para mostrá-la a um amigo, senão para tirar sangue. Se, por algum motivo, *tivessem* de exhibir a arma faziam-no, mas cortavam de leve o dedo, para “derramar sangue”. Assim deve ser com o cristal, se o mostrar a alguém: *leia* o mesmo, ainda que seja apenas para si. Leia, embora não precise dizer a pessoa alguma o que está fazendo, ou o que vê. Não se trata de superstição,

mas de um modo seguro de treinar-se a tal ponto que, quando o cristal estiver descoberto, você “verá” automaticamente, sem preparativos, e sem pensar a respeito.

Voo de Misericórdia

Com suavidade, nosso vapor chegou ao final da viagem, em Soochow Creek, Xangai. Cules chineses o invadiram, gritando e gesticulando como loucos, nossa bagagem foi rapidamente removida, e embarcamos em um jinriquixá, que nos levou velozmente para a cidade chinesa, a um templo em que eu deveria ficar por algum tempo. Po Ku e eu mantínhamos silêncio, em meio àquele mundo babélico. Xangai era, por certo, lugar muito ruidoso e muito ativo, mais movimentado do que o normal, porque os japoneses procuravam formar a base para um ataque feroz, e por algum tempo havia revistado os residentes estrangeiros que desejavam atravessar a Ponte Marco Pólo. Causavam embaraços extremos, devido ao rigor com que efetuavam suas buscas e revistas, e os ocidentais não conseguiam entender que êles, ou os chineses, não percebessem a vergonha no corpo humano, mas apenas nos pensamentos das pessoas quanto ao mesmo, e quando revistado pelos japonêses achavam que isso era um insulto deliberado, o que não acontecia.

Mantive, por algum tempo, uma clínica particular em Xangai, mas para oriental nenhum o “tempo” tem importância. Não fazemos referência a tal ou qual ano, pois todos os momentos convergem em um só. Mantive numa clínica particular, fazendo muito trabalho médico e psicológico, e tinha pacientes para atender em meu consultório e nos hospitais. O tempo de folga era nenhum, e qualquer momento em que conseguia estar livre do trabalho médico era tomado por intensos estudos de navegação aérea e teoria do vôo. Por longas horas após o anoitecer eu voei sôbre as luzes tremeluzentes da cidade, e sôbre os campos, onde se viam apenas os brilhos mais leves das choças de camponeses, para orientação.

Os anos se passavam, sem que lhes déssemos atenção, eu ocupado demais para atribuir qualquer importância às datas. O Conselho Municipal de Xangai conhecia-me o bastante e utilizava meus serviços profissionais o mais que podia. Eu travara boa

amizade com um russo branco. Chamava-se Bogomoloff, e era um dos que havia escapado de Moscou durante a revolução comunista. Perdera tudo que tinha naquela época terrível, achando-se então a serviço do Conselho Municipal de Xangai. Tratava-se do primeiro homem branco a quem conheci, e conheci inteiramente — e de um homem, na acepção da palavra. Percebia claramente que Xangai não dispunha de defesas contra a agressão e, como nós, previa os horrores que se avizinhavam.

No dia 7 de julho de 1937 ocorreu um incidente na Ponte Marco Pólo, e como já se escreveu demasiadamente sôbre o mesmo não vou repetir o que ali se passou. Notabilizou-se, apenas, pelo fato de ser o verdadeiro ponto inicial da guerra entre China e Japão. As coisas, agora, passavam a um estado de guerra, e tempos difíceis não tardariam a chegar. Os japoneses se mostravam agressivos e truculentos, e muitos dos negociantes estrangeiros, e em especial os chineses, haviam previsto as dificuldades e mudado, com famílias e bens, para outras partes da China, mais interiores, como Chungking. Mas os camponeses nos distritos imediatos de Xangai haviam invadido a cidade, pensando por algum motivo que estariam a salvo, parecendo acreditar na segurança proporcionada pelos grandes ajuntamentos humanos.

Em tôdas as ruas da cidade, dia e noite, circulavam caminhões da Brigada Internacional, lotados de mercenários de muitas nacionalidades diferentes e encarregados de manter a ordem dentro da cidade. Com freqüência demasiada, no entanto, eram apenas assassinos deslavados, recrutados por sua ferocidade. Se houvesse um incidente do qual não gostassem, chegavam em bom número e, sem qualquer aviso, provocação ou motivo, descarregava as metralhadoras, carabinas e revólveres, matando civis inocentes e indefesos; com freqüência deixavam de tomar qualquer providência contra as pessoas culpadas. Costumávamos dizer, em Xangai, que era muito melhor lidar com os japoneses do que com os bárbaros de cara vermelha, como chamávamos certos membros da Fôrça Policial Internacional.

Por algum tempo eu me especializara no tratamento de mulheres, a quem servia como médico e cirurgião, tendo formado uma clínica das mais satisfatórias naquela cidade. A experiência adquirida naqueles dias anteriores à guerra iria servir-me de muito, posteriormente.

Os incidentes faziam-se cada vez mais numerosos, e chegavam relatos a respeito dos horrores da invasão japonesa. Os soldados e abastecimentos militares nipônicos eram despejados na China, em quantidades enormes. Os invasores maltratavam os

camponeses, roubando e estuprando, como sempre haviam feito. Ao final de 1938 o inimigo se encontrava nos arrabaldes da cidade, onde forças chinesas mal armadas o enfrentavam, valorosamente, até à morte. Poucos, na verdade, foram os que conseguiram recuar, diante das hostes japonesas. Os chineses lutavam como só lutam os que defendem sua terra natal, mas foram esmagados pela superioridade numérica. Xangai tomou-se cidade aberta, na esperança de que os japoneses respeitariam as convenções e não bombardeassem aquela localidade histórica. Não dispunha de defesa, não tinha canhões ou armas de qualquer espécie. As forças militares foram retiradas, e a cidade atonetada com refugiados. A população antiga já escapara, em sua maior parte. As universidades, centros de estudo e cultura, as grandes firmas, bancos e demais haviam-se mudado para lugares como Chungking e outros distritos distantes. Em seu lugar, entretanto, tinham vindo os refugiados, gente de tôdas as posições, fugindo aos japoneses, pensando que encontrariam segurança no fato de se juntarem em grande número. As incursões aéreas faziam-se mais freqüentes, mas as pessoas começavam a acostumar-se a elas. Foi então que, certa noite, os japoneses desferiram um verdadeiro bombardeio sôbre a cidade. Todos os aeroplanos que conseguiram juntar decolaram, até mesmos os aviões de caça carregavam bombas, e os pilotos levaram granadas de mão nas nacelas para atirarem pelos lados. O céu da noite encheu-se de aviões, voando em formação sôbre uma cidade indefesa, como um bando de gafanhotos, e como um bando de gafanhotos êles atacaram tudo que encontraram. As bombas caíam por tôdas as partes, indiscriminadamente, a cidade tornou-se um mar de incêndios, e não havia defesa alguma, nada tínhamos com que nos pudéssemos defender.

Por volta da meia-noite, eu seguia a pé por uma estrada, em meio ao estrugir do ataque. Atendera a um caso, uma mulher agonizante, e agora caíam bombas, e eu pensava onde encontrar abrigo. De repente, houve um sussurro leve, que se tornou um gemido, e logo o chiado horripilante de uma bomba que caía. Tive a sensação de que todo o som, tôda a vida, havia parado. Tive a impressão do nada, de vazio completo. Fui suspenso como por mão de gigante, arremessado aos rodopios no ar e atuado ao chão com violência. Por minutos, fiquei atordoado, quase sem respirar, imaginando se já estava morto e à espera de prosseguir a jornada para outro mundo. Tremendo, levantei-me e olhei ao redor, absolutamente estupefacto. Eu estivera caminhando por uma estrada entre duas fileiras de casas altas, e agora me achava numa planície desolada, sem casa alguma de lado nenhum, apenas montes de ruínas, poeira fina manchada de sangue e pedaços de corpos

humanos. As casas de antes haviam estado em aglomerado e a bomba pesada caíra em cima delas, tão perto de mim que eu ficara no vácuo parcial de sua explosão. Por algum motivo extraordinário, não ouvira som algum, e não sofrera mal algum. A carnificina fôra simplesmente espantosa. Pela manhã empilhamos os cadáveres, formando montes da altura de uma casa, e os queimamos para impedir a disseminação da peste, pois sob o sol quente os corpos já se decompunham, tornando-se cinzentos e inchando. Por dias seguidos cavamos as ruínas, procurando salvar qualquer sobrevivente, retirando os mortos e queimando-os no mesmo lugar, na tentativa de evitar doença na cidade.

Ao final de certa tarde, eu me encontrava num recanto antigo de Xangai, e acabara de atravessar uma ponte inclinada que transpunha um canal. À direita, em cabine de rua, encontravam-se alguns astrólogos e adivinhos chineses, sentados em seus balcões, lendo o futuro para clientes ávidos, ansiosos por saber se sobreviveriam à guerra e se as coisas melhorariam. Olhei para êles, levemente divertido ao pensar que de fato acreditavam no que aquêles espertalhões diziam. Êstes recitavam de cor os caracteres ao redor do nome do cliente, numa tabuleta, falando-lhes do desfecho da guerra, dizendo às mulheres que maridos e filhos se achavam salvos. Pouco mais adiante os astrólogos — talvez descansando um pouco das atividades profissionais! — agiam como escribas, redigindo cartas que os clientes desejavam mandar a diversas partes da China, talvez dando notícias da família. Aquela gente subsistia com dificuldade, escrevendo para quem não podia ou sabia fazer, e cumpria a tarefa ao ar livre, de modo que qualquer um podia parar e ficar sabendo da vida particular da família em causa. Na China não existe vida particular, isto é, sigilo pessoal, e o escriba de rua costumava ler em voz bem alta o que escrevia, de modo a outros clientes po-

derem ter noção do belo arranjo que davam às cartas. Prossegui na caminhada para um hospital, onde ia fazer algumas operações, e passei pela cabine dos vendedores de incenso, pelos sebos que sempre parecem estar à beira da água e que, como na maioria das cidades, oferecem ali seus livros usados. Mais adiante estavam os vendedores de incenso e objetos de templo, tais como estatuetas dos Deuses Ho Tai e Kuan Yin, o primeiro Deus do Bom Viver, e a segunda Deusa da Compaixão. Fui ter ao hospital, onde executei o que tinha a fazer e, mais tarde, voltei pelo mesmo caminho. Os japoneses haviam passado por cima, com seus aviões de bombardeio, e já não se viam as cabines ou barracas. Já não estavam lá os vendedores de objetos, ou de incenso, pois tanto êles

quanto suas mercadorias haviam voltado ao pó. Lavraram incêndios, edifícios ruíam, de modo que mais uma vez a cinza voltara à cinza, o pó ao pó.

Po Ku e eu, entretanto, tínhamos mais que fazer, além de ficarmos em Xangai. Íamos investigar a possibilidade de iniciar um serviço de ambulância aérea, sob ordens diretas do General Chiang Kai-Shek. Eu me lembro, de modo especial, de um desses vôos. O dia estava frio, nuvens pequenas e brancas passavam com rapidez pelo céu. De algum lugar no céu vinha o *crump-crump-crump* monótono das bombas japonesas, e de vez em quando o zumbido distante de motores aeronáuticos, como os sons emitidos por abelhas, em quente dia de verão. A estrada bruta e esburacada, ao lado da qual estávamos sentados, recebera o peso de muitos pés naquele dia e em muitos dias anteriores. Por ali seguiam os camponeses, na tentativa por fugirem à crueldade sem sentido dos japoneses, que se achavam inebriados pela sensação de poder. Velhos campônios quase ao final das vidas naturais empurravam carrinhos de uma roda, onde haviam empilhado todos os seus bens materiais, camponeses quase vergados ao chão, carregando às costas quase tudo quanto possuíam, soldados mal armados que seguiam na direção oposta, com pouco equipamento transportado em carros de bois, tudo aquilo eram homens que marchavam cegamente para a morte, tentando impedir o avanço impiedoso, procurando proteger sua terra e seus lares. Seguiam cegamente, sem saberem por que tinham de andar, sem saberem o que causara a guerra.

Acocoramo-nos sob a asa de um velho trimotor, aeroplano que já se esgotara antes de chegar às nossas mãos ansiosas e despidas de crítica. A cola despregava-se nas asas cobertas de lona, o largo trem de aterragem fôra consertado e reforçado com talas de bambu, e a bequilha refeita com um pedaço de mola do automóvel. A “Velha Abie”, como chamávamos essa aeronave, nunca nos falhara até então. Às vêzes os motores paravam, não se podia negar, mas apenas um de cada vez. Era um monoplano de asa alta, fabricado por famosa emprêsa americana. Tinha o corpo coberto por tecido, e a aerodinâmica era expressão desconhecida quando a haviam fabricado. A modesta velocidade de duzentos e poucos quilômetros horários que desenvolvia dava a impressão de ser o dôbro. O tecido de seu revestimento parecia vibrar, longarinas rangiam e protestavam, e o largo cano de escapamento fazia aumentar a barulheira geral.

Muito tempo antes aquela aeronave fôra pintada de branco, com grandes cruces vermelhas nas asas e lados, mas agora se apresentava tristemente desbotada e cheia de tiras e manchas. O

óleo vindo dos motores aduzira um brilho entre amarelo e marfim a seu aspecto, como se fôra velha escultura chinesa. A gasolina, transbordando e espirrando para trás, trouxera outras tonalidades, enquanto as diversas faixas surgidas com o correr do tempo conferiam um aspecto dos mais bizarros ao velho aparelho.

Terminava o ruído causado pelas bombas japonesas, e terminara outra incursão, de modo que tinha início nosso trabalho. Mais uma vez arrumamos o parco equipamento de que dispúnhamos: duas serras, uma grande e outra pequena e pontuada; bisturis de diversos tipos, somando o total de quatro. Um deles fôra uma faca de açougueiro, outro uma faca de retocar fotografias. Os demais eram escalpos autênticos.

Poucos eram os fórceps, as seringas hipodérmicas estavam com agulhas deploravelmente rombudas. Uma seringa aspiradora, com tubo de borracha, e atadura média. Correias, muito necessárias, pois sem anestésicos era freqüente têmos de amarrar os pacientes.

Cabia a Po Ku pilotar o avião, aquêlê dia, e a mim ficar sentado na parte traseira do mesmo, vigiando os caças japoneses. Não dispúnhamos do luxo que eram aparelhos intercomunicadores a bordo, e nos valíamos de um arame, uma das pontas amarrada ao piloto, a outra puxada pelo observador, utilizando-se um código rudimentar de puxões para servirem de aviso.

Cauteloso, acionei as hélices, pois Abie tinha uma descarga forte. Um a um os motores tossiram, soltaram um jato de fumaça negra e oleosa, e acordaram com barulho. Logo aqueciam, e nós os pusemos em marcha mais ou menos rítmica. Embarquei, seguindo para a pôpa, onde havíamos aberto uma janela de observação na tela de revestimento. Dois puxões no arame, e Po Ku ficou sabendo que eu estava em posição, acororado no chão, apertado entre os montantes, sem espaço para me mover. O ruído dos motores aumentou e tôda a aeronave estremeceu, seguindo pela pista. Houve um grunhido do trem de aterragem e o ranger do madeirame na estrutura. A cauda subia e balançava, ao bater em pontos mais altos da pista, e lá dentro eu saltava do chão ao teto. Acomodei-me com mais justeza, porque me sentia como se fôra uma ervilha dentro da vagem. Com •estrondo e batidas finais, o velho aeroplano alçou-se ao ar, e o ruído diminuiu quando os motores receberam menos fôrça. Uma queda perigosa, quando passávamos pouco acima de algumas árvores, e meu rosto foi quase violentamente enfiado na parte externa da janela de observação. Puxões violentos no arame, acionado por Po Ku, dizendo: “Conseguimos decolar outra vez. Você ainda está por aí? Outros

puxões, de minha parte, tão expressivos quanto os consegui tornar, indicando o que pensava a respeito da decolagem que êle fizera.

Po Ku olhava para onde íamos, ou para o que acabávamos de sobrevoar. Dessa feita, seguíamos para uma aldeia no distrito de Wuhu, onde tinha havido incursões pesadas e era grande o número de feridos, sem que contassem com qualquer assistência local. Sempre fazíamos rodízio na pilotagem, um dirigindo e o outro observando. Abie tinha muitos pontos cegos e os caças japonêses eram bastante rápidos. Muitas vêzes a velocidade dêles era o que nos salvava, pois podíamos desacelerar e ficar a noventa quilômetros horários no ar, quando estávamos muito carregados, e o piloto japonês médio não tinha grande habilidade de disparo. Costumávamos dizer que estávamos mais seguros quando à frente dêles, porque sempre erravam o que se achasse bem diante dos narizes chatos!

Eu mantinha vigilância, atento às detestadas “manchas de sangue”, descrição apropriada para os aviões nipônicos. O Rio Amarelo passou sob a cauda do avião, o arame foi puxado três vêzes. “Vamos pousar”, Po Ku estava dizendo. A cauda pareceu subir, o ruído dos motores desapareceu e foi substituído por um agradável “wick-wick, wick-wick” enquanto as hélices giravam ociosamente. Deslizamos, com motores desligados. Rangidos do leme, quando virávamos de leve para corrigir o rumo, estremeções e vibrações do tecido a esbater-se na brisa forte. Uma descarga curta e repentina dos motores, os solavancos e barulhos característicos de contado com o chão, e sacudidelas outra vez de uma à outra extremidade. E, então, o momento mais detestado pelo infeliz observador aprisionado na cauda: aquêle em que a cauda descia e a bequilha mordida a terra dura, levantando nuvens de poeira sufocante, carregada de partículas de fezes humanas, com que os chineses costumam adubar os campos.

Desembarcei o corpanzil do espaço apertado na cauda do avião, pondo-me em pé com gemidos de dor, enquanto a circulação voltava às partes dormentes. Subi pela fuselagem, dirigindo-me à porta, que Po Ku já abrira, e pulamos ao chão. Vinha gente correndo para nós, chamando:

— Depressa, temos muitos feridos! O general Tien está com uma barra de metal atravessada no corpo, aparecendo atrás, e na frente.

Na construção de aspecto miserável que estavam usando como hospital de emergência, o general se encontrava sentado e ereto, a pele normalmente amarela tornada em cinzento-es-

verdeado agora, pela dor e cansaço. Logo acima do canal inguinal esquerdo uma brilhante barra de aço aparecia, assemelhando-se àquela usada para acionar macacos de suspender automóveis. Fôsse lá o que fôsse, o fato é que a explosão de alguma bomba próxima a cravara em seu corpo. A extremidade surgida nas costas, pouco acima da curva sacro-ilíaco, era lisa e aguçada, e me parecia que por pouco deixara de atingir o cólon descendente.

Depois de examinar cuidadosamente o paciente, saí com Po Ku, para não sermos ouvidos por quem se encontrava lá dentro, e mandei-o ao avião em missão um tanto incomum. Enquanto êle se achava por lá, limpei com cuidado os ferimentos do general, bem como a barra de metal. O homem era pequenino e idoso, mas se encontrava em bom estado físico. Não tínhamos anestésico algum e eu lhe disse isso, mas prometi ser tão cuidadoso quanto possível.

— Vai doer, por mais cuidado que eu tenha — adverti. — Mas farei o melhor que puder.

Êle não pareceu preocupado, e respondeu:

— Pode prosseguir. Se não fizerem nada, morrerei da mesma forma, de modo que nada tenho a perder, e tudo a ganhar.

Da tampa de uma caixa de abastecimento retirei um pedaço de madeira com mais ou menos um palmo quadrado de superfície, e fiz um furo no centro, de modo a ajustar-se com firmeza na barra de metal. A essa altura, Po Ku voltara com o estojo de ferramentas do avião, trazendo-o como o mesmo se achava. Colocamos cuidadosamente a pequena tábua na barra de ferro, pelo orifício, e Po Ku a segurou com firmeza contra o corpo do paciente. Segurei a barra com nossa chave-inglês grande, marca Stilson, e puxei com suavidade. Nada aconteceu senão o empalidecimento completo do general.

“Bem”, eu estava pensando, “não podemos deixar isso aí, e estamos, portanto, diante de um caso de curar ou matar”. Apoiei o joelho em Po Ku, que segurava a tábua em posição, agarrei de novo a barra e puxei com força, fazendo-a rodar de leve. Com um ruído horrível de sucção, a barra saiu e eu, perdendo o equilíbrio caí de costas. Levantei-me com rapidez e nós nos apressamos a estancar o fluxo de sangue do general. Olhando a ferida com auxílio de uma lanterna elétrica, cheguei à conclusão de que não fôra feito grande estrago, de modo que limpamos e demos pontos onde alcançávamos. A essa altura, depois de ingerir estimulantes, o general já adquirira côr muito melhor e — como afirmou — sentia-se muito mais satisfeito, pois podia deitar-se de lado, enquanto antes tivera de manter-se sentado e ereto, suportando o pêso da

barra. Deixei Po Ku para terminar o curativo e fui examinar o caso seguinte, uma mulher que tivera a perna direita arrancada pouco acima do joelho. Um torniquete fôra-lhe aplicado, mas com força demais e por tempo demasiado, e só havia uma coisa a fazer: tínhamos de amputar o côto.

Mandamos derrubar uma porta, e sôbre a mesma amarramos a mulher. Com rapidez cortei a carne em formato de “v”, com a ponta voltada na direção do corpo, e com serra fina cortei o osso o mais alto possível. Depois, dobrando cuidadosamente as duas abas, costurei-as para formar uma almofada com a extremidade do osso. A coisa levou pouco mais de meia hora, meia hora de agonia terrível, e por todo êsse tempo a mulher estêve quieta, sem emitir som algum, nem mesmo o menor queixume, e tampouco estremeceu. Sabia estar na mão de amigos, sabia que estávamos fazendo aquilo por seu bem.

Havia outros casos, alguns de ferimentos menores, outros mais graves, e após os têrmos tratado já escurecia. Aquêle era o dia de Po Ku pilotar, mas êle não conseguia enxergar àquela luz fraca, de modo que foi preciso que eu tomasse o comando.

Voltamos depressa ao avião, guardando nosso equipamento com carinhoso cuidado, pois mais uma vez êle nos servira bem. Em seguida, Po Ku fêz girar as hélices e ligou os motores. Chamas entre vermelhas e azuis vieram pelos canos de escapamento, e nosso aspecto conjunto devia ser o de um dragão comedor de fogo, para quem nunca vira um aeroplano antes. Entrei e deixei-me cair no assento do piloto, tão cansado que mal conseguia manter os olhos abertos. Po Ku veio cambaleando, embarcou atrás de mim, fechou a porta e estendeu-se no chão, adormecendo. Acenei para os homens lá fora, a fim de retirarem as pedras que travavam as rodas do avião.

Escurecia mais, e era difícil ver as árvores próximas. Eu guardara de memória a disposição geral do terreno ao redor, e acionei ao máximo o motor de estibordo para fazermos a volta. Não havia vento algum e eu, contando estar na direção certa, abri as três manetes até onde podiam ser abertas. Os motores roncaram a tôda, e o aeroplano estremeceu e se adiantou com estrondo enquanto seguíamos rolando, a oscilar com velocidade cada vez maior. Os instrumentos no painel não eram visíveis, não tínhamos luzes e eu sabia que a extremidade do campo estava horrivelmente perto. Puxei o manche, o avião ergueu-se, falseou e baixou, e voltou a subir. Estávamos no ar, e eu o inclinei, fazendo uma curva lenta, subindo. Pouco abaixo das nuvens frias da noite, nivelei o vôo,

procurando o acidente geográfico que serviria de orientação, o Rio Amarelo. Lá estava à esquerda, parecendo refletir um brilho leve sobre a terra mais escura. Fiquei à espreita, também, de qualquer outra aeronave no céu, pois não tínhamos defesa de espécie alguma. Com Po Ku dormindo no chão do aparelho, atrás de mim, não havia quem vigiasse pela cauda.

Tendo tomado o rumo, encostei-me no assento, pensando como aquelas viagens de emergência eram espantosamente cansativas sendo preciso improvisar as coisas, remediar do melhor meio possível, consertando pobres corpos ensangüentados com qualquer coisa que estivesse à mão. Pensei nas histórias fabulosas que ouvira contar a respeito de hospitais na Inglaterra e Estados Unidos da América, com quantidades imensas de materiais e instrumentos. Mas nós, na China, tínhamos que dar um jeito de qualquer modo, tínhamos de safar-nos com nossos próprios recursos.

Aterrar foi tarefa difícil, numa escuridão quase total. Havia apenas o brilho leve das lamparinas de óleo nas casas dos camponeses, e a escuridão bastante acentuada das árvores. Mas o velho aeroplano tinha de descer, de algum modo, e eu o levei a isso com o rumorejar do trem de pouso e o gemido da bequi-lha na cauda. Isso não despertou Po Ku, de modo algum. Desliguei os motores, saí, pus os calços diante das rodas e voltei para o aeroplano, fechei a porta e caí de sono no chão.

Cedo, no dia seguinte, fomos despertados por gritos de alguém lá fora. Abrimos a porta e lá estava um ordenança a dizer que, ao invés de têrmos um dia de folga, seria preciso levarmos um general a outro distrito, onde o mesmo teria encontro com o General Chiang Kai-Shek, para tratarem da guerra na região de Nanquim. Esse general era um tipo miserável, que fôra ferido e se achava, ao menos em teoria, ainda convalescendo. Em nossa opinião, fazia corpo mole. Era um homem que se achava muito importante, e todos os seus oficiais o detestavam vigorosamente. Tivemos de melhorar um pouco nossa aparência, de modo que fomos para nossas cabanas a fim de limparmo-nos e trocar de uniforme, uma vez que o referido general era rigoroso quanto à aparência. Enquanto estávamos no alojamento, a chuva desabou, e nossa tristeza aumentou, à medida que o dia se tornava cada vez mais chuvoso. A chuva! Nós a detestávamos tanto quanto era detestada pelos chineses. Uma das visões da China era a dos soldados chineses, todos eles homens corajosos e resistentes, talvez entre os mais corajosos soldados do mundo, mas odiavam a chuva. Na China, ela vinha com um rugido compacto, era um aguaceiro

contínuo. Caía sôbre tudo, empavava tudo e todos que estivessem ao desabrigo. Quando voltávamos ao aeroplano, sob nossos guarda-chuvas, vimos um destacamento do exército chinês. Os soldados seguiam pela estrada, ao lado do aeródromo, estrada essa que se encontrava enlameada cheia de água. Os soldados pareciam abatidos ao extremo, pela chuva. Já haviam atravessado dificuldades e sofrimento bastantes e a chuva viera piorar muito sua situação. Marchavam sem ânimo, os fuzis protegidos por bolsas de lona que passavam sôbre os ombros. Nas costas, traziam sacos amarrados por corda em forma de cruz, para que se mantivessem intactos, e ali se encontravam todos os seus pertences, todo o seu material de guerra, alimentos tudo enfim. Sôbre as cabeças usavam chapéus de palha, e nas mãos direita, cobrindo as cabeças, carregavam guarda-chuvas amarelos, feitos de papel oleado e bambu. Isso poderia parecer um espetáculo divertido, mas era inteiramente comum ver quinhentos ou seiscentos soldados marchando por uma estrada, protegidos por quinhentos ou seiscentos guarda-chuvas. Também nós os usamos, para chegarmos ao aeroplano.

Olhamos com espanto, quando chegamos a nosso lado do avião. Lá estava um grupo de pessoas, sustentando acima das cabeças uma cobertura de lona, impedindo assim que o general ficasse sob a chuva. Êle nos fêz um sinal imperioso, e interpeleou:

— Qual dos dois tem mais experiência de vôo?

Po Ku suspirou, fatigado, e respondeu:

— Eu, general. Eu vôo há dez anos, mas meu camarada é piloto muito melhor, e tem mais experiência.

— Sou eu o juiz para determinar quem é o melhor — disse o homem. — Você pilotará e êle manterá guarda para nossa segurança.

Assim é que Po Ku foi para o compartimento de controle, eu para a cauda do avião. Experimentamos os motores, e pela pequenina janela pude ver o general e seus ajudantes embarcando. Houve muito rapapé à porta, muita cerimônia, gente acenando, fazendo zumbaias, e depois disso um ordenança fechou a porta do aparelho e dois mecânicos afastaram os calços das rodas. Um aceno a Po Ku e os motores foram acelerados. Êle me fêz o sinal pelo arame, e começamos a rolar na pista.

Eu não sentia satisfação alguma com aquele vôo, pois íamos sobrevoar as linhas japonesas, e os nipônicos se encontravam bem alertas quanto a quem voasse por cima de suas posições. Pior ainda, tínhamos três aviões de caça — apenas três — que deveriam oferecer-nos escolta e proteção. Sabíamos que isso serviria grandemente para despertar a atenção dos japo- neses, e que seus

aviões subiriam para verificar do que se tratava. Por que motivo um velho trimotor como o nosso teria aviões de caça a protegê-lo? No entanto, como o general afirmara de modo tão inequívoco, êle era o superior, aquêles que dava as ordens, e assim é que prosseguimos. Rolamos devagar até o extremo da pista, e com uma revoada de pó e estardalhaço no trem de pouso, o aeroplano deu a volta, os três motores foram levados ao máximo e nos precipitamos na pista de rolamento. Com uma batida metálica e estrondó o velho aeroplano decolou. Fizemos círculos por algum tempo, a fim de ganhar altura. Não era nosso costume fazer isso, mas dessa feita foram ordens dadas nesse sentido. Gradualmente chegamos a mil e quinhentos metros, depois a três mil, que era mais ou menos nosso teto. Continuamos em círculos, até que os três aviões de caça decolassem, e viessem tomar lugares em formação abaixo e acima de nós. Eu me sentia inteiramente despido, prêso naquele canto apertado e três aviões de caça por perto. De vez em quando via um dêles surgindo, e logo se afastava de minha visão. Não tive qualquer sensação de segurança ao vê-lo ali e, ao contrário, receava o aparecimento de aeroplanos japoneses a qualquer momento.

Continuamos o vôo, prolongado e aparentemente interminável. Tinha-se a impressão de estar suspenso entre céu e terra. Havia alguns solavancos e oscilações, o aeroplano sacudia-se um pouco, e minha mente divagava, diante de tanta monotonia. Pensei na guerra que se travava no chão, pensei nas atrocidades e horrores, de que assistira boa parte. Pensei em meu amado Tibete e em como seria agradável se pudesse tomar a Velha Abbie e voar, pousando aos pés da Potala, em Lhasa. De repente, ouvi estampidos, e o ar pareceu encher-se de aeroplanos voando em círculo, ostentando a odiada “mancha de sangue” nas asas. Via que se aproximavam, e logo se afastavam outra vez. Vi balas traçadoras e a fumaça negra de fogo de canhões aéreos. De nada adiantava dar sinais a Po Ku, sendo evidente que estávamos sob fogo pesado. A velha Abbie inclinou-se e mergulhou, e logo se ergueu outra vez. O nariz subiu, e parecíamos estar arranhando o céu. Po Ku estava fazendo manobras bem violentas, pensei, e eu mal dava conta da tarefa de me agarrar àquele ponto da cauda. Repentinamente, balas passaram zunindo pelo tecido bem à minha frente. Ao lado, um arame retiniu, partiu-se a sua ponta veio arranhar-me o rosto, quase acertando uma vista. Procurei tomar-me o menor possível e forçar-me mais ainda para a cauda. Havia em marcha uma batalha feroz, batalha essa que estava agora à minha vista, pois as balas tinham feito uma linha perfurada no tecido, e a janela de observação se fôra, bem como boa superfície de revestimento. Parecia-me estar

sentado nas nuvens, em estrutura de madeira. A batalha prosseguia, em vaivém, e logo houve um estrondo fortíssimo. Todo o aeroplano estremeceu, e seu nariz baixou. Dei uma espiada apavorada pela janela, notando que os aeroplanos japoneses pareciam encher o céu. Enquanto olhava, vi a colisão de um aparelho chinês com outro, japonês. Houve outro estrondo, um jato de fogo vermelho-alaranjado foi seguido por fumaça negra, e os dois aeroplanos desceram em rodopio, um prêsso ao outro, em abraço mortal. Os pilotos foram cuspidos e caíam em rodopio, revirando-se como rodas. Lembrei-me dos

dias em que voava em papagaios no Tibete, e quando o lama caíra de um dêles e viera de cambalhotas bem parecidas àquelas, para esborrachar-se nas rochas muito abaixo.

Mais uma vez o aeroplano estremeceu com violência, e inclinou-se sôbre a asa, como uma fôlha que cai da árvore. Achei que chegara o fim. O nariz caíra, a cauda erguia-se de modo tão repentino que deslizei diretamente pela fuselagem e fui ter à cabine, encontrando uma cena pavorosa. O general estava morto, e ao redor da cabine encontravam-se os corpos dos auxiliares. Balas de canhão haviam-lhes atravessado os corpos, reduzindo-os a fragmentos. Todos os auxiliares estavam mortos ou morrendo, a cabine transformada em cena infernal. Abri a porta para o compartimento do piloto e recuei, sentindo-me mal. Lá estava o corpo de Po Ku, sem cabeça, caído sôbre os controles. A cabeça, ou o que dela restava, espatifara-se sôbre o painel de instrumentos. O pára-brisas era uma mancha sanguinolenta, coberto por sangue e miolos, tão encoberto que eu não podia enxergar por êle. Logo apanhei Po Ku pelos ombros e o retirei do assento. Com a maior pressa possível, sentei-me ali e agarrei os controles, que se esbatiam com violência. Estavam pegajosos de sangue, e foi com extrema dificuldade que os segurei. Puxei o manche para tentar erguer o nariz da aeronave, mas não podia ver coisa alguma. Cruzei as pernas sôbre o manche e, estremeecendo, usei as mãos para retirar os miolos e sangue do vidro, procurando abrir espaço pelo qual pudesse enxergar. O chão vinha a nosso encontro, e por meio do avermelhado do sangue de Po Ku pude ver que as coisas se tornavam cada vez maiores, o aeroplano estremeceu, os motores gritavam desesperados. As manetes não tinham mais qualquer efeito sôbre êles, e o motor de bombordo desprendeceu-se do corpo do avião. Depois disso, o motor de estribordo explodiu. Com o prêsso removido, o nariz subiu de leve. Puxei mais para trás, com fôrça maior, o nariz subiu mais um pouco, mas era tarde, tarde demais. O avião estava destruído

demais para atender aos controles. Eu tinha conseguido diminuir-lhe um pouco a velocidade, mas não o bastante para uma aterragem satisfatória. O chão pareceu erguer-se, as rodas tocaram, o nariz tombou ainda mais. Houve um estrondo terrível, o ruído do madeirame que se arrebenta. Senti como se o mundo estivesse a desintegrar-se ao redor quando, juntamente com o assento do piloto, fui arremessado pelo fundo do aparelho e caí em algum lugar mal-cheiroso. Sentia nas pernas uma dor insuportável, e por algum tempo não percebi mais coisa alguma.

Não devo ter levado muito tempo para recuperar a consciência, pois despertei com o som de disparos. Olhei para cima e vi que os aeroplanos japoneses desciam, e das bôcas de suas armas vinham jatos de chama. Disparavam contra os destroços da velha Abbie, para terem a certeza de não haver pessoa alguma em seu inferior. No único motor restante, o do nariz, uma pequena chama surgiu, percorreu a distância em direção à cabine, onde o tecido ficara saturado de gasolina. Houve um clarão repentino de fogo branco, encimado por fumaça negra. A gasolina se espalhava pelo chão e pareceu haver fogo derramado, porque ela se incendiara. E logo veio uma explosão, e os destroços acabaram de ruir. A velha Abbie já não existia mais. Satisfeitos, finalmente, os aeroplanos japoneses se afastaram.

Eu já podia olhar ao redor, verificar onde me encontrava. Com horror, descobri estar em profunda vala de drenagem, um esgoto. Na China, muitos dos sistemas de esgoto são abertos, e eu me encontrava em um deles. O fedor era simplesmente espantoso, e eu me consolei com o pensamento de que tal posição servira ao menos, para salvar-me das balas japonesas e do incêndio dos destroços. Libertei-me rapidamente do que restava do banco de pilotagem, e vi que havia partido ambos os tornozelos, mas com bastante esforço consegui arrastar-me sobre mãos e joelhos, lutando na terra solta para chegar ao alto da vala e fugir ao detrito viscoso do esgoto.

Em cima da margem, diante das chamas que ainda brilhavam sobre a terra saturada de gasolina, desmaiei outra vez, com dor e esgotamento, mas pontapés fortes em minhas costelas logo me trouxeram de volta à consciência. Soldados japoneses tiniram sido atraídos pelo incêndio e eu fôra encontrado.

— Aqui está um que ainda vive — disse alguém.

Abri os olhos e vi um soldado japonês com fuzil e baioneta calada. Esta se achava recuada, pronta para ser enfiada em meu

coração.

— Tive de fazê-lo acordar para saber que vai morrer — disse ao companheiro, e ia desferir o golpe.

Nesse momento, um oficial chegou, apressado.

— Pare! — ordenou. — Leve-o para o campo. Nós o faremos dizer quem eram os ocupantes do avião, o por que estava tão bem guardado. Leve-o para o campo. Vamos interrogá-lo.

O soldado passou o fuzil pelo ombro e me apanhou pela gola, esforçando-se por me fazer levantar.

— É pesado, o bicho. Ajude aqui — pediu.

Um dos companheiros veio e pegou um de meus braços. Juntos, êles me arrastaram, esfolando-me as pernas enquanto era puxado sôbre o chão pedregoso. Finalmente o oficial, que parecia ter-se afastado para examinar o incêndio, voltou a ter conosco. Com um berro de raiva, gritou:

— Carreguem-no!

Olhou para meu corpo sangrando e a trilha de sangue que deixava no chão, e esbofeteou os dois com as costas da mão.

— Se êle perder mais sangue, não terá vida para o interrogatório, e eu os responsabilizarei por isso.

Assim é que pude descansar no chão, enquanto um dos guardas saía à procura de algum tipo de transporte, porque eu era um homem grande, corpulento, e os guardas japoneses, pequeninos e insignificantes.

Depois de algum tempo, fui atirado como um saco de lixo num carinho de mão, e levado a um edifício que os japoneses usavam como prisão. Ali, simplesmente me atiraram ao chão, e fui novamente arrastado pela gola até uma cela e deixado a sós. Bateram a porta, fecharam-na à chave, e os soldados ficaram na parte externa, de guarda. Depois de alguns momentos, consegui endireitar os tornozelos e pôr talas nos mesmos, feitas com pedaços de madeira que havia na cela, que aparentemente fôra usada como depósito. Para prender as talas, tive de usar tiras da roupa.

Por dias seguidos estive na prisão, na cela solitária, tendo apenas ratos e aranhas por companhia. Recebia diàriamente alguma água e os restos deixados das mesas dos guardas japoneses, restos êsses que talvez houvessem mastigado, achando insatisfatório e cuspidos de volta ao prato. Mas era o único alimento que me davam. Devo ter ficado ali mais de uma semana, porque meus ossos quebrados já melhoravam e certa noite, talvez ao início do dia seguinte, a porta foi aberta com brutalidade e os guardas japoneses entraram, fazendo barulho. Puseram-me em pé, e tiveram de apoiar-me, pois os tornozelos ainda não suportavam meu pêso. Chegou um

oficial, então, e iniciou o interrogatório desferindo-me uma bofetada.

— Seu nome? — indagou.

— Sou oficial das forças chinesas, e prisioneiro de guerra

— respondi. — É tudo que tenho a dizer.

— *Homens* não se deixam tornar prisioneiros — disse êle.

— Os prisioneiros são lixo, não têm direito algum. Você vai responder ao que perguntei.

Calei-me, no entanto, de modo que êles me derrubaram, batendo em minha cabeça com o lado plano das espadas, deram-me sôcos, pontapés e cuspiram em mim. Como não respondi, queimaram-me rosto e corpo com cigarros acesos, e puseram fósforos acesos entre meus dedos. Meu treinamento não fôra em vão. Não falei, pois êles não conseguiriam isso de mim. Mantive silêncio e levei o pensamento a outras coisas, sabendo ser êsse o melhor meio de agir. Depois de algum tempo um guarda desferiu uma coronhada de fuzil em minhas costas, tirando-me todo o fôlego e quase me deixando atordoado com a violência da pancada. O oficial veio até onde eu estava, cuspiu em meu rosto, desferiu-me um pontapé rijo e disse:

— Nós voltaremos, e você falará, então.

Eu caíra ao chão, de modo que permaneci ali, uma vez que não havia outro lugar onde descansar. Procurei recobrar minhas energias um pouco, e aquela noite não houve mais visitas. Tampouco vi pessoa alguma no dia seguinte, ou no outro, ou no outro ainda. Por três dias e quatro noites, fiquei sem comida ou água, e sem ver pessoa alguma, mantido em suspenso, imaginando o que aconteceria em seguida.

No quarto dia, veio um oficial, mas diferente do primeiro, e disse que iam tratar de mim, e tratar muito bem, mas que em troca eu devia contar-lhes tudo que sabia a respeito dos chineses, suas forças e Chiang Kai-Shek. Disseram ter descoberto quem eu era, que era um grande nobre do Tibete, e que desejavam a amizade do Tibete. Eu pensava: “Bem, estão demonstrando uma amizade das mais curiosas”. O oficial curvou-se, fêz meia volta e saiu.

Durante uma semana, fui razoavelmente tratado, recebendo duas refeições diárias e água para beber, e isso foi tudo. Não era água suficiente, nem comida bastante, mas êles, ao menos, deixaram que eu ficasse em paz. Depois disso, vieram três dêles e disseram que iam interrogar-me, e que eu responderia ao que perguntassem. Trouxeram um médico japonês e êle me examinou, dizendo que eu me encontrava em mau estado, mas suficientemente

bom para ser interrogado. Examinou meus tornozelos e declarou ser assombroso, se eu conseguisse voltar a andar. Fizeram zumbaias cerimoniais, para mim e entre si, e saíram marchando como uma turma de colegiais. Mais uma vez a porta da cela se fechou com estrondo, e fui informado de que enfrentaria novamente um interrogatório, ainda naquele dia. Preparei a mente e decidi que não trairia os chineses, por mais que meus captores fizessem.

Quando o Mundo Era Muito Jovem

Nas primeiras horas da madrugada seguinte, bem antes de surgirem os primeiros raios da aurora, a porta da cela foi aberta com violência, batendo na parede de pedra com estrondo. Entraram guardas, apressados, e eu fui pôsto de pé e sacudido com violência por três ou quatro homens. Depois disso, puseram algemas em mim e tocaram-me para uma sala que pareceu muito distante, pela caminhada longa que foi necessária. Os guardas continuavam a cutucar-me com as coronhas de fuzis, e sem gentileza de espécie alguma. Tôdas as vêzes que faziam isso, o que acontecia com freqüência demasiada, êles gritavam:

— Responda direito às perguntas, seu inimigo da paz! Responda direito, ou serão feitas coisas terríveis com você. Você é um inimigo da paz. Nós lhe arrancaremos a verdade!

Chegamos, afinal, à sala de interrogatório e lá estava um grupo de oficiais, sentados em semicírculo, com aspecto feroz ou procurando demonstrar ferocidade em suas fisionomias. A mim, na verdade, assemelhavam-se a uma malta de meninos de escola, que haviam resolvido empreender alguma surtida sádica. Todos êles se curvaram cerimoniosamente quando entrei e, em seguida, um oficial mais graduado, com patente de coronel, exortou-me a dizer a verdade. Assegurou-me que os japoneses eram gente amiga e amante da paz, mas que eu era inimigo do povo nipônico, porque estava querendo resistir à sua penetração pacífica na China. A China, afirmou êle, deveria ser uma colônia dos japoneses, porque não possuía cultura! E prosseguiu, afirmando:

— Nós, os japoneses, somos os verdadeiros amigos da paz. Você precisa contar-nos tudo que sabe. Fale dos movimentos das

tropas chinesas, o número de soldados e suas conversas com Chiang Kai-Shek, para podermos esmagar a rebelião da China sem perdermos soldados.

— Sou um prisioneiro de guerra — declarei — e exijo ser tratado como tal. Nada mais tenho a dizer.

— Nós temos de providenciar para que todos os homens vivam em paz, sob o Imperador — retorquiu êle. — Nós vamos expandir o Império Japonês! Você contará a verdade.

Não demonstravam qualquer gentileza em seu método de interrogar. Queriam informações, e não se importavam com o que faziam para obtê-la. Recusei-me a dizer coisa alguma, de modo que me derrubaram com coronhadas de fuzil, atingindo-me com brutalidade no peito, nas costas e joelhos. Depois disso puseram-me em pé outra vez, para que caísse de nôvo, sob pancadas. Depois de muitas horas, no curso das quais fui queimado com pontas de cigarros, resolveram ser preciso empregar medidas mais enérgicas. Fui amarrado por completo e arrastado para uma cela subterrânea, onde me deixaram manietado por diversos dias. O método japonês de amarrar os prisioneiros provocava uma dor terrível. Os punhos estavam atados atrás do corpo, com as mãos apontando para a nuca, e os tornozelos atados aos pulsos e as pernas dobradas nos joelhos, de modo que as solas dos pés também ficavam voltadas para a nuca. Depois disso, passaram uma corda em meu tornozelo e pulso esquerdo, pelo pescoço, descendo pelo pulso e tornozelo direitos, de modo que ao tentar achar uma posição melhor eu quase me estrangulava. Tratava-se de um método doloroso, o ser mantido retesado como um arco, e de vez em quando vinha um guarda e me desferia pontapés, só para ver o que acontecia.

Por diversos dias deixaram-me assim, sendo sôlto apenas por meia hora diária. Dias seguidos permaneci em tal situação, e êles continuavam a vir e pedir informações. Não emiti qualquer outro som ou resposta, senão para dizer:

— Sou oficial das forças chinesas, oficial não-combatente. Sou médico e prisioneiro de guerra. Nada mais tenho a dizer.

Com o tempo, êles se cansaram de me fazer perguntas, de modo que trouxeram uma mangueira e jogaram água com bastante pimenta em minhas narinas. Senti-me como se todo o cérebro houvesse pegado fogo, como se demônios estivessem alimentando as chamas dentro de mim. Mas eu não falei, e êles prosseguiram, com uma solução mais forte de pimenta e água à qual adicionaram mostarda. A dor era considerável, e depois de algum tempo começou a sair-me sangue vivo pela bôca. Eu conseguira sobreviver a isso por dez dias, e suponho que tenham achado que aquêle método não me faria falar, de modo que ao verem o sangue foram-se embora.

Dois ou três dias depois êles voltaram, e fui levado à sala de interrogatório. Tiveram de carregar-me dessa vez, porque não conseguia andar, a despeito dos esforços que fiz, a despeito dos golpes e coronhadas que desferiam, espetando-me com as baionetas. As mãos e pernas tinham ficado amarradas por tanto tempo que eu não as conseguia usar. Na sala de interrogatório, fui simplesmente atirado ao chão e os guardas — quatro dêles — que me haviam carregado puseram-se em posição de sentido diante dos oficiais que estavam sentados em semicírculo. Dessa feita, tinham diante de si uma série de instrumentos estranhos que eu, com base nos estudos feitos, sabia serem instrumentos de tortura.

— Você vai dizer a verdade agora, e deixar de fazer-nos perder tempo! — disse o coronel.

— Eu disse a verdade. Sou oficial das forças chinesas — foi tudo que eu disse em resposta.

Os japonêses ficaram vermelhos de raiva, e dada uma ordem fui amarrado a uma tábua tendo os braços abertos, como se estivesse numa cruz. Farpas compridas de bambu foram enfiadas sob minhas unhas, até o final da falangeta, e depois giradas. A coisa foi realmente dolorosa, mas não extraiu qualquer resposta de mim. Por isso os guardas retiraram as farpas e depois, uma por uma, e devagar, minhas unhas foram partidas para trás.

A dor era realmente diabólica, tomando-se pior quando os japonêses derramaram água salgada nas extremidades sanguinolentas dos dedos. Eu sabia que não devia falar e trair meus camaradas, de modo que trouxe à mente o conselho de meu guia, o lama Mingyar Dondup. “Não se concentre no lugar da dor, Lobsang, pois se o fizer, se focalizar tôdas as suas energias naquele ponto, a dor não poderá ser suportada. Ao invés disso, pense em outra coisa. Controle a mente e pense em outra coisa, porque se o fizer terá ainda a dor e os efeitos posteriores, mas conseguirá suportá-la. Ela parecerá alguma coisa mais distante. E assim, para manter a sanidade mental e evitar dar nomes e informações, levei a mente para outras regiões. Pensei no passado, em meu lar no Tibete, e em meu guia. Pensei no início das coisas, como o sabíamos no Tibete.

Sob a Potala havia túneis misteriosos e ocultos, túneis êsses - que podem conter a chave da história do mundo. Êles me interessavam, fascinavam, e talvez haja interêsse em recordar, aqui, o que vi e fiquei sabendo em seu interior, pois se trata de conhecimentos, que aparentemente, não são possuídos pelos povos ocidentais.

Lembrei-me da época em que era monge muito jovem, ainda em formação. O Mais Alto, o Dalai-Lama, estivera utilizando meus

serviços de clarividente na Potala. Mostrara-se muito satisfeito comigo, e como recompensa permitira minha circulação livre pelo lugar. Meu guia, o lama Mingyar Dondup, mandara chamar-me um dia.

— Lobsang, tenho pensado muito sobre sua evolução, e cheguei à conclusão de que você está agora em tal idade, e atingiu tal etapa de desenvolvimento, que pode estudar comigo os escritos nas cavernas ocultas. Venha!

Pôs-se em pé e, tendo-me a seu lado, saiu de seu quarto, seguiu pelo corredor, desceu muitos, numerosos degraus, passando por grupos de monges que se ocupavam com as tarefas diárias, tratando dos afazeres internos da Potala. Mais além, bem abaixo e na penumbra da montanha, chegamos a um aposento pequeno que ficava à direita do corredor. Lá fora, as bandeiras cerimoniais de oração drapejavam, tocadas pela brisa.

— Vamos entrar aqui, Lobsang, e levar lâmpadas, para podermos explorar essas regiões, às quais poucos lamas têm acesso.

Naquele aposento pequeno, apanhamos lâmpadas nas prateleiras e as enchemos. Em seguida, como medida de precaução, cada um apanhou uma segunda lâmpada de reserva, e tendo acendido as primeiras saímos dali e descemos a passagem, meu guia à frente mostrando o caminho. Descemos mais, pelo corredor, e mais, e mais ainda. Fomos, finalmente ter a um aposento em sua extremidade. Pareceu-me o fim de uma jornada, e assemelhava-se a um depósito onde havia figuras estranhas, imagens, objetos sagrados e deuses estrangeiros, presentes vindos de toda parte do mundo. Ali é que o Dalai-Lama guardava os numerosos presentes que recebia, aqueles para os quais Ele não tinha qualquer uso imediato.

Olhei ao redor, tomado por imensa curiosidade. De nada adiantava estar ali, ao que eu podia perceber. Eu pensara que íamos fazer uma exploração, e aquilo era apenas um depósito de objetos.

— Ilustre Mestre, por certo nós erramos o caminho vindo para cá? — indaguei.

O lama olhou para mim e sorriu com benevolência.

— Lobsang, Lobsang! Você acha que eu erraria o caminho?

Sorria, enquanto se voltava para outro lado e seguia até uma parede mais distante. Por momentos, olhou ao redor, e então fez alguma coisa. Até onde eu podia ver, estava mexendo em alguma decoração da parede, alguma protuberância de massa aparentemente fabricada por alguém há muito falecido. E depois houve um ruído, como de pedras a rolar, e eu me voltei alarmado, pensando que talvez o teto estivesse caindo, ou seria o chão? Meu guia riu.

— Oh, não, Lobsang. Estamos em segurança. Daqui

prossequiremos na jornada. É daqui que passamos a outro mundo, um mundo que poucos viram, até hoje. Siga-me.

Olhei, espantado. A parte da parede deslizara para o lado, revelando um buraco escuro. Eu via uma trilha empoeirada, que ia daquele aposento ao buraco, e desaparecia na treva es-tígia. Essa visão prendeu-me ao chão, atônito.

— Mas, Mestre! — exclamei. — Não havia sinal algum de porta. Como foi isso?

Meu guia ria de mim, quando respondeu:

— Esta é uma entrada feita há séculos. O segrêdo foi bem guardado. A menos que alguém saiba abrir esta porta, não o conseguirá fazer, e de nada adiantará procurar, pois não há vestígio algum de junção ou encosto nas pedras. Mas venha, Lobsang! Não vamos debater detalhes de construção. Estamos perdendo tempo. Você verá êste lugar muitas vêzes.

Dizendo isso, voltou-se e seguiu à frente para o buraco, ingressando no túnel misterioso que se estendia muito adiante. Eu o acompanhei, com muita agitação. Êle deixou que eu passasse à sua frente, e depois voltou-se e manipulou alguma coisa. Novamente ouvimos o rumor estranho, com rangido e fricção, e tôda uma parede da rocha viva deslizou ante meus olhos espantados, cobrindo a passagem. Estávamos agora na treva, tendo apenas o brilho fraco das lâmpadas de manteiga que levávamos. Meu guia passou por mim, e prosseguiu na caminhada. Suas passadas, abafadas como eram, ainda assim ecoavam de modo curioso nas paredes de rocha, e tais ecos reverberavam repetidas vêzes. Êle prosseguiu, sem falar. Pareceu-me que andamos quase dois quilômetros e então, subitamente e sem aviso, tão repentino que esbarrei nêle com uma exclamação de espanto, o lama à minha frente se deteve.

— Aqui vamos encher novamente as lâmpadas, Lobsang, e pôr pavios maiores. Precisaremos de luz, agora. Faça como eu, e prossequiremos a marcha.

Tínhamos, então, uma chama um tanto mais brilhante para iluminar o caminho, e continuamos por muito tempo, tanto que eu comecei a ficar inquieto e cansado. Foi quando notei que a passagem se tomava mais larga e alta. Parecíamos estar andando na extremidade estreita de um funil, aproximando-nos da extremidade maior. Demos a volta a uma passagem, e tive um grito de espanto. Diante de mim estava uma caverna enorme, de cujo teto e lados vinham inúmeros pontinhos de luz dourada, refletidos de nossas lâmpadas de manteiga. A caverna parecia imensa, e nossa luz fraca servia apenas para acentuar-lhe a imensidade e escuridão.

Meu guia foi ter a uma fenda à esquerda do caminho, puxando de lá o que surgiu com um guincho e parecia ser um

grande cilindro de metal, com metade da altura de um homem, e largura de um corpo, em sua parte mais grossa. Era um objeto redondo, tendo em sua parte superior um dispositivo que eu não compreendia, semelhante a pequena rêde branca. O lama Min- gyar Dondup mexeu naquela coisa, e logo tocou a parte superior com a lâmpada de manteiga. No mesmo instante surgiu uma chama amarelo-branco e brilhante, que me permitiu ver com clareza. A luz emitia um leve sôpro, como se estivesse saindo do cilindro sob pressão. Meu guia apagou nossas lâmpadas pequenas, então.

— Teremos muita luz com isto, Lobsang, e vamos levar conosco. Eu quero que você aprenda alguma história de eras muito remotas.

Seguii à frente, puxando aquela luz brilhante e forte, aquela botija luminosa, sôbre uma coisa que se assemelhava a um pequeno trenó. Ela se movia com facilidade. Seguimos mais uma vez em descida pela trilha, descendo sempre, até eu achar que devíamos estar nas entranhas da terra. Paramos, depois, e diante de mim estava uma parede negra, coberta por um grande painel de ouro, sôbre o qual havia gravações, centenas, milhares de gravações. Olhei para elas, e depois para o outro lado. Podia ver o brilho escuro de água, como se diante de mim houvesse um grande lago.

— Lobsang, preste atenção. Você ficará sabendo, mais tarde, a respeito daquilo. Vou-lhe contar alguma coisa sôbre a origem do Tibete, origem que nos anos posteriores você poderá verificar por si mesmo, quando partir numa expedição que estou planejando — disse êle. — Quando você se fôr de nossa terra, encontrará os que não nos conhecem e que dirão que os tibetanos são selvagens analfabetos que adoram demônios e se entregam a ritos indescritíveis. Mas, Lobsang, nós temos uma cultura muito mais antiga do que qualquer outro no Ocidente temos registros históricos cuidadosamente ocultos e guardados, que atravessam épocas inteiras do passado. . .

Caminhou para as inscrições e indicou diversas figuras e símbolos. Vi desenhos de gente, animais — animais que hoje não são conhecidos — e depois um mapa do céu, mas um mapa que até eu sabia não ser da época atual, porque as estreias ali registradas eram diferentes e estavam em outros lugares. O lama fêz uma pausa, e voltou-se para mim, prosseguindo:

— Eu compreendo isto, Lobsang. Eu aprendi esta linguagem. Agora, vou ler para você, ler esta história antiquíssima, e em dias vindouros eu e outros vamos ensinar-lhe esta linguagem secreta, de modo que você possa vir aqui e tomar suas próprias notas, informar-se sozinho e chegar às suas próprias conclusões. Isso representa estudo, estudo e mais estudo. Você terá de vir a explorar estas cavernas, pois elas são numerosas e se entendem por muitos

quilômetros abaixo de onde estamos.

Por momentos, manteve-se a olhar as inscrições, e depois leu para mim parte da história do passado. Grande parte do que me disse, naquela oportunidade, e muito mais do que eu estudei mais tarde, não pode ser apresentado num livro como êste. O leitor médio não acreditaria, e se êle e outros conhecessem alguns segredos poderiam fazer o que outros fizeram no passado — utilizar os dispositivos que vi para fins egoístas, obter domínio sôbre os demais, e destruir outros, assim como as nações ameaçam fazer, agora, com a bomba atômica. A bomba atômica não é descoberta nova. Foi construída há muitos milhares de anos, e trouxe a catástrofe ao planêta naquela época, como o fará nesta, se o homem não fôr detido em sua loucura.

Em tôdas as religiões do mundo, na história de tôdas as tribos e nações, existe a narrativa de uma inundação, enchente ou dilúvio, catástrofe na qual os povos foram afogados, terras desceram e outras subiram, e o planêta entrou em convulsão. Ê a história dos incas, egípcios, cristãos — de todos, enfim.

Como sabemos no Tibete, isso foi causado por uma bomba, mas vou narrar como aconteceu, de acordo com as inscrições.

Meu guia sentou-se na posição de lótus, de frente para as inscrições na rocha, tendo a luz brilhante por trás e com reflexo dourado sôbre aquelas ilustrações antiquíssimas. Fêz-me sinal para que também me sentasse, o que fiz a seu lado, de modo a poder ver o que êle apontava. Feito isso, êle começou a falar, e eis o que me disse:

— Em dias muito distantes, a Terra era um lugar diferente, Girava muito mais próximo do Sol, na direção oposta, e havia outro planêta perto, um planêta gêmeo da Terra. Os dias eram mais curtos, de modo que o homem parecia ter vida mais longa, e vivia por centenas de anos. O clima era mais quente, a flora tropical e luxuriante. A fôrça da gravidade era muito menor do que atualmente, devido à rotação diferente do planêta, e o homem era, talvez, duas vêzes maior do que hoje, mas ainda assim um pigmeu comparado à outra raça que convivia com êle. Isso, porque sôbre a terra viviam sêres de um sistema diferente, que eram superintelectuais, supervisionavam o planêta e ensinavam muitas coisas aos homens. Os homens eram, portanto, uma colônia, coisa semelhante a uma sala de aula onde um professor bondoso leciona. Êsses gigantes ensinaram muita coisa, e frequentemente embarcavam em estranhas embarcações de metal refulgente e com elas atravessavam o céu. O homem, pobre ser ignorante, ainda no limiar da razão, não conseguia compreender aquilo, de modo algum, pois seu intellecto era pouco maior que o dos antropóides.

— Por eras sem conta a vida, sôbre a terra, seguiu uma rota plácida. Havia paz e harmonia entre tôdas as criaturas. Os homens sabiam comunicar-se sem a fala, por telepatia. Utilizavam a fala apenas em conversas locais. E foi quando os superintelectuais, muito maiores do que o homem, brigaram entre si. Forças discordantes surgiram entre êles, que não conseguiam concordar em certas questões, assim como as raças não o conseguem hoje. Certo grupo seguiu para outra parte do mundo, e procurou dominar os demais. Travou-se luta. Alguns dos super-homens se mataram, uns aos outros, e desfecharam guerras ferozes, infligindo grande destruição mútua. O homem, ansioso por aprender, aprendeu as artes da guerra, aprendeu a matar. E assim a Terra, que fôra antes um lugar pacífico, tornou-se conturbada. Por algum tempo, alguns anos, os super-homens trabalharam em segrêdo, uma metade contra a outra metade. Certo dia, houve uma explosão tremenda, e tôda a Terra pareceu tremer e desviar-se em seu curso. Chamas imensas corriam nos céus e a Terra foi envolvida por fumaça. Mais tarde o estrondo desapareceu, mas depois de muitos meses cumeçaram a ser vistos sinais estranhos no céu, sinais que enchiam de terror a população da Terra. Um planêta estava se aproximando, e tornava-se rãpidamente cada vez maior. Era óbvio que ia colidir com a Terra. Surgiram grandes marés, e os ventos com elas, e os dias e noites se enchiam com estridente fúria de tempestades. Um planêta pareceu encher todo o céu, até que, finalmente, pareceu inevitável sua colisão com a Terra. À medida que se aproximava mais e mais, ondas imensas surgiram, e afogaram extensões enormes da Terra. Terremotos faziam estremecer a superfície do globo, e continentes inteiros foram tragados em poucos momentos. A raça de super-homens esqueceu-se das lutas, rumou para suas máquinas brilhantes e ergueu-se ao céu, afastando-se das agitações que convulsionavam a Terra, mas na superfície desta os terremotos prosseguiam, montanhas erguiam-se e o leito do mar com elas. Outras terras baixavam e eram inundadas pela água. O povo daquela época fugia apavorado, enlouquecendo de mêdo pelo que julgava ser o fim do mundo, e por todo o tempo os ventos se faziam mais fortes, e a barulhada e clamor mais difíceis de agüentar, barulhada e clamor que pareciam destruir os nervos e levar os homens à loucura frenética.

— O planêta invasor fazia-se maior e mais próximo, até que finalmente chegou a certa distância e houve um estrondo cataclísmico, e uma centelha elétrica saiu dêle. Os céus pareciam arder com descargas constantes, e nuvens cheias de fuligem se formavam, transformando os dias em uma noite contínua de pavor. Pareceu que o próprio Sol parara, horrorizado com a calamidade, pois de acordo com os registros a esfera vermelha do Sol

permaneceu imóvel por muitos dias, vermelha como sangue por causa de grandes labaredas que saíam d'êle. E depois, com mais tempo, as nuvens negras se fecharam e tudo se transformou em noite. Os ventos tornaram-se frios, e depois quentes. Muitos milhares pereceram, com as mudanças de temperatura. O alimento vindo dos deuses, que alguns chamaram de maná, caiu do céu, e sem êle o povo da Terra e os animais do mundo teriam morrido de fome, pela destruição de suas colheitas e a privação quanto a qualquer comida.

— Homens e mulheres vagavam de um para outro lado, procurando abrigo, buscando onde pudessem descansar os corpos exaustos, arruinados pela tempestade, torturados pela convulsão, orando por paz, esperando ser salvos. Mas a terra tremeu e sacudiu, as chuvas desabaram, e por todo o tempo vinham do espaço exterior as pancadas e descargas de electricidade. Com a passagem do tempo, à medida que as nuvens negras se desfaziam, o Sol pareceu estar cada vez menor, recuando, e o povo do mundo gritou de medo, julgando que o Deus-Sol, o Que Dá A Vida, estava fugindo d'êle, mas mais estranho ainda era o fato de que passara a girar no céu do oriente para o occidente, ao invés da direção oposta, como antes.

— O homem perdera tôda a noção do tempo, e com o obscurecimento do sol não havia método pelo qual pudessem medir sua passagem. Nem mesmo os mais sábios tinham idéia de quando tais acontecimentos haviam principiado. Outra coisa estranha foi vista no céu: um mundo, bem grande, amarelo, convexo, que também parecia destinado a cair sôbre a Terra. Isso a que hoje chamamos Lua apareceu nessa época, como lembrança da colisão dos dois planetas. Mais tarde seria encontrada uma grande depressão na terra, na Sibéria, onde talvez a superfície do planeta tenha sido danificada pela proximidade de outro mundo, ou mesmo um lugar de onde a luz foi arrancada.

— Antes da colisão tinham existido cidades e grandes edifícios que guardavam muitos conhecimentos da Raça Maior. Êstes haviam ruído na convulsão, tornando-se meros montões de escombros e encobrendo todos aquêles conhecimentos ocultos. Os homens sábios das tribos tinham ciência de que sob aquêles montes de destroços havia recipientes contendo espécimes e livros de metal gravado, de que todo o conhecimento do mundo repousava naquelas pilhas de ruínas, de modo que passaram a cavar e escavar, para ver o que poderia ser salvo nos mesmos, a fim de aumentarem seu próprio poder pelo uso dos conhecimentos da Raça Maior.

— Durante os anos que se seguiram os dias tomaram-se mais

longos, mais longos até se terem tomado quase duas vezes maiores do que antes da calamidade, e foi quando a Terra se estabeleceu na órbita nova, acompanhada por sua lua, produto de uma colisão. Mas a Terra continuava estremeando e rugindo, erguendo-se em montanhas que cuspiam chamas e rochas, causando destruição. Grandes rios de lava desciam das encostas sem aviso, destruindo tudo que encontrassem à frente, mas muitas vezes encobrirão monumentos e fontes de conhecimento, pois o metal duro em que muitos registros tinham sido gravados não se derretia com a lava, ficando apenas guardado por ela, guardado em estojo de pedra porosa, que com o correr do tempo se erodia, de modo que os registros seriam revelados e postos nas mãos dos que os utilizassem. Mas isso levou muito tempo para ocorrer. Gradualmente, enquanto a Terra se estabelecia melhor em órbita nova, o frio invadiu o mundo e os animais morriam ou migravam para regiões mais quentes. O mamute e o brontossauro morreram, porque não conseguiram adaptar-se às novas condições de vida. O gelo caía do céu, os ventos se tomaram mais punitivos. Viam-se agora muitas nuvens, quando antes quase não as houvera. O mundo se tomara um lugar muito diferente, o mar apresentava marés quando, antes, tinham sido lagos calmos, sem ondas, a não ser aquelas formadas pela brisa. Grandes ondas erguiam-se agora ao céu, e por anos seguidos elas foram imensas, ameaçando tragar a terra e afogar o povo. Também os céus apresentavam aspecto diferente e, à noite, estréias desconhecidas eram vistas em lugar das anteriores, enquanto a Lua se mostrava muito próxima. Novas religiões surgiam, à medida que os sacerdotes daqueles tempos procuravam consolidar seu poder e explicar o ocorrido. Esqueceram-se em grande parte da Raça Maior, pensando apenas em seu poder e importância, mas não conseguiram explicar como isso ocorrera ou aquilo sucedera. Atribuíram tais fatos à cólera de Deus, e ensinaram que todos os homens nascem em pecado.

— Com o passar do tempo, a Terra ajustada em sua órbita nova e os fenômenos meteorológicos mais tranquilos, as pessoas se tornaram menores e mais baixas. Os séculos se passaram, e as terras se fizeram mais estáveis. Muitas raças surgiram, como em caráter experimental, lutaram, fracassaram e desapareceram, para serem substituídas por outras. Finalmente evoluiu um tipo mais forte, e a civilização recomeçou, civilização essa que trazia, desde seus primeiros dias, uma memória racial de alguma calamidade tremenda, e alguns dos intelectos mais fortes fizeram pesquisas para descobrir o que realmente ocorrera. A essa altura, o vento e a chuva haviam efetuado sua obra e os velhos registros começavam a aparecer em meio à pedra erodida que fora a lava. O intelecto

superior dos sêres humanos ora sôbre a terra conseguiu reuni-los e colocá-los diante de seus sábios, que finalmente, com muito esforço, puderam decifrar alguns escritos. E quando uma pequena parte dos registros se tomou legível e os cientistas da época começaram a entendê-los, partiram à busca frenética dos demais registros, com que completar as instruções e preencher as lacunas. Grandes escavações foram empreendidas e muita coisa de interêsse veio à luz. Foi quando surgiram novas civilizações, construindo-se cidades maiores e menores e a ciência iniciou sua carreira de destruição. O ponto mais visado era sempre a destruição, como adquirir o poder para grupos pequenos, sendo inteiramente deixado de lado o fato de que o homem poderia viver em paz, e que a falta de paz causara a calamidade anterior.

— Por muitos séculos a ciência dominou, os sacerdotes estabelecendo-se como cientista e, depois, proscrevendo todos os cientistas que não fôssem sacerdotes. Aumentaram seu poder, adoraram a ciência, fizeram o possível para manter o poder nas mãos e esmagar o homem comum e impedi-lo de pensar. Estabeleceram-se como deuses, e trabalho nenhum podia ser executado sem sanção dêles. O que desejavam, tomavam, sem qualquer obstáculo ou oposição, e por todo o tempo aumentavam o poder, até que, sôbre a terra, passaram à onipotência, esquecidos de que, para o ser humano, o poder absoluto corrompe.

— Grandes embarcações percorriam o ar sem asas, sem ruído, navegando no ar ou pairando imóveis como nem os pássaros sabiam fazer. Os cientistas haviam descoberto o segrêdo de controlar a gravidade, e a antigravidade, utilizando-a em seu benefício. Blocos imensos de pedra eram postos em posição onde os desejavam, por um só homem equipado com pequeno dispositivo que cabia na palma de sua mão. Trabalho nenhum era pesado demais, porque o homem simplesmente manipulava as máquinas sem fazer qualquer esforço. Engenhos imensos percorriam a superfície da terra, mas nada se movia sob a superfície do mar, a não ser como divertimento e prazer, porque a viagem pelo mar era lenta demais, a não ser para quem desejasse combinar o prazer do vento e das ondas. Tudo viajava pelo ar, ou nas viagens mais curtas sôbre a terra. As pessoas iam a terras diferentes e ali criavam colônias. Mas haviam perdido seu poder telepático, a essa altura, por causa da calamidade da colisão. Já não falava numa língua comum, os dialetos se faziam mais e mais distanciados até que, no fim, estavam totalmente diferentes, passando a ser línguas incompreensíveis entre si.

— Com a falta de comunicação, e o não poderem entender-se uns aos outros, bem como os pontos de vista alheios, as raças

humanas entraram em disputas e iniciaram guerras, Armas temíveis foram inventadas, batalhas travadas por tôda parte. Os homens e mulheres eram mutilados, e os raios terríveis que se produziram causavam muitas mutações na raça humana. Os anos se passaram, e a luta tornou-se mais intensa, a carnificina mais terrível. Inventores, por tôda parte, incentivados pelos governantes, procuravam produzir armas mais poderosas e mortíferas. Os cientistas trabalhavam para formar dispositivos e engenhos de ataque ainda mais horríveis. Cultivavam-se germes malignos, atirados sôbre o inimigo por aeronaves em vôo muito alto. Bombas destruíam os sistemas de esgoto, de modo que pestes e moléstias percorriam a terra, afetando gente, animais e plantas. A terra se encontrava devotada à destruição.

— Em lugar distante, bem afastados de tôda luta, sacerdotes de longa visão haviam formado um grupo. Não tinham sido contaminados pela sêde de poder, e tomaram folhas finas de ouro e gravaram nelas a história de seus tempos, mapas do céu e da terra. Registraram também os mais profundos segredos de sua ciência, juntamente com advertências as mais sérias sôbre os perigos que recairiam em quem os utilizasse mal. Passaram-se anos, durante os quais essas placas foram preparadas e depois, com espécimes das armas, instrumentos, ferramentas, livros e tôdas as coisas úteis, elas foram escondidas na pedra em diversos lugares, de modo que quem viesse depois tomasse conhecimento do passado e desejasse aproveitar-se dêle, como esperavam. Isso, porque êsses sacerdotes conheciam o rumo futuro da humanidade, sabiam o que iria acontecer, e como foi previsto o esperado ocorreu. Surgiu nova arma, e foi experimentada. Uma nuvem fantástica rodopiou na estratosfera, o planeta tremeu e balançou, parecendo cambaleiar em seu eixo. Muralhas imensas de água surgiram sôbre a terra, varrendo muitas das raças humanas. Mais uma vez montanhas afundaram nos mares e outras surgiram para tomar-lhes o lugar. Alguns homens, mulheres e animais, que haviam sido avisados por êsses sacerdotes, foram salvos por embarcarem em navios, que estavam fechados contra os gases venenosos e germes que devastavam a terra. Outros homens e mulheres foram suspensos no ar, quando a terra onde se achava subiu. Outros, menos afortunados, foram arrastados para baixo, talvez submergindo na água ou talvez soterrados pelas montanhas quando estas vieram fechar-se sôbre suas cabeças.

— Inundações, fogo e raios mortíferos mataram milhões de pessoas, e poucas ficaram sôbre a terra, isoladas uma das outras pelos caprichos da calamidade. Estas se encontravam semiloucas pelo cataclismo, os sentidos perturbados pelo ruído e convulsões tremendos. Por muitos anos elas se esconderam em cavernas e florestas, esquecendo-se de tôda cultura e regressando às fases de

selvageria, como acontecera nos primeiros dias da humanidade, cobrindo-se com pêlos de animais e tintas tiradas de frutinhas, carregando paus com pedras lascadas em suas extremidades.

— Com o tempo, formaram-se novas tribos, e elas percorreram a face mudada do planêta. Algumas foram estabelecer-se no que hoje é o Egito, outras na China, mas aquelas que haviam estado no aprazível balneário marítimo muito procurado pela super-raça encontraram-se repentinamente muito acima do mar, rodeadas por montanhas eternas e vendo o chão esfriar com rapidez. Milhares morreram no ar frio e rarefeito. Outros, que sobreviveram, tornaram-se os ancestrais do tibetano resistente e moderno, na terra que hoje é o Tibete. Para êsse lugar é que os sacerdotes de longa visão haviam levado as folhas finas de ouro, e nelas gravado todos os seus segredos. Essas folhas e todos os espécimes de suas artes e atividades haviam sido escondidos na caverna de uma montanha, para que estivessem acessíveis a uma linhagem posterior de sacerdotes. Outros foram escondidos numa grande cidade que se encontra hoje no Atliplano de Chang Tang, no Tibete.

— Nem tôda cultura se extinguiu, porém, embora a humanidade voltasse ao estado selvagem, ingressando na Idade Negra. Havia pontos isolados na superfície da terra onde pequenos grupos de homens e mulheres lutavam por manter vivo o conhecimento, e manter acesa a luz fraca do intelecto humano, um grupo pequenino a lutar cegamente na treva pavorosa da selvageria. Por todos os séculos seguintes houve muitos estados de religião, muitas tentativas por descobrir a verdade sôbre o que ocorrera, e por todo êsse tempo, oculto no Tibete em cavernas profundas, estava o conhecimento. Gravado em chapas de ouro imperecível, permanente, incorruptível, esperando aquêles que os pudessem encontrar e decifrar.

— Gradualmente, o homem desenvolveu-se de nôvo. A treva da ignorância começou a dissipar-se, a selvageria se tornava uma semicivilização. Houve, mesmo, progresso de certo tipo. Mais uma vez construíram-se cidades, e máquinas voavam no céu. Mais uma vez as montanhas não constituíam obstáculos, o homem viajava por todo o mundo, atravessando mares e terras. Como antes, ao aumentarem o conhecimento e poder, os homens se tornaram arrogantes e oprimiam os povos mais fracos. Havia intranqüilidade, ódio, perseguição e pesquisa secreta. Os povos mais fortes oprimiam os fracos, e êstes aperfeiçoaram máquinas, e houve guerras, guerras essas que voltaram a prolongar-se por anos inteiros. Surgiam sempre armas novas e mais temíveis, cada lado procurava encontrar as mais terríveis e, por todo o tempo, nas cavernas do Tibete, o conhecimento jazia guardado. Por todo o

tempo, no Altiplano Chang Tang, uma grande cidade jazia desolada, sem guarda, contendo o conhecimento mais precioso do mundo, esperando aqueles que entrassem e vissem, jazendo ali, esperando. . .

Jazendo. . . Eu estava caído de costas numa cela subterrânea de prisão, olhando através de um véu vermelho. O sangue borbotava-me do nariz, da boca, dos extremos dos dedos nas mãos e pés. O coipo doía por toda parte. Sentia-me como se fôra imerso num banho de fogo, e ouvi vagamente uma voz japonesa a dizer:

— Desta vez, você foi longe demais. Êle não conseguirá viver mais. Não é possível que resista.

Mas vivi, sim. Decidi que viveria e mostraria aos japoneses como um homem do Tibete sabia comportar-se. Eu mostraria a êles que nem mesmo suas torturas mais diabólicas conseguiriam fazer falar um tibetano.

O nariz estava quebrado, amassado no rosto por uma violenta coronhada de fuzil. A boca rasgada, os maxilares partidos, os dentes arrancados a pontapés. Mas nem todas as torturas dos japoneses conseguiriam levar-me a falar. Depois de algum tempo êles desistiram da tentativa, pois até japoneses podiam compreender a futilidade de tentar fazer um homem falar quando êle se recusa a isso. Depois de muitas semanas, fui mandado trabalhar na tarefa de lidar com os cadáveres dos que não haviam sobrevivido. Pensaram que ao me encarregarem disso eu perderia a coragem e talvez falasse. Empilhar cadáveres ao calor do sol, cadáveres fétidos, inchados e descorados, não era agradável. Êles inchavam e explodiam, como balões perfurados. Certo dia, vi um homem cair morto. Sabia que morreria, porque eu próprio o examinara, mas os guardas não notaram isso e o cadáver foi recolhido por dois homens e atirado à pilha de outros e ali deixado, de modo que o sol quente e os ratos pudessem executar sua tarefa. Não importava verificar se um homem estava ou não morto, porque aqueles que se encontrassem doentes demais para trabalhar levavam um golpe final de baioneta e eram atirados à pilha de mortos, ou ali jogados ainda vivos.

Resolvi que também ia “morrer” e ser colocado entre os demais corpos. Durante as horas da noite, escaparia dali, e assim pensando preparei meus poucos planos, e nos três ou quatro dias seguintes observei cuidadosamente os japoneses e seu modo de agir, resolvendo como proceder. Por um dia, mais ou menos, andei com passos trôpegos, apresentando-me como se estivesse mais fraco do que realmente me achava. No dia em que planejava “morrer”, cambaleei enquanto andava, e durante a chamada, aos primeiros raios da aurora. Por toda aquela manhã exibi os sinais de esgotamento completo e então, pouco após o meio-dia, deixei-me

cair ao chão. Não foi difícil e não estava realmente representando, pois poderia ter caído de fraqueza a qualquer momento. As torturas sofridas haviam-me enfraquecido consideravelmente, e a comida deficiente que recebia causara fraqueza ainda maior. Eu estava, mesmo, mortalmente cansado. Dessa vez, caí e adormeci de tanta fadiga. Senti que meu corpo era levantado sem qualquer gentileza, balançado e atirado a algum lugar. O impacto, quando caí na pilha de corpos, serviu para despertar-me. Senti que a pilha balançava um pouco, e logo se acomodava. O choque de tal tombo fêz-me abrir bem os olhos. Havia um guarda olhando com pouco ânimo em minha direção, de modo que abri mais os olhos, como acontece com os mortos, e êle desviou o olhar, acostumado demais a ver cadáveres, de modo que um a mais não lhe causava espécie. Permaneci muito quieto, imóvel, lembrando novamente o passado e fazendo planos para o futuro. Mantive-me imóvel a despeito dos outros corpos que eram atirados aos lados ou por cima de mim.

O dia pareceu durar anos. Pensei que a luz do Sol não terminaria mais, mas finalmente isso ocorreu e surgiram os primeiros sinais da noite. O fedor era quase insuportável, emanado de cadáveres já desde muito decompostos. Por baixo, ouvia os guinchos e movimentos de ratos que empreendiam sua tarefa horrível, a de comer os corpos. De vez em quando a pilha afundava um pouco, quando os cadáveres por baixo cediam sob o peso dos demais. Ela cedia, oscilava, e eu esperava que não caísse de lado, como ocorria com freqüência, pois nesse caso os corpos teriam de ser empilhados de novo, e quem sabe se me encontrariam vivo ou, o que era pior — ficaria na parte inferior da pilha, onde a luta seria inútil.

Finalmente os prisioneiros que trabalhavam por perto foram levados para suas cabanas. Os guardas patrulhavam a parte superior do muro, e veio a friagem da noite. Devagar — oh, tão devagar — a luz começou a sumir. Uma a uma, as pequenas luzes amarelas surgiram nas janelas, nos alojamentos dos guardas, e — tão devagar que parecia imperceptível — a noite chegou.

Permaneci por muito tempo naquela camada fedorenta de cadáveres, observando o melhor que podia. E depois, quando os guardas estavam na extremidade de sua ronda, empurrei cuidadosamente um corpo acima de mim e outro, a meu lado. Êle rolou e caiu pelo lado da pilha, tombando ao chão com um ruído surdo. Prendi a respiração, com desalento, achando que os guardas certamente viriam correndo e eu seria encontrado. Equivalia à morte andar na escuridão, porque faróis seriam acesos e qualquer infeliz encontrado pelos japoneses morreria a golpes de baioneta, ou estripado, ou pendurado sobre fogo lento, ou tendo qualquer

morte diabólica que a inventiva destorcida dos japoneses pudesse criar, e tudo isso diante de um grupo de prisioneiros, a fim de que os mesmos aprendessem que não valia a pena tentar fugir aos Filhos do Céu.

Nada se moveu. Os japoneses deviam estar acostumados aos ruídos e quedas na pilha de mortos. Movi-me um pouco, e tudo aquilo rangeu e oscilou. Movi um pé de cada vez e consegui chegar à beira da pilha, deixando-me cair, agarrando os cadáveres de modo a poder descer três ou quatro metros, pois estava fraco demais para me arriscar a pular e torcer um músculo ou quebrar algum osso. Os ruídos leves que fazia não chamavam a atenção, pois os japoneses não imaginavam que alguém se escondesse em lugar tão horrível. No chão, movi-me furtivamente e devagar, seguindo para a sombra das árvores próximas ao muro do campo de prisioneiros. Ali esperei, por algum tempo, e acima de minha cabeça os guardas em vaivém no muro se encontraram. Houve alguma conversa abafada, e o fogo de um fósforo de alguém que acendia o cigarro. E logo os guardas se separaram, um em cada direção do muro, cada qual com o cigarro oculto na mão em concha, cada qual mais ou menos cego pelo clarão daquele fósforo na escuridão. Vali-me disso e devagar, em silêncio, consegui subir o muro. Tratava-se de um campo estabelecido temporariamente, e os japoneses não haviam chegado a eletrificar as cercas. Passei por cima, e segui para a escuridão. Por toda a noite fiquei no galho de uma árvore^ quase à vista do campo, raciocinando que se dessem falta de mim, se fôssem visto, os japoneses viriam correndo e passariam, por ali, sem imaginarem que um prisioneiro estivesse tão perto.

Por todo o dia seguinte eu permaneci onde estava, fraco e doente demais para me mover. E ao final daquele dia, voltando' a escuridão, deslizei pelo tronco da árvore e segui para território que conhecia bem.

Sabia que um chinês muito idoso morava por perto, pois levava muita ajuda à sua mulher antes de seu falecimento, e fui ter à sua porta na escuridão. Bati de leve, percebendo um ar de tensão e medo. Depois disso, cochichei meu nome, notei movimentos furtivos lá dentro e em seguida a porta se abriu alguns centímetros, devagar e em silêncio, e o velho rosto apareceu.

— Ah! — disse. — Entre, depressa.

Abriu mais a porta e eu entrei, passando sob seu braço estendido. Ele fechou o taipal da janela, acendeu uma luz e emitiu um arquejo de horror ao ver meu aspecto. Meu olho esquerdo estava em péssimo estado, o nariz achatado no rosto. A bôca, cortada, tinha as extremidades pendidas. Ele aqueceu água e lavou meus ferimentos, dando-me de comer. Aquela noite, e no dia seguinte, repousei em sua cabana. Ele saiu e fez preparativos

mediante os quais eu seria levado às linhas chinesas. Por diversos dias tive de ficar ali, em território ocupado pelos japoneses, pois a febre se apoderara de mim, e quase morri.

Após uns dez dias, mais ou menos, eu estava suficientemente recuperado para poder levantar-me e andar, seguindo por um caminho bem planejado até o quartel-general chinês perto de Xangai. Eles me olharam com expressão de horror, quando entrei com o rosto batido e deformado, e por mais de um mês estive hospitalizado, enquanto me extraíam o osso da perna para consertar meu nariz. Depois disso, fui novamente mandado a Chungking a fim de me recuperar, antes de voltar ao serviço como oficial médico das forças chinesas. Chungking! Pensei que teria prazer em revê-la, depois de tantas aventuras, depois de tudo por que passara. Chungking! E assim parti, em companhia de um amigo que seguia também para lá, a fim de se recuperar de doenças adquiridas na guerra.

Prisioneiro dos Japoneses

Ficamos espantados com a transformação ocorrida em Chungking. Já não era a cidade que conhecêramos. Havia prédios novos, fachadas renovadas nos antigos, lojas de inúmeros tipos aparecendo por tôda parte. Chungking!

O lugar se mostrava inteiramente congestionado de gente, vinda aos borbotões de Xangai e cidades costeiras. Homens de negócio, tendo acabado seu meio de subsistência no litoral tinham seguido para o interior a fim de recomeçar tudo, trazendo talvez uns poucos pertences que haviam conseguido reter. Na maioria dos casos, entretanto, recomeçavam a partir do nada.

As universidades tinham encontrado alojamentos em Chungking, ou construído suas próprias instalações temporárias, barracões improvisados em sua maior parte. Mas ali estava o centro de cultura da China, e por piores que fôssem as construções lá se encontravam os cérebros da terra, alguns dos melhores em todo o mundo.

Seguimos para um templo onde nos havíamos alojado antes, e foi como um regresso ao lar. Ali, na calma do templo, com o incenso a ondular sôbre nossas cabeças, achamos que tínhamos voltado à paz, que as Imagens Sagradas nos fitavam benevolmente diante dos esforços feitos, e talvez um pouco compassivas pelo tratamento duro que tínhamos recebido. Sim, estávamos em casa e em paz, recobrando-nos dos ferimentos e sofrimentos, antes de sairmos para o mundo selvagem e feroz para suportar tormentos piores. As sinêtas do templo tilintavam, as trombetas soavam. Chegara o momento do serviço religioso conhecido e amado. Tomamos nossos lugares, os corações cheios de alegria por estarmos de volta.

Aquela noite ficamos acordados até tarde, porque havia muito o que debater, muito a contar e também a ouvir, uma vez que Chungking atravessara tempos difíceis, com as bombas despejadas pelos japoneses. Mas nós éramos do “grande exterior”, como diziam no templo, e nossas gargantas secaram de tanto falar, antes de podermos enrolar-nos nos cobertores e dormir no antigo lugar, o chão próximo ao recinto do templo. E o sono finalmente nos dominou.

De manhã, tive de ir ao hospital onde fôra estudante, cirurgião e depois oficial médico. Ia, dessa feita, como paciente. Tratava-se de uma experiência nova, na verdade, o ser paciente

naquele hospital, mas o nariz estava-me dando trabalho, pois se infeccionara, de modo que nada mais havia a fazer senão abri-lo e raspá-lo. Foi uma operação bastante dolorosa, pois não tínhamos anestésico. A Estrada da Birmânia fôra fechada, e todos os nossos abastecimentos, cortados. Tive de agüentar o melhor possível, suportando o que não se podia evitar. Assim que a operação terminou, no entanto, voltei ao templo porque havia grande falta de leitos no hospital de Chungking. Chegavam feridos, e apenas os casos mais urgentes, os que não conseguiam andar, podiam permanecer no hospital. Dia após outro fiz a jornada pela trilha ao lado da estrada maior, até Chungking. Finalmente, após duas ou três semanas, o Decano da Faculdade de Cirurgia chamou-me a seu gabinete e disse:

— Bem, Lobsang, meu amigo, não teremos de contratar trinta e dois cules para você, afinal de contas. Chegamos a pensar que seria preciso, você sabia?

Os funerais na China são coisa levada muito a sério. Atribuía-se a maior importância à presença do número certo de carregadores, de acordo com a posição social do falecido. A mim aquilo parecia tolice, pois sabia muito bem que o corpo não tinha qualquer importância, ou o que lhe acontecesse. Nós, no Tibete, não fazíamos alvoroço, quanto aos corpos que abandonávamos, e simplesmente os mandávamos recolher pelos Quebradores de Cadáveres, que os partiam e davam em pedaços às aves. Na China, não era assim, e isto equivaleria a condenar alguém ao tormento eterno! Era preciso carregar o esquife, nas costas de trinta e dois cules quando se tratava de funeral de primeira. O de segunda, no entanto, apresentava metade dêsse número, dezesseis cules, como se fossem preciso tantos homens para transportar um ataúde! O funeral de terceira — mais ou menos o médio — tinha oito cules a carregar o caixão de madeira envernizada, mas o de quarta classe, funeral de classe trabalhadora comum, utilizava quatro cules. O caixão seria, naturalmente, uma coisa leve e bastante barata. Enterros inferiores aos de quarta classe não apresentavam cule algum, e os caixões eram simplesmente transportados em qualquer tipo de veículo. E havia, nos funerais de categoria superior, outras coisas a levar em conta, naturalmente! Eram os pranteadores e carpideiras profissionais, cujo trabalho na vida consistia em estarem presente à partida dos mortos.

Funerais! Morte! É estranho como incidentes singulares ficam em nossa memória! Um dêles ficou na minha, desde que ocorreu. Foi perto de Chungking, e talvez haja interesse em narrá-lo aqui, para apresentar um dos quadros da guerra — e da morte.

Chegáramos no dia do festival de outono, “O Décimo Quinto Dia do Oitavo Mês”, quando a lua de outono se encontrava no

máximo. Na China isso constitui ocasião auspiciosa, sendo a época em que as famílias fazem o possível para reunir-se em banquete ao final do dia. “Bólos da lua” são comidos, para celebrar a lua mais próxima do equinócio, e comidos à moda do sacrifício, como uma espécie de sinal de sua esperança em que o ano seguinte seja mais feliz.

Meu amigo Huang, o monge chinês que também estava residindo no templo, fôra igualmente ferido e naquele dia nós caminhávamos da aldeia de Chiaoting para Chungking. Essa aldeia fica encarapitada nas encostas íngremes do Yangtse. Ali residiam as pessoas mais ricas, que podiam pagar o melhor. Por baixo, através dos espaços entre as árvores, víamos enquanto caminhávamos o rio e as embarcações em sua superfície. Mais próximo aos jardins terraceados trabalhavam homens e mulheres de azul, inclinados na tarefa eterna de exterminar ervas daninhas e cavar com enxadas. A manhã era linda, quente e ensolarada, tipo de dia no qual a pessoa se sente bem por estar viva, tipo de dia no qual tudo parece brilhante e alegre. Os pensamentos ligados à guerra estavam muito distantes de nossas mentes, enquanto andávamos, parando de vez em quando para olhar entre as árvores e admirar a paisagem. Numa moita próxima, um pássaro cantava, saudando o dia. Nós prosseguimos na caminhada e chegamos ao alto do morro.

— Pare um pouco, Lobsang — pediu Huang. — Eu estou cansado.

Sentamc-nos em uma pedra, à sombra das árvores. Estava agradável aquele lugar, com bela vista sôbre a água, a trilha coberta de musgo estendendo-se morro abaixo e as pequeninas flores de outono surgindo do chão em numerosos grupos de côr. Também as árvores começavam a sofrer uma transformação e mudar de tonalidade, enquanto acima de nós as nuvens pequenas deslizavam ociosamente no céu.

A distância, e aproximando-se de nós, vinha um bom número de pessoas, em grupo, e o vento leve trouxe fragmentos de sons.

— Devemos esconder-nos, Lobsang. Aí vem o funeral do velho Shang, o negociante de sêdas. É um funeral de primeira classe. Eu deveria estar presente, mas disse que me encontrava doente demais para isso, e ficarei envergonhado se fôr visto por êles.

Huang se pusera em pé e eu o imitei. Juntos, recuamos um pouco para o bosque, onde podíamos ver, sem sermos vistos. Havia uma elevação rochosa, e nós nos deitamos por trás dela, Huang um pouco atrás de mim, de modo que se fôssemos vistos êle não seria identificado. Ficamos à vontade, arrumando os hábitos ao redor do corpo, hábitos cuja côr combinava bem com as tonalidades

castanhas do outono.

Vagorosamente, o cortejo fúnebre se aproximava. Os monges chineses envergavam sêda amarela, suas capas vermelho-ferrugem ao redor dos ombros. O sol pálido de outono rebrilhava nas cabeças recém-raspadas, revelando as cicatrizes da cerimônia de iniciação, e nas sinêtas de prata que levavam às mãos, produzindo reflexo e brilho enquanto eram sacudidas. Os monges entoavam o canto em tom menor do serviço fúnebre, enquanto seguiam à frente do enorme caixão envernizado que era transportado por trinta e dois cules. Acompanhantes batiam em gongos e soltavam fogos para afugentar quaisquer demônios rondantes, porque de acordo com a crença dos chineses tais entidades se achavam, agora, prontas a apoderar-se da alma do falecido, sendo preciso amedrontá-las mediante o estampido de fogos e ruído em geral. Os pranteadores, tendo enrolado nas cabeças o pano branco da tristeza, seguiam atrás, vindo então uma mulher em adiantado estado de gestação e evidentemente parente bem próxima, pois chorava amargamente enquanto outros a ajudavam na caminhada. Capideiras profissionais ululavam, de-

clamando as virtudes do finado a todos que quisessem ouvir. Em seguida vinham empregados, trazendo dinheiro em papel e modelos, também em papel, representando as coisas que o falecido possuía em vida, e das quais necessitaria na próxima. De onde nos achávamos, ocultos pela saliência de rocha e arbustos próximos, sentíamos o cheio do incenso e de flores recém-escaldadas pisadas, pelos componentes do cortejo. Tratava-se de um grande funeral, sem dúvida, e Shang, o negociante de sêdas, devia ter sido um dos cidadãos mais destacados do lugar, pois a riqueza ali exibida era fabulosa.

O cortejo passou devagar por perto de nós, com suas lamentações gritadas, o tilintar de pratos musicais e a força máxima dos demais instrumentos, além do tilintar de sinêtas. Súbitamente, surgiram sombras sobre o sol, e acima do clamor do funeral ouvimos o zumbido de motores aeronáuticos poderosos, tomando-se mais alto e cada vez mais agourento. Três aeroplanos japoneses, de aspecto sinistro, surgiram à vista, acima das árvores, entre nós e o sol. Fizeram círculos, um deles baixou mais e sobrevoou a procissão. Não nos perturbamos, achando que até os japoneses respeitariam a santidade da morte. Nossos ânimos subiram, assim como o aeroplano, que foi juntar-se aos outros dois, e eles pareceram afastar-se. Foi um júbilo de curta duração, entretanto, pois eles deram a volta e tomaram a sobrevoar-nos. Pequenos pontos escuros separaram-se deles, por baixo das asas, e foram-se tornando cada vez maiores. Com estrondo pavoroso as bombas caíam, atiradas bem em cima do cortejo fúnebre.

À nossa frente as árvores se sacudiram, a terra pareceu

convulsionar-se, enquanto metal candente passava zunindo por perto. Estávamos tão próximos que não ouvimos as explosões. Fumaça e poeira, e eucaliptos despedaçados, enchem o ar. Fragmentos vermelhos zuniam para todos os lados e iam bater, com violência, em tudo quanto encontrasse. Por momentos tudo ficou encoberto por uma capa negra e amarela de fumaça, que o vento dissipou, deixando-nos diante da carnificina.

No chão, o ataúde estava aberto e vazio, o pobre defunto atirado ao lado como um boneco partido, esfarrapado e abandonado. Nós nos levantamos, abalados e um tanto aturbidos pela destruição, pela violência da explosão e por têmos escapado por um triz. Fevantei-me e apanhei, na árvore, atrás de mim, uma tira comprida de metal que quase me acertara, passando em turbilhão perto de minha cabeça. A ponta aguda estava molhada de sangue e o metal quente, tanto que o deixei cair, com uma exclamação de dor, passando a examinar com pesar os dedos queimados.

Nas árvores desfolhadas, pedaços de tecidos balançavam-se ao vento, fragmentos com carne ensangüentada a êles aderida, e um braço, completo até o ombro, ainda balançava numa forquilha, a uns quinze metros de distância. Ele balançou, escorregou, caiu por momentos em outro galho mais abaixo, e finalmente tombou ao chão, numa visão horripilante. De alguma parte uma cabeça humana, vermelha e destorcida, sorrindo com surpresa espantada, caiu em meio aos ramos desfolhados das árvores e rolou em minha direção, parando finalmente a meus pés, como a fitar-me em pasmo temeroso pela desumanidade da agressão sofrida.

O tempo pareceu parar, de tanto horror. O ar estava impregnado dos odores de alto explosivo, sangue e entranhas despedaçadas. Os únicos sons eram assovios e batidas, quando coisas inenarráveis caíam do céu, ou das árvores. Nós nos apressamos, contando poder ajudar alguém, certos de que haveria sobreviventes da tragédia. Ali estava um corpo, estraçalhado e estripado, tão mutilado e queimado que não se podia dizer se era de homem ou mulher, tão mutilado que não parecia humano. Ao lado encontrava-se um menino, as pernas cortadas à altura das coxas, choramingando de pavor. Quando eu me ajoelhei a seu lado, o sangue eclodiu em sua boca e êle morreu tossindo. Olhamos ao redor, entristecidos, ampliando a busca. Sob uma árvore caída encontramos a mulher grávida. A árvore fôra arremessada contra ela, e lhe abriu o ventre. No útero o feto aparecia, morto. Mais adiante vimos a mão de alguém, segurando ainda uma sinêta de prata. Procuramos por tôda a parte e não encontramos sinal de vida.

Do céu veio o ruído de motores. Os atacantes voltavam para examinar a obra lúgubre. Deitamo-nos de costas no chão

ensanguentado, enquanto o avião japonês fazia círculos cada vez mais baixos, a fim de inspecionar os danos infligidos, ter certeza de que ninguém escapara para narrar o ocorrido. Ele fez a volta devagar, inclinando-se como um gavião que se prepara a fim de atacar, e logo voltou, em vôo reto, cada vez mais baixo. Estampidos de metralhadora e chicotada de balas entre as árvores. Alguém a me puxar pela barra do hábito. . . Ouvi um grito e senti como se houvera queimado a perna. “Pobre Huang”, pensei, “foi atingido e chama por mim”. Acima de nós, o avião fazia voltas, como se o piloto se inclinasse o mais possível para ver o chão. Embicou o nariz para baixo e disparou novamente, e voltou a fazer círculos. Pareceu dar-se por satisfeito, pois sacudiu as asas e foi-se embora. Depois de algum tempo, ergui-me para ajudar Huang, mas êle se achava a alguns metros de distância, üeso e ainda procurando esconder-se. Puxei meu hábito e verifiquei que a perna esquerda fôra varada por uma bala. A meu lado o crânio sorridente exibia, agora, um nôvo buraco de bala, que entrara por uma têmpera e saíra pela outra, levando consigo os miolos.

Mais uma vez examinamos sob os arbustos e entre as árvores, mas não encontramos sinal de vida. Entre cinqüenta e cem pessoas, talvez mais, tinham estado ali minutos antes para renderem homenagem ao morto. Agora, estavam mortos também, eram apenas destroços vermelhos e formas irreconhecíveis. Nós nos voltamos, pois nada havia a fazer, ninguém a salvar. Somente o tempo poderia cicatrizar aquelas feridas.

E aquêle era “O Décimo Quinto Dia do Oitavo Mês”, em que as famílias se reuniam com alegria nos corações. E ali, pelo menos, por ato dos japoneses, as famílias se haviam “reunido” ao final do dia. Huang e eu retomamos a caminhada, e quando deixávamos o lugar um pássaro recomeçou a cantar, como se nada houvesse acontecido ali.

A vida em Chungking, naquela época, era realmente brutal, difícil, pesada. Muitos gananciosos haviam chegado, gente que procurava explorar a miséria dos pobres e aproveitar-se da guerra. Os preços subiam, as condições de vida faziam-se difíceis. Ficamos muito satisfeitos quando chegaram ordens para que retornássemos às nossas funções. As baixas perto da costa oceânica tinham sido muito numerosas e havia necessidade desesperada de pessoal médico. Assim sendo, partimos mais uma vez de Chungking, seguindo para a orla marítima, onde o General Yo esperava por nós. Dias depois, fui empossado como oficial-médico encarregado do hospital, têrmo dos mais ridículos e que designava uma coleção de arrozais nos quais os infelizes pacientes ficavam num terreno encharcado, pois não havia outro lugar para colocá-los, nem leito algum, coisa nenhuma. Nosso equipamento? Eram ataduras de

papel, aparelhos cirúrgicos obsoletos e tudo o mais que conseguíssemos fabricar e improvisar, mas tínhamos, ao menos, os conhecimentos médicos e a vontade de auxiliar os que se achavam tão feridos, e cuja quantidade era imensa. Os japoneses venciam a guerra, por tôda a parte, e as baixas chinesas eram alguma coisa impressionante.

Certo dia, as incursões aéreas inimigas pareceram mais intensas do que o comum, e bombas caíam por tôda a parte. Os campos se encontravam orlados por crateras feitas por bombas, e as tropas batiam em retirada. Foi o anoitecer que um contingente de japoneses investiu sôbre nós, ameaçando-nos com as baionetas, golpeando um, e logo outro, só para mostrar que eram os senhores da situação. Não tínhamos meios ou armas para resistir, absolutamente nada com que nos pudéssemos defender. Os japoneses me interrogaram com brutalidade, por ser o elemento encarregado, e seguiram para os campos, a fim de examinarem os pacientes. Todos êles receberam ordem para levantar-se, e os que se mostraram fracos demais para andar e carregar alguma coisa foram ali mesmo mortos a golpes de bainetas. Os demais, eu entre êles, foram tocados dali para um campo de prisioneiros situado a boa distância. Marchávamos muitos quilômetros por dia, e os feridos caíam mortos pela estrada, sendo logo examinados pelos japoneses em busca de objetos de valor.

Certo dia, quando marchávamos, vi que os guardas à frente exibiam alguma coisa na ponta das baionetas. Sacudiam-nas, e pensei tratar-se de alguma comemoração. Pareciam ter balões atados na ponta dos fuzis. Aos gritos e gargalhadas êles vieram pelas fileiras de prisioneiros e pudemos ver com aflição, que êles traziam cabeças humanas espetadas nas baionetas. Eram cabeças com olhos e bôcas abertas, as mandíbulas tombadas. Êles haviam feito prisioneiros, decapitando-os, e exibiam-lhes as cabeças como nôvo sinal de que eram os senhores.

Em nosso hospital tínhamos tratado pacientes de tôdas as nações, e enquanto seguíamos naquela marcha os cadáveres de tôdas as nacionalidades iam ficando à beira da estrada, identificados na mesma nação de todos, agora, a nação dos mortos. Por dias seguidos nós marchamos, em número que se reduzia sempre e tomando-nos cada vez mais cansados. Quando os poucos sobreviventes chegaram ao campo de prisioneiros, estávamos trôpegos e tomados pela dor e pela fadiga, o sangue jorrando dos pés envoltos em trapos e deixando um rastro vermelho à nossa passagem. Chegamos finalmente ao campo, que era dos piores. E ali recomeçaram os interrogatórios. Quem era eu? O que era eu? Por que eu, um lama do Tibete, lutava pelos chineses? Minha

resposta, no sentido de que não lutava, mas tratava de corpos feridos e ajudava a quem estivesse doente, trouxe insultos e pancadas.

— Sim! — diziam êles. — Sim, cura os chineses para que possam lutar contra nós!

Finalmente, fui pôsto a trabalhar, tratando dos que se achavam doentes, tentando salvá-los para o trabalho escravo dos japoneses. Cêrca de quatro meses depois de chegarmos àquele campo, houve uma grande inspeção. Alguns altos funcionários vinham ver como os campos de prisioneiros estavam, e se havia alguêm de mais destaque, que pudesse ser aproveitado pelos japoneses. Fomos postos em fileiras, bem cedo, e deixados ali horas seguidas, até o comêço da tarde, quando apresentávamos um aspecto dos mais deploráveis. Aquêles que caíram de cansaço foram mortos a golpes de baionetas e arrastados para a pilha de cadáveres. Endireitamos um pouco a formação, quando automóveis de motores possantes se aproximaram com estrondo e homens cheios de medalhas desembarcaram. Um major japonês, visitando o campo, percorreu as fileiras de prisioneiros, com ar despreocupado. Olhou para mim, e voltou a olhar com mais cuidado. Examinava-me, agora, e disse alguma coisa que não compreendi. Por não ter respondido, bateu em meu rosto com a bainha da espada, cortando-me a pele, e logo um ordenança veio ter com êle. O major falou com o homem, que saiu correndo para o gabinete de documentos e voltou de lá em pouco tempo, trazendo meus registros. O major leu com avidez e, em seguida, insultou-me e deu uma ordem aos guardas ao redor. Mais uma vez fui derrubado a coronhadas de fuzil, e mais uma vez meu nariz — consertado e reconstruído tão recentemente — ficou amassado, sendo eu arrastado para a casa da guarda. Lá chegado minhas mãos e pés foram atados atrás das costas e puxados e amarrados a meu pescoço, de modo que quando procurava descansar os braços quase estrangulava a mim próprio. Por muito tempo deram-me pontapés e sôcos, queimando-me com cigarros acesos enquanto faziam perguntas. Obrigaram-me depois a ajoelhar, e os guardas pularam sôbre meus calcanhares, na esperança de que a dor me obrigasse a falar. Os arcos dos pés estalaram, sob aquêlo pêso.

As perguntas que fizeram! Como havia fugido? Com quem falara, enquanto estivera livre? Sabia que era um insulto ao Imperador japonês, o ter fugido antes? Exigiam, também, detalhes a respeito da movimentação de tropas, pois achavam que eu, lama do Tibete, devia saber muita coisa acêrca das atividades militares chinesas. Eu, naturalmente, não respondi, e êles continuaram a queimar-me com cigarros acesos e a rotina de tortura. Mais tarde, puseram-me numa espécie de ecúleo e puxa-

ram o tambor com tanta força que tive a sensação de que braços e pernas estavam sendo arrancados. Desmaei e fui reanimado por um balde de água fria que jogaram em mim e mediante espetadas com baionetas. Finalmente o oficial médico encarregado do campo de prisioneiros interveio, dizendo que se eu sofresse mais certamente morreria, e nesse caso eles não conseguiriam respostas para as perguntas. Não queriam matar-me, porque isso seria permitir que eu escapasse ao interrogatório. Fui arrastado pelo pescoço e atirado em profunda cela subterrânea, em formato de garrafa e feita de cimento. Ali fiquei dias seguidos, ou podem ter sido semanas, pois perdi a noção do tempo, não havia qualquer sensação de sua passagem. A cela era absolutamente escura, e a comida atirada em seu interior a cada dois dias, a água descendo em uma lata. Muitas vezes era derramada, e eu tinha de tatear no escuro e estender as mãos e procurá-la, ou qualquer coisa úmida no chão. Minha mente teria fraquejado naquela situação, em escuridão tão profunda, mas fui salvo por meu treinamento. Voltei a pensar no passado.

Escuridão? Pensei nos eremitas do Tibete, em seus retiros seguros, situados em escarpados picos montanhosos, em lugares inacessíveis e entre as nuvens. Eremitas que se encontravam aprisionados em suas celas por anos seguidos, libertando a mente do corpo, e a alma da mente, de modo a poderem atingir maior liberdade espiritual. Pensei não no presente, mas no passado, e durante meus devaneios voltava inevitavelmente àquela experiência mais maravilhosa de todas, a visita ao Altiplano de Chang Tang.

Nós, o meu guia, o lama Mingyar Dondup, alguns companheiros e eu, havíamos partido da Potala de telhados dourados, à procura de ervas raras. Durante semanas seguidas, tínhamos viajado em sentido ascensional subindo sempre para o norte gelado, para o Altiplano de Chang Tang, também chamado Shamballah por alguns. Naquele dia, aproximávamo-nos de nosso objetivo. Era um dia realmente terrível, o pior de muitos dias gelados. O gelo batia em nós, impelido por uma ventania uivante. Os fragmentos congelados batiam em nossos hábitos amplos e feriam a pele onde a mesma se mostrasse exposta. Ali, a mais de oito mil metros de altura acima do mar, o céu se apresentava purpúreo, com algumas faixas de nuvem a mostrar-se alvíssimas, em comparação. Pareciam os cavalos brancos dos Deuses, transportando seus cavaleiros pelo Tibete.

Continuávamos subindo, o terreno a fazer-se mais difícil a cada passo. Os pulmões estertoravam nas gargantas, e nós nos agarrávamos a pontos precários na terra dura, forçando os dedos pelas menores concavidades e frestas na rocha gelada. Finalmente, chegáramos àquela faixa misteriosa de nevoeiro (ver “A Terceira

Visão”) e seguimos por ela com o chão aos pés tomando-se mais quente, cada vez mais quente, e o ar ao redor fazendo-se mais e mais aprazível e reconfortante. Gradualmente saímos do nevoeiro e chegamos ao paraíso luxuriante daquele santuário encantador. Diante de nós estava aquela terra de uma era extinta.

Chegada a noite, descansamos no calor e conforto da Terra Oculta. Era maravilhoso dormir em macio leito de musgo, aspirar o perfume das flores. Havia frutos, naquela terra, que não tínhamos provado antes, frutos que saboreamos então, e dos quais comemos bastante. Era magnífico, também, poder banhar-nos em água quente e ficar à vontade naquela praia dourada.

No dia seguinte, seguimos à frente, subindo mais, porém já não nos preocupávamos. Passamos por bosques de rododendros e nogueiras e por outras árvores cujos nomes não conhecíamos. Não nos esforçamos muito na marcha daquele dia, e ao anoitecer não sentimos frio. Estávamos à vontade, e logo nos sentamos sob as árvores, acendemos nossa fogueira e preparamos a refeição da tarde. Isso feito, envolvemo-nos nos hábitos e deitamos, conversando. Um a um, tínhamos adormecido.

No dia seguinte empreendemos novamente a marcha, mas só havíamos coberto alguns quilômetros quando, de repente, chegamos a uma clareira, um lugar onde as árvores terminavam, e diante de nós. . . Paramos, quase paralisados de espanto, tremendo com o conhecimento de que havíamos chegado a alguma coisa além de nossa compreensão. Olhamos, e a clareira diante de nós apresentava-se vasta. Era uma planície, com mais de nove quilômetros de extensão. Em sua extremidade mais distante havia uma enorme capa de gelo a estender-se para cima, como uma lâmina de vidro que se estendesse para o céu, como se realmente houvesse uma janela no céu, ou uma janela para o passado, pois no outro extremo daquela capa de gelo podíamos ver, como se imersa na água mais cristalina, uma cidade, intacta, uma cidade desconhecida, como nenhuma outra que tivéssemos visto, mesmo nos livros ilustrados existentes na Potala.

Projetando-se acima da galeira havia edifícios, a maior parte dos quais em bom estado de conservação, porque o gelo se derreteria com suavidade ao ar quente do vale oculto, tão suave e gradualmente que nenhuma pedra ou parte de qualquer estrutura fôra danificada. Algumas, na verdade, encontravam-se intactas, conservadas ao correr de séculos sem conta pelo ar seco e puro do Tibete. Algumas dessas construções tinham o aspecto de obras terminadas uma semana antes, tal sua aparência de novas.

O meu guia, o lama Mingyar Dondup, rompeu o silêncio formado, dizendo:

— Meus irmãos, há meio milhão de anos êste foi o lar dos Deuses. Há meio milhão de anos isto era um aprazível lugar à beira do mar, onde viviam cientistas de raça e tipo diferentes. Êles vieram de outro lugar, inteiramente diferente, e eu lhes contarei sua história um dia. Mediante, porém, suas experiências êles trouxeram a calamidade à terra, e fugiram da cena do desastre que causaram, deixando para trás o povo comum do planêta. Causaram a calamidade, e devido às suas experiências o mar se ergueu e congelou, e aqui temos diante de nós uma cidade conservada no gêlo eterno desde aquela época, cidade que foi inundada enquanto a terra subia e a água com ela, inundada e congelada.

Ouvíamos em silêncio, fascinados, enquanto meu guia prosseguia dissertando, falando-nos do passado, dos registros antiquíssimos muito abaixo da Potala, registros feitos em iôlhas de ouro, assim como os registros estão sendo feitos hoje no Ocidente, no que êles chamam “cápsula de tempo”. (10)

Movidos por um impulso comum, pusemo-nos em pé e passamos a explorar os edifícios ao nosso alcance. Quanto mais nos aproximávamos, tanto mais estarecidos ficávamos. Por momento, não conseguimos entender a sensação que nos empolgava. Imaginávamos ter-nos tornado anões, de repente, e logo a explicação nos ocorreu. Os edifícios eram imensos, como se construídos para uma raça duas vêzes mais alta do que a nossa. Sim,

10 A referência a “cápsulas de tempo” está ligada, evidentemente, a algo muito curioso, ocorrido há uns vinte ou trinta anos, nos Estados Unidos da América. Instituições científicas renomadas reuniram-se para preparar repositórios completos das artes e ciências do momento. Esse material foi encerrado em cilindros de aço resistente em lugares julgados adequados e destinados, como se afirmou na época, a “serem abertos no ano 2000”, quando os seres de então poderiam utilizar tais dados, espécimes (que incluíam filmes cinematográficos e seus projetores) e objetos a fim de formarem uma idéia do grau de civilização das décadas de trinta e quarenta. (N. do T.)

era isso. Aquele povo, aquele superpovo, era duas vezes mais alto do que o povo da Terra. Entramos em alguns edifícios e olhamos em seu interior. Um deles parecia ser laboratório de algum tipo, e ali se encontravam muitos engenhos e dispositivos estranhos, diversos dos quais ainda funcionavam.

Um jato de água gelada fêz-me voltar à realidade com aturamento, e assim regressei ao sofrimento e dor de minha existência na masmorra de pedra. Os japoneses haviam resolvido que eu estivera por lá o tempo suficiente, e ainda não “amaciara” o bastante. O meio mais fácil de me retirar dali era encher a masmorra com água, de modo que eu flutuasse à superfície, assim como rolhas de cortiça flutuam até o gargalo de uma garrafa cheia. Chegando à parte superior, estendi as mãos pela passagem estreita, fui agarrado e puxado para fora. Levaram-me a outra cela, esta acima do chão, e ali fui atirado ao seu interior.

No dia seguinte, puseram-me a trabalhar, mais uma vez tratando os doentes. No decorrer da semana houve outra inspeção do campo, por parte de altos funcionários japoneses, e desencadeou-se um corre-corre. A inspeção começava sem qualquer aviso prévio, e os guardas se encontravam em pânico. Ninguém veio ter comigo, de modo que aproveitei a oportunidade para continuar andando, sem rapidez demasiada para não chamar a atenção, e sem lentidão excessiva, pois o lugar não era dos mais salutares! Continuei andando, como se tivesse todo o direito de sair dali. Um guarda chamou e eu me volvei para êle, acenei com o braço, como a saudá-lo. Por algum motivo êle respondeu com outro aceno e voltou ao trabalho comum. Prossegui na caminhada, e quando estava fora da vista, oculto nos arbustos, corri tão depressa quanto meu corpo enfraquecido permitiu.

Alguns quilômetros além, ao que recordava, havia uma casa de propriedade de pessoas ocidentais que eu conhecia. Na verdade, eu lhes prestara alguns serviços no passado, e assim é que à noite, com cuidado, segui para lá. Eles me receberam com calorosas exclamações de solidariedade, trataram de meus numerosos ferimentos e me deram uma refeição, bem como uma cama, prometendo que fariam o possível para que atravessasse as linhas japonesas. Adormeci, embalado pelo pensamento de que mais uma vez estava em mãos amigas.

Gritos e golpes logo me trouxeram de volta à realidade, despertando-me. Guardas japoneses estavam a meu lado, arrastando-me da cama, espetando-me novamente com as baionetas.

Meus “protetores”, após tôdas as afirmações de solidariedade, esperaram que eu dormisse e notificaram os japoneses de minha fuga. Os guardas não haviam perdido tempo em buscar-me. Antes de ser levado, consegui perguntar àqueles ocidentais por que me haviam traído de modo tão infame, e sua esclarecedora resposta foi a seguinte:

— Você não é um dos nossos. Temos de cuidar de nossa própria gente. Se mantivéssemos você aqui, antagonizar-nos-íamos com os japoneses e poríamos em perigo nosso trabalho.

De volta ao campo de prisioneiros, fui muito maltratado. Por horas êles me deixaram pendurado nos galhos de uma árvore, suspenso pelos polegares amarrados juntos. Depois disso houve uma espécie de julgamento, na presença do comandante, a quem disseram:

— Este homem é um que insiste em fugir. Está dando muito trabalho.

Bastou para que êle emitisse seu veredicto. Fui derrubado e estendido no chão. Puseram tocos de madeira sob minhas pernas, que ficaram acima do chão, e dois guardas japoneses pisaram em cada perna e saltaram, de modo que o osso se partiu. Desmaiei com a dor, e quando voltei a mim estava na cela fria e úmida, os ratos correndo ao redor.

Faltar à chamada de madrugada correspondia à morte, e eu sabia disso. Um outro prisioneiro trouxe-me alguns bambus, e eu atei talas em cada perna para sustentar os ossos partidos. Usei dois bambus como muletas, e um terceiro como uma espécie de pé de tripode, para poder permanecer em pé. Assim é que consegui apresentar-me à chamada e salvar a vida, que de outra forma seria eliminada por baioneta, enforcamento ou estripamento, ou qualquer das outras formas comuns em que os japoneses se especializavam.

Quando minhas pernas ficaram boas, e os ossos se soldaram

— embora não muito bem, pois eu próprio tivera de ajustá-los

— o comandante mandou-me chamar e disse que eu iria para outro campo mais no interior, onde seria médico de mulheres. Assim é que mais uma vez eu viajei. Dessa feita, houve um comboio de caminhões que seguiam para lá, sendo eu o único prisioneiro que levavam. Ordenaram-me que embarcasse, e fiquei prêsso por uma corrente, como um cachorro, na parte traseira de um caminhão. Diversos dias depois, chegamos àquele campo, onde fui tirado do caminhão e levado ao comandante.

Ali não havia qualquer equipamento médico, e tampouco remédios. Fazíamos o que era possível com latas velhas, aguçadas em pedras, bambu endurecido no fogo e fios tirados de roupas em frangalhos. Algumas das mulheres não tinham roupa alguma, ou estavam muito maltrapilhas. As operações eram executadas a sangue-frio e os corpos rasgados eram costurados com algodão fervido. Muitas vezes, à noite, os japoneses chegavam e ordenavam a saída de tôdas as mulheres para uma inspeção. Aquelas das quais se agradavam eram levadas para o alojamento dos oficiais, a fim de entretê-los, bem como a qualquer visitante. De manhã as mulheres eram devolvidas, com expressões envergonhadas e doentes. Sendo o prisioneiro-médico, tinha de cuidar de seus corpos maltratados.

Gomo Respirar

Os guardas japoneses estavam novamente de mau humor. Oficiais e soldados andavam pelo campo de prisioneiros com caras feias, batendo em qualquer infeliz que vissem. Estávamos bastante sombrios, sem dúvida, prevendo outro dia de terror, outro dia de falta de comida e tarefas inúteis. Horas antes surgira uma nuvem de poeira, quando enorme automóvel americano, capturado pelos japoneses, parara com um solavanco que teria contristado seus fabricantes. Houve berros e gritos, e os homens em corrida abotoavam os uniformes surrados. Guardas passavam em carreira, estendendo a mão para qualquer artigo de equipamento mais próximo, procurando demonstrar de algum modo que eram eficientes e estavam trabalhando.

Tratava-se de uma visita de surpresa, feita por um dos generais em comando na região. Não havia dúvida quanto à surpresa dessa visita, e ninguém sequer pensara em outra inspeção, pois ocorrera uma dois dias antes. Parecia que às vezes, no campo, os japoneses convocavam uma inspeção apenas para olharem e examinarem as mulheres, apanhando as que queriam e tocando-as sob guarda armada. Pouco depois, vinham os gritos de angústia, terror e dor. Dessa feita, no entanto, tratava-se de uma verdadeira inspeção, feita por um general de alta patente, vindo diretamente do Japão para verificar o que realmente se passava nos campos de prisioneiros. Mais tarde ficamos sabendo que os japoneses haviam sofrido alguns reveses na guerra, e ocorrera a alguém a idéia de que, se houvesse número demasiado de atrocidades, poderia surgir castigo para alguns funcionários, mais tarde.

Os guardas finalmente se apresentavam em formação mais ou menos certa, prontos para a inspeção. Houve muita agitação e nuvens de poeira erguiam-se do chão, levantadas pelos pés dos homens assustados. Nós observávamos, por trás do arame farpado, interessados no espetáculo porque, dessa vez, os guardas é que seriam inspecionados, e não os prisioneiros. Por muito tempo os homens estavam sendo dispostos em formação, e finalmente se formara uma impressão de nervosismo, de que alguma coisa ia

acontecer. Enquanto observávamos, vimos movimentos na Casa da Guarda, homens apresentando armas. E o general saiu de lá, em passos arrogantes, percorrendo as fileiras de soldados e tendo a comprida espada de samurai arrastando-se atrás do corpo. Seu rosto estava transtornado de raiva, por ter sido preciso esperar, e seus ajudantes pareciam nervosos e pouco à vontade. Devagar êle percorreu as fileiras, encontrando defeitos aqui e ali. Nada parecia estar certo, naquele dia, e as coisas se pronunciavam cada vez piores.

Os pequenos “Filhos do Céu” formavam, na verdade, um grupo de aspecto deplorável. Na pressa, haviam apanhado qualquer artigo de equipamento disponível, por mais inadequado que fôsse, tendo perdido inteiramente o raciocínio. *Precisavam* mostrar que faziam alguma coisa, ao invés de estarem à toa perdendo tempo. O general prosseguiu, e fêz alto repentino, com um chiado de raiva. Um dos soldados trazia, ao invés do fuzil, uma vara com uma lata na ponta, usada pelos prisioneiros para limpar os esgotos. Pouco antes um dos prisioneiros estivera usando aquilo, e o general olhou para o subordinado, olhou para a vara, voltou mais a cabeça para ver a lata em sua extremidade. Tornou-se mais furioso ainda, não conseguiu falar por momentos, empolgado pela cólera. Já se pusera na ponta dos pés e desferira bofetadas violentas à direita e esquerda em diversos soldados que haviam incorrido em seu desagrado. E agora, diante daquela vara de limpar esgotos, perdeu inteiramente as estribeiras. Conseguiu recuperar os movimentos, e pulou de raiva, olhou ao redor para encontrar algo com que pudesse bater naquele homem. Teve uma idéia, então, e olhou para baixo, desenganchou a espada com bainha, e aplicou uma pancada com aquela arma ornamental na cabeça do infeliz guarda, fazendo-o com tôda a fôrça. O pobre desgraçado dobrou os joelhos e caiu ao chão, sangue borbotando das narinas e orelhas. O general, com ar de desdém, desferiu-lhe um pontapé e fêz sinal aos guardas. O homem foi apanhado pelos pés e arrastado no solo, a cabeça batendo no que encontrava, e finalmente desapareceu de nossa vista. Nunca mais o vimos no campo.

Nada parecia estar certo, naquela inspeção. O general e oficiais encontravam defeitos por tôda parte, e a raiva os tornava rubros. Continuaram inspecionando, e logo voltaram a fazê-lo. Nunca tínhamos visto coisa assim, mas havia um aspecto agradável em tudo aquilo, em nosso ponto de vista: o homem estava tão enfurecido com os guardas que esqueceu por completo de inspecionar os prisioneiros. Finalmente os oficiais de alta patente desapareceram de nôvo na Casa da Guarda, de onde vieram gritos

de raiva, e um ou dois estampidos. Em seguida êles saíram, embarcaram nos automóveis e foram-se embora. Os guardas receberam ordem para saírem de forma, o que fizeram, tremendo ainda de medo.

Reinavam motivos mais do que suficiente, portanto, para que os guardas estivessem de péssimo humor. Havia acabado de espancar uma mulher holandesa, porque se tratava de criatura de elevada estatura, era bem maior do que êles, e os fazia sentir-se inferiores. Como disseram, era mais alta do que êles, e isso constituía um insulto ao Imperador! Ela foi derrubada com uma coronhada de fuzil, recebendo pontapés e empurrões, de modo que adquiriu ferimentos internos e sangrava. Por uma hora ou duas, até ao pôr do sol, teria de ficar ali, perto da Casa da Guarda, à entrada principal do campo. Teria de manter-se ajoelhada no chão, enquanto o sangue se esvaía. Ninguém, por mais doente que se encontrasse, podia ser removido antes que os guardas dessem permissão. Se o prisioneiro morresse. . . Bem, seria um a menos para alimentar. Por certo os guardas não se incomodavam, e ela morreu. Pouco antes do pôr do sol ela caiu, e ninguém pôde ir socorrê-la. Finalmente um guarda fêz sinal a dois prisioneiros para que viessem arrastar-lhe o corpo. Trouxeram-na a mim, mas de nada adiantou. Estava morta. Sangrara até morrer.

Era realmente difícil tratar os pacientes naquelas condições. Não tínhamos medicamento de espécie alguma, e as ataduras haviam terminado. Tinham sido lavadas repetidas vêzes, usadas de nôvo até apodrecerem, até que os últimos fios do tecido não mais resistissem. Não podíamos fazer outras com roupas, pois ninguém possuía qualquer peça dispensável. Na verdade, alguns prisioneiros já não tinham roupa alguma no corpo. A questão se fazia bastante premente, e estávamos com muitos ferimentos e contusões, sem dispor de recurso algum para tratá-los. No Tibete eu estudara as ervas, e no curso de uma de nossas saídas para o trabalho, para além dos confins do campo,, encontrara uma planta local que me pareceu bastante conhecida,. Era de folhas largas e grossas, sendo adstringente dos mais úteis,, coisa de que necessitávamos desesperadamente. O problema estava em conseguir certa quantidade dessas folhas no interior do campo. Um grupo, do qual eu participava, debateu a questão, até altas horas da noite, chegando-se afinal à conclusão de que as turmas de trabalho externo deviam colher as folhas de algum, modo e escondê-las como pudessem, ao retornar. Debatemos o modo pelo qual elas poderiam ser escondidas, e finalmente alguma pessoa dotada de sabedoria sugeriu que havia uma turma colhendo bambus grandes, e que as folhas poderiam ser escondidas em seus gomos.

As mulheres, ou “meninas”, como se chamavam a si mesmas qualquer que fôsse sua idade, colheram grandes quantidades- das folhas suculentas que encontraram, e fiquei satisfeitíssimo ao vê-las. Era como encontrar velhos amigos. Espalhamos todas as folhas no chão, por trás da cabana, e os guardas japonê- ses olharam sem se preocupar com o que fazíamos. Achavam, que tínhamos ficado doidos, ou coisa parecida, mas espalhamos as folhas com cuidado, para que pudessem ser devidamente selecionadas pois as mulheres haviam trazido todos os tipos encontrados, desacostumadas a colher determinada planta, e apenas uma variedade podia ser usada. Escolhemos as que serviam, e quanto às demais. . . Bem, tínhamos de livrar-nos delas, e foram jogadas sôbre a pilha de mortos, à beira de nossa habitação.

As folhas foram selecionadas por tamanhos, maiores e menores, e cuidadosamente limpas para retirar qualquer sujeira prêsa a elas. Não tínhamos água com que lavá-las, pois êsse líquido era artigo dos mais raros. Em seguida, foi preciso encontrar um recipiente adequado em que pudéssemos esmagá-las. A tigela de arroz do campo era a maior coisa disponível, de: modo que a tomamos e pusemos as folhas escondidas em seu interior. A preocupação seguinte estava em encontrar uma pedra adequada, com pontas agudas, de modo que as folhas pudessem ser maceradas e transformadas em massa fina. Conseguimos encontrar uma pedra em tais condições, e que requeria o uso de duas mãos para ser erguida. As mulheres que me ajudavam revezavam-se na tarefa de misturar e amassar as folhas,, até estarem reduzidas a uma pasta verde e pegajosa.

O problema seguinte foi encontrar algo que absorvesse o sangue e o pus enquanto o adstringente agisse, e que mantivesse- a massa unida. O bambu é planta de muitas utilidades, e resolvemos dar-lhe mais uma. De varas velhas e pedaços de madeira abandonados raspamos a medula, secando-a em latas sôbre o fogo. Quando sêca, tomou-se fina como farinha de trigo e mais absorvente do que o algodão. Metade de medula de bambu e metade de folhas amassadas, e lá estavam uma mistura altamente satisfatória. Infelizmente, era friável e partia-se em pedaços ao toque.

A construção de uma base sôbre a qual estender a massa composta não foi fácil. Tivemos de descascar as fibras externas de varas bem verdes de bambu e separá-las cuidadosamente, de modo a obter fibras do maior comprimento possível. Depositamos as mesmas sôbre uma fôlha metálica muito bem escovada e esfregada, que normalmente protegia o soalho da fogueira. Pusemos as fibras

ao comprido e atravessadas, como se estivéssemos tecendo e fazendo um tapêete estreito e comprido. Afinal, depois de muita luta, tínhamos uma rêde de mau aspecto, com uns três metros de comprimento por dois palmos de largura.

Com um rôlo feito de bambu mais grosso, forçamos a mistura de folhas e medula sôbre a rêde, empurrando-a de modo que todos os fios de bambu ficassem cobertos, até atingirmos uma camada mais ou menos igual de mistura. Viramos a tela e fizemos o mesmo no outro lado. Ao terminar, estávamos com uma atadura verde-claro com que impedir o fluxo de sangue e promover medicação. Fôra coisa algo parecido com a fabricação de papel, e o resultado final assemelhava-se a papelão grosso e verde, flexível, que não se podia dobrar com facilidade e era difícil de cortar com o instrumento bruto de que dispúnhamos. Mas conseguimos cortar o material em tiras com perto de quatro polegadas de largura, e depois descolamos a chapa de metal em que estavam coladas. Naquele estado, elas se conservariam flexíveis por muitas semanas, e verificamos mais tarde que constituíam uma autêntica bênção.

Certo dia, uma mulher que estivera trabalhando na cantina dos japoneses fingiu estar doente e veio ter comigo, tomada de grande agitação. Estivera limpando um depósito que continha muito equipamento capturado aos americanos. De alguma forma, derrubara uma lata cujo rótulo saíra, e alguns cristais entre vermelhos e marrons tinham saído de seu interior. Sem ter mais o que fazer, ela os tocara com os dedos, movendo-os, imaginando o que pudessem ser. Mais tarde, ao pôr as mãos em água para prosseguir na limpeza, vira manchas marrons nas mãos.

Estaria envenenada? Seria uma armadilha armada pelos japoneses para pegá-la? Resolvera ir ter comigo bem depressa. Examinei-lhe as mãos, cheirei, e se eu fôsse criatura emotiva teria dado pulos de alegria. Eu percebera claramente o que causara aquelas manchas. Cristais de permanganato de potássio, exatamente aquilo de que necessitávamos para os casos de úlceras tropicais. Eu disse:

— Nina, você precisa apanhar essa lata de algum modo. Ponha a tampa nela e a lata no balde, mas traga para cá, e não deixe molhar.

Ela voltou à cantina transbordada de alegria em pensar que fôra responsável pela descoberta de alguma coisa que aliviaria um pouco do sofrimento. Mais tarde, aquêle dia, voltou a minha presença, trazendo uma lata de cristais, e nos dias seguintes obteve uma segunda, e uma terceira. Aquêle dia, nós abençoamos os americanos. Abençoamos até mesmo os japoneses, por terem capturado abastecimentos americanos!

As úlceras tropicais são coisas terríveis. A falta de alimentação adequada e a negligência são suas causas principais. Pode-se admitir, também, que a falta de um banho contribua. Surge, de início, uma pequena coceira, e a vítima distraidamente se coça. Aparece, então, uma pequena espinha com a dimensão da cabeça de um alfinete, e é coçada ou arrancada, com exasperação. A infecção advinda das unhas penetra no pequeno ferimento, e gradualmente toda aquela área do corpo adquire tonalidade vermelha. Pequenos nódulos amarelos surgem sob a pele e causam mais irritação, que acarreta mais coceira forte. A úlcera cresce para fora e para baixo. Pus, substâncias com odor horrível aparecem em seguida. Com o correr do tempo as defesas do corpo diminuem e a saúde piora. A úlcera mergulha e mais, comendo a carne, passando à cartilagem e chegando ao osso, matando a medula e tecido. Se nada fôr feito, o doente morre.

Alguma coisa, no entanto, tinha de ser feita. A úlcera, fonte da infecção, tinha de ser removida de algum modo, e o mais rapidamente possível. Não tendo qualquer equipamento médico, tínhamos de recorrer a medidas verdadeiramente desesperadas. Era preciso retirar a úlcera para salvar a vida do paciente, tudo aquilo tinha de ser retirado de seu corpo. E assim. . . Só havia uma coisa a fazer. Fabricamos uma colher com uma lata, e aguçamos cuidadosamente sua orla. Depois, esterilizávamos a lata o melhor que se podia sobre a chama do fogo. Os demais prisioneiros seguravam o membro afetado, e com a lata aguçada eu retirava a carne morta e pus às colheradas, até que apenas tecido limpo e sadio estivesse à vista. Tínhamos de verificar com rigor para que nenhum ponto de infecção ficasse esquecido, do contrário a úlcera cresceria outra vez, como erva maligna. Limpo o tecido quanto aos estragos causados pela úlcera, a cavidade seria preenchida com a pasta de erva, e com cuidado infinito o paciente trazido de volta à saúde — saúde essa medida pelos padrões do campo, é claro! E esse padrão seria quase a morte em qualquer outra parte. Aquêlê permanganato de potássio viria ajudar no processo de cura, auxiliando a impedir o pus e outras fontes de infecção. Nós o tratávamos como se fôsse ouro em pó.

Parecerão brutais os nossos métodos? E eram, mesmo! Mas êsses métodos “brutais” salvaram a vida de muitos, e salvaram muitos membros, também. Sem êsse tratamento a úlcera cresceria, envenenando o sistema, de modo que com o tempo o braço ou perna teria de ser amputado (sem anestésico!) para salvar o paciente. A saúde, na verdade, constituía grande problema em

nosso campo. Os japoneses não nos davam assistência de espécie alguma, de modo que ao final eu me vali de meus conhecimentos de respiração, ensinando a muitos naquele campo o método especial de respirar, para fins especiais, porque respirando-se corretamente, respirando-se com certos ritmos, podemos fazer muito para melhorar a saúde, tanto mental quanto física.

O meu guia, o lama Mingyar Dondup, ensinou-me a ciência de respirar, depois de me ter apanhado ofegante na subida de uma montanha, e quase caindo de esgotamento.

— Lobsang, Lobsang! — disse êle. — O que andou fazendo para ficar nesse estado horrível?

— Pionrado Mestre — respondi, arquejando — eu queria subir o morro em andas.

Êle me fitou com tristeza e balançou a cabeça, com ar de pesarosa resignação. Suspirou e fêz sinal para que eu me sentasse. Por algum tempo houve silêncio entre nós — silêncio, bem entendido, a não ser pelo arquejar de minha respiração, enquanto fazia esforços por normalizá-la.

Eu entivera andando perto da Estrada Linghor, sôbre andas, exibindo-me aos peregrinos — exibindo como os monges de Chakpori podiam andar melhor, ir mais longe e mais depressa, em andas, de que quaisquer outros em Lhasa. A fim de provar a coisa de modo mais contundente ainda, eu me voltara e subira o morro correndo nas andas. Assim que conseguira fazer a primeira volta e estar fora da visão dos peregrinos, caíra exausto e logo em seguida meu guia viera e me encontrara nessa triste situação.

— Lobsang, certamente chegou o momento para você aprender mais. Já houve muita brincadeira, muito esporte, e agora, como você demonstrou tão claramente, está precisando aprender a ciência da respiração correta. Venha comigo. Vamos ver como remediar êsse estado de coisas.

Levantando-se, seguiu à frente morro acima. Eu me ergui com relutância, apanhei as andas que haviam caído e o acompanhei. Êle andava com facilidade, parecendo deslizar. Não havia qualquer esforço em seus movimentos e eu, muitos anos mais jovem, lutava por acompanhá-lo, ofegando como um cachorrinho em dia de verão canicular.

Em cima do morro, seguimos para o interior de nosso mosteiro, e eu segui meu guia até ao seu quarto. Lá dentro nós nos sentamos no chão, como de costume, e o lama tocou a campainha para que trouxessem o inevitável chá, sem o qual nenhum tibetano consegue empreender uma conversa séria! Mantivemos silêncio

enquanto os monges servidores vieram com chá e *tsam- pa*, e depois de terem saído o lama serviu o chá e me proporcionou a primeira lição sobre a arte de respirar, instrução essa que viria a ser de valor inestimável para mim, naquele campo de prisioneiros.

— Você está ofegando e arquejando como um velho, Lobsang — disse êle. — Vou-lhe ensinar como dominar isso, porque ninguém devia esforçar-se tanto no que é ocorrência ordinária, natural e de todos os dias. É demasiado o número de pessoas que negligenciam a respiração. Pensam que basta inalar uma quantidade de ar e expeli-la, e inalar outra.

— Mas, Honrado Mestre — repliquei —, eu tenho conseguido respirar muito bem há nove anos ou mais. Como posso respirar de outro modo, senão aquêle em que sempre o fiz?

— Lobsang, você deve lembrar-se de que a respiração, na verdade, é a fonte da vida. Você pode andar, pode correr, mas sem respirar nenhuma das duas coisas é possível. Tem de aprender um nôvo sistema, e antes de qualquer coisa precisa adotar um padrão de tempo em que respirar, porque enquanto não conhecer êsse padrão de tempo não há modo pelo qual distribuir ou regular as diversas proporções de tempo à sua respiração, e nós respiramos em ritmos diferentes, para fins diferentes.

Tomou-me o pulso esquerdo e apontou um lugar no mesmo, dizendo:

— Veja as batidas de seu coração, no pulso. A pulsação vai no ritmo de um, dois, três, quatro, cinco, seis. . . Ponha o dedo no pulso e sinta, porque assim compreenderá de que estou falando.

Obedeci, pus o dedo no pulso esquerdo e senti as batidas como êle dizia: um, dois, três, quatro, cinco... Olhei para o meu guia, e êle prosseguiu:

— Se você prestar atenção, verá que aspira ar enquanto o coração dá seis batidas. Mas isso não basta. Terá de variar muito a respiração, e já trataremos disso.

Fêz uma pausa e olhou para mim, dizendo em seguida:

— Você sabe, Lobsang, que os meninos. . . e digo porque tenho observado enquanto brincam. . . ficam exaustos porque não sabem coisa alguma a respeito da respiração? Pensam que basta aspirar e soltar o ar, que assim fica tudo resolvido. Não podia haver incorreção maior. Há quatro métodos principais de respirar, de modo que vamos examiná-los e ver o que têm a nos oferecer, o que realmente são. O primeiro método é muito pobre, sendo conhecido como “respiração por cima”, porque nêle apenas a parte superior do peito e pulmões é utilizada. Como deve saber, essa é a menor parte de sua cavidade respiratória, de modo que quando a utiliza recebe

pouco ar nos pulmões e fica com muito ar estagnado nas concavidades mais profundas. Como vê, faz apenas a parte superior do peito mover-se. A parte de baixo do peito e abdômen fica estacionária, e isso é muito mau. Esqueça-se da respiração por cima, Lobsang, porque ela é inteiramente inútil. É a pior forma de respirar que podemos usar, e devemos recorrer às outras.

Fêz uma pausa e fitou-me, prosseguindo:

— Olhe, isto que estou fazendo agora é a respiração por cima. Veja a posição forçada que tenho de adotar. Mas isso, como você verá mais tarde, é o tipo de respiração adotada pela maioria dos ocidentais, pela maioria das pessoas fora do Tibete e Índia. Ela faz com que essas pessoas só consigam pensar de modo confuso e se mostrem mentalmente letárgicas.

Olhei para êle, boquiaberto de espanto. Certamente não imaginara que a respiração fôsse uma questão tão difícil. Sempre achara que respirava razoavelmente bem, e estava sabendo, agora, que o fazia de modo errado.

— Lobsang, você não está prestando muita atenção ao que digo. Vamos, agora, lidar com o segundo sistema de respiração. É conhecido como “respiração pelo meio”, e também não se mostra muito boa. Não adianta examiná-la com mais detalhes, porque não quero que você a utilize, mas quando fôr para o Ocidente ouvirá as pessoas referirem-se a ela como “respiração de costela”, ou respiração em que o diafragma se mantém estacionário. O terceiro sistema é o da “respiração baixa”, e embora seja, talvez, um pouco melhor do que os dois outros, também não é correto. Algumas pessoas o chamam “respiração abdominal baixa”. Nesse sistema, os pulmões não se enchem completamente de ar. O ar, nos pulmões, não é inteiramente renovado, de modo que existe ainda estagnação, mau hálito e doenças. Assim sendo, não faça coisa alguma com êsses sistemas de respiração, mas faça como eu, como os outros lamas aqui, a Respiração Completa, e eu vou mostrar como.

“Ah!” pensei, “agora estamos chegando à coisa, agora vou aprender! Por que êle me contou tudo aquilo e depois disse que não a devia fazer?”

— Porque, Lobsang — disse o guia, tendo òbviamente lido meus pensamentos — porque você deve conhecer as faltas, bem como as virtudes. Desde que chegou a Chakpori deve certamente ter notado que acentuamos com insistência a importância de manter a bôca fechada. Não é apenas para que deixemos de fazer afirmações errôneas, mas para que possamos respirar pelas narinas. Se você respirar pela bôca, perde a vantagem dos filtros de ar nas narinas, e do controle de temperatura, para o qual o corpo humano

tem seus mecanismos. E acontece também, se você insistir em respirar pela bôca, que as narinas acabam por entupir-se, e a pessoa fica com catarro e a cabeça pesada, e vem tôda uma série de outros males.

Apercebi-me, cheio de culpa, de que observava meu guia com boquiaberto espanto, pelo qual tratei de fechar a bôca tão depressa que seus olhos brilharam com divertimento, mas não falou sôbre isso e, ao invés, prosseguiu:

— As narinas, na verdade, são coisas muito importantes, e devem ser mantidas limpas. Se as suas se tornarem sujas, aspire um pouco de água para que entre nelas e deixe escorrer por dentro da bôca, para poder expedi-la por ela. Faça o que fizer, no entanto, não respire pela bôca, mas apenas pelas narinas. Aliás, talvez valha a pena usar água quente. A água fria poderia levá-lo a espirrar.

Voltou-se e acionou uma sinêta a seu lado. Veio um servidor e encheu novamente o bule de chá, trazendo mais *tsampa*. Fêz uma mesura e retirou-se. Após alguns momentos, o lama Mingyar Dondup retomou a dissertação:

— Agora, Lobsang, vamos tratar do verdadeiro método de respirar, método que permitiu a alguns lamas do Tibete prolongarem a vida e atingirem duração verdadeiramente notável. Vejamos a Respiração Completa. Como o nome diz, ela incorpora os três outros sistemas, a respiração por baixo, pelo meio e por cima, de modo que os pulmões ficam realmente cheios de ar, e com isso o sangue é purificado e cheio de força vital. Trata-se de um sistema muito fácil de respirar. Você deve sentar-se ou estar em pé, em posição razoavelmente confortável, e respirar pelas narinas. Vi-o há poucos momentos, Lobsang, encurvado, pendido, e você não pode respirar corretamente se estiver em posição relaxada. Deve manter a espinha ereta, pois aí está todo o segredo da respiração correta.

Olhou para mim e suspirou, mas o brilho nos cantos de seus olhos desmentia aquêle suspiro de desalento! Em seguida, êle se levantou e veio ter comigo, pondo as mãos sob meus cotovelos e erguendo-me, de modo que passei a sentar-me em posição reta.

— Agora, Lobsang, é assim que você deve sentar-se, com a espinha reta, o abdômen sob controle, os braços para os lados. Sente-se como lhe digo, então. Expanda o peito, force as costelas para fora e depois force o diafragma para baixo, de modo que o abdômen inferior também venha à frente. Dêsse modo, terá uma respiração completa. Nada há de mágico em tudo isto, Lobsang, sabe? Trata-se de respiração sensata e comum. Você precisa ter dentro de si tanto ar quanto possível e depois expulsá-lo todo, substituí-lo por outro. Por enquanto, pode achar complicado e

intricado demais, que não vale a pena, mas pode crer que *vale*, sim. Você pensa que não, porque está letárgico, porque últimamente adotou um modo relaxado de respirar e precisa de disciplina na respiração.

Respirei como fôra indicado, e para minha surpresa verifiquei ser mais fácil. Notei que a cabeça vacilava um pouco, nos primeiros segundos, e logo se tomava mais clara. Via as côres mais vivas, e naqueles poucos minutos passei a sentir-me um pouco melhor.

— Vou dar-lhe alguns exercícios de respiração todos os dias, Lobsang, e pedir que continue com êles. Vale a pena, e você não terá mais problemas com o fôlego. Aquela pequena caminhada morro acima perturbou você, mas eu, que sou muito mais velho, posso subir sem dificuldades.

Sentou-se e observou enquanto eu respirava de acordo com as instruções. Era certo que podia, ainda que em etapa inicial, perceber a sabedoria do que êle dissera. Meu guia prosseguiu:

— O objetivo único em respirar, qualquer que seja o sistema adotado, é inalar tanto ar quanto possível e distribuí-lo pelo corpo sob uma forma diferente, forma a que chamamos “prana”. Trata-se da própria força vital. Êsse prana é a força que aciona o homem, e aciona também tudo quanto vive, sejam vegetais, animais ou homens, e até os peixes têm de extrair oxigênio da água e convertê-lo em prana. Mas estamos tratando da sua respiração, Lobsang. Inale devagar. Retenha o ar por alguns segundos e depois exale bem devagar. Você perceberá que há diversos ritmos de inalação, retenção e exalação, que obtêm efeitos diferentes, tais como o de limpeza, vitalização etc. Talvez a mais importante das formas gerais de respiração seja o que chamamos “respiração de limpeza”. Vamos tratar dela agora, porque a partir de hoje quero que você a execute ao início e ao fim de cada dia, e ao início e fim de cada exercício.

Eu prestara muita atenção, conhecendo bem o poder que aquêles altos lamas possuíam, como sabiam deslizar sôbre o terreno mais depressa do que um homem o conseguiria fazer, galopando em cavalo, e como conseguiam chegar a seu destino sem agitação, serenos, controlados, e decidira que muito antes de ser também um lama — pois naquela fase era apenas um acólito — aprenderia a ciência da respiração.

Meu guia, o lama Mingyar Dondup, dava prosseguimento à preleção:

— Agora, Lobsang, falemos dessa respiração de limpeza.

Inale completamente, em três vêzes seguidas. Não, não é coisa superficial assim. Inalações profundas, bastante profundas, as mais profundas que puder, enchendo os pulmões. Endireite o corpo e deixe-se encher de ar. É assim mesmo — observou. — Agora, com a terceira inalação, retenha o ar por uns quatro segundos e ponha os lábios como se fôsse assoviar, mas não encha as bochechas. Sopre um pouco de ar pela abertura dos lábios, com todo o vigor que puder. Sopre com fôrça, solte o ar. Depois, pare um segundo, retendo o ar que ficou. Sopre um pouco mais, com tôda a fôrça que puder. Pare por outro segundo e sopra o restante, de modo que não fique ar algum nos pulmões. Sopre o mais vigorosamente que puder. Lembre-se de que tem de exalar, neste caso, com vigor considerável, pela abertura dos lábios. Agora, então? Não acha bastante revigorante?

Para minha surprêsa, tive de concordar. Parecera um tanto estúpido soprar, mas agora que o experimentara algumas vêzes constatava que estava repleto de energia, sentindo-me melhor do que em qualquer ocasião anterior, talvez. Assim é que inalei, soprei, expandi-me e, de repente, senti a cabeça zonha. Parecia-me que estava ficando mais leve, cada vez mais leve. Em meio àquele ofuscamento, ouvi a voz de meu guia:

— Lobsang, Lobsang, pare! Não deve respirar assim. Faça como digo e não efetue experiências, pois isso é perigoso. Você, agora, ficou tonto por respirar incorretamente, com rapidez demasiada. Faça, apenas, o exercício que lhe indico, pois eu tenho a experiência. Mais tarde você poderá exercitar-se por conta própria. Mas, Lobsang, tenha sempre cuidado com aquêles a quem estiver ensinando, advertindo-os para que sigam os exercícios e não façam experiências. Diga-lhes que jamais experimentem com ritmos diferentes de respiração, a menos que tenham um mestre competente presente, pois experimentar com a respiração é coisa muitíssimo perigosa. Seguir o exercício determinado é seguro, sadio, e mal nenhum pode ocorrer com quem respira de acordo com as instruções.

O lama ficara em pé e dizia:

— Agora, Lobsang, será boa idéia aumentarmos sua fôrça nervosa. Ponha-se ereto, como eu estou. Inale o mais que puder e, quando achar que os pulmões estão cheios, force a entrada de mais algum ar. Exale devagar. Devagar. .. Encha novamente os pulmões, por completo, e retenha o ar. Estenda os braços diretamente à frente, sem fazer qualquer esforço, só para manter os braços à sua frente com o esforço apenas suficiente para que permaneçam horizontais, mas faça tão pouco esforço quanto puder. Agora, olhe,

observe como faço. Traga as mãos de volta aos ombros, contraindo gradualmente os músculos e retesando-os de modo que, quando as mãos chegarem aos ombros, êles estejam retesados de todo, e os punhos cerrados. Observe-me, veja como estou cerrando os meus. Feche as mãos tão de rijo que elas tremam com o esforço. Mantendo os músculos retesados, leve os punhos devagar para fora e depois puxe-os de volta rapidamente diversas vêzes, uma dúzia de vêzes, por exemplo. Exale vigorosamente, com verdadeiro vigor, como lhe disse antes, pela bôca, com os lábios entreabertos e apenas uma passagem pequena pela qual sopra o ar com tanta fôrça quanto possível. Depois de fazer isso algumas vêzes, termine com a execução da respiração de limpeza.

Experimentei e verifiquei, como antes, um grande benefício. Além disso, era divertido, e eu estava sempre disposto a empreender coisas divertidas! Meu guia interrompeu meus pensamentos:

— Lobsang, quero acentuar, e acentuar de nôvo, que a rapidez com que se puxam os punhos ao corpo e a tensão dos músculos determinam a soma de benefícios que você pode obter com isso. Naturalmente você terá certeza de que os pulmões estão cheios, cheios de todo, antes de fazer êste exercício. Aliás, trata-se de exercício dos mais valiosos, e o ajudará enormemente nos anos vindouros.

Sentou-se e observou enquanto eu punha em prática o sistema, corrigindo com gentileza minhas faltas, louvando quando eu ia bem, e ao dar-se por satisfeito fêz-me repetir todos os exercícios, para ter certeza de que eu conseguira prosseguir sem mais instruções. Passado algum tempo, fêz-me sinal para sentar a seu lado, enquanto narrava como o sistema tibetano de respiração se formara, após serem decifrados os velhos registros guardados em profundas cavernas sob a Potala.

Mais tarde, em meus estudos, aprendi diversas coisas a respeito da respiração, porque nós, no Tibete, não curamos apenas mediante o emprêgo de plantas, mas também por meio de respiração do paciente. A respiração, na verdade, é a fonte da vida, e pode ser de interêsse apresentar aqui algumas notas que capacitem os que tenham algum sofrimento, talvez antigo, a banir ou aliviar o mesmo. Isso pode ser conseguido mediante respiração correta, mas é preciso lembrar: respire apenas como aconselhado nestas páginas, pois experimentar é perigoso, a menos que haja um professor competente ao lado. Experimentar às cegas constitui

verdadeira loucura.

As desordens estomacais, hepáticas e do sangue podem ser sobrepujadas pelo que chamamos “respiração retida”. Nada há de mágico nisso, a não ser no resultado obtido, e êste pode parecer coisa mágica e sem precedentes ou paralelo. Mas é preciso inicialmente estar ereto, ou, se estiver de cama, deitar-se com o corpo ereto. Suponhamos, porém, que você esteja fora da cama e possa ficar ereto. Ponha-se com os calcanhares juntos, os ombros para trás e o peito à frente. Seu abdômen inferior estará rigidamente controlado. Inale completamente, aspire o máximo que puder de ar e mantenha-o dentro de si até sentir um latejar ligeiro — bem ligeiro — em suas têmporas, à direita e esquerda. Assim que sentir êsse latejar exale vigorosamente pela bôca aberta, com vigor *verdadeiro*, bem entendido, não deixando apenas que o ar saia, mas soprando-o pela bôca com tôda fôrça que puder. Depois disso, deverá fazer a respiração de limpeza. De nada adianta entrar novamente nisso, pois acabei de contar o que meu guia, o lama Mingyar Dondup, contou a mim. Reiterarei, apenas, que a respiração de limpeza é absolutamente inestimável para permitir a melhoria de sua saúde.

Antes de podermos fazer qualquer coisa a respeito da respiração, torna-se necessário ter um ritmo, uma unidade de tempo que represente uma inalação normal. Já me referi ao modo como aprendi, mas talvez a repetição, neste caso, seja útil, pois ajudará a fixá-la de modo permanente na memória. A batida do coração da pessoa constitui o padrão rítmico apropriado para a respiração dessa pessoa. Dificilmente duas pessoas terão o mesmo padrão, é claro, mas isso não importa. Pode-se encontrar o ritmo normal de respiração pondo-se o dedo no pulso e contando. Ponha os dedos da mão direita sôbre o pulso esquerdo e sinta as pulsações do mesmo. Suponhamos que seja uma média de uma, duas, três, quatro, cinco, seis batidas por respiração. Leve êsse ritmo com firmeza a seu subconsciente ou inconsciente, de modo que não tenha de pensar nêle. Não importa — e eu já o disse — qual seja seu ritmo, desde que você o conheça, desde que seu subconsciente o conheça, mas estamos agora imaginando que seu ritmo seja o médio, no qual a inalação de ar perdure por seis batidas de seu coração. Trata-se apenas da rotina diária. Vamos alterar êsse ritmo respiratório bastante, para diversos fins. Nada há de difícil na tarefa. Trata-se de coisa muito fácil, na verdade, e poderá levar a resultados espetaculares, em questão de saúde melhorada. Todos os acólitos do grau superior no Tibete aprendem respiração. Tínhamos certos exercícios que fazíamos antes de estudar qualquer outra coisa, sendo êsse o processo preliminar em todos os casos. *Você*

gostaria de experimentar? Se assim fôr, sente-se ereto, podendo ficar

em pé, se quiser, mas isto não é obrigatório, se puder estar sentado. Inale devagar, pelo sistema de respiração completa, isto é, o peito e abdômen, enquanto contar seis pulsações. Isso é bastante fácil, como verá. Você terá apenas de manter um dedo no pulso e deixar o coração bater uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes. Quando houver dado entrada ao ar após seis unidades de pulsação, retenha-o enquanto o coração bater três vezes. Depois disso, exale pelas narinas durante seis batimentos cardíacos, isto é, pela mesma duração com que inalou. Agora que exalou, mantenha os pulmões vazios por três pulsações e recomece tudo. Repita isso quantas vezes quiser, mas — não se fatigue. Assim que sentir algum cansaço, pare. Jamais se canse nos exercícios, porque se o fizer estará desmanchando todo o intuito dos mesmos. Os exercícios são para dar tonicidade à pessoa e fazê-la sentir-se bem, e não para esgotá-la ou levá-la ao cansaço.

Nós sempre iniciávamos com o exercício de respiração de limpeza, o qual nunca é demais, sendo inteiramente inofensivo e muitíssimo benéfico. Ele livra os pulmões de ar estagnado, impurezas, e note-se que no Tibete não há tuberculose! Assim sendo, você pode fazer os exercícios de respiração de limpeza sempre que tiver vontade, e dêles obterá o maior benefício.

Um método extremamente bom de adquirir controle mental consiste em sentar-se com o corpo ereto e inalar uma respiração completa. Depois disso, inala-se uma respiração de limpeza. Em seguida, inala-se na contagem de um, quatro, dois, isto é (vamos falar em segundos, para variar!), inale por cinco segundos, prenda a respiração por quatro vezes cinco segundos, isto é, vinte segundos. Tendo-o feito, exale por dez segundos. É possível curar muita dor, respirando-se corretamente, e aqui está um método dos melhores: se estiver sentindo alguma dor, deite-se ou sente-se com o corpo ereto, não importa. Depois disso, respire ritmicamente, mantendo na mente o pensamento de que, a cada inspiração, a dor está desaparecendo, a cada exalação a dor está sendo expulsa. Imagine que, a cada vez que inspire, está dando entrada à força vital que afasta a dor. Imagine que, a cada vez que exale, está empurrando a dor para fora. Ponha a mão sobre a parte afetada e imagine que, com sua mão, a cada respiração, está desfazendo a causa da dor. Faça isso por sete respirações completas, e em seguida experimente a respiração de limpeza e repouse por alguns segundos, respirando devagar e normalmente. Você provavelmente verá que a dor desapareceu por completo ou diminuiu a tal ponto que não mais o incomoda.

No entanto, se por algum motivo ainda estiver com ela, repita o mesmo, faça a mesma coisa uma ou duas vezes, até que o alívio chegue. Você compreenderá, naturalmente, que se se tratar de uma dor inesperada, e se voltar, terá de consultar o médico, uma vez que a dor é o aviso dado pela natureza de que alguma coisa está errada, e embora seja perfeitamente correto e admissível fazê-la diminuir quando alguém a nota, torna-se essencial fazer algo para descobrir seu motivo e curar essa causa. A dor jamais deve ser deixada sem cuidado.

Se estiver cansado, ou se alguma exigência repentina causou desgaste em suas energias, eis o meio mais rápido de recobrar-se. Também neste caso não importa estar em pé ou sentado, mas junte os pés, dedos e calcanhares encostados. Depois, junte as mãos de modo que os dedos de ambas fiquem entrelaçados e elas formem uma espécie de círculo fechado. Respire ritmicamente algumas vezes, em inalações bem profundas, e devagar na exalação. Depois disso, pare por três pulsações e, em seguida, efetue a respiração de limpeza. Verificará, então, que seu cansaço desapareceu.

Muitas pessoas tomam-se nervosas, nervosíssimas, quando vão ter a uma entrevista ou encontro. Ficam com as palmas das mãos pegajosas, e talvez joelhos trêmulos. Não há necessidade de que seja assim, pois isso é fácil de dominar, e o seguinte constitui um método de fazê-lo quando estiver, talvez, na sala de espera do dentista. Inale profundamente, respirando pelas narinas, é claro, e prenda essa inalação por dez segundos. Depois, exale devagar, com o ar sob inteiro controle por todo o tempo. Deixe-se respirar normalmente duas ou três vezes, e volte a inalar profundamente, levando dez segundos para encher os pulmões. Prenda o ar outra vez e exale devagar, também levando dez segundos. Faça isso três vezes, o que é possível sem que o notem, e verificará estar inteiramente tranqüilo. As batidas rápidas de seu coração terão ficado normais, e você sentirá grande reforço na confiança. Quando deixar a sala de espera e fôr ao lugar da entrevista, verificará que está com o controle de si mesmo. Se sentir um lampejo ou dois de nervosismo, aspire profundamente e prenda o ar por um segundo, mais ou menos, o que poderá fazer com facilidade enquanto a outra pessoa estiver falando. Isso reforçará a confiança em si mesmo. Todos os tibetanos usam sistemas como êsses, e utilizamos também o controle de respiração quando levantamos alguma coisa, por ser mais fácil fazê-lo, quer se trate de móveis ou de fardo pesado, se aspirarmos fundo e prendermos o ar enquanto erguemos o objeto. Quando terminar o ato de erguer, pode-se soltar o ar devagar e continuar respirando do modo normal. Vale a pena o leitor experimentar isso, vale a pena erguer alguma coisa pesada

tendo os pulmões cheios de ar e observar a diferença.

Também a raiva é controlada por essa inalação profunda, após o que vem a retenção do ar nos pulmões e a exalação lenta. Se, por algum motivo, o leitor estiver sentindo raiva — justa ou não! — faça uma inalação profunda, prenda-a por segundos e depois solte o ar lentamente. Verificará que suas emoções se acham sob controle, e que é o senhor (ou senhora) da situação. É muito prejudicial ceder à raiva e irritação, porquanto as mesmas podem causar úlceras gástricas. Assim sendo, lembre-se dêsse exercício respiratório — inalar fundo, reter o ar e soltá-lo lentamente.

Todos êsses exercícios poderão ser feitos com absoluta confiança, sabendo-se que não o poderão prejudicar de modo algum, mas — e aqui cabe uma palavra de advertência — fique nêles e não tente outra coisa mais adiantada, a não ser sob orientação de um mestre competente, porquanto exercícios respiratórios mal orientados podem causar muito mal. Em nosso campo de prisioneiros fizemos os companheiros respirar do modo descrito. Entramos muito mais na matéria, ensinando a respirar de modo a não sentirem dor e isso, aliado à hipnose, permitiu-nos efetuar operações abdominais e amputar braços e pernas. Não tínhamos anestésicos, de modo que era preciso recorrer a êsse método de eliminar a dor — a hipnose e o controle respiratório. É êsse o método da natureza, o meio natural.

A Bomba

Os dias se arrastavam com lacerante monotonia, estendendo-se a semanas, meses, anos, e finalmente surgiu uma diversão quanto à mesmice diária de tratar os que se encontrassem afetados. Certo dia, os guardas surgiram correndo, com fôlhas de papel nas mãos e fazendo sinais a êste ou àquele prisioneiro. Eu me encontrava na lista, e fomos reunidos na praça, diante das choças, e ali permanecemos ociosamente por horas seguidas. Depois disso, quando o dia estava quase encerrado, o comandante surgiu e declarou:

— Vocês, seus criadores de problemas, vocês, que insultaram nosso Imperador, vão ser mandados a outra parte, para receberem mais tratamento. Partirão em dez minutos.

Dito isso, voltou-se abruptamente e foi-se embora. Ficamos um tanto aturdidos. Aprontar-nos em dez minutos? Bem, ao menos não tínhamos qualquer pertence a arrumar, e tudo quanto bastava era apresentar despedidas apressadas e voltar ao ponto de reunião.

Íamos, portanto, ser levados a um outro campo? Pusemo-nos a imaginar que tipo de campo seria aquêle, onde estaria situado. Como é inevitável nesses casos, entretanto, ninguém apresentava qualquer pensamento construtivo. Ao final dos dez minutos, soaram apitos, os guardas surgiram novamente correndo, e saímos em marcha, uns trezentos prisioneiros. Passamos pelos portões e saímos cheios de espanto e especulação. Como seria o outro campo? Éramos reconhecidamente criadores de problemas para nossos captores e jamais havíamos cedido aos afagos nipônicos. Nós os conhecíamos pelo que realmente eram.

De qualquer forma, sabíamos que o nôvo campo de prisioneiros não seria agradável.

Passamos por tropas que seguiam na direção oposta, e cujos componentes pareciam muito alegres. Não era de admirar, pensávamos, pois de acordo com os relatos que nos chegavam os japoneses venciam a guerra em tôda parte. Logo, ao que êles nos diziam, teriam o controle de todo o mundo. Como estavam enganados! Naquela época, entretanto, só podíamos crer no que os japoneses contavam, pois não dispúnhamos de outra fonte de

informação. Aquêles soldados se mostravam altamente agressivos equanto passavam por nós, e não perderam oportunidade de desferir golpes contra nós, atacando selvagem, irracionalmente, pelo simples prazer de ouvir uma coronha de fuzil bater em carne humana. Nós prosseguimos na marcha, impelidos pelas maldições e insultos dos guardas. Também êstes utilizavam à larga as coronhas dos fuzis, e com freqüência os doentes tombavam à beira do caminho, onde eram atacados por êles. Caso não conseguissem repor-se em pé e seguir cambaleando, talvez apoiados nos demais, os guardas davam fim à luta com golpes de baioneta. De outras vêzes, decapitavam a pobre vítima e enfiavam-lhe a cabeça na baioneta, percorrendo então as fileiras de prisioneiros, sorrindo sàdicamente diante de nossas expressões de horror.

Após muitos dias de marcha cansativa, durante a qual recebemos alimentação insuficientíssima, chegamos a um pequeno pôrto e fomos tocados para um campo rústico, construído nas proximidades. Também ali se encontravam homens e mulheres de tôdas as nações, criadores de problemas para os japoneses, como nós. Estavam tão apáticos de cansaço e maus tratos que quase não observaram nossa chegada. A essa altura, nosso total se encontrava muito reduzido. De uns trezentos que haviam partido, apenas uns setenta e cinco chegaram. Àquela noite ficamos estendidos no chão, por trás de arame farpado. Não havia qualquer telhado para nós e tampouco qualquer canto reservado, mas estávamos acostumados a isso. Homens e mulheres encontravam-se deitados no chão, ou faziam o que tinham de fazer diante dos olhos dos japoneses, que mantinham lanternas elétricas a iluminar todos os nossos movimentos durante aquela longa noite.

De manhã houve uma chamada nominal, e depois ficamos enfileirados em pé por duas ou três horas. Finalmente os guardas se dignaram a vir e tocar-nos, fazendo-nos marchar mais para o pôrto, até um cais onde havia um velho navio cargueiro, que realmente se encontrava em petição de miséria. Eu não era absolutamente entendido em questões de construção naval, e na verdade a maioria dos prisioneiros sabia mais a êsse respeito do que eu, mas até a mim aquêles navios dava a impressão de que ia naufragar a qualquer momento. Fomos tocados para bordo, passando por uma prancha apodrecida que também ameaçava estourar a qualquer momento e atirar-nos no mar cheio de lixo, coberto de detritos, caixas e latas vazias, garrafas e cadáveres.

À medida que chegávamos ao navio, éramos empurrados para um porão na parte dianteira. Lá nos amontoamos, uns trezentos, sem espaço para sentar e por certo sem espaço para andar. Os

últimos a chegar foram obrigados a descer mediante coronhas e pragas dos guardas japoneses. Depois disso houve um clamor, como se as Portas do Destino estivessem sendo fechadas sobre nós. A coberta da escotilha bateu, mandando nuvens de poeira fedorenta sobre nós. Ouvimos o ruído de malhos que enfiavam cunhas de madeira, e toda luz desapareceu. Depois do que pareceu-nos uma demora terrível, o navio começou a vibrar, ouvimos o rumor do velho motor. Parecia que tudo aquilo ia desmoronar aos pedaços e deixar-nos cair pelo fundo do casco. Do convés ouvíamos gritos abafados e ordens gritadas em japonês. O resfolegar do motor continuou, e logo houve uma adernagem e balanços aterrorizantes, a revelar que tínhamos saído do porto e chegado a mar aberto. Aquela viagem foi das piores, e o mar devia estar agitado, pois éramos continuamente atirados uns sobre os outros, derrubados e pisados pelos demais. Permanecemos trancados naquele porão de cargueiro e só podíamos subir ao convés uma vez, durante z noite. Durante os dois primeiros dias não nos deram alimento de espécie alguma, e nós sabíamos qual o motivo para isso: quebrar-nos a coragem. Mas a provação teve pouco efeito sobre nós, e depois de dois dias deram-nos um punhado de arroz.

Muitos dos prisioneiros mais fracos morreram no fedor sufocante, trancados naquele porão infecto. Não havia oxigênio suficiente para manter-nos vivos, e muitos morreram e caíram como bonecos abandonados, sobre o chão de aço. Nós, os sobreviventes mais resistentes e afortunados, não tínhamos alternativa senão pisar sobre os cadáveres em decomposição. Os guardas não permitiam que os retirássemos dali. Éramos todos prisioneiros e eles não queriam saber se estávamos mortos ou vivos, pois era preciso apresentarmos o número certo, indicado em seus papéis. Assim, é que os mortos apodrecidos tinham de ser mantidos no porão, em companhia dos vivos, até chegarmos ao porto de destino, quando os corpos, vivos ou mortos, seriam contados.

Perdemos a noção dos dias mas, afinal, depois de um período indeterminado, houve modificação na marcha do motor. Diminuíram os balanços, as vibrações se alteraram, e calculamos corretamente que estávamos próximos de um porto. Depois de muito barulho e movimentação, veio o ruído de corrente e as âncoras foram baixadas. Após o que nos pareceu espera interminável, abriram-se as escotilhas e os guardas japoneses começaram a descer, trazendo em sua companhia um oficial médico portuário. Em meio à descida eles pararam, o oficial médico vomitou, diante do fedor, e vomitou sobre nós, lá embaixo. E logo eles regressaram apressadamente ao convés, deixando de

lado qualquer pose.

Não tardou para que mangueiras fôsem trazidas à escotilha e jatos de água desabassem sôbre nós. Ficamos semi-afogados, e a água vinha à altura das cinturas, ao peito, aos queixos, em meio a partes flutuantes de cadáveres decompostos, quase em nossas bôcas. Houve gritos e exclamações em japonês, e a água parou de entrar. Um dos oficiais de convés chegou e olhou, seguindo-se muita gesticulação e debate. Ele declarou que o navio afundaria, se jogassem mais água no porão, de modo que trouxeram outra mangueira maior e retiraram a água por meio de bombas.

Por todo aquêlo dia e noite ficamos lá embaixo, tremendo nos trapos molhados, nauseados com o fedor dos mortos decompostos. No dia seguinte deram licença para que subíssemos, dois ou três cada vez. Chegou meu momento, e subi para o convés. Submeteram-me a interrogatório. Onde estava minha chapa de identificação? Conferiram meu nome em uma lista e fui empurrado pela beira de uma barçaça que já estava lotada, superlotada, com uma friorenta coleção de sêres vivos, espantalhos humanos protegidos pelos últimos vestígios de roupas. Alguns, na verdade, não tinham roupa nenhuma. Finalmente, quando a barçaça estava carregada até a orla e ameaçava afundar se mais alguma pessoa fôsse posta a bordo, os guardas acharam que não podiam mais colocar prisioneiros em seu interior, e uma corda se retesou. O barco a motor partiu rumo à costa, arrastando-nos na barçaça decrepita.

Foi a primeira vez que vi o Japão. Tínhamos chegado à território japonês, e após desembarcarmos na costa fomos levados a um campo aberto, num terreno baldio e cercado por arame farpado. Por alguns dias ficamos ali, enquanto os guardas interrogavam cada homem e mulher. Depois disso, um certo número de prisioneiros foi separado e levado a alguns quilômetros para o interior, onde havia uma prisão vazia à nossa espera.

Um dos prisioneiros, homem branco, cedeu sob tortura e disse que eu estivera ajudando outros a fugir e que possuía informações militares, dadas por prisioneiros que morriam. Assim é que mais uma vez fui chamado a interrogatório. Os japoneses estavam entusiasmadíssimos, desejando fazer-me falar. Viram, em meus assentamentos, que as tentativas anteriores nesse sentido haviam falhado, de modo que dessa vez deram tudo o que puderam. Minhas unhas, que tinham voltado a crescer, foram partidas para trás e sal esfregado nos dedos sangrentos. Como isso não bastasse, suspenderam-me pelos polegares, deixando-me pendurado numa viga por todo um dia. O suplício deixou-me muito

doente, mas os japoneses não estavam satisfeitos. A corda da qual eu pendia foi cortada, e caí com baque no chão duro do campo. Uma coronhada de fuzil no peito, e guardas se ajoelharam sobre meu estômago, estendendo-me os braços e prendendo-os com cavilhas — e parecia que se haviam especializado anteriormente nisso! Enfiaram uma mangueira por minha bôca e ligaram a água. Achei que ia sufocar por falta de ar, ou afogar por água demais, ou explodir sob a pressão. Pareceu-me que a água saía por todos os poros do corpo, e que ia explodir, como se fôsse um balão. A dor era intensa, e vi luzes brilhantes: tive a sensação de uma pressão imensa sobre o cérebro, e desmaiei. Deram-me reanimantes, que me trouxeram de volta à consciência. A essa altura eu me encontrava fraco demais para ficar um pé, de modo que três guardas me apoiaram — eu era bastante corpulento — e me arrastaram outra vez para aquela viga onde estivera pendurado. Veio um oficial japonês e disse:

— Você parece bastante molhado. Acho que chegou o momento de secar-se. Talvez o ajude a falar. Pendurem-no!

Dois guardas inclinaram-se e amarraram meus tornozelos, puxando-os, tão abruptamente que caí com violência e bati com a cabeça no concreto. Passaram uma corda ao redor dos tornozelos, atiraram-na pela viga e êles puxaram, como homens empenhados em tarefa pesada. Fiquei suspenso de cabeça para baixo, a mais ou menos um metro do chão. E devagar, como se estivessem saboreando cada instante, os guardas estenderam papéis e alguns gravetos no chão por baixo. Rindo maliciosamente, um dêles acendeu um fósforo e ateou fogo ao papel. Gradualmente, ondas de calor vieram subindo para mim. A madeira pegou fogo, e senti a pele da cabeça enrugando ao calor. Ouvi alguém dizer:

— Êle está morrendo. Não o deixem morrer, ou serão responsáveis. Êle tem de falar.

E logo outro baque, quando a corda foi solta e eu caí de cabeça nas cinzas fumegantes. Desmaiei de novo.

Quando recuperei a consciência, verifiquei estar numa cela semi-subterrânea, caído de costas na poça de água do chão. Ratos corriam ao redor, e ao primeiro movimento que fiz êles se afastaram, gritando de alarme. Horas depois vieram guardas e me puseram de pé, pois ainda não o conseguia fazer sozinho. Levaram-me com muitos empurrões e insultos até a janela com grades de ferro, bem ao nível do chão lá fora. Ali meus pulsos foram presos às barras com algemas, de modo que o resto ficava comprimido nelas. Um oficial desferiu-me um pontapé e disse:

— Você verá tudo que acontece, agora. Se voltar o rosto ou

fechar os olhos, receberá uma baioneta no corpo.

Olhei, mas nada havia a ver, senão aquela faixa nivelada de terreno, em nível com meu nariz. Logo notei movimentação do outro lado e surgiu um número de prisioneiros, tangidos pelos guardas, que os tratavam com brutalidade excessiva. O grupo aproximou-se mais e mais, e os prisioneiros foram forçados a ajoelhar-se bem diante de minha janela. Eram, agora, inclinados para trás como se fossem arcos, e os punhos atados aos tornozelos. Involuntariamente, fechei os olhos, mas logo fui forçado a abri-los ao sentir uma dor violenta. Um guarda dera-me uma forte espetada com a baioneta, e pude sentir o sangue escorrendo pelas pernas.

Olhei para fora. Tratava-se de uma execução em massa. Alguns prisioneiros eram mortos a golpes de baioneta, outros decapitados. Um pobre coitado que aparentemente fizera alguma coisa terrível, pelos padrões dos guardas, fôra estripado e deixado ali a sangrar até a morte. Isso prosseguiu por diversos dias. Os prisioneiros eram trazidos diante de mim e executados a tiro, baioneta ou decapitação. O sangue costumava escorrer para minha cela, e ratos enormes vinham em grande número em seguida.

Noite após noite, fui interrogado pelos japoneses, interrogado em busca das informações que contavam arrancar de mim. Mas eu, a essa altura, mergulhara num nevoeiro vermelho de dor constante, dia e noite, e esperava apenas que me executassem e acabassem com aquilo. Após dez dias, que pareceram cem, disseram que eu seria fuzilado a menos que desse as informações desejadas. Os oficiais disseram que estavam enojados de mim, que minha atitude constituía insulto ao Imperador. Ainda assim, não falei, de modo que fui levado de volta à cela e atirado para bater, estonteado, em minha cama de concreto. O guarda à porta voltou-se e disse:

— Não precisa mais de comida. Depois de amanhã não precisará dela.

Aos primeiros raios leves de luz do céu, na manhã seguinte, a porta da cela foi aberta com estrondo e entraram um oficial japonês e um pelotão de soldados. Levaram-me para o local de execução, onde eu vira tantos morrer. O oficial apontou para o chão saturado de sangue e disse:

— O seu, logo estará ali, também. Mas você terá de cavar sua própria sepultura.

Trouxeram uma pá, e tocado pelas baionetas eu tive de cavar minha própria cova rasa. Depois disso ataram-me a um poste de modo que, quando recebesse os tiros, a corda poderia ser cortada e eu tombaria de cabeça na sepultura que cavara. O oficial adotou uma pose teatral, enquanto lia a sentença, na qual diziam que eu

devia ser fuzilado por não cooperar com os Filhos do Céu. Disse, então:

— Esta é sua última oportunidade. Dê-nos as informações que queremos, ou será mandado juntar-se a seus desonrados ancestrais.

Não respondi — pois não parecia haver qualquer coisa adequada a dizer — de modo que êle repetiu a afirmação. Continuei em silêncio. A seu comando, o pelotão ergueu os fuzis. O oficial veio ver-me mais uma vez e disse que era realmente minha última oportunidade. Acentuou isso, esbofeteando-me em meio a todos os insultos. Continuei sem responder, de modo que êle marcou a posição de meu coração para os soldados, e para coroar a cena bateu-me no rosto com o lado da espada e cuspiu em mim, antes de voltar-se para ir ter com os comandados.

A meio caminho — mas com muito cuidado para não ficar na linha de fogo — olhou para os soldados e deu ordem de fazer mira. Os homens ergueram as armas, cujos canos convergiam para mim. Pareceu-me que todo o mundo estava cheio de enormes buracos negros, que se faziam cada vez maiores e mais agourentos, e eu sabia que a qualquer instante êles despejariam a morte. Devagar, o oficial ergueu a espada, e a fêz descer com violência, dando a ordem:

— Fogo!

O mundo pareceu, desmanchar-se em chamas e dor e em nuvens de fumaça. Senti-me como se fôra escoiceado por cavalos gigantescos, com cascos em brasa. Tudo girou, o mundo parecia enlouquecer. A última coisa que vi foi um nevoeiro vermelho, sangue borbotando, e logo a treva, uma treva toni-troante. E logo caí — e era o nada.

Mais tarde, recobrei a consciência, com algum espanto pelo fato de que os Campos Celestes, ou Outro Lugar, fôsem visões já conhecidas. Mas logo tudo ficou desvendado. Eu estava de rosto no chão, tombado na sepultura. Repentinamente, cutucaram-me com uma baioneta. Pelo canto do ôlho, vi o oficial japonês, e êste disse que as balas do pelotão de fuzilamento haviam sido especialmente preparadas.

— Experimentamos em mais de duzentos prisioneiros — disse êle.

Haviam retirado parte da carga explosiva dos cartuchos e também as balas de chumbo, substituindo-as por outra coisa, de modo que eu seria ferido, mas não morto — êles ainda queriam aquelas informações.

— E vamos obtê-las — disse o oficial. — Teremos de

descobrir outros métodos. Nós a obteremos, no fim, e quanto mais você resistir, tanto mais dor sofrerá.

Minha vida tinha sido muito dura, sem dúvida, cheia de treinamento rigoroso, autodisciplina e o treinamento especial que eu recebera no mosteiro lamaísta foi a única coisa que me permitiu continuar vivo e lúcido. Duvido muito que alguém, sem esse treinamento, conseguisse sobreviver.

Os ferimentos graves que recebera na “execução” causaram-me pneumonia dupla, e por algum tempo estive desesperadamente doente, pairando sobre o limite entre vida e morte, sem receber qualquer atenção ou tratamento. Fiquei deitado em minha cela, sobre o chão de concreto, sem cobertores, sem coisa alguma, e tremia e tossia, esperando morrer.

Devagar, recuperei-me um pouco, e, por certo período tivera consciência do ruído de motores aeronáuticos, motores esses desconhecidos. Não eram os japoneses, que eu passara a reconhecer tão bem, e fiquei imaginando o que realmente se passava. A prisão estava numa aldeia próxima a Hiroxima, e calculei que os japoneses, vitoriosos na guerra — pois deviam estar vencendo por toda a parte — estavam trazendo de volta as aeronaves inimigas capturadas.

Certo dia, quando ainda me achava muito doente, ouvi o ruído de motores aeronáuticos outra vez. De repente, o solo estremeceu e houve um estrondo que rugia, abafado. Nuvens de poeira caíram do céu, e havia um odor estagnado, bolorento. O ar parecia eletrificado e tenso. Por momentos, nada pareceu mover-se, e logo os guardas correram aterrorizados, gritando de pavor, chamando o Imperador para que os protegessem do que não conheciam. Fôra a bomba atômica lançada sobre Hiroxima em 6 de agosto de 1945. Por algum tempo permaneci deitado, imaginando o que fazer, e logo pareceu óbvio que os japoneses se achavam ocupados demais para pensarem em mim, de modo que consegui ficar em pé, tremendo, e experimentei a porta. Estava sem fechadura. Eu me encontrava tão doente que consideravam impossível minha fuga. Além disso, normalmente havia guardas por perto, mas também estes tinham desaparecido. O pânico reinava por toda parte e os japoneses achavam que seu Deus-Sol os abandonara e corriam de um para outro lado como um formigueiro pisado, tomados pelo pânico mais absoluto. Havia abandonado os fuzis, peças de uniforme. . . tudo. De seus abrigos antiaéreos vinham gritos confusos, enquanto todos procuravam entrar ao mesmo tempo.

Eu estava fraco, quase fraco demais para continuar em pé.

Abaixei-me para apanhar uma túnica e quepe japoneses, e quase caí, tomado por uma tonteira. Fiquei de joelhos, apoiando-me também nas mãos, e lutei por vestir a túnica e pôr o quepe. Bem perto havia um par de sandálias pesadas, e eu as calcei, pois me encontrava descalço. Em seguida, e devagar, arrastei-me até os arbustos e continuei a me arrastar, dolorosamente. Havia muitos estampidos e batidas, e tôdas as baterias antiaéreas disparavam. O ar estava cheio de faixas enormes de fumaça negra e amarela. Parecia que todo o mundo se desfazia, e naqueles momentos imaginei por que motivo estava fazendo tanto esforço para fugir, quando era evidente que chegara o fim de tôdas as coisas.

Durante aquela noite, prossegui em meu caminho lento e tortuoso até a beira-mar que, como sabia, estava a poucos quilômetros da prisão. Encontrava-me realmente muito doente, a respiração arquejava-me na garganta, meu corpo tremia. Foi preciso todo o autocontrole que pude reunir para forçar o corpo à frente. Finalmente, sob a luz da aurora, cheguei à praia, a uma enseada. Semimorto de fadiga e doença, espiei pelos arbustos e vi, diante de mim, um pequeno barco de pesca, prêso a um poste e abandonado. O dono devia ter entrado em pânico e fugido dali. Furtivamente, segui até êle e consegui, cheio de dor, olhar sôbre a amurada. O barco estava vazio. Pus um pé na corda com que estava amarrado e com esforço imenso suspendi o corpo. A resistência faltou-me, e caí de cabeça no fundo do barco, em meio à água e pedaços de peixe estragado, que talvez se destinassem a iscas. Precisei de muito tempo para reunir forças e cortar a corda com uma faca ali encontrada. Voltei ao fundo do barco, enquanto o mesmo deslizava e saía da enseada, tocado pela vazante. Fui ter à popa e ali me acorei, inteiramente exausto. Horas depois, consegui erguer a vela esfarrapada, pois o vento parecia favorável. O esforço foi demasiado, e caí de volta ao fundo do barco, desmaiado.

Mais além, no território japonês, o passo decisivo fôra dado. A bomba atômica havia sido lançada e acabara com o ânimo de luta dos japoneses. A guerra terminara, e eu não sabia disso. Terminara para mim, também, ou assim pensei, pois ali estava à deriva no Mar do Japão, sem comida alguma senão pedaços de peixe estragado no fundo da embarcação, e sem água para beber. Pus-me em pé e agarrei-me ao mastro como apoio, abraçando-o, apoiando o queixo nêle, segurando-me em pé o melhor que podia. Ao voltar a cabeça para a pôpa, vi a costa do Japão a se distanciar, envolta num leve nevoeiro. Voltei-me para a proa. À frente, não havia coisa alguma.

Pensei em tudo por que passara e pensei na Profecia. Como de longe, pareceu-me ouvir a voz de meu guia, o lama Mingyar Dondup.

— Você andou bem, meu Lobsang. Você andou bem. Não perca o ânimo, isto não é o fim.

Um raio de sol clareou o dia por momentos, o vento tornou-se mais fresco, e as pequeninas ondas cortadas pela proa abriam-se, fazendo um agradável ruído surdo. E eu? Estava indo. .. para onde? Tudo quanto sabia era que, por momentos, encontrava-me livre, livre das torturas, livre da prisão, livre do inferno vivo que era a vida em campo de prisioneiros. Talvez estivesse livre para morrer. Mas não, embora ansiasse pela paz da morte, pelo alívio que traria a meus sofrimentos, sabia que não poderia morrer ainda, pois meu Destino dizia que teria de morrer na terra do homem vermelho, a América. E ali estava navegando, sozinho, morto de fome, num barco aberto e em pleno Mar do Japão. Ondas de dor me assaltaram, e mais uma vez senti que me torturavam. Eu arquejava e meus olhos faziam-se turvos. Pensei que talvez os japoneses houvessem descoberto minha fuga e estivessem mandando uma embarcação rápida em perseguição, e o pensamento foi demais para mim. Afrouxei as mãos no mastro e tombei, e mais uma vez mergulhei na treva, a treva do esquecimento. O barco prosseguiu em sua marcha para o desconhecido.

NOTA POR BONDADE DOS EDITORES

Todos estes anos que se passaram desde que escrevi “A Terceira Visão”, tenho recebido uma quantidade tremenda de cartas, e até o presente sempre respondi às mesmas. Agora, preciso dizer que não posso mais responder a qualquer carta, a menos que ela traga os selos necessários para a resposta. Assim sendo, peço o favor de *não* mandarem cartas a meu Editor a fim de que as passe a mim, porque pedi a êle que não me encaminhe qualquer correspondência.

As pessoas esquecem-se de que pagam por um *livro*, e não por tôda uma vida de serviço consultivo gratuito, pelo correio. Os editores são *editores*, e não uma agência de retransmissão de cartas.

Recebi correspondência de tôdas as partes do mundo, até mesmo de lugares bem atrás da Cortina de Ferro, mas nenhuma delas, entre milhares, trazia selos para a resposta, e o custo é tão grande que não posso mais responder.

Além disso, perguntam coisas tão curiosas Eis algumas:

Recebi uma carta desesperada, vinda da Austrália, e que chegou às minhas mãos quando estava na Irlanda. A questão por ela tratada era (aparentemente) muito urgente, de modo que à minha própria custa mandei um telegrama à Austrália, e nem sequer recebi uma nota de agradecimento.

Certo cavalheiro, nos Estados Unidos, mandou-me uma carta *exigindo* que eu escrevesse imediatamente uma tese para êle e a mandasse via aérea. Queria utilizá-la como tese para obter grau de Doutor em Filosofia Oriental. Está claro que não mandou selos; a coisa era, apenas, uma exigência um tanto ameaçadora!

Certo inglês escreveu-me uma carta das mais altivas, usando a terceira pessoa do singular e exigindo minhas credenciais. E somente se estas fossem de todo satisfatórias para êle é que o cidadão pensaria em pôr-se sob minha orientação, desde que eu não cobrasse coisa alguma. Em outras palavras, eu devia sentir-me honrado. (Não creio que êle gostasse de minha resposta!)

Um outro escreveu-me e disse que, se eu “e minha curriola” viéssemos do Tibete e surgíssemos ao redor de sua cama, no astral, à noite, nesse caso êle formaria opinião melhor a respeito de viagens astrais.

Outras pessoas escrevem e perguntam tudo, desde questões altamente esotéricas (que posso responder, se quiser) até o meio de criar galinhas e conservar o marido! As pessoas também pensam que devem escrever-me quando lhes der na telha, e se ofendem ou tornam-se ofensivas, se não respondo por via aérea.

Peço ao leitor que *não* aborreça meus Editores, pois na verdade pedi aos mesmos que não me mandem carta alguma, porque êles tratam é de editar livros. Para quem realmente necessita de uma resposta (embora eu não esteja convidando a que escrevam), tenho um endereço de minha conveniência que é:

Dr. T. Lobsang Rampa
P. O. Box 8, Fort Erie
Ontário, Canadá.

Desejo repetir, entretanto, que não garanto qualquer resposta e asseguro que *não haverá* resposta alguma, a menos que os consulentes enviem os devidos selos para o porte postal.

T. LOBSANG RAMPA